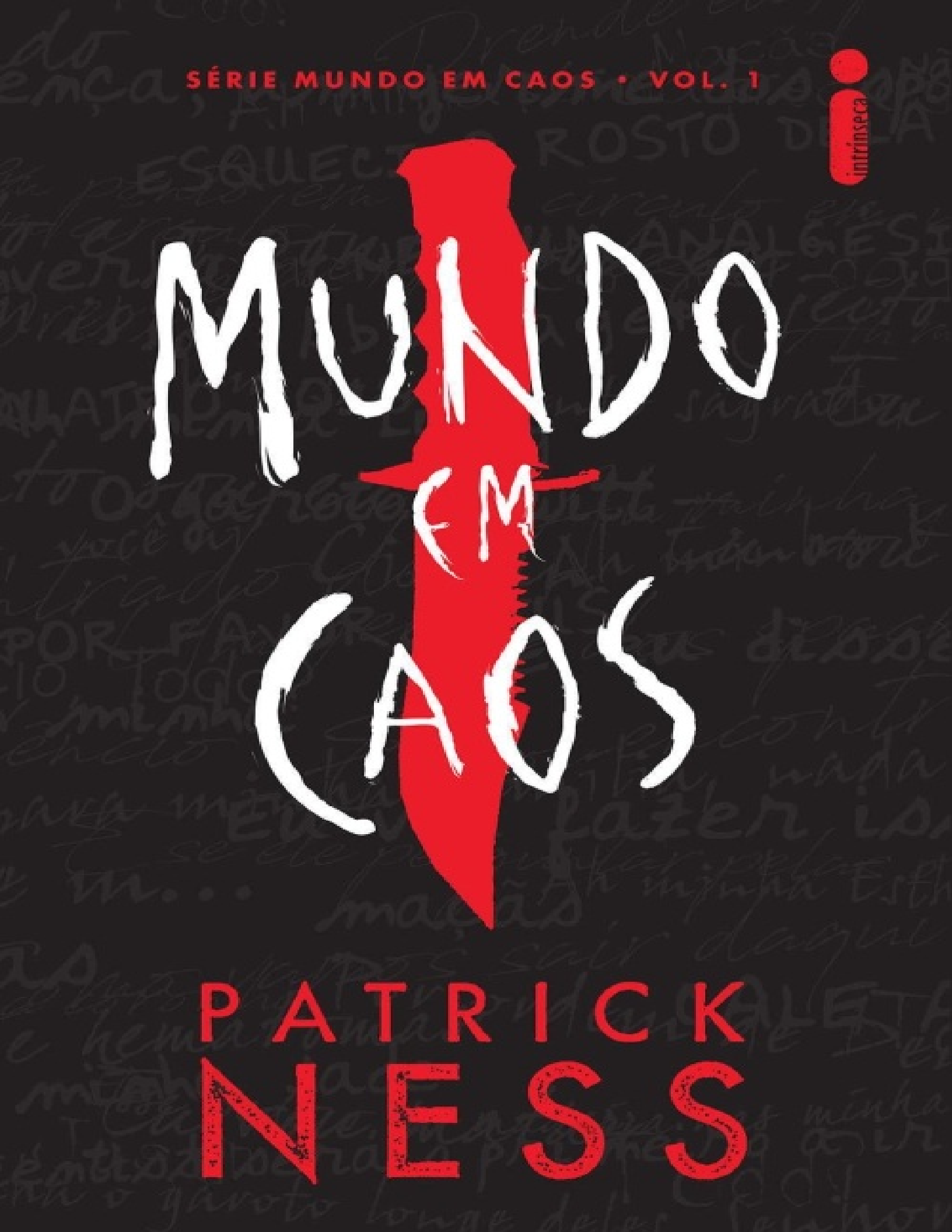
SÉRIE MUNDO EM CAOS • VOL. 1

intrínseca



PATRICK
NESS

SÉRIE MUNDO EM CAOS • VOL. 1

MUNDO EM CAOS

PATRICK NESS

Tradução de Edmundo Barreiros

intrínseca

Copyright © 2008 Patrick Ness

TÍTULO ORIGINAL
The Knife of Never Letting Go

PREPARAÇÃO
Mônica Reis

REVISÃO
Giu Alonso
Carolina Vaz

ARTE DE CAPA E ILUSTRAÇÕES
© 2018 Walker Books Ltd.
Reproduzido com autorização de Walker Books Ltd, Londres SE11 SHJ, www.walker.co.uk

ADAPTAÇÃO DE CAPA E ILUSTRAÇÕES
Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Calil Mello Serviços Editoriais

E-ISBN
978-85-510-0451-7

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[Avançar para o início do texto.]

Nota da editora

Dedicatória

Epígrafe

Parte I

- 1. O buraco no ruído
- 2. Prentisstown
- 3. Ben e Cillian
- 4. Não pensa isso
- 5. As coisas que você sabe
- 6. A faca diante de mim

Parte II

- 7. Se existissem garotas
- 8. As escolhas de uma faca
- 9. Quando a sorte não está com você
- 10. Comida e fogo
- 11. O livro sem respostas
- 12. A ponte

Parte III

13. Viola

14. O lado errado de uma arma

15. Irmãos no sofrimento

16. A noite sem desculpas

17. Um encontro num pomar

18. Galholongo

19. Mais escolhas de uma faca

Parte IV

20. Exército de homens

21. O mundo maior

22. Wilf e o mar de coisas

23. Uma faca só é tão boa quanto a pessoa que a usa

24. A morte do covarde desprezível

25. Assassino

Parte V

26. O fim de todas as coisas

27. Em frente

28. Fedor de raízes

29. Mil vezes Aaron

30. Um garoto chamado Todd

31. Os maus são castigados

Parte VI

32. Rio abaixo

33. Colinas de Carbonel

34. Ah, não me abandone

35. A lei

36. Perguntas com resposta

37. Qual é o sentido?

38. Ouvi uma donzela chamar

39. A cachoeira

40. O sacrifício

41. Se um de nós cai

42. A última estrada para Refúgio

Conto inédito de Patrick Ness: *Novo Mundo*

Sobre o autor

Leia também

Nota da editora

A série *Mundo em caos* é repleta de singularidades. Lançado originalmente no Reino Unido em 2008, o primeiro volume repercutiu em todo o mundo, sendo publicado em mais de trinta países. Patrick Ness se tornou referência não só para a literatura jovem, como também para escritores de fantasia e ficção científica.

O universo distópico de *Mundo em caos* é estruturado de forma bastante detalhada, criativa e coerente; nele, a linguagem marca o nível social e cultural dos personagens, além de ter papel fundamental na trama. O leitor perceberá isso desde as primeiras páginas, ao conhecer o corajoso Todd Hewitt. É Todd, o protagonista, quem primeiro nos apresenta ao Novo Mundo e ao Ruído.

Nesta edição de *Mundo em caos*, optamos pela linguagem coloquial a fim de respeitar o estilo do autor em sua língua de origem, o inglês. Ao longo de toda a história o leitor encontrará marcas de oralidade que não são mero acaso. Diversas ocorrências de colocação pronominal, ortografia e formas verbais, consideradas inadequadas pela gramática normativa da língua portuguesa, fazem parte de nossa tentativa de recriar o vasto universo de Patrick Ness.

As portas para essa incrível jornada estão abertas.

Boa leitura!

Para Michelle Kass

Se tivéssemos uma visão e uma percepção aguçadas de toda a vida humana comum, seria como ouvir a grama crescer e as batidas do coração de um esquilo, e provavelmente morreríamos com o estrondo que existe do outro lado do silêncio.

George Eliot, *Middlemarch*


PARTE I

1

O BURACO NO RUÍDO

A PRIMEIRA COISA que você descobre quando seu cachorro aprende a falar é que os cachorros não têm muito a dizer. Sobre nada.

— Quero fazer cocô, Todd.

— Cala a boca, Manchee.

— Cocô. Cocô, Todd.

— Eu mandei *calar a boca*.

A gente está andando pelos campos do sul da cidade, que descem até o rio e dali seguem pro pântano. Ben me mandou colher umas maçãs-do-pântano e ainda me obrigou a trazer Manchee, que todo mundo sabe que Cillian só comprou pra fazer média com o prefeito Prentiss. Aí, no ano passado, do nada me apareceram com um cachorro novinho de presente de aniversário, sendo que eu *nunca* disse que queria um cachorro. O que eu *disse* foi que queria que Cillian finalmente consertasse o motociclo de fissão preu não precisar ir a pé pra tudo quanto é lugar abandonado dessa cidade idiota, mas não, parabéns, Todd, toma aqui um cachorrinho novo, Todd, e mesmo você não querendo e nunca pedindo um, adivinha só quem vai ter que dar comida, treinar, dar banho, levar pra passear e ouvir ele tagarelar agora que chegou numa idade que o germe da fala faz a boca querer mexer? Adivinha?

— Cocô — Manchee late, baixinho, pra ele mesmo. — Cocô, cocô, cocô.

— Faz logo essa droga de cocô e vê se para de choramingar.

Arranco um capim ainda pequeno na margem da trilha e tento bater nele. Não

acerto, na verdade nem era pra acertar mesmo, e ele só dá aquele risinho meio latido e sai andando. Vou atrás dele, batendo com o meu chicote improvisado no capim que cresce dos dois lados da trilha, apertando os olhos por causa do sol forte, tentando não pensar em nada.

A gente não precisa de maçã-do-pântano, pra falar a verdade. Se Ben quisesse mesmo umas, ele podia muito bem comprar no sr. Phelps. Outra verdade é que ir catar fruta no pântano não é trabalho pra homem, porque os homens vivem ocupados. Se bem que *oficialmente* eu ainda não sou homem, só daqui a trinta dias. Vivi doze anos de treze longos meses cada e mais doze meses, tudo isso pra ainda faltar um mês pro grande dia. Estão planejando os planos e preparando os preparativos, porque vai ter uma festa, eu acho, mas estou começando a receber umas imagens estranhas, todas muito escuras e também claras demais, mas enfim. O que importa é que eu vou virar homem, e colher fruta não é trabalho pra homem, nem pra um quase-homem.

Mas Ben sabe que pode me pedir isso e sabe que eu vou até lá, porque o pântano é o único lugar por aqui onde dá pra descansar um pouco de todo o Ruído que os homens vomitam, toda a barulheira que não para nem quando eles estão dormindo. Ah, os homens e as coisas que eles não sabem que pensam mesmo quando todo mundo ouve. Os homens e o Ruído deles. Não sei como conseguem, como se aguentam.

Homens são criaturas Ruidosas.

— Esquilo! — Manchee grita.

Ele sai correndo. Eu grito bem alto, mas não adianta, então lá vou eu também pela (olho em volta pra confirmar que não tem ninguém por perto) *M* do campo porque Cillian vai ter uma *M* de um ataque se Manchee cair em alguma *M* de toca de cobra e é claro que vai ser culpa minha mesmo que eu não quisesse essa *M* desse cachorro pra começo dessa *M* de conversa.

— Manchee! Volta aqui!

— *Esquilo!*

Vou abrindo caminho pelo mato. Umas larvinhas grudam no meu tênis e eu esmago uma delas sem querer quando sacudo o pé pra tentar tirar. Fica uma mancha verde que já sei que nunca mais vai sair.

— *Manchee!* — grito de novo, com raiva.

— Esquilo! Esquilo! Esquilo!

Ele está latindo e correndo em volta da árvore enquanto o esquilo sobe e desce pelo tronco só pra provocar. Anda, cachorro que gira, diz o Ruído do esquilo. Anda, vem pegar, vem pegar. Gira Gira Gira.

— Esquilo, Todd! Esquilo!

Como os bichos são idiotas.

Pego Manchee pela coleira e bato com força na pata traseira dele.

— Ai, Todd! Ai! — Bato de novo. E de novo. — Ai? Todd?

— Anda, vem.

Meu Ruído está tão alto que mal consigo me ouvir pensar, e daqui a pouco vou me arrepender disso, espera só pra ver.

Garoto que gira, garoto que gira, pensa o esquilo pra mim. Vem pegar, garoto que gira.

— Você também pode ir pra M — digo, só que não falo M, falo a palavra inteira mesmo.

Eu sabia, sabia que devia ter olhado em volta de novo.

Porque Aaron está bem aqui, apareceu do nada no meio do mato, e ele vem e me dá um tapa na cara, rasgando meu lábio com o anel grande que ele usa, depois fecha a mão e mete um soco no meu rosto, abaixo do olho, mas pelo menos não acerta o nariz, até porque eu já estou caindo, tentando me afastar. Nisso eu acabo soltando Manchee e ele sai correndo atrás do esquilo de novo, latindo feito um louco, o traidor. Caio de joelhos na grama, as larvinhas me manchando todo.

Fico ali no chão, recuperando o fôlego.

Aaron me olha de cima, e o Ruído dele me acerta com uns trechos da escritura e do próximo sermão, e A linguagem, jovem Todd e encontrar um sacrifício e o santo escolhe seu caminho e Deus ouve e o jorro de imagens que vem no Ruído de todo mundo, imagens familiares e uns flashes esquisitos de…

O quê? Mas que por…caria é essa?

Um trecho de sermão fica mais alto pra esconder o resto. Eu olho bem nos olhos dele, e de repente não quero saber o que é. Já sinto o gosto de sangue na boca machucada e não quero saber. Ele *nunca* vem aqui, os homens *nunca vêm*, eles têm suas razões, os homens, sou sempre eu e o meu cachorro e mais ninguém, mas aqui está ele e eu não quero não quero não quero saber.

Ele abre um sorriso em meio à barba, um sorriso que vem de cima.

Um soco sorridente.

— A linguagem, jovem Todd, nos aprisiona como uma corrente. Não aprendeu nada na igreja, menino? — Ele cita sua pregação mais conhecida: — Se um de nós cai, todos caem.

Sim, Aaron, penso.

— Use a boca, Todd.

— Sim, Aaron.

— E os Ms? Não pense que não ouvi isso também. O Ruído o denuncia. Denuncia a todos nós.

Nem todos, penso, ao mesmo tempo que digo:

— Desculpa, Aaron.

Ele se abaixa, aproxima o rosto do meu, e sinto o bafo dele, sinto o peso do seu hálito como dedos tentando me agarrar.

— Deus ouve — ele sussurra. — Deus *ouve*.

Ele ergue a mão outra vez, eu me encolho de medo, mas Aaron só ri e vai embora, assim sem mais nem menos, levando seu Ruído de volta pra cidade.

Estou tremendo por causa da tensão no meu sangue, por causa do soco, por causa da raiva e da surpresa, cheio de ódio dessa cidade e de todos os homens que vivem nela, tanto que levo um tempo pra conseguir levantar e ir atrás do meu cachorro. *Mas que m…! Afinal, o que ele estava fazendo aqui?*, penso, e estou tão louco de raiva e ódio (e medo também, é, medo, cala a boca) que nem presto atenção pra ver se Aaron já foi mesmo, se não ouviu meu Ruído. Não olho em volta. Não olho em volta.

Agora sim eu olho em volta, e saio procurando meu cachorro.

— Aaron, Todd? Aaron?

— Não fala esse nome.

— Sangue, Todd. Todd? Todd? Todd? Sangue.

— Eu sei. Cala a boca.

— Gira — ele diz, como se a palavra não significasse nada, a cabeça vazia que nem o céu.

Dou um tapa no traseiro dele.

— E também não fala isso.

— Ai? Todd?

A gente volta pra trilha, mantendo distância do rio à esquerda. Ele nasce lá em cima antes da nossa fazenda e vai descendo, passando por uns desfiladeiros, até ficar plano no brejo que lá na frente vira o pântano. Tenho que passar longe do rio, principalmente da parte pantanosa antes das árvores, porque é lá que vivem os crocos, uns bichões tão grandes que conseguiriam matar um quase-homem e um cachorro. As barbatanas nas costas deles parecem uma fileira de juncos, e se você chega perto demais, *NHAC!* Eles saem da água num pulo e vão pra cima de você com as garras afiadas e os dentes arreganhados, prontos pra engolir a pessoa, e aí já era.

Depois que a gente passa do brejo, tento absorver a tranquilidade do pântano. Na verdade não tem mais nada pra se ver aqui, por isso que os homens não vêm pra cá. Fora o cheiro. Não vou dizer que não fede, mas também não é tão ruim quanto dizem. Eles sentem o cheiro do passado, isso sim, o cheiro do que o lugar era antes e não do que é agora. Todos os mortos. Os spacks tinham um jeito diferente de descartar seus mortos, pra eles o pântano bastava, era só jogar na água e deixar afundar, e acho até que tinha a ver com eles. É o que Ben diz.

Água, terra e pele de Spackle davam uma boa mistura, não contaminavam nada, na verdade até deixavam o pântano melhor, igual ao que os homens fazem com o solo.

Só que de repente, claro, começou a ter uma quantidade de spacks mortos maior que o normal, tantos que nem um pântano tão grande conseguiu engolir tudo, e olha que é bem grande mesmo. Até que não sobrou nenhum vivo, sabe? Só um monte de corpos entulhando o pântano, apodrecendo e fedendo, e levou um tempão pro pântano voltar a ser pântano em vez de um ninho de moscas, cheiros e sei lá que germes deixaram pra gente.

Eu nasci no meio disso tudo, dessa confusão toda: o pântano cheio demais e o cimitério cheio demais, mas a cidade não tão cheia, por isso que não lembro de nada, não lembro do mundo sem o Ruído. Meu pai morreu de alguma doença antes deu nascer e depois minha mãe morreu também, claro, até aí nenhuma surpresa. Ben e Cillian me levaram pra casa deles e me criaram. Ben diz que minha mãe foi a última mulher, mas todo mundo diz isso sobre a mãe de todo mundo. Pode até ser verdade, e *ele* acredita nisso, mas quem garante?

Só sei que eu sou o mais novo da cidade. Às vezes eu vinha aqui no campo jogar pedrinhas nos corvos com Reg Oliver (sete meses e oito dias mais velho), Liam Smith (quatro meses e vinte e nove dias mais velho) e Seb Mundy. Seb é o segundo mais novo da cidade, só três meses e um dia mais velho que eu, mas nem ele fala mais comigo agora que virou homem.

Nenhum garoto fala com outro garoto depois que faz treze anos.

E é assim que são as coisas em Prentisstown. Garotos se tornam homens e vão nas reuniões só de homens pra falar sei lá o quê, e os mais novos não podem ir. Como sou o último garoto da cidade, só me resta esperar, sozinho.

Quer dizer, eu e um cachorro que eu nem queria.

Mas não importa, a gente chegou no pântano e lá vamos nós pelas trilhas que dão a volta na água, assim você fica longe do que ela tem de pior e não passa pelas árvores grandes e retorcidas que tem lá no meio, cada tronco subindo vários metros até formar um telhado de folhas lá no alto. O ar aqui é escuro e pesado, mas não um escuro e pesado assustador. Tem muita vida aqui, muita mesmo, ignorando tranquilamente a cidade. Pássaros, cobras não venenosas, sapos, kivits, os dois tipos de esquilo e até (juro) um ou outro cassor, e tem também cobras venenosas, claro, tem que tomar muito cuidado com elas. Mesmo escuro, umas lascas de luz conseguem passar pelos furinhos no teto, e se você me perguntar, coisa que talvez não faça e tudo bem, vou dizer que pra mim o pântano parece uma sala grande e confortável, menos Ruidosa. Escuro mas vivo, vivo mas amistoso, amistoso mas não sufocante.

Manchee para e levanta a pata em qualquer coisa até esvaziar a bexiga. Aí ele

se mete no meio da moita, falando umas coisas que eu não entendo, e acho que ali ele encontra um lugar pra fazer as necessidades.

O pântano não se importa. Por que se importaria? É tudo vida em cima de vida, formando um ciclo, se alimentando dela mesma pra crescer. Não que aqui não seja Ruidoso. Claro que é, não tem como fugir do Ruído em nenhum lugar, mas é melhor do que na cidade. O que você ouve aqui é diferente porque é só curiosidade, bichos tentando descobrir quem você é e se você é perigoso. Já a cidade sabe tudo sobre você e ainda quer saber mais, quer torturar você com o que ela sabe até não sobrar nada.

O Ruído do pântano não, o Ruído do pântano são só os pássaros, pássaros pensando nas preocupações deles. Onde tem comida? Cadê minha casa? Onde é seguro? E também os esquilos-cera, que são uns delinquentezinhos, ficam de provocação quando você vem aqui e provocam os outros esquilos quando não tem ninguém, e os esquilos-ferrugem, que são uns bichos bobos. Às vezes tem raposas-do-pântano escondidas nas folhas e imitando o Ruído dos esquilos pra poder comer eles, e só muito de vez em quando tem um mave cantando as músicas estranhas dos maves. Juro que uma vez eu vi um cassor correndo com aquelas duas patas compridas deles, mas Ben diz que não, que já não tem cassor no pântano faz tempo.

Não sei não. Eu acredito em mim.

Manchee terminou de fazer suas coisas e veio sentar do meu lado, porque eu parei bem no meio da trilha. Ele olha em volta pra ver o que será que eu estou olhando. Ele diz:

— Cocô bom, Todd.

— Imagino.

Eles que não me deem mais um maldito cachorro no meu aniversário. Esse ano eu quero uma faca de caça que nem a que Ben carrega no cinto, na parte de trás. Isso *sim* é presente prum homem.

— Cocô — Manchee diz, baixinho.

Voltamos a andar. Onde tem mais macieiras é numa parte mais lá pra dentro do pântano, tem que descer por umas trilhas e passar por um tronco de árvore caído, que é onde o Manchee sempre para porque não consegue passar. Levanto ele pela barriga. O bicho sabe o que eu estou fazendo e mesmo assim fica sacudindo as patas que nem uma aranha caindo, não sei pra que esse escândalo.

— Fica quieto, bicho burro!

— Solta, solta, solta!

Ele dá uns ganidos e arranha o ar.

— Cachorro idiota.

Ponho ele em cima do tronco e subo também. Aí nós dois pulamos pro outro

lado.

— Pular! — ele late quando aterrissa. E sai correndo repetindo isso: — Pular!

Depois do tronco é que começa a parte mais escura do pântano, e a primeira coisa que você vê são as antigas construções dos Spackle avançando das sombras na sua direção. Parecem bolas de sorvete de creme meio derretidas, só que marrom e do tamanho de uma cabana. Ninguém sabe nem lembra o que eram, mas o melhor palpite de Ben, que é o tipo de cara que sempre tem um bom palpite, é que serviam pra alguma coisa relacionada com os mortos. Pode ser até que fossem tipo igrejas, mas se bem que os spacks não tinham nenhuma religião, quer dizer, nenhuma das que as pessoas de Prentisstown conhecem.

Vou até o bosquezinho mantendo distância das construções. As maçãs estão maduras, quase pretas, quase comestíveis, como diria Cillian. Pego uma do pé e dou uma mordida, e o suco escorre pelo meu queixo.

— Todd?

— Que foi, Manchee?

Pego no bolso de trás o saco plástico dobrado que eu trouxe e começo a pegar maçãs.

— Todd? — ele late outra vez.

Dessa vez eu percebo que Manchee está latindo diferente e me viro. Ele está olhando pras construções Spackle com o pelo todo arrepiado e as orelhas virando prum lado e pro outro.

— O que é, garoto?

Ele começa a rosnar, mostrando os dentes. Sinto a tensão no meu sangue outra vez.

— É um croco? — pergunto.

— Silêncio — Manchee rosna.

— Mas eu quero saber o que é.

— É *o* silêncio, Todd.

Ele dá um latido curto, um latido de verdade, um latido que não diz nada, só "Au!". A eletricidade no meu corpo aumenta um pouco, parece que vai saltar da minha pele.

— Escuta — ele rosna.

Então eu escuto.

E escuto.

Viro um pouco pro lado e escuto de novo.

Tem um buraco no Ruído.

Não pode ser.

E é uma coisa *estranha*, sério, e está ali perto, escondida no meio das árvores ou em algum outro lugar, algum lugar fora de vista onde não tem Ruído, é isso

que os meus ouvidos e a minha cabeça estão me dizendo. Como se fosse uma coisa invisível mas que dá pra ver o formato pelo que está em volta. Tipo água na forma de um copo, só que sem o copo. É um buraco, e tudo que cai dentro dele deixa de ser Ruído, deixa de ser *qualquer coisa*, só para. Não é igual ao silêncio do pântano, que obviamente nunca é bem um silêncio, só menos Ruidoso. Isso é diferente, é uma forma, uma coisa no formato de *nada*, um buraco onde todo Ruído para.

E isso é impossível.

Não existe nada além de Ruído no mundo, nada além do pensamento dos homens e dos animais o tempo todo jorrando e jorrando em tudo desde a guerra que foi quando os spacks soltaram o germe do Ruído, o germe que matou metade dos homens e todas as mulheres, incluindo minha mãe, o germe que enlouqueceu os homens que sobraram, o germe que ditou o fim de todos os Spackle quando a loucura dos homens pegou em armas.

— Todd? — Dá pra ver que o Manchee está assustado pelo jeito que ele late. — O quê, Todd? O que é, Todd?

— Você consegue farejar alguma coisa?

— Só o silêncio, Todd — ele late, e depois começa a latir mais alto. — Silêncio! Silêncio!

E é aí que em algum lugar perto das construções dos spacks o silêncio *se mexe*.

O zunido no sangue aumenta tão rápido que quase me derruba. Manchee começa a ganir enquanto anda em volta de mim, late sem parar e me deixa ainda mais assustado que ele, então eu bato no traseiro dele de novo (“Ai, Todd?”) só pra ver se me acalma.

— Não existe isso de buraco. Não existe isso de nada. Então só pode ser alguma coisa, não é?

— Coisa, Todd — Manchee late.

— Você ouviu pra onde aquilo foi?

— Ouvir silêncio, Todd?

— Você entendeu.

Manchee fareja o ar e dá um, dois passos, e depois mais alguns na direção das construções dos Spackle. Acho que a gente vai procurar aquilo, então. Vou andando bem devagar até a maior das bolas de sorvete derretidas. Mas fico de lado pra não me verem se tiver alguma coisa olhando pela entradinha meio triangular. Manchee fareja o batente da porta, mas não está rosnando, então eu respiro fundo e olho lá dentro.

Não tem nada. O teto tem mais ou menos o dobro da minha altura. O chão é de terra e nasceram umas plantas do pântano ali, trepadeiras e tal. Mas só. Então

é isso, não tem nenhum nada *de verdade*, nenhum buraco, nenhuma ideia do que estava aqui antes.

É ridículo, mas eu preciso dizer.

Será que os Spackle voltaram?

Mas é impossível.

Mas um buraco no Ruído é impossível.

Então alguma dessas coisas impossíveis tem que ser real.

Ouço Manchee farejando lá fora outra vez, então saio e vou na segunda bola de sorvete. Tem umas coisas escritas na parede por fora, as únicas palavras que já se viu na língua spack. As únicas palavras que eles acharam que valia a pena escrever, acho. As letras são letras spacks, mas Ben diz que elas formam es'Paqili ou alguma coisa assim, es'Paqili, os Spackle, ou "spacks" se você quiser falar com raiva, que é como todo mundo fala desde que aconteceu o que aconteceu. Significa "O Povo".

Na segunda bola de sorvete também não tem nada. Saio de costas de volta pro pântano e presto atenção outra vez. Me concentro, tentando ouvir com as partes do meu cérebro que ouvem, e aí eu ouço de novo, e de novo e de novo.

Eu ouço.

— Silêncio! Silêncio! — Manchee late, dois latidos muito rápidos, e sai correndo na direção da última bola de sorvete.

Vou atrás dele, correndo também, meu sangue zunindo porque é ali que está, o buraco no Ruído está ali.

Eu ouço.

Quer dizer, na verdade eu *não* ouço, essa é a questão, mas quando corro até lá, o vazio daquilo encosta no meu peito e a ausência de sons me atrai, e é tanto silêncio ali, um silêncio *de verdade*, tão inacreditável que me sinto arrasado, como se estivesse prestes a perder o que existe de mais valioso no mundo, como se fosse uma morte. De repente eu saio correndo, meus olhos se enchendo dágua e dando um aperto no peito. Não tem ninguém por perto pra me ver assim, mas eu ainda me importo, e meus olhos começam a chorar, eles começam a *chorar*, mas que M. Eu paro um pouco e me curvo pra frente e caramba, pode ficar calado agora, mas eu passo um minuto inteiro, uma porcaria de um minuto inteiro ali curvado, e quando esse minuto acaba é claro que o buraco está indo embora, já foi.

Manchee não sabe se corre atrás do buraco ou se vem pra perto de mim, mas acaba decidindo ficar comigo.

— Chorando, Todd?

— Cala a boca.

Tento dar um chute nele, mas erro de propósito.

1

PRENTISSTOWN

SAÍMOS DO PÂNTANO e estamos voltando pra cidade, e o mundo inteiro parece preto e cinza, não importa o que o sol diga. Até Manchee passa o caminho quase todo calado. Meu Ruído ferve e borbulha feito um ensopado no fogo, e chega um ponto que eu preciso parar um pouco pra me acalmar.

Não existe isso de silêncio. Nem aqui nem em lugar nenhum. Nem quando você está dormindo, nem quando está sozinho, nunca.

Eu sou Todd Hewitt, digo pra mim mesmo, de olhos fechados. *Tenho doze anos e doze meses. Moro em Prentisstown, no Novo Mundo. Vou ser homem daqui a um mês certinho.*

Ben me ensinou a fazer isso pra acalmar o Ruído. Você fecha os olhos e tenta ser o mais claro e calmo que der e fala pra você mesmo quem você é, porque é isso que a gente perde no meio de tanto Ruído.

Eu sou Todd Hewitt.

— Todd Hewitt — Manchee repete baixinho do meu lado.

Respiro fundo e abro os olhos.

Esse sou eu. Eu sou Todd Hewitt.

A gente volta a andar, subindo a encosta dos campos, pra longe do pântano e do rio, até o pequeno cume onde antes era a escola durante o pouco tempo inútil que tinha uma escola. Antes deu nascer, os garotos tinham aula em casa com a mãe, mas depois que só sobraram meninos e homens a gente só ficava sentado vendo vídeo e umas apostilas até que o prefeito Prentiss proibiu essas coisas que

são “prejudiciais à disciplina da mente”.

Sabe, o prefeito Prentiss tem um Ponto de Vista.

Então durante quase metade de um ano idiota o tristonho sr. Royal pegou todos os garotos e largou eles num prédio isolado, longe do Ruído principal da cidade. Só que não adiantou nada. É quase impossível ensinar qualquer coisa numa sala cheia de Ruído de um monte de garoto e é *muito* impossível passar qualquer tipo de prova. Você cola mesmo sem querer, e *todo mundo* queria colar.

E aí um dia o prefeito Prentiss resolveu queimar todos os livros, todos mesmo, até os que ficavam nas casas dos homens, porque parece que os livros também eram prejudiciais, e foi quando o sr. Royal, um homem sensível que ficou com o coração duro depois que começou a beber uísque na sala de aula, desistiu. Ele pegou uma arma e deu fim nele mesmo, e assim terminou minhas aulas de escola.

O resto, Ben me ensinou em casa. Consertar motor, fazer comida, consertar roupa, o básico de plantar e por aí vai. Ele também me ensinou muita coisa de sobrevivência, tipo caçar e saber quais frutas você pode comer, a se orientar pela lua, a usar faca e arma de fogo, a fazer remédio pra picada de cobra e a acalmar o meu Ruído.

Ele tentou me ensinar a ler e escrever também, mas um dia o prefeito Prentiss descobriu pelo meu Ruído e Ben ficou uma semana preso, e assim terminou minhas aulas de livro. Com tantas outras coisas pra aprender, tipo todo o trabalho na fazenda que precisa ser feito todo dia e além do mais a pura e simples necessidade de sobreviver, eu acabei nunca lendo muito bem.

Não importa. Ninguém aqui em Prentisstown vai escrever um livro mesmo.

A gente passa pelo prédio da escola e chega no pequeno cume, e ali a gente olha lá na frente a cidade que eu estou falando. Não sobrou muita coisa. Uma loja, antes tinha duas. Um bar, antes tinha dois. Um posto de saúde, uma cadeia, um posto de gasolina que não funciona, uma casa grande pro prefeito, uma delegacia. A igreja. Ali pelo centro passa um trechinho de estrada que um dia foi asfaltada mas que ninguém cuida, daqui a pouco vai tudo virar cascalho. As casas e tudo mais ficam em volta, nos arredores, e também as fazendas, quer dizer, o que *era* pra ser fazenda, e algumas ainda são, mas outras estão vazias e tem umas piores que vazias.

E é só isso que tem por aqui em Prentisstown. População de 147 habitantes e cada vez menos, menos, menos, 146 homens e um quase-homem.

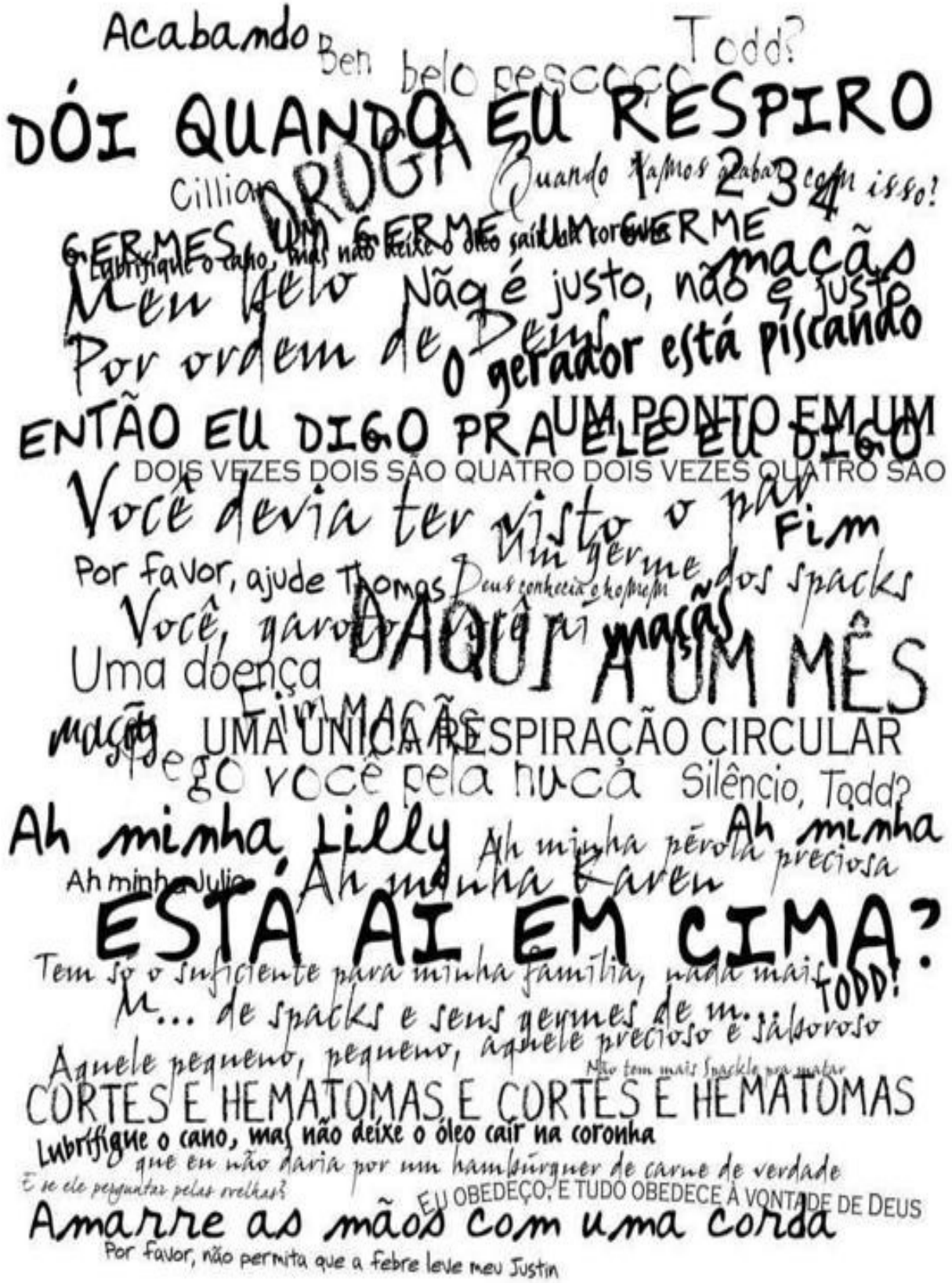
Ben conta que antigamente tinha outros povoados por aí pelo Novo Mundo, que todas as naves aterrissaram mais ou menos na mesma época, uns dez anos antes deu nascer, mas aí veio a guerra com os spacks, quando os spacks liberaram os germes, e foi por isso que acabaram com todos os outros povoados.

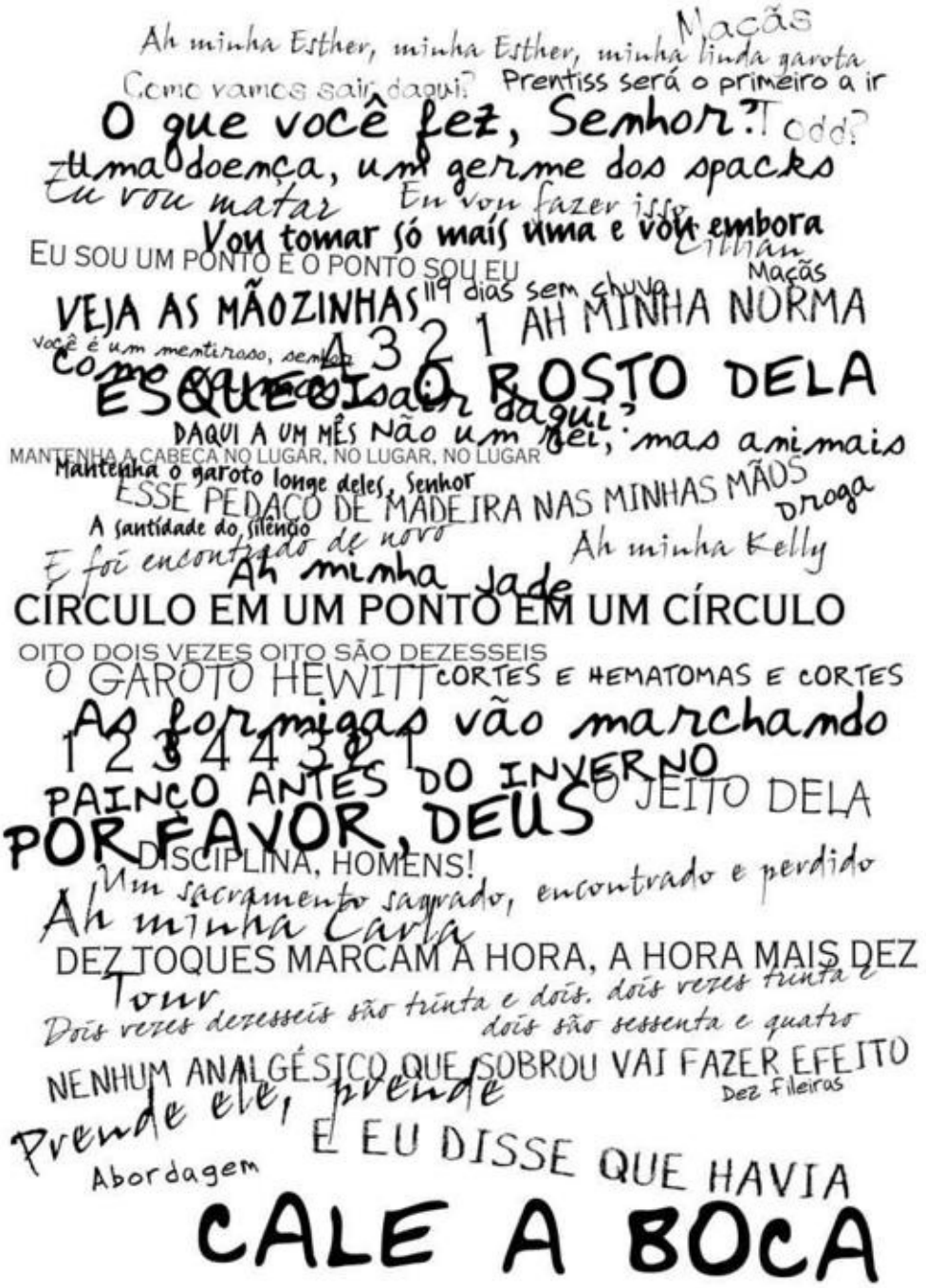
Diz ele que Prentisstown quase acabou também, que só não acabou graças ao treinamento militar do prefeito Prentiss, e que o prefeito Prentiss pode até ser um pesadelo mas que a gente deve isso a ele, que é só por causa dele que a gente sobreviveu, só a gente e mais ninguém nesse mundão vazio e sem mulheres que não tem nada de bom, numa cidade de 146 homens que morre mais um pouco a cada dia que passa.

Porque tem homem que não aguenta, sabe? Eles tiram a própria vida, como fez o sr. Royal, enquanto outros simplesmente desaparecem, que nem o sr. Gault, um antigo vizinho nosso que cuidava da outra fazenda de criação de ovelha, e o sr. Michael, nosso segundo melhor carpinteiro, e o sr. Van Wijk, que desapareceu no mesmo dia que o filho virou homem. Não é difícil isso acontecer. Se o seu mundo inteiro não passa de uma cidade Ruidosa sem futuro, às vezes você precisa ir embora mesmo não tendo pra onde ir.

Porque quando eu, o quase-homem, olho pra essa cidade, ouço todos os 146 homens que sobrou. Todos. O Ruído deles desce pela colina feito uma avalanche vindo direto pra cima de mim, feito uma bola de fogo, feito um monstro do tamanho do céu vindo pegar você porque não tem pra onde fugir.

É mais ou menos assim. Cada minuto de cada dia da minha vida idiota e horrível nessa cidade idiota e horrível. E nem adianta botar fones de ouvido, não ajuda em nada.


Acabando
Ben
belo pescoço
Todd?
DÓI QUANDO EU RESPIRO
DROGA
Cillian
Quando fazemos 1 2 3 4
com isso!
GERMES
UM GERME
Lubrifique o cano, mas não deixe o óleo sair
Meu filho
Não é justo, não é justo
maçãs
Por ordem de Deus
O gerador está piscando
ENTÃO EU DIGO PRA
UM PONTO EM UM
ELE EU DIGO
DOIS VEZES DOIS SÃO QUATRO DOIS VEZES QUATRO SÃO
Você devia ter visto o pai
Fim
Um germe
Por favor, ajude Thomas
Deus conhecia o homem
dos spacks
Você, garoto
DAQUI A UM MÊS
Uma doença
maçãs
UMA ÚNICA RESPIRAÇÃO CIRCULAR
Silêncio, Todd?
Ah minha Lilly
Ah minha pérola preciosa
Ah minha
Ah minha Julia
Ah minha Karen
ESTÁ AÍ EM CIMA?
Tem só o suficiente para minha família, nada mais
TODD!
M... de spacks e seus germes de m...
Aquele pequeno, pequeno, aquele precioso e saboroso
Não tem mais Sparkle pra matar
CORTES E HEMATOMAS E CORTES E HEMATOMAS
Lubrifique o cano, mas não deixe o óleo cair na coronha
que eu não daria por um hambúrguer de carne de verdade
E se ele perguntar pelas ovelhas?
EU OBEDEÇO, E TUDO OBEDECE À VONTADE DE DEUS
Amarre as mãos com uma corda
Por favor, não permita que a febre leve meu Justin


Maçãs
Ah minha Esther, minha Esther, minha linda garota
Como vamos sair daqui?
Prentiss será o primeiro a ir
O que você fez, Senhor?
Todd?
Uma doença, um germe dos spacks
Eu vou matar
Eu vou fazer isso
Vou tomar só mais uma e vou embora
EU SOU UM PONTO E O PONTO SOU EU
Maçãs
VEJA AS MÃOZINHAS
119 dias sem chuva
AH MINHA NORMA
4 3 2 1
você é um mentiroso, senhor
ESQUECI O ROSTO DELA
Como vamos sair daqui?
DAQUI A UM MÊS Não um mês, mas animais
MANTENHA A CABEÇA NO LUGAR, NO LUGAR, NO LUGAR
Mantenha o garoto longe deles, Senhor
ESSE PEDAÇO DE MADEIRA NAS MINHAS MÃOS
Droga
A santidade do silêncio
E foi encontrado de novo
Ah minha Kelly
Ah minha Jade
CÍRCULO EM UM PONTO EM UM CÍRCULO
OITO DOIS VEZES OITO SÃO DEZESSEIS
O GAROTO HEWITT
CORTES E HEMATOMAS E CORTES
As formigas vão marchando
1 2 3 4 4 3 2 1
PAINÇO ANTES DO INVERNO
O JEITO DELA
POR FAVOR, DEUS
DISCIPLINA, HOMENS!
Um sacramento sagrado, encontrado e perdido
Ah minha Carla
DEZ TOQUES MARCAM A HORA, A HORA MAIS DEZ
Tour
Dois vezes dezesseis são trinta e dois. dois vezes trinta e dois são sessenta e quatro
NENHUM ANALGÉSICO QUE SOBROU VAI FAZER EFEITO
Dez fileiras
Prende ele, prende
E EU DISSE QUE HAVIA
Abordagem
CALE A BOCA

E isso é só as palavras, as vozes que não param de falar, gemer, cantar e chorar. Tem também as imagens, flashes que aparecem na mente por mais que você não queira, imagens de lembranças, fantasias, segredos, planos e mentiras, muitas mentiras. Porque dá pra mentir no Ruído, mesmo quando todo mundo sabe o que você está pensando dá pra enterrar umas coisas debaixo de outras, dá pra esconder sem esconder de verdade, é só não pensar com clareza naquilo ou se convencer que o contrário é que é verdade, e aí, no meio da enxurrada, quem vai conseguir saber o que é água mesmo e o que não vai te molhar?

Os homens mentem, e o pior é que mentem pra eles mesmos.

Por exemplo, eu nunca vi uma mulher nem um Spackle de carne e osso, óbvio. Já vi os dois em vídeo, claro, antes dos vídeos serem proibidos, mas vejo mulher e spack *o tempo todo* no Ruído dos homens, porque eles só pensam em sexo e na raiva dos inimigos, não é mesmo? Mas no Ruído os spacks são maiores e parecem mais malignos do que nos vídeos, sabe? E as mulheres no Ruído têm cabelo mais claro e peito maior e usam bem menos roupa e têm muito mais liberdade do que nos vídeos. Então o que você tem que lembrar, o mais importante de tudo que eu posso dizer aqui, é que o Ruído não é a verdade. O Ruído é o que os homens *querem* que seja verdade, e tem uma diferença tão grande entre os dois que você pode até morrer por causa disso se não tomar cuidado.

— Casa, Todd? — Manchee late perto da minha perna, dessa vez um pouco mais alto, porque é assim que a gente tem que falar no meio do Ruído.

— Tá, a gente já vai.

A gente mora do outro lado, então vamos ter que atravessar a cidade pra chegar lá, então tá, vamos tentar passar rápido.

Primeiro vem a loja do sr. Phelps. Está morrendo, a loja, como todo o resto da cidade, e o sr. Phelps só vive em desespero. Mesmo quando você está comprando na loja e ele é todo educado e tal, o desespero escorre dele pra cima de você que nem pus vazando de um corte. Acabando, diz o Ruído dele. Acabando, tudo acabando, e Droga, droga, droga e Minha Julie, minha Julie querida, que era a esposa dele e que está sempre pelada no Ruído do sr. Phelps.

Quando eu e Manchee passamos com pressa, ele diz:

— Olá, Todd.

— Olá, sr. Phelps.

— Dia bonito, hein?

— Bonito mesmo, sr. Phelps.

— Nito! — Manchee late.

O sr. Phelps ri, mas o Ruído dele só continua dizendo Acabando e Julie e

Droga e tem imagens do que ele sente falta na esposa e do que ela fazia como se fossem coisas superespeciais.

Eu não penso nada de mais no meu Ruído pro sr. Phelps, só o de sempre, aquelas coisas que aparecem e você não consegue evitar. Se bem que estou pensando nelas um pouco mais alto pra esconder os pensamentos sobre o buraco no pântano, pra eles ficarem por trás do Ruído mais alto.

Não sei por que estou fazendo isso, não sei por que quero esconder.

Mas estou escondendo.

Manchee e eu continuamos a andar bem rápido, porque agora vem o posto de gasolina e o sr. Hammar. O posto não funciona mais porque o gerador de fissão que levava a gasolina pra superfície quebrou ano passado e agora só fica ali parado do lado das bombas como se fosse um dedão inchado e feio. Ninguém ia querer morar ali perto, só o sr. Hammar, e o sr. Hammar é *muito* pior que o sr. Phelps, porque ele aponta o Ruído dele direto pra você.

E é um Ruído *feio*, um Ruído *raivoso*, com imagens suas em situações que você não quer se ver, imagens cheias de sangue e violência, e a única coisa que você pode fazer é aumentar o volume do seu Ruído e tentar juntar com o do sr. Phelps pra jogar tudo no sr. Hammar. Maçãs e Acabando e punho na mão e Ben e Julie e Nito, Todd? e o gerador está piscando e droga e cala a boca, cala a boca e Olha pra mim, garoto.

E eu olho pra ele mesmo sem vontade, porque às vezes pegam você desprevenido, e lá está o sr. Hammar na janela me encarando. Ele pensa Um mês, e tem uma imagem no Ruído dele que sou eu parado sozinho mas ainda mais sozinho, e não sei o que isso significa nem se é real ou uma mentira de propósito, por isso penso num martelo acertando a cabeça do sr. Hammar várias vezes, e ele só sorri na janela.

A estrada dá a volta no posto de gasolina e passa pelo posto de saúde, onde dá pra ouvir o dr. Baldwin e os homens naquela choradeira e gemeção que eles fazem com os médicos quando na verdade não tem nada de errado com eles. Hoje é o sr. Fox reclamando que não consegue respirar, o que até seria triste se ele não fumasse tanto. Depois que a gente passa pelo posto, se prepara, porque vem a porcaria do bar, que mesmo a essa hora do dia é um Ruído só, porque o que acontece é que eles colocam música bem alta pra ver se abafa o Ruído dos homens, mas não dá muito certo, então fica música alta e Ruído alto junto, e pior, Ruído de *bêbado*, te atingindo feito uma marretada. É grito e choro de homens que estão sempre com a mesma cara, e lembranças terríveis do passado e das mulheres que existiam aqui. *Muita* coisa sobre as mulheres que existiam aqui, mas nada que faça sentido porque Ruído de bêbado é igual homem bêbado: confuso, chato e perigoso.

Fica difícil andar aqui pelo centro, fica difícil pensar no próximo passo por causa de tanto Ruído na sua cabeça. Sinceramente, não sei como os homens conseguem, não sei como *eu* vou fazer quando virar homem, a não ser que aconteça alguma coisa que eu não sei o que pode ser.

Depois do bar, a estrada dá uma subida e vai um pouco pra direita, levando pra delegacia e pra cadeia, que na verdade são os dois um lugar só, e com mais uso do que era de se esperar numa cidade tão pequena. O xerife é o Prentiss Jr., que não é mais do que dois anos mais velho que eu e só é homem tem pouco tempo, mas mesmo assim assumiu bem e rápido suas funções, botando na cela toda semana quem o sr. Prentiss diz que é pra botar pra servir de exemplo. Agora é a vez do sr. Turner porque ele não entregou o suficiente da sua produção de milho pro "bom uso de toda a cidade". Isso quer dizer que ele não deu milho de graça pro sr. Prentiss e pros homens dele.

Agora já atravessei a cidade com meu cachorro, já deixei pra trás esse Ruído todo, do sr. Phelps, do sr. Hammar, do sr. Baldwin, do sr. Fox e até o Ruído gigante do bar e o do Prentiss Jr., e também o Ruído gemido do sr. Turner. Mas o Ruído da cidade ainda não acabou, porque aí vem a igreja.

A igreja foi o que trouxe a gente pro Novo Mundo, claro. Quase todo domingo Aaron prega sobre ter deixado pra trás a corrupção e o pecado do Velho Mundo e começado uma vida nova, cheia de pureza e fraternidade, num Éden totalmente novo.

É, deu supercerto.

Mas as pessoas ainda vão na igreja, até porque são obrigadas. O prefeito mesmo quase nunca dá as caras por lá, a gente é que tem que ficar ouvindo Aaron falar que a gente só tem um ao outro, que a união é a única coisa que nos resta, que a gente tem que ser uma comunidade unida.

Que se um de nós cai, todos caem.

Ele adora repetir isso.

Manchee e eu fazemos o máximo de silêncio possível quando passamos pela porta da igreja. Lá de dentro vem o Ruído das orações, um Ruído que tem uma coisa diferente, tipo uma aparência meio roxa, meio doente, como se os homens estivessem sangrando esse Ruído. É tudo sempre igual, mas o sangue roxo não para nunca de brotar. Ajudai-nos, salvai-nos, perdoai-nos, ajudai-nos, salvai-nos, perdoai-nos, tirai-nos daqui, por favor, Deus, por favor, Deus, por favor, Deus. Que eu saiba ninguém nunca ouviu nenhum Ruído desse tal de Deus respondendo.

Aaron está lá dentro pregando mais alto que as orações, já voltou do campo. Eu ouço não só o Ruído dele mas a voz também, é só sacrifício isso e escritura aquilo, bênçãos aqui e santidade ali, e ele fala e fala e fala tanto que o Ruído fica

tipo um fogo cinza queimando atrás dele, não dá pra ver nada direito, ele pode estar tramando alguma coisa, não é não? O sermão pode estar escondendo alguma coisa, e eu estou começando a achar que eu talvez saiba o que é.

Aí eu ouço Jovem Todd? no Ruído dele. Eu digo:

— Anda, Manchee.

E a gente sai de perto bem depressa.

A última coisa que tem na subida do morro de Prentisstown é a casa do prefeito, que tem o Ruído mais estranho e mais duro de todos porque o prefeito Prentiss…

Bom, o prefeito Prentiss é diferente.

O Ruído dele é terrivelmente claro, e digo terrivelmente no sentido de terrível mesmo. Ele acredita, sabe, que é possível botar ordem no Ruído. Que o Ruído pode ser organizado, que se fosse controlado de alguma forma, podia ter alguma utilidade. Então quando a gente passa pela casa do prefeito dá pra ouvir ele, ele e os homens mais próximos dele, assistentes ou coisa parecida, todos eles sempre fazendo uns exercícios de pensamento que é contar, imaginar formas perfeitas e entoar cânticos do tipo EU SOU O CÍRCULO E O CÍRCULO SOU EU, seja lá o que isso significa. É como se ele estivesse montando um pequeno exército, se preparando pra alguma coisa, montando alguma arma de Ruído.

Parece uma ameaça. Parece que o mundo está mudando e me deixando pra trás.

1 2 3 4 4 3 2 1 EU SOU O CÍRCULO E O CÍRCULO SOU EU 1 2 3 4 4 3 2 1 SE UM DE NÓS CAI, TODOS CAEM

Eu vou ser homem em pouco tempo e homens não saem correndo de medo, mas dou um empurrãozinho em Manchee, e a gente começa a andar mais rápido ainda, fazendo a curva o mais longe possível da casa do prefeito até ela ficar pra trás e pegando a trilha de cascalho que vai dar na nossa casa.

Depois de um tempo a cidade desaparece lá atrás e o Ruído começa a ficar um pouco mais baixo (mesmo que não pare nunca), e consigo respirar um pouco mais fácil.

Manchee late:

— Ruído, Todd.

— É — digo.

— Silêncio no pântano, Todd. Silêncio, silêncio, silêncio.

— Aham. — Então eu me dou conta e digo correndo: — Fica quieto, Manchee.

E dou um tapa no traseiro dele.

— Ai, Todd?

Só que eu já estou olhando pra cidade latrás e não tem como pegar de volta o

Ruído, tem? Se fosse um negócio que a gente visse se mexendo no ar, será que daria pra ver o buraco no Ruído saindo de mim, dos meus pensamentos, de onde eu estava protegendo ele? Pelo menos é um Ruído pequeno, vai ser fácil ele passar sem ninguém ver no meio do barulho de todo o resto, mas lá vai ele, lá vai ele, lá vai ele, voltando pro mundo dos homens.

1

BEN E CILLIAN

— Onde você se meteu? — Cillian pergunta assim que eu apareço com Manchee no fim da trilha.

Ele está deitado no chão, mexendo no nosso gerador de fissão, o que fica na frente da nossa casa, consertando o problema que deu esse mês. Cillian está com os braços sujos de graxa e o rosto sujo de irritação, e o Ruído dele está zunindo feito abelhas enlouquecidas. Nem cheguei em casa direito e já estou ficando com raiva.

— Fui no pântano pegar maçãs pro Ben.

— Tanto trabalho para fazer, e os meninos saem para brincar. — Ele volta a se concentrar no gerador. Alguma coisa faz barulho lá dentro. — Droga!

— Eu falei que não fui brincar, você nunca me escuta! — digo, quase gritando. — Ben queria maçãs, então eu fui pegar pra ele a droga das maçãs!

— Aham — Cillian diz, olhando de novo pra mim. — Cadê as maçãs, então?

Claro que eu não estou segurando nenhuma maçã, estou? Nem lembro quando foi que deixei cair o saco que comecei a encher, mas só pode ter sido quando…

— Quando o quê? — Cillian pergunta.

— Para de prestar tanta atenção — reclamo.

Cillian solta um daqueles suspiros dele. Lá vem.

— A gente não te pede para fazer muita coisa por aqui, Todd — isso é mentira —, mas não dá para tocar a fazenda sozinho — é verdade —, e mesmo que você terminasse tudo que tem que fazer, coisa que você não faz — outra mentira, eu

trabalho feito escravo —, a gente ainda ia ter muito para fazer. — Também é verdade. A cidade não vai crescer, só encolher, e ninguém vai ajudar.

— Presta atenção quando eu falo com você — Cillian diz.

— Tenção! — Manchee late.

— Cala a boca — digo.

— Não fala assim com seu cachorro.

Eu não estava falando com o cachorro, penso, alto e claro o suficiente pra ele ouvir.

Cillian me encara e eu encaro ele, e é sempre assim, o Ruído dele e o meu pulsando de raiva, confusão, irritação. Eu nunca me dei muito bem com Cillian, nunca. Ben sempre foi do tipo legal e Cillian do outro tipo, mas ficou pior agora que está chegando o dia que eu vou finalmente ser homem e não vou mais precisar aguentar as chatices dele.

Cillian fecha os olhos e respira fundo.

— Todd… — ele começa, agora um pouco mais baixo.

— Cadê o Ben?

O rosto dele endurece.

— As ovelhas vão dar cria na semana que vem, Todd.

Mas eu só pergunto outra vez:

— Cadê o Ben?

— Vai alimentar as ovelhas e leva elas para os cercados. Depois vai consertar a cerca de uma vez por todas, Todd Hewitt. Já pedi duas vezes.

Não dá pra acreditar.

— “Como foi no pântano, Todd?” — digo, com sarcasmo. — “Ah, foi tudo ótimo, Cillian, obrigado por perguntar.” “Viu alguma coisa interessante por lá, Todd?” “Olha, que engraçado você perguntar, Cillian, porque eu vi, sim, um troço interessante que pode explicar esse meu machucado na boca, que aliás você não percebeu, mas acho que vai ter que esperar até as ovelhas estarem alimentadas e eu consertar *a maldita cerca*!”

— Olha a língua — Cillian alerta. — Não tenho tempo para as suas provocações. Vai cuidar das ovelhas.

Fecho as mãos com força e faço um som parecido com “aughgh”, mostrando a Cillian que não aguento nem mais um segundo da estupidez dele.

— Vamos, Manchee — digo.

— As ovelhas, Todd! — Cillian grita quando já estou me afastando. — As ovelhas primeiro.

— Tá, vou cuidar das malditas ovelhas — digo pra mim mesmo.

Estou andando mais rápido agora, o sangue pulsando. Manchee fica agitado com o barulho do meu Ruído.

— Ovelhas! — ele late. — Ovelhas, ovelhas, Todd! Ovelhas, ovelhas, silêncio, Todd! Silêncio, silêncio no pântano, Todd!

— Cala a boca, Manchee.

— O que foi isso? — Cillian pergunta.

Alguma coisa no jeito que ele fala faz a gente virar. Ele agora está sentado do lado do gerador, prestando toda atenção na gente, o Ruído dele vindo direto na gente feito um raio laser.

— Silêncio, Cillian — Manchee late.

— Do que ele está falando? Que “silêncio”?

Os olhos e o Ruído de Cillian estão me revistando todo.

— Que te importa? — Viro outra vez. — Tenho que alimentar as malditas ovelhas.

— Espera. — Mas o gerador começa a apitar, e Cillian diz outra vez: — Droga!

E ele tem que voltar ao gerador, embora eu sinta um monte de ponto de interrogação no Ruído dele vindo atrás de mim e ficando mais fraco quanto mais eu ando.

Ele que se lixe, que se lixe ele e isso tudo, penso mais ou menos nessas palavras, mas vão ficando piores enquanto eu vou andando. A gente mora a mais ou menos um quilômetro da cidade, na metade da fazenda ficam as ovelhas e na outra metade a gente planta trigo. O trigo é mais difícil, por isso Ben e Cillian fazem a maior parte do trabalho. Eu cuido das ovelhas desde que fiquei mais alto que elas. Eu que cuido mesmo, não eu e Manchee. Uma das desculpas que usaram quando me deram ele de presente foi que eu podia treinar ele pra ser um cão pastor, mas isso não deu muito certo por razões óbvias — estou falando da total burrice dele.

Dar comida, dar água, tosquiar, cuidar dos cordeiros, castrar e até abater, tudo isso eu que faço. Somos um dos três fornecedores de carne e lã da cidade, antes era cinco, e daqui a pouco vai ser só dois porque qualquer dia desses o sr. Marjoribanks deve morrer por causa do problema dele com bebida. Aí vamos juntar o rebanho dele com o nosso. Quer dizer, *eu* vou juntar o rebanho dele com o nosso, como fiz quando o sr. Gault desapareceu dois invernos atrás, e aí vai ser mais ovelha pra abater, mais ovelha pra castrar, mais ovelha pra tosquiar, mais ovelha pra botar junto com os carneiros no momento certo, e eu vou receber um obrigado? Não, não vou.

Eu sou Todd Hewitt, penso, e o dia continua não ajudando nem um pouco a acalmar meu Ruído. *Sou quase um homem.*

— Ovelha! — dizem as ovelhas quando eu passo direto por elas. — Ovelha! — elas dizem de novo enquanto me veem indo embora. — Ovelha! Ovelha!

— Ovelha! — Manchee late.

— Ovelha! — elas respondem.

Ovelhas têm ainda menos a dizer que cachorros.

Vou seguindo o Ruído de Ben pela fazenda e sei que ele está numa das plantações de trigo. Já está tudo semeado e a colheita é só daqui a uns meses, então não tem muito o que fazer com o trigo por enquanto, só conferir se todos os geradores, o trator de fissão e as debulhadoras elétricas estão prontas pra começar o trabalho. Se você está pensando que por isso eu vou ter alguma ajuda com as ovelhas, está enganado.

Ouço o Ruído de Ben cantarolando uma musiquinha perto de um dos bicos de irrigação, então viro nessa direção e sigo pelo campo. O Ruído dele não tem nada a ver com o do Cillian. É mais calmo e mais limpo, e se o Ruído fosse visível, eu diria que o de Cillian é sempre meio avermelhado, enquanto o de Ben é azul, às vezes verde. Eles são bem diferentes, diferentes feito água e fogo, Ben e Cillian, meio que meus pais.

A história é a seguinte: minha mãe era amiga de Ben antes de virem pro Novo Mundo, os dois eram da igreja quando surgiu a proposta de ir embora e fundar um povoado. Minha mãe convenceu meu pai e Ben convenceu Cillian, e quando as naves pousaram e o povoado começou, era minha mãe e meu pai que criavam ovelhas na fazenda do lado de onde Ben e Cillian plantavam trigo, tudo muito bom e agradável, o sol nunca se punha, e os homens e mulheres cantavam juntos, viviam e amavam e nunca ficavam doentes nem morriam.

Quer dizer, essa é a história que eu ouvi no Ruído, mas quem sabe como as coisas eram de verdade antes? Porque depois eu nasci e claro que tudo mudou. Os spacks soltaram o germe matador de mulheres que matou minha mãe, e aí veio a guerra, e eles venceram a guerra, e nisso o resto do Novo Mundo meio que acabou. E eu fiquei ali, só um bebê, sem saber nada de nada. Claro que eu não era o único bebê, tinha um monte de bebê, só que de repente só tinha metade de uma cidade, só homem, pra cuidar de todos os bebês e os meninos, por isso que muitos morreram. Eu fui um dos que teve sorte, porque foi natural pra Ben e Cillian me pegar, me alimentar, me criar, me ensinar as coisas, enfim, me dar a chance de continuar vivo.

Então eu sou meio que filho deles. Quer dizer, mais que “meio que”, mas menos que um filho de verdade. Ben diz que Cillian só briga comigo o tempo todo porque gosta muito de mim, mas se isso é verdade eu acho que ele tem um jeito esquisito de demonstrar, um jeito que não parece muito com gostar, se quer saber minha opinião.

Mas Ben é um homem diferente de Cillian, um homem gentil, por isso que ele não é normal aqui em Prentisstown. Dos homens dessa cidade, até os que

viraram homem faz pouco tempo, que acabaram de fazer aniversário, e até o Cillian, mesmo que um pouco menos, 145 me veem na melhor das hipóteses como uma criatura pra ignorar, e na pior como um saco de pancada. Por isso é que eu passo meio que o tempo todo tentando ser ignorado, pra não apanhar.

Menos Ben, que se eu fosse falar mais sobre ele ia ficar parecendo que ele é um fracote e idiota, um menino, então vou só dizer que eu nunca conheci meu pai, mas se um dia eu acordasse e pudesse escolher meu pai, se alguém dissesse: aqui, garoto, escolhe quem você quiser, aí Ben não seria a pior opção.

Ele está assobiando quando eu chego com Manchee. Ainda não estou vendo ele nem ele está me vendo, mas mesmo assim ele muda a música e começa a assobiar uma que eu conheço, De manhã ceeeeedo, com o sol nasceeeeendo. Ben diz que essa música era uma das preferidas da minha mãe, mas eu acho que na verdade é uma das preferidas dele, porque ele assobia e canta ela pra mim desde que eu me entendo por gente. Meu sangue ainda está fervendo por causa do Cillian, mas eu já começo a me sentir um pouco mais calmo.

Só que é uma canção *infantil*, eu sei, cala a boca.

— Ben! — Manchee late e começa a correr em volta do cano de irrigação.

— Oi, Manchee — eu escuto quando faço uma curva, e vejo Ben fazendo carinho no Manchee perto das orelhas.

Manchee fecha os olhos e bate com a pata no chão com prazer. É claro que Ben percebe no meu Ruído que eu discuti de novo com Cillian, mas ele não diz nada sobre isso, só diz:

— Olá, Todd.

— Oi, Ben.

Eu olho pro chão e chuto uma pedrinha.

O Ruído de Ben está dizendo Maçãs e Cillian e Você está ficando tão grande e Cillian outra vez e coceira no braço e maçãs e jantar e Nossa, como tá quente aqui, e é tudo tão tranquilo e suave como deitar num riacho num dia quente.

— Está mais calmo, Todd? — ele pergunta finalmente. — Se lembrando de quem você é?

— Aham. Mas por que ele tem que me tratar desse jeito? Por que ele não pode só dizer oi? Nem um cumprimento, é sempre “eu sei que você fez alguma coisa errada e vou encher seu saco até descobrir o que é”.

— É o jeito dele, Todd. Você já sabe.

— É isso que você sempre diz.

Pego uma haste de trigo e enfio a ponta na boca, evitando o olhar de Ben.

— Você deixou as maçãs em casa, foi?

Olho pra ele. Mordo o trigo. Ele sabe que não deixei as maçãs em casa.

— E teve um motivo — Ben diz, ainda fazendo carinho no Manchee. — Tem

um motivo que não está muito claro. — Ele está tentando ler meu Ruído, tentando tirar alguma verdade dali. A maioria dos homens usa isso como desculpa pra comprar briga, mas eu não me importo do Ben fazer isso. Ele inclina a cabeça e para de fazer carinho no Manchee. — Aaron?

— Sim, eu encontrei o Aaron.

— Ele que machucou sua boca?

— Foi.

— Aquele filho da mãe. — Ele fecha a cara e dá um passo pra frente. — Preciso ter uma conversa com esse homem.

— Não — digo. — Não faz isso, só vai piorar a situação. Nem está doendo muito.

Ben segura meu queixo e ergue minha cabeça pra avaliar o corte.

— Aquele filho da mãe — ele xinga outra vez, baixinho.

Ben toca o corte, e eu me encolho.

— Não é nada.

— Fica longe daquele homem, Todd Hewitt.

— Ah, é, e você acha que eu fui correndo pro pântano *torcendo* pra esbarrar com ele?

— Isso não é certo.

— Uau, obrigado por essa informação. — Eu capto um pouco do Ruído dele, que diz Um mês, e é uma coisa nova, uma coisa totalmente nova que ele cobre com outro Ruído.

— O que está acontecendo, Ben? Qual é o problema com o meu aniversário?

Ele sorri, mas por um segundo não é um sorriso muito verdadeiro, por um segundo é um sorriso preocupado, mas depois disso vem um sorriso meio verdadeiro.

— É surpresa — ele responde. — Por isso não vá bisbilhotar por aí.

Mesmo eu já sendo quase-homem e quase tão alto quanto Ben, ele ainda se abaixa um pouco pra ficar com o rosto na mesma altura do meu, mas sem chegar perto demais a ponto de me deixar desconfortável, é um perto seguro e me faz desviar o olhar. E mesmo sendo Ben, mesmo eu confiando nele mais do que em qualquer outra pessoa nessa porcaria de lugar e mesmo ele tendo salvado minha vida, e eu sei que ele faria tudo de novo por mim, mesmo assim eu fico na dúvida de deixar ele ver no meu Ruído o que aconteceu no pântano, mas é mais porque toda vez que esse pensamento volta eu já começo a sentir um aperto no peito.

— Todd? — Ben pergunta, me olhando de perto.

— Silêncio — Manchee late bem baixo. — Silêncio no pântano.

Ben olha pra Manchee, depois de novo pra mim, um olhar todo leve, mas

cheio de dúvida e preocupação.

— Do que ele está falando, Todd?

Dou um suspiro.

— A gente viu um negócio. Lá no pântano. Quer dizer, na verdade a gente *não* viu, porque ele se escondeu, mas enfim, era tipo um rasgo no Ruído…

Paro de falar porque ele parou de escutar minha voz. Abri meu Ruído pra ele e estou tentando lembrar de tudo exatamente como foi. Ben olha pra mim de um jeito meio intenso, e estou ouvindo Cillian vindo lá atrás, chamando:

— Ben? — E: — Todd?

Tem preocupação na voz e no Ruído de Cillian, e o Ruído de Ben também começa a zumbir um pouco. Eu continuo pensando do jeito mais fiel possível no buraco que a gente encontrou, mas baixo, bem baixo, pra cidade não ouvir tudo se eu puder evitar. Cillian continua vindo, e Ben está olhando pra mim sem falar nada, só me olhando, até que eu finalmente não aguento mais.

— São os spacks? São os Spackle? Eles voltaram?

— Ben? — Cillian começa a gritar lá de longe.

— Estamos correndo perigo? — pergunto pro Ben. — Vai ter outra guerra?

Mas Ben só diz:

— Meu Deus. — Muito baixo, ele fala isso muito baixo. E aí ele repete: — Meu Deus. — E ele nem se mexe, nem para de me encarar, quando diz: — Precisamos tirar você daqui. Precisamos tirar você daqui *agora*.

4

NÃO PENSA ISSO

CILLIAN CHEGA CORRENDO, mas ele nem diz nada e Ben já avisa:

— Não pensa isso! — Ele vira pra mim. — Você também, não pensa. Cobre com o seu Ruído. Esconde. Esconde como puder.

Ele diz isso segurando meus ombros e apertando tanto que meu sangue pulsa ainda mais.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Você veio pra casa pela cidade? — Cillian pergunta.

— *Claro* que vim. Tem alguma outra M de caminho?

Cillian parece tenso, mas ele não está com raiva de mim, do jeito que eu falei, é um tenso de medo, medo que eu escuto no Ruído dele tão alto quanto um grito. Eles também não reclamam do M, o que só piora as coisas. Manchee está latindo feito um louco:

— Cillian! Silêncio! M! Todd!

Mas ninguém nem se dá o trabalho de mandar ele calar a boca.

— Vai ter que ser agora — Cillian diz pra Ben.

— Eu sei — Ben responde.

— O que está acontecendo? — pergunto outra vez, bem alto. — Vocês vão ter que fazer *o quê*?

Eu me solto do Ben e fico ali parado encarando os dois.

Eles olham um pro outro mais uma vez e depois olham pra mim.

— Você precisa ir embora de Prentisstown — Ben decreta.

Meus olhos vão de um pro outro, mas no Ruído deles não tem nada além de preocupação.

— Como assim, eu tenho que ir embora de Prentisstown? Não existe *outro* lugar no Novo Mundo.

Eles se olham *mais uma vez*.

— Para de fazer isso! — reclamo.

— Vem — Cillian diz. — Já arrumamos suas coisas.

— Como é que vocês já arrumaram minhas coisas?

Cillian diz pra Ben:

— Acho que não temos muito tempo.

E Ben diz pra Cillian:

— Ele pode ir pelo rio.

E Cillian diz pra Ben:

— Você sabe o que isso significa.

E Ben diz pra Cillian:

— Isso não muda o plano.

— ALGUÉM PODE ME DIZER QUE M QUE ESTÁ ACONTECENDO? — grito, mas não digo só a letra M, sabe? Porque parece que a situação pede algo um pouco mais forte. — QUE M DE PLANO É ESSE?

E mesmo assim eles não ficam com raiva.

Ben baixa a voz e tenta botar alguma ordem no Ruído dele enquanto me diz:

— É muito, muito importante que você faça de tudo para não deixar aparecer no seu Ruído o que aconteceu no pântano.

— Por quê? Os spacks estão voltando pra matar a gente?

— Não pensa isso! — Cillian diz depressa. — Esconde isso, deixa lá no fundo, bem baixinho, até você estar longe da cidade, pra ninguém ouvir. Agora anda, vem!

Ele sai correndo pra casa, correndo *mesmo*.

— Vamos logo, Todd — Ben diz.

— Não enquanto vocês não me explicarem alguma coisa.

— Você vai saber a explicação. — Ben me pega pelo braço e começa a me puxar. — Mais do que imagina.

E eu vejo tanta tristeza nele quando ele diz isso que eu não digo mais nada, obedeço e vou correndo pra casa igual eles, Manchee vindo atrás da gente latindo feito louco.

Quando chegamos em casa, estou esperando…

Não sei o que estou esperando. Um exército de Spackle saindo da floresta? Os homens do prefeito Prentiss com armas erguidas? A casa inteira pegando fogo? Não sei. O Ruído de Ben e o de Cillian não fazem muito sentido, meus

pensamentos estão fervendo feito um vulcão e Manchee não para de latir. Quem consegue entender alguma coisa no meio de tanta confusão?

Mas não tem ninguém. A casa, a *nossa* casa, está a mesma coisa de sempre, tranquila e com cara de fazenda. Cillian entra a toda pelos fundos e vai direto pra sala de oração, que a gente nunca usa, e aí ele começa a levantar umas tábuas do chão. Enquanto isso, Ben vai na despensa e sai jogando alimentos desidratados e frutas num saco de juta, depois vai pro banheiro, pega um kit de primeiros socorros e joga no saco também.

Eu só fico parado ali igual um idiota, tentando entender que M que está acontecendo.

Sei o que você está pensando: como eu posso *não* saber o que está acontecendo se passo o dia inteiro ouvindo todos os pensamentos dos dois homens que cuidam dessa casa? Essa é a questão. Ruído é *ruído*. É zunido e interferência e na maior parte do tempo vira uma grande baderna de som, pensamento e imagem, e boa parte do tempo não dá pra entender nada. A mente dos homens é um lugar confuso, e o Ruído é como se fosse o rosto vivo dessa confusão. No Ruído existe a verdade, mas também existem as fantasias do homem e o que ele imagina, e o Ruído diz uma coisa e o completo oposto ao mesmo tempo, e a verdade está ali, isso é certo, mas como saber o que é verdade e o que não é quando você vê *tudo*?

O Ruído é o homem sem filtro, e, sem filtro, o homem é só caos em movimento.

— Eu não vou embora — digo, mas eles continuam fazendo o que estão fazendo. Não me dão a menor atenção. — Eu não vou embora — repito.

Ben passa por mim a caminho da sala de oração e vai ajudar Cillian a levantar as tábuas. Eles encontram o que estavam procurando: uma mochila, uma mochila velha que eu achava que tinha perdido. Quando Ben abre pra dar uma conferida, vejo roupas minhas e um negócio que parece…

— Isso é um livro? — pergunto. — Era pra vocês terem queimado todos há muito tempo.

Os dois continuam me ignorando, e o ar está imóvel quando Ben pega o livro da mochila e ele e Cillian olham pra ele. Agora eu vejo que o livro na verdade parece mais, sei lá, um diário, com uma capa de couro bonita. Ben dá uma folheada passando o polegar bem rápido na borda das páginas, que são cor de creme e cheias de coisa escrita à mão.

Ben fecha o livro como se fosse uma coisa importante, coloca ele dentro de um saco plástico pra proteger e põe de volta na mochila.

Os dois viram pra mim.

— Eu não vou pra lugar nenhum — digo.

Alguém bate na porta.

Nenhum de nós três diz nada, fica todo mundo paralisado. Manchee quer latir tanta coisa que não sai nada por um tempo, até que ele finalmente consegue dizer:

— Porta!

Mas Cillian pega ele pela coleira e pelo focinho ao mesmo tempo, fazendo ele calar a boca. Todo mundo fica se olhando, sem saber o que fazer.

Batem na porta de novo, e uma voz atravessa as paredes:

— Eu sei que vocês estão aí.

— Inferno — Ben xinga.

— É o maldito do Davy Prentiss — Cillian diz.

É Prentiss Jr. O homem da lei.

— Acham mesmo que eu não estou ouvindo o Ruído de vocês? — Prentiss Jr. pergunta, ainda lá fora. — Benison Moore. Cillian Boyd. — Ele faz uma pausa curta antes de completar: — Todd Hewitt.

— É, acho que a gente não conseguiu se esconder — digo, cruzando os braços, ainda um pouco irritado com tudo isso.

Cillian e Ben olham um pro outro mais uma vez. Cillian solta Manchee e diz pra nós dois:

— Fiquem aqui.

Ele vai atender a porta. Ben enfia na mochila o saco que ele encheu de comida e fecha bem.

— Toma — ele sussurra, me dando a mochila.

Não pego logo, mas ele faz um gesto com um olhar sério, então ponho a mochila nas costas. Pesa uma tonelada.

Ouvimos Cillian abrir a porta.

— O que você quer, Davy?

— Para você, é “senhor xerife”.

— Estamos almoçando, Davy. Volta mais tarde.

— Não vai dar. Preciso ter uma palavrinha com o jovem Todd.

Ben olha pra mim com preocupação no Ruído.

— Todd tem trabalho para fazer na fazenda — Cillian diz. — Ele está de saída. Estou ouvindo ele sair pelos fundos.

São instruções pra mim e pra Ben, não é? Mas eu quero muito ouvir o que está acontecendo, então ignoro Ben, que está segurando meu ombro, tentando me puxar na direção da porta dos fundos.

— Você acha que eu sou burro, Cillian? — Prentiss Jr. pergunta.

— Quer mesmo que eu responda, Davy?

— Estou ouvindo o Ruído dele bem aí atrás de você. O de Ben também. — A

gente percebe uma mudança no clima. — Só quero falar com ele. Está tudo bem.

— Então por que esse rifle, Davy? — Cillian pergunta.

Ben aperta meu ombro, mas acho que nem percebe.

A voz e o Ruído de Prentiss Jr. mudam de novo.

— Vai chamar o Todd, Cillian. Você sabe por que estou aqui. Parece que o seu garoto deixou escapar uma palavra engraçadinha pela cidade, na inocência. Só queremos saber do que se trata, só isso.

— Você e mais quem?

— O senhor prefeito gostaria de ter uma conversa com o jovem Todd. — Prentiss Jr. engrossa a voz. — Saiam agora mesmo, estão me ouvindo? Está tudo bem. É só uma conversa na paz, tranquila.

Ben me faz um gesto firme pra porta dos fundos, e dessa vez não tem discussão. Manchee e eu começamos a ir devagarinho, mas o pobre do cão já aguentou de boca fechada o tanto que ele podia aguentar.

— Todd? — ele late.

— Vocês não estão pensando em escapar pelos fundos, estão? — Prentiss Jr. grita. — Sai da minha frente, Cillian.

— Vai embora da minha propriedade, Davy.

— Não vou pedir duas vezes.

— Acho que você já pediu três vezes, Davy, então se era para ser uma ameaça, não está funcionando.

Eles não falam nada por alguns instantes, mas o Ruído dos dois fica mais alto. Ben e eu sabemos o que vem em seguida. De repente tudo acontece muito rápido, e a gente ouve uma pancada, logo depois mais duas. Ben, Manchee e eu corremos pra cozinha, mas quando chegamos lá, acabou. Prentiss Jr. está no chão com as mãos na boca já sangrando. Cillian está com a arma de Prentiss Jr., e apontando pra ele.

— Eu mandei você ir embora da minha propriedade, Davy.

Prentiss Jr. olha pra Cillian, depois olha pra gente, ainda com a mão na boca coberta de sangue. Ele não é nem dois anos mais velho que eu, já falei isso, e não consegue nem dizer uma frase inteira sem tremer na base, mas ele já fez o aniversário de ser homem então pronto, esse é o nosso xerife.

O sangue está sujando os pelinhos castanhos que ele chama de bigode, mas que todos os outros homens não chamam de nada.

— Vocês sabem que isso responde tudo, não sabem? — Ele cospe sangue e um dente no chão da nossa casa. — E isso não acaba aqui. — Ele me encara. — Você encontrou alguma coisa, não foi, garoto?

Cillian aponta a arma pra cabeça dele.

— Fora.

— Temos planos para você, garoto. — Prentiss Jr. dá um sorriso ensanguentado pra mim e fica de pé. — O último garoto. Só mais um mês, não é?

Olho pra Cillian, mas tudo que ele faz é engatilhar o rifle fazendo bastante barulho, pra reafirmar sua ordem.

Prentiss Jr. olha de novo pra gente e cospe mais sangue.

— Vejo vocês por aí — ele diz, e fala isso tentando parecer durão, mas a voz sai meio aguda e ele vai embora rapidinho.

Cillian bate a porta depois que ele sai.

— Todd tem que ir *agora*. Pelo pântano.

— Eu sei — Ben diz. — Ainda tinha esperança de que…

— Eu também — Cillian diz, interrompendo ele.

— Ei, ei — eu protesto. — Eu que não volto pro pântano. Tem Spackle por lá!

— Abafa seus pensamentos — Cillian manda. — Você não sabe como isso é importante.

— Não me espanta já que eu não sei nada mesmo. Não vou a lugar nenhum enquanto não me explicarem o que tá acontecendo!

— Todd… — Ben começa.

— Eles vão voltar, Todd — Cillian diz. — Davy Prentiss vai voltar, e dessa vez ele não vai vir sozinho, e não vamos conseguir proteger você de todos eles ao mesmo tempo.

— Mas…

— Não discute!

— Vamos, Todd — Ben diz. — E o Manchee vai ter que ir com você.

— Puxa, só melhora.

— Todd. — Quando eu olho pra Cillian, tem alguma coisa diferente nele. Alguma coisa nova no Ruído dele, uma tristeza, uma tristeza que é quase luto. — Todd… — ele repete, e aí de repente me puxa e me abraça com força.

É um movimento bruto, e forço meu lábio machucado na camisa dele.

— Ai! — digo, e me solto.

— Você pode nos odiar pelo que estamos fazendo, Todd — ele diz —, mas quero que saiba que tudo isso é porque amamos você, está bem?

— Não. Não está bem. Não está nada bem.

Mas Cillian não me escuta, como sempre. Ele diz pra Ben:

— Vão logo, depressa, eu seguro eles o máximo que der.

— Vou voltar por outro caminho — Ben diz. — Para ver se consigo confundir eles.

Eles apertam a mão um do outro junto ao peito, ficam assim por um minuto, e depois Ben vira pra mim de novo.

— Vamos.

Enquanto Ben me arrasta até a porta dos fundos, vejo Cillian pegar de novo o rifle, e nesse momento ele levanta a cabeça e nossos olhos se encontram. Alguma coisa nele, nele todo e no Ruído dele, me diz que esse adeus é maior do que parece, que acabou, que ele sabe que essa é a última vez que ele vai me ver. Eu abro a boca pra dizer alguma coisa, mas a porta se fecha.

5

AS COISAS QUE VOCÊ SABE

— VOU LEVAR VOCÊ até o rio — diz Ben enquanto corremos pela fazenda pela segunda vez hoje. — Você pode seguir pela margem até chegar ao pântano.

— Não tem trilha por ali, Ben. E tem crocos em tudo que é lugar. Você quer que eu morra?

Ben olha pra mim sem parar de correr, mas não demonstra nada.

— Não tem outro caminho, Todd.

— Crocos! Pântano! Silêncio! Cocô! — Manchee late.

Já nem pergunto mais o que está acontecendo, já que ninguém quer me contar, então seguimos em frente. Passamos pelas ovelhas, ainda fora dos cercados, e agora talvez elas continuem por aqui um bom tempo.

— Ovelhas! — as ovelhas dizem quando veem a gente passar.

Continuamos em frente, passando pelo celeiro principal e por um dos grandes dutos de irrigação, então viramos à direita por um duto menor e continuamos na direção da floresta, onde começam as árvores, que é meio que onde começa o resto de todo esse planeta vazio.

Ben só volta a falar quando a gente chega nas árvores.

— Tem uma boa quantidade de comida aí na sua mochila, mas vê se também come as frutas que encontrar pelo caminho e qualquer animal que der pra caçar, isso tudo é pro seu estoque durar o máximo possível e você não ter problemas.

— Tenho que fazer durar quanto tempo? Quando eu vou poder voltar?

Ben para. Acabamos de entrar na floresta. Ainda falta uns trinta metros pro

rio, mas você já ouve a água correndo, porque é aqui que ele começa a descer a encosta até chegar no pântano.

De repente me sinto no lugar mais solitário desse mundo enorme.

— Você não vai voltar, Todd — Ben diz bem baixo. — Você não pode voltar.

— Por que não? — Minha voz sai parecendo um miado de filhote, não consigo segurar. — O que foi que eu fiz, Ben?

Ele chega mais perto de mim.

— Você não fez nada, Todd. De verdade.

Ele me abraça com muita força, e eu sinto meu peito apertar outra vez. Estou muito confuso, com medo e com raiva. Hoje de manhã quando eu saí da cama não tinha nada diferente no mundo, e aí do nada estou sendo expulso, Ben e Cillian agindo de um jeito como se eu fosse morrer, e isso não é justo. Não sei por que não é justo, só sei que não é.

— Eu sei que não é justo — Ben diz, me soltando do seu abraço e me encarando com dureza. — Mas *tem* uma explicação.

Ele me vira de costas, abre minha mochila e sinto ele pegar alguma coisa.

O livro.

— Você sabe que eu não sei ler muito bem — digo, envergonhado e parecendo bobo.

Ben se abaixa um pouco pra gente ficar cara a cara. Não estou me sentindo muito legal com o Ruído dele.

— Eu sei — ele diz, com jeito. — Eu queria tentar passar mais tempo… — Mas ele não termina a frase. Só estende o livro pra mim. — É da sua mãe. O diário dela. Começa no dia em que você nasceu — ele baixa os olhos pro livro — e vai até o dia em que ela morreu.

Meu Ruído grita.

Minha mãe. Um livro da minha própria mãe.

Ben passa a mão pela capa.

— Prometemos a ela que cuidaríamos de você — ele continua. — Prometemos a ela e depois tivemos que tirar isso da nossa cabeça, para não ter nada no nosso Ruído, para ninguém descobrir.

— Nem eu.

— Tinha que ser assim. Se caísse um pouquinho disso no seu Ruído e você passasse para a cidade…

Ele deixa o resto no ar.

— Como o silêncio que eu encontrei hoje no pântano — digo. — Que chegou na cidade e causou tudo isso.

— Não, isso foi inesperado. — Ben olha pro alto, como se estivesse contando pro céu que foi mesmo uma surpresa total. — Ninguém podia imaginar que isso

ia acontecer.

— É *perigoso*, Ben. Eu senti.

Mas ele só estende o diário outra vez.

Eu não quero.

— Ben…

— Eu sei, Todd, mas faz um esforço.

— Não, Ben…

Ele me encara, sustenta meu olhar.

— Você confia em mim, Todd Hewitt?

Não sei o que dizer.

— Claro que confio. Ou pelo menos *confiava*, antes de você começar a arrumar minhas coisas preu ir embora sem eu nem saber.

Ele me dirige um olhar mais duro, seu Ruído concentrado feito um raio de sol.

— Você confia em mim? — ele insiste.

Sim, eu confio nele, mesmo agora.

— Eu confio em você, Ben.

— Então acredita no que eu vou dizer agora: que as coisas que você sabe, Todd, nada disso é verdadeiro.

— Tudo o quê? — pergunto, minha voz saindo um pouco mais alta. — Por que você não diz logo?

— Porque o conhecimento é perigoso — Ben responde, sério como eu nunca vi, e quando eu tento descobrir o que ele está escondendo, o Ruído dele vira um rugido e me afasta com força. — Se eu contasse tudo agora, o zumbido dentro de você seria mais alto que uma colmeia em época de colheita e o prefeito Prentiss encontraria você na velocidade de uma cusparada. E você *precisa* ir embora. Você precisa ir. Para o mais longe possível.

— Mas pra onde? *Não existe outro lugar!*

Ben respira fundo.

— Existe. Existe um outro lugar.

Não falo nada.

— No diário tem um mapa dobrado, que enfiei no verso da capa — continua Ben. — Eu que fiz, mas *não abre* enquanto não estiver bem longe daqui, está bem? Vá para o pântano. Lá você vai saber o que fazer.

Mas o Ruído de Ben me diz que ele não tem tanta certeza disso.

— E o que eu vou encontrar lá?

Ele não responde.

E eu fico pensando.

— Como vocês sabiam que precisavam deixar minha mochila pronta? — pergunto, dando um passo pra trás. — Se essa coisa no pântano foi uma surpresa,

por que vocês já estavam prontos pra me mandar embora hoje?

— Esse sempre foi o plano, desde que você era pequeno. — Vejo Ben engolir em seco e ouço a tristeza nele todo. — Assim que você tivesse idade para conseguir ir sozinho…

— Vocês iam me jogar na floresta pra virar comida de croco.

Eu recuo um pouco mais.

— Não, Todd…

Ben avança um passo, ainda segurando o livro. Eu me afasto de novo. Ele faz um gesto como quem diz "ok".

Então ele fecha os olhos e me mostra seu Ruído.

Daqui a um mês é a primeira coisa que eu vejo…

Depois vem meu aniversário…

O dia que eu vou virar homem…

E…

E…

E aí vem tudo…

O que acontece…

O que aconteceu com os outros garotos quando viraram homens…

Sozinhos…

Sem ninguém…

Como que acabam com o último finzinho de infância…

E…

E…

E o que foi de verdade que aconteceu com as pessoas que…

Minha nossa…

Não quero mais falar nisso.

Não tenho nem como dizer o que isso tudo me faz sentir.

E agora, quando eu olho pro Ben, ele está diferente do que sempre foi, é um homem diferente do que eu conheci a vida inteira.

O conhecimento é perigoso.

— É por isso que ninguém te conta — ele diz. — Para que você não fuja.

— Você não ia me proteger? — pergunto, miando outra vez (cala a boca).

— É o que estamos fazendo agora, Todd. *Tirando* você daqui. Tínhamos que preparar você para conseguir sobreviver sozinho, por isso que te ensinamos todas aquelas coisas. Agora você precisa ir…

— Se é isso o que vai acontecer daqui a um mês, por que esperaram tanto? Por que não me mandaram embora antes?

— Não podemos ir com você. Esse é o problema. E não conseguíamos suportar a ideia de mandar você embora sozinho. Ver você partir. Não tão

pequeno. — Ele passa os dedos pela capa do livro outra vez. — E ainda tínhamos esperança de que um milagre fosse acontecer. De que não chegaríamos ao ponto de…

Perder você, o Ruído dele completa.

— Mas não teve milagre — digo, depois de um segundo.

Ele faz que não com a cabeça. E estende o livro.

— Lamento muito por ter que ser assim.

E eu vejo uma tristeza tão verdadeira no Ruído dele, tanta preocupação e nervosismo que sei que ele está sendo sincero, sei que não pode fazer nada pra evitar tudo isso, e me dá tanta raiva, mas pego o livro da mão dele e ponho de volta no saco plástico e na mochila. Não dizemos mais nada. O que dizer? Tudo e nada. Como não dá pra dizer tudo, então você não diz nada.

Ele me puxa pra mais um abraço, e meu lábio machucado dói quando roça na gola da camisa dele, igual aconteceu com Cillian, mas dessa vez eu não me afasto.

— Não esqueça que quando sua mãe morreu, você se tornou nosso filho. Eu amo você e Cillian ama você, sempre amamos e sempre vamos amar.

Eu começo a dizer que não quero ir, mas não dá tempo.

Porque vem um *BUM!!*, o barulho mais alto que eu já ouvi aqui em Prentisstown. Parece uma explosão, alguma coisa voando pelos ares.

E só pode vir da nossa fazenda.

Ben me solta na hora. Ele não diz nada, mas o Ruído dele grita Cillian sem parar.

— Eu vou voltar — digo. — Vou enfrentar eles com vocês.

— Não! — Ben grita. — Você tem que ir. Promete. Segue pelo pântano e *vai embora daqui*.

Fico em silêncio.

— *Me promete* — Ben repete, exigindo uma resposta.

— Promete! — Manchee late, e até no latido dele eu vejo medo.

— Eu prometo.

Ben pega alguma coisa nas costas, mas tem que mexer o objeto por um ou dois segundos até soltar de vez. Ele então me entrega sua faca de caça, a grande e denteada, com cabo de osso e lâmina serrilhada, que corta tipo qualquer coisa no mundo. Eu estava torcendo pra ganhar ela de aniversário quando virasse homem. Ele tirou junto com o cinto, preu prender na minha cintura.

— Toma. Leva contigo. Você pode precisar.

— Eu nunca enfrentei um Spackle, Ben.

Ele continua com o braço erguido, estendendo a faca, então eu aceito.

Ouvimos um segundo *BUM*. Ben olha na direção da fazenda por um segundo.

— Vai, Todd. Segue o rio até o pântano e dali sai de Prentisstown. Corre o mais rápido que puder, e nem pensa em olhar para trás, Todd Hewitt. — Ele aperta meu braço. — Se eu puder ir atrás de você depois, eu vou, juro que vou, mas não me espera, segue em frente. Cumpre sua promessa.

É isso. Um adeus. Um adeus que eu não esperava.

— Ben…

— Vai!

Então ele vai embora, correndo, e até olha pra trás uma vez, pra depois seguir em disparada pra fazenda, pra sabe lá o que está acontecendo no fim do mundo.

6

A FACA DIANTE DE MIM

— Vamos, Manchee — digo, pronto pra ir, embora cada pedacinho de mim queira voltar com Ben.

Ele pega um caminho diferente, como disse que ia fazer, pra confundir quem estiver rastreando o Ruído.

Paro um segundo quando ouço alguns barulhinhos vindos da direção da casa que só podem ser tiro. Nisso eu penso no rifle que Cillian pegou de Prentiss Jr. e em todos os que o prefeito Prentiss e os homens dele têm escondidos na cidade, tanta arma contra o rifle roubado de Cillian e os outros poucos revólveres que tem na nossa casa, ou seja, não vai ser uma briga de durar tanto tempo assim. Por isso que eu fico tentando pensar no que foram aqueles primeiros estouros, os maiores, e me dou conta que devia ser Cillian explodindo os geradores pra confundir os homens, pro Ruído deles ficar tão alto que eles não vão conseguir ouvir nem um sussurro do meu aqui.

Tudo isso pra me ajudar a fugir.

— Vamos, Manchee — digo de novo.

A gente vai correndo os poucos metros que falta pra chegar no rio. Chegando lá, a gente pega a direita e vai seguindo a corrente, mantendo distância dos juncos na beira dágua.

Os juncos onde vive os crocos.

Tiro a faca da bainha e vou andando com ela na mão, bem depressa.

— Que foi, Todd? — Manchee late sem parar.

— Não sei, Manchee. Cala a boca preu poder pensar.

A mochila vai batendo nas minhas costas o caminho inteiro, mas a gente segue como pode, passando pelo meio dos arbustos aquáticos e saltando os troncos caídos.

Vou voltar. É isso que eu vou fazer. Vou voltar. Eles disseram que eu ia saber o que fazer, e agora eu sei. Vou até o pântano, mato os Spackle se der e depois volto pra ajudar Cillian e Ben. E aí a gente pode nós três fugir pra esse outro lugar que Ben falou.

É isso mesmo que eu vou fazer.

— Promessa, Todd — Manchee diz.

Manchee parece que está ficando preocupado quanto mais perto a gente vai chegando dos juncos, porque o alto no terreno, que é onde a gente está andando, começa a estreitar.

— Cala a boca. Eu prometi fugir, mas pode ser que pra fugir eu tenha que primeiro voltar.

— Todd? — diz Manchee.

Eu também não acredito.

Já andamos o suficiente pra não ouvirem mais a gente de lá da fazenda, e também estamos indo na direção contrária da cidade, porque aqui o rio faz um desviozinho pra direita antes de entrar no pântano, então chega uma hora que não tem mais nada seguindo a gente além do meu Ruído e o do Manchee e o barulho da água correndo, que só serve pro Ruído de um croco caçando. Ben diz que isso é “evolução”, mas ele diz que é melhor eu não pensar muito nisso perto de Aaron.

Minha respiração está pesada e Manchee arfa como se fosse desabar a qualquer momento, mas a gente não para. O sol está começando a descer, mas ainda está bastante claro, uma claridade que não parece que vai esconder você. O chão vai ficando plano, estamos chegando no nível do rio no ponto que ele começa a virar pântano. Tudo fica mais enlameado, o que diminui nosso ritmo. Sem falar que tem mais juncos, não tem jeito.

— Presta atenção em qualquer barulho de croco — aviso pro Manchee. — Orelha em pé, hein.

Porque aqui a água do rio começa a correr mais devagar, então se você consegue manter seu Ruído baixo, dá pra ouvir os crocos. O solo fica ainda mais encharcado. Manchee e eu nem conseguimos manter um ritmo de caminhada por causa da lama. Seguro a faca com mais força, sempre na minha frente.

— Todd? — Manchee diz.

— Está ouvindo eles? — pergunto num sussurro, tentando prestar atenção onde eu piso, tomar cuidado com os juncos e cuidar de Manchee, tudo ao mesmo

tempo.

— Crocos, Todd — Manchee diz, o mais baixo que um cachorro consegue latir.

Eu paro e me concentro, tentando ouvir.

E eu ouço, ali no meio dos juncos, em mais de um lugar. Eles estão dizendo Carne.

Carne, banquete e dente.

— Droga.

— Crocos — Manchee repete.

— Vem.

A gente sai chapinhando, porque agora estamos no meio da lama. Meus pés afundam a cada passo e logo vem a água e cobre meus passos. Não tem outro caminho, vamos ter que passar pelos juncos. Começo a usar a faca enquanto vou andando, tentando cortar os juncos no meu caminho.

Olho lá na frente e então vejo pronde estamos indo, pro alto e pra direita. A cidade já ficou pra trás, agora estamos num pedaço que é onde os campos encontram o pântano depois da encosta onde fica a escola. Se a gente conseguir passar por essa parte, vamos chegar em solo firme e aí vamos poder pegar as trilhas que dão na área escura do pântano.

Foi mesmo hoje de manhã que eu estive lá pela última vez?

— Anda, Manchee — digo. — Estamos quase lá.

Carne e banquete e dente e eu juro que eles estão chegando mais perto.

— Bora!

Carne.

— Todd?

Estou abrindo caminho pelos juncos, tirando o pé da lama, e carne e banquete e DENTE.

Então eu escuto Cachorro que gira…

E sei que a gente se deu mal.

— Corre! — grito.

Aí a gente corre. Manchee solta um ganido assustado e dispara na minha frente, mas eu vejo quando um croco arma o bote no meio dos juncos e dá um pulo pra pegar Manchee, só que Manchee está com tanto medo que pula ainda mais alto, nem ele sabia que conseguia dar um pulo desses. O croco morde o vazio e aterrissa perto de mim espalhando água pra todo lado, louco de raiva, e eu ouço o Ruído dele sibilar Garoto que gira. Eu volto a correr, mas ele vem pra cima de mim, e nisso eu viro pra ele e sem nem pensar levanto a mão, e o croco cai em cima de mim com a boca aberta e as garras afiadas e eu penso que vou morrer, e eu vou me debatendo tentando sair da lama pra terra seca, o croco

agora está só nas patas traseiras atrás de mim saindo do meio dos juncos e é só depois de um minuto deu gritando e Manchee latindo desesperado que eu entendo que ele não está mais vindo atrás de mim, não, o croco está morto, minha faca nova atravessou a cabeça dele, enterrada nele, e se o bicho ainda tá se debatendo é porque eu estou me debatendo. Eu arranco a faca, o croco cai no chão, e eu meio que desabo também, comemorando que não estou morto.

Estou arfando, sem ar por causa do meu coração batendo acelerado, e Manchee está latindo sem parar, nós dois rindo de alívio, e aí percebo que fizemos barulho demais e não ouvimos uma coisa importante.

— Indo a algum lugar, jovem Todd?

Aaron. Bem aqui na minha frente.

Eu nem consigo fazer nada e ele já me dá um soco na cara.

Caio pra trás. A mochila crava nas minhas costas e me faz parecer uma tartaruga de barriga pra cima. Meu rosto e meu olho ainda estão latejando de dor e eu ainda nem me mexi direito quando Aaron me pega pela camisa, agarrando a pele junto, e me coloca de pé. Eu grito, de tanto que dói.

Manchee late um "Aaron!" raivoso e ataca as pernas dele, mas Aaron chuta ele sem nem olhar pro bicho.

Ele me levanta pra ficar cara a cara comigo. Eu só consigo manter aberto o olho que não dói.

— Em nome do generoso Deus e do glorioso Éden, o que você está fazendo aqui no pântano, Todd Hewitt? — ele pergunta, o hálito cheirando a carne e o Ruído de uma loucura tão assustadora que você nunca ia querer ouvir. — Você deveria estar na sua fazenda a essa hora, garoto.

Com a mão livre, ele me dá um soco na barriga. Meu reflexo é me encolher de dor, mas ele ainda está me segurando pela camisa e pela pele.

— Você precisa voltar — ele diz. — Precisa ver algumas coisas.

Estou respirando com dificuldade, mas o jeito que ele fala me chama a atenção e alguns dos fragmentos que estou colhendo no Ruído dele me fazem ver um pedacinho da verdade.

— Foi você que mandou eles — eu digo. — Não fui eu que eles ouviram. Foi você.

— Garotos espertos viram homens inúteis — ele diz, girando a mão e apertando minha pele.

Dou um grito, mas continuo a falar.

— Eles não ouviram o silêncio no meu Ruído, foi no *seu*, e você mandou eles atrás de mim pra se livrar.

— Ah, não, Todd. Eles ouviram no seu Ruído. Eu só *garanti* que ouvissem. Só garanti que soubessem quem era o responsável por colocar nossa cidade em

perigo. — No meio da barba, sua boca se abre num sorriso demente. — E quem deveria ser recompensado por seus esforços.

— Você é louco.

E como é a mais pura verdade e como eu queria que não fosse.

O sorriso dele desaparece e ele cerra os dentes.

— É meu, Todd. Meu.

Não sei do que ele está falando, mas não paro pra pensar nisso porque nessa hora eu percebo que tanto Aaron quanto eu esquecemos um detalhe importante.

Eu não soltei a faca.

Muitas coisas acontecem ao mesmo tempo.

Aaron escuta *faca* no meu Ruído e percebe seu erro. Ele se prepara pra me dar outro soco.

Levanto a faca e me pergunto se vou conseguir.

Então vem um som no meio dos juncos.

Manchee late:

— Croco!

Ao mesmo tempo, nós três ouvimos Homem que gira.

Aaron nem tem tempo de virar e o croco já está em cima dele, enfiando os dentes na carne dos ombros e agarrando ele, puxando pros juncos. Aaron me solta e eu caio de novo, apertando todos os machucados que ele deixou no meu peito. Aí eu vejo Aaron se debatendo na lama, lutando com o croco, e eu vejo as barbatanas de outros crocos indo na direção dele.

— Fugir! — Manchee late, quase grita.

— Tem toda razão — digo.

Eu levanto de qualquer jeito, a mochila me desequilibrando e meu olho machucado tentando abrir, mas mesmo assim a gente corre corre corre.

Saindo dali, a gente corre até o início da trilha que vai dar no pântano, e dessa vez quando a gente chega no tronco que Manchee sempre precisa de ajuda pra passar ele salta sem nem parar, tranquilo. Eu vou logo atrás dele, na direção das construções dos Spackle, que nem a gente fez hoje de manhã.

Ainda estou com a faca na mão e meu Ruído pulsa muito alto. Estou com tanto medo, tão machucado e com tanta raiva que sei sem a menor sombra de dúvida que vou encontrar o Spackle escondido no buraco no Ruído e juro juro juro que vou matar ele por tudo que aconteceu hoje.

— Cadê? — pergunto a Manchee. — Cadê o silêncio?

Manchee fareja o ar feito louco, indo de construção em construção, enquanto eu tento acalmar meu Ruído e não consigo de jeito nenhum.

— Anda logo! — digo. — Antes que ele fuja…

A frase mal saiu da minha boca quando eu ouço. O rasgo no Ruído, tão grande

e horrível quanto a própria vida. Está perto de mim, atrás das construções dos Spackle, atrás duns arbustos.

Ele não vai escapar dessa vez.

— Silêncio! — Manchee late, muito agitado.

Ele vai correndo até o outro lado das construções, até os arbustos, e o silêncio se move também. Eu sinto de novo a pressão no peito e vejo as coisas tristes e horríveis que vêm nos meus olhos, mas dessa vez eu não paro, dessa vez eu corro atrás do meu cachorro e não paro, eu respiro fundo e engulo em seco pra aliviar essa pressão, seco os olhos, seguro a faca com força. Estou ouvindo Manchee latir e estou ouvindo o silêncio, está logo atrás dessa árvore, bem aqui bem aqui e eu grito e dou a volta na árvore e vou correndo pra cima do silêncio, os dentes à mostra, estou gritando e Manchee latindo e…

Então eu paro.

Paro bem ali nesse instante.

Não baixo a faca, não baixo a faca de jeito *nenhum*.

Está ali, olhando pra gente, respirando pesado, de joelhos do lado da árvore e tentando ficar longe do Manchee, os olhos quase estourando de medo mas mesmo assim os braços tentando uma ameaça deprimente.

Eu fico ali parado.

Segurando a faca.

— Spackle! — Manchee late, mas ele é um fracote e não ataca, só porque eu parei. — Spackle! Spackle! Spackle!

— Cala a boca, Manchee.

— Spackle!

— Eu mandei *calar a boca*!

Só assim eu consigo fazer ele parar.

— Spackle? — Manchee pergunta, já sem tanta certeza agora.

Eu engulo em seco tentando me livrar do nó na garganta, da tristeza absurda que vem com força quando olho praquilo olhando pra mim. O conhecimento é perigoso, os homens mentem e o mundo não para de mudar, mesmo se eu quisesse ou não.

Porque aquilo não é um Spackle.

— É uma garota — digo.

É uma garota.


PARTE II

1

SE EXISTISSEM GAROTAS

— É UMA GAROTA — repito.

Ainda estou recuperando o fôlego, ainda sinto a pressão no peito e, *claro*, ainda seguro a faca bem na frente do corpo.

Uma garota.

Ela olha pra nós dois como se a gente fosse matar ela. Está agachada e toda encolhida, tentando ficar o menor possível, e só desvia o olhar de Manchee pra dar umas olhadinhas rápidas em mim.

Em mim e na minha faca.

Manchee está arfando, os pelos das costas todos eriçados, e pula de um lado pro outro como se o chão estivesse quente. Ele parece tão tenso e confuso quanto eu, só que ele não consegue nem manter uma aparência mínima de tranquilidade.

— Que garota? — ele late. — Que garota?

Com isso ele quer dizer "O que é uma garota?!".

— Que garota? — Manchee late outra vez.

Quando a garota parece prestes a dar um passo pra trás e saltar a raiz enorme, o latido de Manchee vira um rosnado feroz.

— *Para, para, para, para, para…*

— Bom garoto — digo.

Se bem que eu não sei *por que* o que ele está fazendo é bom, mas o que mais eu podia dizer? Isso não faz sentido, não faz nenhum sentido, e parece que está tudo começando a fugir do controle, como se o mundo fosse uma mesa inclinada

e tudo em cima dela estivesse tombando.

Eu sou Todd Hewitt, penso comigo mesmo, mas já não sei nem se *isso* continua sendo verdade.

— Quem é você? — pergunto finalmente, se é que ela consegue me escutar com todo o meu Ruído enfurecido e o colapso nervoso do Manchee. — Quem é você? — pergunto de novo, agora mais alto e mais claro. — O que está fazendo aqui? De onde você veio?

Ela olha pra mim por mais de um segundo, finalmente tira os olhos de Manchee. Olha pra minha faca, depois pro meu rosto.

Ela olha para mim.

Ela olha.

Ela.

Eu sei o que é uma garota. Claro que sei. Já vi várias no Ruído dos homens da cidade que eram pais, eles sofreram com a morte delas como sofreram com a das esposas, mas na verdade bem menos. Também já vi várias em vídeos. Garotas são pequenas, educadas e sorridentes. Usam vestido e têm cabelo comprido, preso pra trás de uns jeitos diferentes ou solto dos lados. As garotas fazem todas as tarefas de dentro de casa, enquanto os garotos fazem as de fora. Elas viram mulheres quando fazem treze anos, que nem os garotos viram homens, e depois que viram mulheres elas viram esposas.

É assim que funciona no Novo Mundo, ou pelo menos é assim que funciona em Prentisstown. Funcionava. Quer dizer, era pra funcionar assim, mas não tem mais garotas. Todas morreram. Morreram assim como morreram as mães, as avós, as irmãs e as tias. Morreram nos meses depois que eu nasci. Todas.

Mas tem uma bem aqui.

E ela não tem cabelo comprido. *Ela*. Ela não tem cabelo comprido. E não está de vestido. As roupas dela são tipo as minhas só que bem mais novas, tão novas que parecem um uniforme, mesmo rasgadas e sujas de lama, e ela nem é muito pequena, é quase do meu tamanho, e garanto que ela não está sorrindo.

Não mesmo, nem um pouco.

— Spackle? — Manchee late baixinho.

— Você quer fazer o favor de *calar* a M da boca? — digo.

Então como eu sei? Como sei que ela é uma garota?

Bom, primeiro porque não é um Spackle. Os Spackle pareciam homens com tudo um pouco inchado, tudo um pouco mais comprido e mais estranho que os homens, a boca mais em cima que o normal, e as orelhas e os olhos muito, *muito* diferentes. E os spacks usavam umas roupas que cresciam no próprio corpo, tipo líquen, que eles podiam aparar em qualquer forma que precisassem. Resultado de viverem no pântano, segundo outro bom palpite de Ben. E ela não parece que

é assim, as roupas dela são normais, então não tem como ela ser um Spackle.

E segundo porque eu simplesmente sei. Eu sei. Não consigo explicar, mas eu olho e vejo e eu sei. Ela não parece as garotas que eu vi nos vídeos nem no Ruído dos homens, e eu nunca vi uma garota em carne e osso, mas estou vendo agora, ela é uma garota, e pronto. Não me pergunte. Alguma coisa no formato do corpo dela, alguma coisa no cheiro, alguma coisa que eu não sei o que é mas que está ali me diz que é uma garota.

Se existissem garotas, é isso o que ela seria.

E ela não é outro garoto. Não é. Ela não é que nem eu. Não parece em nada comigo. Ela é toda outra coisa completamente diferente, e eu não sei dizer como que eu sei isso, mas eu sei quem sou, sou Todd Hewitt, e eu também sei o que eu não sou, e eu não sou que nem ela.

Ela está olhando pra mim. Está olhando pra minha cara, pros meus olhos. Olhando, olhando.

E eu não ouço *nada*.

Caramba. Meu peito. Parece que estou caindo.

— Quem é você? — pergunto outra vez, mas na verdade minha voz fica *presa*, como se tivesse quebrando com a minha tristeza (cala a boca). Minha raiva aumenta e eu pergunto pela terceira vez: — Quem é você? — E estico a faca mais na frente. Ao mesmo tempo, tenho que esfregar os olhos bem rápido.

Alguma coisa tem que acontecer. Alguém tem que fazer *alguma coisa*.

E não existe nenhum outro alguém no mundo além de mim, não importa o que esteja acontecendo em volta.

— Você sabe falar? — pergunto.

Ela só me olha.

— Silêncio — Manchee late.

— Cala a boca, Manchee. Tenho que pensar aqui.

E ela continua só olhando pra mim. Sem nenhum Ruído.

O que eu faço? Não é justo. Ben disse que quando eu chegasse no pântano eu ia saber o que fazer, mas eu *não sei* o que fazer. Eles não disseram nada sobre uma garota, não disseram por que o silêncio me dói tanto que eu mal consigo segurar essa porcaria de *choro*, como se eu estivesse sentindo falta de alguma coisa com tanta força que não consigo nem pensar direito, como se o vazio não estivesse nela, estivesse em *mim*, e como se nada no mundo pudesse fazer essa dor parar.

O que eu faço?

O que eu faço?

Parece que ela está se acalmando, será? Não está tremendo tanto quanto antes, os braços já não tão no alto, e ela não parece mais que vai sair correndo na

primeira oportunidade, mas como eu posso saber quando ela não tem Ruído? E como a pessoa pode *ser* uma pessoa sem ter Ruído?

E será que ela está me ouvindo? *Será?* Uma pessoa sem Ruído consegue ouvir alguma coisa?

Olho pra ela e penso, o mais alto e claro que consigo: *Você consegue me ouvir? Consegue?*

Mas não muda nada no rosto dela, não muda nada no olhar dela.

— Ok — digo, dando um passo pra trás. — Tudo bem. Fica aí, tá bom? Fica paradinha aí.

Recuo mais alguns passos, mas continuo olhando fixo pra ela, e ela continua olhando fixo pra mim. Abaixo o braço que segura a faca pra fazer a alça da mochila escorregar, então me inclino e deixo a mochila cair no chão. Continuo com a faca numa mão, mas com a outra eu abro a mochila e pego o diário.

É mais pesado do que eu esperava de uma coisa feita de palavras. Tem cheiro de couro. E é página e mais página com a letra da minha…

Isso vai ter que esperar.

— Fica vigiando ela, Manchee — digo.

— Vigia! — ele late.

Abro o diário, e ali enfiado no verso da capa tem um papel dobrado, como Ben disse. Abro. De um lado é um mapa desenhado à mão e do outro tem um monte de coisa escrita, mas é tudo um monte de letra junta e eu não estou com o Ruído calmo o suficiente pra tentar ler isso, então fico só no mapa por enquanto.

Nossa casa fica bem no alto e a cidade logo abaixo, e do lado corre o rio que eu e Manchee viemos, levando até o pântano, que é onde a gente está agora. Mas não é só isso, é? O pântano continua até virar rio outra vez, e aí na margem do rio tem umas setas desenhadas. Deve ser o caminho que Ben está indicando preu seguir com Manchee. Vou com o dedo seguindo as setas, passa o pântano, e vai dar direto no…

POU!!! O mundo vira um clarão quando alguma coisa me atinge na cabeça, bem onde Aaron me deu o soco. Eu caio, mas caio me defendendo com a faca sem ver, e ouço um grunhido de dor. Consigo recuperar um pouco o equilíbrio antes de bater no chão e viro, caindo sentado na terra dura, apertando com as costas da mão o ponto dolorido na minha cabeça mas procurando de onde veio o ataque, e é assim que eu aprendo minha primeira lição: criaturas sem Ruído podem aparecer do nada e dar um susto em você. Como se nem estivessem ali.

A garota também caiu e agora está sentada no chão longe de mim, apertando o braço cortado, o sangue escorrendo por baixo dos dedos. Ela largou o galho que usou pra me bater e o rosto está todo contorcido com a dor.

— POR QUE VOCÊ FEZ ISSO? — grito, tomando cuidado ao tocar meu

rosto.

Olha, estou cansado de tanto que apanhei hoje.

A garota só me olha, a testa franzida, a mão no braço.

Que aliás está tipo sangrando muito.

— Galho, Todd! — Manchee late.

— Onde você se meteu?

— Cocô, Todd.

Solto um *Arg!* de irritação e chuto um pouco de terra nele. Manchee responde arranhando o chão e depois começa a farejar uns arbustos como se nada estivesse acontecendo. A atenção dos cachorros dura tanto quanto um palito de fósforo queimando. Bichos idiotas.

Está começando a escurecer, o sol se pondo, o pântano que já é escuro ficando ainda mais escuro, e eu ainda não tenho resposta nenhuma. O tempo continua passando e eu não posso ficar esperando aqui, mas também não posso voltar, e *não era pra ter uma garota*.

Rapaz, aquele corte dela está sangrando bastante.

— Ei! — digo, minha voz trêmula por causa da eletricidade que corre pelo meu corpo. *Eu sou Todd Hewitt*, penso. *Eu sou quase um homem.* Repito, tentando ficar um pouco mais calmo: — Ei.

A garota só olha pra mim.

— Não vou te machucar — digo, respirando pesado igual a ela. — Está me ouvindo? Não vou te machucar. Só não me bate mais com o galho, tá?

Ela só me encara. Olha pra minha faca.

Ela está me entendendo?

Baixo a faca até quase o chão, mas não solto. Então mexo de novo na mochila até encontrar o kit de primeiros socorros que Ben jogou ali dentro.

— Remédio — digo. Ela não se mexe. — Re-mé-di-o — repito, mais devagar. E aponto pro meu braço, mais ou menos na altura do corte no dela. — Você está sangrando.

Nada.

Dou um suspiro. Quando vou levantar, ela se arrasta pra longe. Agora dou um suspiro irritado.

— Não vou machucar você*!* — Mostro o kit. — É remédio. Pra você parar de sangrar.

Ainda nada. De repente ela não tem nada por dentro.

— Olha.

Abro o estojo, procuro só com uma das mãos e encontro um curativo para controlar hemorragia. Rasgo a embalagem de papel com o dente. Devo estar sangrando onde Aaron me bateu e depois a garota. Esfrego o curativo no olho e

na sobrancelha e quando vejo, não falei? Sangue. Mostro pra garota.

— Tá vendo? — Aponto pro meu olho. — Tá vendo? Faz parar o sangue.

Dou um passo pra frente, só um, e ela se encolhe de novo, mas já não tanto quanto antes. Mais um passo, outro, e fico perto dela. Ela não para de olhar pra faca.

— Eu não vou largar, então esquece. — Estendo o curativo. — Isso ajuda a fechar o corte, mesmo se for fundo, tá bom? Estou tentando te ajudar.

— Todd?? — Manchee late, cheio de ponto de interrogação.

— Peraí, Manchee. Olha, você está sangrando pra caramba, e eu posso dar um jeito nisso, entendeu? Só não vem me bater com esses malditos galhos.

Ela me olha. E olha. E olha. Tento inventar uma calma que não sinto. Não sei por que estou ajudando a garota, mesmo depois que ela bateu na minha cabeça, mas não tenho a menor ideia do que fazer. Ben disse que eu ia encontrar respostas no pântano mas não tem resposta nenhuma, tem só a garota, que eu machuquei, embora ela merecesse, e se eu conseguir fazer ela parar de sangrar já é alguma coisa.

Não sei. Não sei o que fazer, então só faço isso.

A garota continua me olhando, ainda respirando pesado, mas pelo menos ela não está fugindo nem se afastando, e quase não dá pra perceber que ela vira um pouco o braço preu alcançar o corte.

— Todd? — Manchee late.

— Shhh.

Não quero assustar mais a garota. Assim tão perto do silêncio dela eu sinto como se meu coração tivesse quebrado em mil pedacinhos. Parece que estou sendo sugado prum poço sem fundo, e ele me puxa e me faz cair cair cair.

Mas eu mantenho a calma. Mantenho a calma e aperto o curativo no braço dela, esfregando o corte, que foi bem fundo, até fechar um pouco e parar de sangrar.

— Você vai ter que tomar cuidado — aviso ela. — Isso não sara de verdade. Vai ter que tomar cuidado até ficar bom, tá bem?

E só o que ela faz é olhar pra mim.

— Tudo bem — digo, tanto pra mim mesmo quanto pra qualquer um que estiver por perto, porque agora que isso acabou, o que vem em seguida?

— Todd? — Manchee late. — Todd?

— E esquece esses galhos, hein? — digo pra garota. — Chega de me bater.

— Todd? — Manchee de novo.

— E, óbvio, meu nome é Todd.

E aí, bem ali, bem quando já quase não tem mais luz pra ver direito, aparece um leve início de talvez um sorriso? Será?

— Você… — tento perguntar, olhando no fundo dos olhos dela, ou pelo menos o quanto eu consigo com essa pressão no meu peito. — Você entende o que eu tô dizendo?

— Todd. — O latido de Manchee sobe um tom.

Viro pra ele.

— *Quié?*

— Todd! TODD!!!

Então todos ouvimos. Passos pesados esmagando arbustos e quebrando gravetos caídos e Ruído, Ruído, Ruído e ah, droga, Ruído.

— Levanta — digo pra garota. — Levanta! Anda!

Coloco a mochila nas costas. A garota faz cara de pavor, mas um pavor paralisado que não ajuda em nada, então eu grito “Anda!” outra vez e pego o braço dela sem nem lembrar do corte e tento fazer ela levantar, mas de repente é tarde demais, vem um grito e um rugido e um som que parece árvores inteiras caindo, e eu e a garota só conseguimos virar e olhar: é Aaron, e ele está louco de raiva, totalmente desfigurado e vindo atrás de nós.

8

AS ESCOLHAS DE UMA FACA

ELE ALCANÇA A gente em três passos. Não dá tempo nem de tentar fugir e ele já está em cima de mim com as mãos estendidas, e agarra meu pescoço e me joga numa árvore.

— Seu maldito IMUNDO! — Aaron grita.

Ele aperta minha garganta com os polegares. Arranho seus braços, tentando enfiar a faca nele, mas minha mochila escorregou e a alça agora está prendendo meu braço no tronco, então Aaron pode muito bem continuar me estrangulando à vontade.

O rosto dele está um pesadelo, uma coisa horrenda que não vai sair nunca da minha cabeça mesmo se eu escapar vivo disso tudo. Os crocos arrancaram a orelha esquerda dele e puxaram junto uma tira comprida de pele. Esse rasgo deixa os dentes à mostra e faz o olho esquerdo ficar esbugalhado, como se a cabeça tivesse começado a explodir e parado no meio do caminho. Tem mais um monte de corte no queixo e no pescoço dele, e as roupas também estão cheias de rasgo, tudo sujo de sangue. Dá pra ver até um dente de croco espetado em um pedaço de pele rasgada no ombro.

Eu tento respirar, mas não consigo, você não faz ideia como isso dói. O mundo começa a girar e meu cérebro está ficando esquisito, e me vem uma ideia idiota de que Aaron na verdade não sobreviveu, que o croco matou ele, mas que ele tem tanta raiva de mim que nem a morte impediu ele de vir me matar.

— DO QUE VOCÊ ESTÁ RINDO? — ele grita, e chove sangue, cuspe e

pedacinhos de carne na minha cara.

Ele aperta meu pescoço com mais força e eu sinto que vou vomitar mas não tem como o vômito sair e eu não consigo respirar e todas as luzes e cores está tudo misturado e eu estou morrendo eu vou morrer...

— AAH!

Aaron de repente faz um movimento brusco para trás e me solta. Eu caio no chão e vomito meu estômago inteiro e ao mesmo tempo respiro bem fundo, o que me faz tossir de um jeito que parece que eu nunca mais vou parar. Quando eu levanto a cabeça, vejo que Manchee tá pendurado na perna de Aaron, mordendo com toda a força.

Bom garoto.

Aaron mete o braço e joga ele longe, Manchee sai voando. Ouço um baque, um ganido e um "Todd?".

Aaron logo vira de volta pra mim, e eu não consigo parar de olhar pro rosto dele, os milhões de cortes, ninguém sairia vivo disso, ninguém, não é possível.

Talvez ele esteja mesmo morto.

— Onde está o sinal? — ele pergunta.

A expressão em seu rosto destruído muda bem depressa, e ele olha ao redor, em pânico.

Sinal?

O…

A garota.

Eu também olho em volta. Ela sumiu.

Aaron gira de novo, prum lado e pro outro, e aí vejo que ele ouve ao mesmo tempo que eu, ele ouve os barulhos dela correndo, ouvindo o silêncio se afastando de nós, e ele nem me olha de novo antes de ir atrás dela e desaparecer.

Do nada, estou sozinho.

Do nada, é como se eu não tivesse nada a ver com nada disso.

Que dia mais ridículo.

— Todd?

Manchee sai mancando do meio das moitas.

— Tô bem, amigão — tento dizer, embora não seja verdade, mas com a tosse eu só consigo falar parte disso. — Tô bem.

Tento respirar no meio da tosse, a testa no chão, a saliva escorrendo, o vômito.

Vou recuperando o fôlego aos poucos, e esses pensamentos começam a aparecer na minha cabeça. Eles chegam sem serem convidados, sabe?

Porque tudo podia terminar aqui, não podia? Talvez as coisas pudessem acabar, simples assim. É óbvio que é a garota que Aaron quer, seja lá o que for esse tal "sinal", certo? É óbvio que é a garota que *a cidade* quer, com toda aquela

comoção por causa do silêncio no meu Ruído. Então, se Aaron tiver a garota e a cidade tiver a garota, então podia ser o fim de tudo, certo? Eles conseguem o que querem e me deixam em paz, e eu posso voltar pra casa e ficaria tudo como era antes e, ok, provavelmente isso não seria nada bom pra garota, mas talvez salvasse Ben e Cillian.

Talvez me salvasse.

Estou só *pensando*, tá? Os pensamentos vêm tudo de uma vez, só isso.

Pensamentos de que podia tudo acabar logo depois de começar.

— Acabar — Manchee murmura.

É aí que eu ouço um grito muito, muito terrível que deve ser da garota, claro que pegaram ela, e essa foi a decisão, não foi?

O grito seguinte vem um segundo depois, mas eu já estou de pé sem pensar muito, pegando a mochila, ainda meio curvado e ainda tossindo, tentando recuperar o fôlego, mas com a faca na mão e correndo.

É fácil achar eles. Aaron foi abrindo caminho pelos arbustos feito um touro e o Ruído dele está vomitando um ronco, sem contar que o tempo todo todo todo tem o silêncio da garota, mesmo por trás dos gritos dela, e por incrível que pareça isso dificulta ainda mais ouvir. Corro na direção deles o mais rápido que consigo, Manchee logo atrás de mim, e não leva nem trinta segundos pra gente chegar, e o gênio aqui não tem a menor ideia do que fazer agora que estou aqui. Aaron encurralou a garota numa área com água mais ou menos na altura dos tornozelos, e ela está de costas numa árvore. Ele segura a garota pelos pulsos, mas ela resiste, se debate e chuta, e é tanto medo que eu vejo no rosto dela que nem consigo fazer as palavras saírem direito.

— Deixa ela em paz!

Minha voz sai meio arranhada e eles não me ouvem. Com o Ruído de Aaron berrando desse jeito, acho que ele não ia me ouvir nem se eu gritasse. O SANTO SACRAMENTO, O SINAL DE DEUS e O CAMINHO DO SANTO, e junto vêm imagens da garota numa igreja, imagens da garota bebendo o vinho e tomando a hóstia, imagens da garota como um anjo.

Da garota como um sacrifício.

Aaron segura os pulsos dela com uma mão só, pra poder tirar o cinto de corda da túnica que ele usa, vai tentar amarrar as mãos dela. A garota dá um chute forte na perna dele, bem onde Manchee mordeu, e ele revida dando um tapa no rosto dela com as costas da mão.

— Deixa ela em paz — digo outra vez, tentando fazer minha voz sair direito.

— Deixa! — Manchee late, ainda mancando, mas ainda feroz.

Bom garoto.

Dou um passo pra frente. Aaron está de costas pra mim, como se nem ligasse

pra minha presença, como se nem me considerasse uma ameaça.

— Solta ela — digo, tentando gritar, mas isso só me faz tossir mais.

Nada, ainda. Nada de Aaron nem de ninguém.

Vou ter que fazer. Vou ter que fazer. Ah não, ah não, vou ter que fazer.

Vou ter que matar ele.

Levanto a faca.

Levantei a faca.

Aaron vira, e nem é rápido, é como se alguém tivesse chamado ele, e aí ele me vê ali com a faca erguida, parado, maldito covarde idiota que eu sou, e ele sorri, e, olha, nem consigo te dizer como fica horrível o sorriso naquele rosto todo destruído dele.

— Seu Ruído revela você, jovem Todd.

Ele solta a garota, mas ela está amarrada e tão machucada que nem tenta fugir. Aaron dá um passo na minha direção.

Eu dou um passo pra trás (cala a boca, por favor, cala a boca).

— O prefeito vai ficar decepcionado quando souber da sua partida precoce do plano terrestre, garoto — Aaron diz, dando mais um passo.

Eu dou mais um passo também, pra trás, a faca ali erguida como se não servisse pra nada.

— Mas covardes não têm utilidade para Deus. Ou têm?

Rápido como uma cobra, ele bate no meu braço e faz a faca voar da minha mão. Ele me dá um tapa no rosto e me derruba na água, e sinto que ele se ajoelha no meu peito e aperta meu pescoço pra acabar o que começou, só que agora vai ser muito mais rápido porque minha cabeça está debaixo dágua.

Eu tento resistir, mas perdi. Perdi. Tive minha chance e perdi, mereço isso. Estou lutando, mas estou muito mais fraco que antes e já sinto o fim chegando. Sinto que estou desistindo.

É o meu fim.

Meu fim.

Então, tateando debaixo dágua, eu encontro uma pedra.

TUM! Acerto ele na cabeça sem nem pensar.

TUM! De novo.

TUM! E de novo.

Sinto ele escorregar de cima de mim e levanto a cabeça, engasgando com água e com ar, mas consigo sentar. Já estou levantando a pedra outra vez, mas vejo que Aaron está caído ali, metade do rosto mergulhado na água, metade fora, os dentes sorrindo pra mim pelo rasgo no rosto dele. Vou me arrastando pra trás, tossindo e cuspindo, mas ele continua parado ali, afunda um pouco, sem se mexer.

Tenho a sensação que a minha garganta rachou no meio, mas depois de vomitar um pouco dágua consigo respirar um pouco melhor.

— Todd? Todd? Todd?

Manchee vem todo com lambida e latindo feito um filhotinho. Faço carinho na cabeça dele porque ainda não consigo falar nada.

Nesse momento, nós dois sentimos o silêncio, e quando a gente vê, a garota está bem na nossa frente, as mãos ainda amarradas.

Segurando a faca.

Fico imóvel por um segundo e Manchee começa a rosnar, mas aí eu entendo. Tomo coragem e pego a faca da mão dela e corto a corda que Aaron usou pra amarrar ela. A garota esfrega os pulsos, ainda me encarando, ainda sem dizer nada.

Ela sabe. Ela sabe que eu não consegui.

Seu idiota, penso. *Idiota.*

Ela olha pra faca. Olha pra Aaron, caído na água.

Ele ainda está respirando. Gorgoleja água a cada respiração, mas ainda está respirando.

Pego a faca. A garota olha pra mim, pra faca, pra Aaron, pra mim de novo.

Ela está me dizendo? Ela está me dizendo para fazer isso?

Ele está ali indefeso, daqui a pouco vai se afogar mesmo.

E eu tenho uma faca.

Levanto, caio, meio tonto, levanto de novo. Vou na direção dele. Levanto a faca. De novo.

A garota inspira fundo, e eu sinto que ela prende a respiração.

— Todd? — Manchee diz.

E eu estou com a minha faca bem no alto. Mais uma vez, tenho minha chance. Mais uma vez, minha faca está no alto.

Eu podia fazer isso. Ninguém no Novo Mundo ia me condenar. Seria meu direito.

Podia mesmo.

Mas uma faca não é só uma faca, é? É uma escolha, é algo que você *faz*. Uma faca diz sim ou não, cortar ou não, morrer ou não. Uma faca tira o poder de decisão da sua mão pra colocar no mundo, e ele nunca mais volta.

Aaron vai morrer. Ele está com o rosto todo rasgado, a cabeça arrebentada, afundando na água rasa sem nem acordar. Ele tentou me matar e queria matar a garota, ele é responsável pela doideira que virou a cidade e só pode ter sido ele que mandou o prefeito pra fazenda, então ele é responsável também pelo que aconteceu com Ben e Cillian. Ele merece morrer. Merece.

Mas eu não consigo descer a faca pra acabar logo com isso.

Quem sou eu?
Eu sou Todd Hewitt.
Sou o maior lixo inútil que já existiu.
Não consigo.
Idiota, eu penso pra mim mesmo outra vez.
— Vem — chamo a garota. — Vamos dar o fora daqui.

9

QUANDO A SORTE NÃO ESTÁ COM VOCÊ

PRIMEIRO EU ACHO que ela não vem comigo. Não tem por que ela vir e eu não tenho por que pedir isso, mas insisto e chamo ela de novo, com mais urgência, e faço um gesto, e aí sim ela me segue, segue Manchee, e é isso o que acontece, é o que a gente faz, quem sabe se é o certo, mas é o que a gente faz.

Agora a noite chegou com tudo. O pântano parece ainda mais denso aqui, o preto mais preto que existe. A gente volta apressado pra pegar minha mochila, depois retoma o caminho que segue mais fundo na escuridão, pra ficar longe do corpo de Aaron (por favor, que seja um corpo). Temos que contornar árvores e passar por cima de raízes, entrando ainda mais no pântano. Quando chega uma clareirinha com um trecho de terra plana e um espaço entre as árvores, eu paro.

Ainda estou segurando a faca, que descansa ali na minha mão, brilhando pra mim como se representasse minha culpa, como se fosse a palavra *covarde* piscando. A luz das duas luas reflete na lâmina e, meu Deus, como é poderosa. A faca tem *poder*, como se eu tivesse que concordar em ser parte *dela*, e não que ela fosse parte de mim.

Guardo a faca na bainha, entre as minhas costas e a mochila. Pelo menos ali não vou ficar olhando pra ela.

Pego uma lanterna na mochila.

— Você sabe usar isso? — pergunto pra garota, ligando e desligando a lanterna algumas vezes.

Ela só me olha, pra variar.

— Esquece.

Minha garganta ainda dói, meu rosto ainda dói, meu peito ainda dói, meu Ruído continua me esmurrando com visões de más notícias, de quanto Ben e Cillian conseguiram resistir na fazenda, de quanto tempo Prentiss Jr. vai levar pra descobrir pra onde eu fui e quanto tempo ele vai levar pra vir atrás de mim, atrás de *nós* (não vai demorar, se é que ele já não está vindo), então quem se importa se a garota sabe usar uma lanterna? *Claro* que ela não sabe.

Pego o diário na mochila, com a ajuda da lanterna. Abro o mapa outra vez e sigo as setas de Ben, começando na nossa fazenda, acompanhando o rio, cruzando o pântano e depois saindo quando ele volta a ser rio.

Não é difícil sair do pântano. Lá longe, no horizonte, dá pra ver o tempo todo três montanhas, uma mais perto e duas mais atrás, essas duas uma do lado da outra. No mapa de Ben, o rio passa entre a mais próxima e as outras duas, então é só a gente ir nessa direção que vamos encontrar o rio outra vez, e a gente segue a partir dali. A gente segue pra onde as setas indicam.

Pra outro povoado.

Ali está. Bem ali no pé da página, onde termina o mapa.

Todo um outro lugar.

Como se eu já não tivesse um monte de coisa nova pra lidar.

A garota continua me encarando, acho que nem pisca. Direciono a luz da lanterna pro rosto dela. Ela recua e desvia o olhar.

— De onde você vem? — pergunto. — Daqui?

Aponto a lanterna pro mapa e mostro a outra cidade pra ela. A garota não mexe um músculo, por isso aceno, chamando. Ela continua imóvel, então dou um suspiro de derrota e levo o diário até ela, iluminando o papel com a lanterna.

— Eu — aponto pra mim mesmo — sou daqui. — Mostro nossa fazenda no mapa, no norte de Prentisstown. — Isso — abro os braços, pra indicar o pântano — é aqui. — Mostro o pântano no mapa. — A gente precisa ir pra lá. — Mostro a outra cidade, que Ben escreveu o nome, mas… Ah, quem se importa? — Você é daqui? — Aponto pra ela, aponto pra outra cidade no mapa, aponto pra ela outra vez. — Você é daqui?

Ela olha pro mapa, mas, fora isso, nada.

Dou um suspiro de frustração e me afasto dela. É desconfortável ficar tão perto.

— Olha, eu espero que sim — digo, olhando bem pro mapa mais uma vez. — Porque é pra lá que a gente vai.

— Todd — Manchee late.

Ergo os olhos. A garota começou a andar em círculos na clareira, olhando pras coisas como se tivessem algum significado pra ela.

— O que você tá fazendo? — pergunto.

Ela olha pra mim, pra lanterna na minha mão e aponta prumas árvores.

— O quê? Não temos tempo…

Ela aponta pro meio das árvores outra vez e começa a caminhar pra lá.

— Ei! *Ei!*

Acho que vou ter que ir atrás dela.

— A gente devia seguir o mapa! — Tenho que passar agachado debaixo dos galhos pra acompanhar ela, a mochila prendendo nas árvores o tempo todo. — Ei! Espera!

Sigo aos tropeções. Manchee fica atrás de mim, e eu aponto a lanterna não muito boa pra cada maldito galhinho, cada raiz e cada poça desse pântano enorme. Continuo tendo que abaixar a cabeça e desprender a mochila de folhas e galhos, por isso mal consigo olhar pra frente e acompanhar ela direito. Até que vejo a garota parar do lado de uma árvore caída, que parece ter sido queimada. Me esperando.

— O que você tá fazendo? — pergunto, finalmente alcançando a garota. — Aonde você…

Então eu vejo.

A árvore está mesmo queimada, *recém*-queimada. E recém-caída também. As lascas que não queimaram estão limpas e claras como madeira nova. Tem uma porção de outras árvores assim, uma fileira inteira delas, dos dois lados de uma grande vala aberta no pântano. Está cheia de água agora, mas, pelos montes de terra em volta e as plantas queimadas, com certeza é recente, como se alguém tivesse passado por aqui e escavado de uma vez só.

— O que aconteceu? — Aponto a luz da lanterna ao longo da vala. — O que fez isso?

A garota só olha pra esquerda, onde a vala desaparece na escuridão. Aponto a lanterna pra lá, só que a luz não é forte o suficiente pra chegar no que tem ali. Mas que tem *alguma coisa*, tem.

A garota se embrenha na escuridão, na direção do que quer que seja.

— Aonde você tá indo? — pergunto, sem esperar uma resposta e sem receber.

Manchee se mete entre eu e a garota, como se agora estivesse seguindo ela, não eu, e lá vão os dois se embrenhar na escuridão. Eu mantenho distância, mas também vou. O silêncio ainda flui dela e *ainda* me incomoda, parece que vai engolir o mundo inteiro e eu junto.

Vou apontando a lanterna pra cada centímetro quadrado dágua. Não é comum os crocos subirem até esse ponto, mas não é impossível, e mesmo se não tiver nenhum croco tem as cobras vermelhas venenosas e as doninhas-dágua, que mordem. Como a sorte parece que não está ligando muito pra gente hoje, se tiver

alguma coisa pra dar errado, provavelmente vai dar.

Estamos chegando perto. Aponto a lanterna lá pra frente do caminho e alguma coisa reflete a luz, e não é nenhuma árvore nem arbusto nem bicho nem água.

É de metal. Alguma coisa *grande* de metal.

— O que é isso? — pergunto.

A gente se aproxima. No início eu acho que é só um grande motociclo de fissão e fico pensando que tipo de idiota tentaria andar com isso num pântano, porque já é difícil fazer esses negócios funcionarem em estrada de terra plana, imagina no meio dágua e das raízes.

Mas não é um motociclo de fissão.

— Para.

A garota para.

Quem diria? A garota para.

— Então você entende o que eu digo, hein?

Mas nada, o nada de sempre.

— Espera um segundo — digo, porque está brotando um pensamento.

Ainda não estamos muito perto do troço, mas jogo a luz da lanterna no metal. E depois na linha reta aberta na terra, a vala. E pro metal outra vez. E pra esse monte de troço queimado dos lados. E o pensamento teima em brotar.

A garota, desistindo de esperar, vai na direção do negócio grande de metal, e eu vou atrás. Pra chegar no negócio, a gente tem que contornar um tronco queimado, ainda soltando uma fumaça preguiçosa em umas partes, e quando a gente chega lá eu percebo que o negócio é muito maior que o maior motociclo de fissão que existe, e não só isso, parece que é só uma parte de alguma coisa ainda maior. Está todo amassado e queimado, e tudo bem que eu não sei como era esse troço antes de amassar e queimar, mas está na cara que agora não passa de uma carcaça inútil.

E é óbvio que é a carcaça de uma nave.

Talvez até uma nave *espacial*.

— Isso é seu? — pergunto pra garota, jogando a luz nela.

Ela não diz nada, como sempre, mas dessa vez ela não diz nada de um jeito que parece querer dizer sim.

— Você caiu aqui?

Aponto a lanterna pro corpo dela de alto a baixo, suas roupas, que são um pouco diferentes das que eu estou acostumado, claro, mas diferentes num nível que podiam ter sido minhas em outra época.

— De onde você veio?

Mas é claro que ela não responde, só olha prum ponto lá na frente na escuridão, cruza os braços e sai andando naquela direção. Dessa vez eu fico.

Continuo olhando a nave. Só pode ser uma nave. Tipo, *olha só isso*. Boa parte está bem destruída, mas ainda dá pra ver que tem tipo um casco, ali podia ser um motor, ali é capaz até de ter sido uma janela.

Sabe, quando construíram as primeiras casas de Prentisstown, os primeiros colonos usaram as próprias naves em que chegaram. Claro, depois eles fizeram outras, de madeira, mas Ben diz que a primeira coisa que você faz quando pousa num lugar novo é construir um abrigo provisório, e pra fazer um abrigo provisório você usa a primeira coisa que tem à mão. A igreja e o posto de gasolina ainda têm umas placas de metal, cabines e coisa assim. E essa nave aqui, por mais acabada que esteja, se você olhar direito, bem que parece uma antiga casa de Prentisstown que caiu do céu. Do céu em chamas.

— Todd! — Manchee late de algum lugar. — Todd!

Dou a volta na nave pro lado que a garota foi, até uma parte que parece menos destruída. Quando eu passo correndo, vejo um pouco mais em cima da carcaça uma porta aberta numa parede de metal, e tem até luz lá dentro.

— Todd! — Manchee late de novo.

Aponto a lanterna pra direção de onde veio o latido, e ele está do lado da garota. Ela está parada olhando pra baixo, então eu ilumino o lugar e vejo duas pilhas compridas de roupas.

Que na verdade são dois corpos, não é isso?

Vou até lá com a lanterna apontada pro chão. Um deles é um homem, as roupas e o corpo totalmente queimados do peito pra baixo. O rosto também tem queimadura, mas não é nada bizarro porque ainda dá pra ver que era um homem. Na testa dele tem um ferimento bem feio, isso ia matar ele mesmo que as queimaduras não matassem, mas agora não importa porque ele já tá morto. Morto e caído num pântano.

Jogo a luz da lanterna pro lado e ali tem uma mulher, é isso?

Levo um susto.

É a primeira mulher que eu vejo em carne e osso. E eu só posso dizer o mesmo que pensei da garota: nunca vi uma mulher na vida real, mas se existisse uma mulher na vida real, é assim que ela seria.

Ela está morta também, claro, mas não tem nenhuma marca óbvia tipo queimadura ou corte, não tem nem sangue na roupa, de repente foi alguma coisa dentro dela.

Mas é uma mulher. Uma mulher, sério.

Aponto a luz pra garota. Ela não demonstra medo.

— É seu pai e sua mãe, não é? — pergunto baixinho.

A garota não responde, mas só pode ser isso.

Aponto a lanterna pra nave destruída e penso na vala queimada atrás, e isso só

pode significar uma coisa. Ela caiu aqui com os pais. Eles morreram. Ela sobreviveu. E não importa se ela vinha de algum outro lugar do Novo Mundo ou de algum outro lugar completamente diferente. Eles morreram, ela sobreviveu, e ela ficou aqui completamente sozinha.

Até ser encontrada por Aaron.

Quando a sorte não está com você, ela está contra você.

Vejo um rastro no chão que deve ter sido da garota quando puxou os corpos da nave até aqui, mas o pântano não é lugar de enterrar ninguém além de Spackles, porque é só cinco centímetros de terra e depois só tem água, daí eles estarem aqui. Odeio dizer isso, mas eles cheiram mal, se bem que não é tão ruim assim se você for pensar no cheiro do próprio pântano, então quem vai saber há quanto tempo ela tá aqui?

A garota me olha sem chorar, sem sorrir, só o nada de sempre, e aí ela volta pelo caminho do rastro no chão, vai até a porta que eu vi aberta na nave destruída, sobe e desaparece lá dentro.

10

COMIDA E FOGO

— Ei! — EU CHAMO, indo atrás da garota até a nave. — A gente não pode demorar aqui…

Chego até a porta ao mesmo tempo que ela está saindo e dou um pulo de susto. Ela espera eu sair do caminho pra descer e passa por mim carregando uma bolsa e dois pacotinhos. Fico na ponta dos pés tentando espiar pela porta o que tem lá dentro. Tudo destruído, como era de se esperar, um monte de troço caído pra todo lado, uns troço tudo retorcido.

— Como foi que você saiu viva disso? — pergunto, virando pra garota.

Mas ela está ocupada. Pôs no chão a bolsa e os pacotes e pegou um negócio que parece uma caixinha verde lisa, que ela coloca numa parte mais ou menos seca de terra e empilha uns gravetos em cima.

Não dá pra acreditar.

— Não dá tempo de acender uma…

Ela aperta um botão na caixa e *Vush!*, num segundo temos uma boa e verdadeira fogueira.

Fico ali parado feito bobo, de boca aberta.

Eu *quero* uma caixa de fogueira.

A garota esfrega os braços, e só aí eu me dou conta que estou todo encharcado, doído e com frio, e que a coisa mais parecida com uma bênção que eu consigo pensar é uma fogueira.

Olho de novo pra escuridão do pântano, como se eu fosse ver se tivesse

alguém vindo. Claro que eu não vejo nada, mas também não ouço nada. Ninguém por perto. Por enquanto.

Posso aproveitar o fogo.

— Mas só um segundo — digo.

Vou até lá e começo a esquentar as mãos, sem tirar a mochila das costas. A garota então abre um dos pacotes e joga pra mim. Eu fico só olhando praquilo, até que ela enfia os dedos no dela e pega uma fruta seca, deve ser isso, e come.

Ela está me dando comida. E fogo.

Ela fica ali junto da fogueira, comendo, sem expressão nenhuma. Começo a comer também. A fruta ou seja lá o que for isso é tipo uma bolinha murcha, mas é doce e mastigável. Eu acabo com o pacote em menos de um minuto e só aí reparo em Manchee implorando.

— Todd? — ele diz, lambendo os beiços.

— Ah. Desculpa.

A garota olha pra mim, olha pra Manchee, aí pega um pouquinho de fruta do pacote dela e oferece pra Manchee. Quando ele se aproxima, ela recua a mão um pouco, meio no automático, e aí resolve deixar a comida no chão pra ele pegar. Manchee não se importa, engole tudo de uma vez só mesmo assim.

Faço um gesto de agradecimento com a cabeça. Ela não faz nada em resposta.

A noite já caiu por completo agora, o céu tão escuro quanto tudo mais que está fora do nosso pequeno círculo de luz. Dá até pra ver estrelas pelo buraco que a queda da nave abriu na copa das árvores. Tento lembrar se ouvi algum estrondo distante vindo aqui do pântano na semana passada, mas não, distante assim, qualquer coisa é abafada pelo Ruído de Prentisstown e ninguém ouve.

Então lembro de certos pregadores.

Quase ninguém.

— A gente não pode ficar aqui — digo. — Sinto muito pelos seus pais e tal, mas tem outros homens que vão vir atrás da gente. Mesmo com Aaron morto.

Ao ouvir o nome, ela se retrai, só um pouco. Ele deve ter dito o nome pra ela. Ou coisa assim. Talvez.

— Sinto muito — digo. Pelo quê, não sei. Ajeito a mochila nas costas. Parece mais pesada que nunca. — Valeu pela comida, mas a gente precisa ir. Você vem?

A garota me olha um segundo e depois, com a ponta da bota, chuta os gravetos queimados de cima da caixinha verde. Ela aperta o botão e pega a caixa sem nem se queimar.

Cara, eu quero *muito* um negócio desse.

Ela guarda a caixa na bolsa que pegou da nave e passa a alça por cima da cabeça, como se fosse uma mochila. Como se ela já estivesse pronta pra vir comigo antes.

— Bom, acho que estamos prontos — digo quando ela para e fica só me encarando.

Nenhum de nós dois se mexe.

Olho de novo pros corpos. Ela olha também, mas muito rápido. Quero dizer alguma coisa pra ela, mas o que eu posso dizer numa hora dessas? Chego a abrir a boca, mas ela começa a mexer na bolsa. Fico achando que ela vai pegar alguma coisa pra, sei lá, lembrar dos pais ou fazer algum gesto de despedida, mas ela acha o que queria e é só uma lanterna. Ela acende a lanterna — então ela *sabe* usar uma lanterna — e começa a andar, primeiro na minha direção, mas depois passa direto, como se já estivéssemos de partida.

Assim. Nem aí pro pai e a mãe estirados ali, mortos.

Fico só olhando por uns segundos até que chamo:

— Ei!

Ela vira.

— Por aí não. — Aponto pra esquerda. — Por ali.

Sigo pelo caminho certo, Manchee do meu lado, e quando olho pra trás a garota está vindo também. Dou uma última olhada pra nave, e por mais que eu queira ficar pra procurar mais coisas legais — olha, como eu queria fazer isso! —, temos que ir, mesmo sendo de noite e a gente não tendo dormido, temos que ir.

Então a gente segue, às vezes um pedaço do horizonte aparece entre as árvores, e vamos na direção do vale entre a montanha mais de cá e as outras duas mais longe. As duas luas já estão ficando cheias e o céu está claro, então tem pelo menos um mínimo de luz pra gente se guiar, mesmo embaixo das árvores do pântano, mesmo no escuro.

— Fica de ouvido atento, hein — falo pra Manchee.

— Atento? — Manchee late.

— É! Pra coisas que podem pegar a gente, idiota.

Não tem como correr num pântano escuro no meio da noite, então a gente só vai andando o mais rápido que dá. Eu vou com a lanterna iluminando o caminho na nossa frente, dando a volta nas raízes maiores e tentando não chafurdar muito na lama. Manchee vai na frente e volta, farejando ao redor e às vezes latindo, mas nada sério. A garota vem junto, sem nunca ficar muito pra trás mas também sem chegar muito perto, e eu acho bom porque o silêncio dela ainda me dá uma pressão ruim no meu Ruído sempre que ela está perto demais, mesmo meu Ruído estando agora o mais tranquilo desde o começo do dia.

Esquisito ela não ter feito mais nada pela mãe e o pai antes da gente deixar eles lá, não é não? Não chorou nem nada. Não estou certo? Eu daria tudo pra ver Ben e até Cillian outra vez, mesmo que eles estejam… Enfim, mesmo que eles

estejam.

— Ben — Manchee diz junto do meu joelho.

— Eu sei.

Faço um carinho nele nas orelhas.

Seguimos em frente.

Se fosse eu, ia querer enterrar eles. Ia querer fazer *alguma coisa*, não sei o quê, mas ia. Paro e olho pra trás, mas a garota continua com a mesma cara, a mesma de sempre, será que é porque ela sofreu um acidente e os pais morreram? Ou por causa de Aaron? Será que é porque ela é de outro lugar?

Ela não sente nada? Será que não tem nada dentro dela?

A garota só fica me olhando, esperando eu voltar a andar.

Então é isso que eu faço.

Horas. A gente já está há horas se arrastando a passos silenciosos no meio da noite. Horas. Sei lá qual a distância que a gente tem que percorrer ou se estamos indo na direção certa, mas *horas*. De vez em quando eu ouço o Ruído de uma criatura da noite, corujas-do-pântano arrulhando pro jantar que elas querem pegar, atacando um rato selvagem, aposto, o Ruído deles é tão baixo que nem parece linguagem. Mas o que eu mais escuto mesmo é um Ruído que aparece aqui e ali e some rapidinho, o Ruído das criaturas noturnas que fogem dessa barulheira que a gente deve estar fazendo atravessando um pântano no meio da noite.

O estranho é que ainda não apareceu nenhum som de nada lá atrás, nada perseguindo a gente, nenhum Ruído, nenhum galho quebrando, nada. Talvez Ben e Cillian conseguiram despistar eles. Talvez o motivo preu estar fugindo não é lá tão importante afinal. Talvez…

A garota para pra puxar o pé da lama.

A garota.

Não. Eles estão vindo. O único talvez é que talvez estejam esperando amanhecer pra poder alcançar a gente mais rápido.

Então a gente continua a andar, cada vez mais cansado, parando só uma vez, pra fazer xixi com privacidade nas moitas. Pego um pouco da comida que Ben enfiou na minha mochila e dou um pouquinho pra eles, já que é minha vez de dividir.

Depois é andar mais, andar andar andar.

Até que chega uma hora, logo antes de amanhecer, que não dá mais.

— Vamos parar — digo, largando a mochila ao pé de uma árvore. — A gente precisa descansar.

Não preciso de mais que isso pra convencer a garota, que deixa a bolsa dela em outra árvore e nós dois meio que desmoronamos, usando as bolsas como

travesseiros.

— Cinco minutos — digo.

Manchee se aninha nas minhas pernas e fecha os olhos na mesma hora.

— Só cinco minutos — repito pra garota, que já pegou uma mantinha na bolsa. — Não relaxa demais não.

Temos que continuar, isso é fato. Só vou fechar os olhos um ou dois minutos, só descansar um pouco, e depois a gente continua, mais rápido que antes.

Só um descanso rápido, só isso.

Quando abro os olhos, o sol nasceu. Só um pouco, mas já está lá.

Droga. Perdemos pelo menos uma hora, talvez duas.

Então percebo que foi um som que me acordou.

É Ruído.

Entro em pânico, pensando que são os homens, e fico de pé num pulo…

Não é um homem.

É um cassor, maior que eu, Manchee e a garota.

Comida?, diz o Ruído dele.

Eu *sabia* que eles não tinham sumido do pântano.

Ouço uma pequena arfada vindo de onde a garota está dormindo. Não, não está mais dormindo. O cassor vira pra ela. Manchee levanta e começa a latir.

— Pega! Pega! Pega!

E o cassor vira de novo pra gente.

Imagina a maior ave que você já viu, imagina que ela cresceu tanto que nem consegue mais voar, estou falando de dois metros e meio de altura, até três, um pescoço flexível supercomprido sustentando a cabeça. Ele ainda tem penas, só que agora mais parece pelo, e as asas não servem mais pra muita coisa além de assustar as presas que eles querem comer. Mas você precisa tomar cuidado mesmo é com as patas. Ele tem pernas compridas, batem na altura do meu peito, e com as garras que tem nas patas ele pode te matar com um só chute se você não tomar cuidado.

— Não se preocupa — digo pra garota. — Eles não atacam gente.

É sério. Quer dizer, não era pra atacarem. Era pra eles comerem só roedor e só chutar se você atacar eles, mas Ben diz que se você *não* atacar, eles são bonzinhos e bobos e até comem na sua mão. E eles também têm uma carne gostosa. Tudo isso junto deixou os primeiros colonos de Prentisstown tão doidos pra caçar cassor que quando eu nasci já não tinha mais nenhum num raio de quilômetros. Taí mais uma coisa que até agora eu só tinha visto em vídeo ou em Ruído.

O mundo só fica maior.

— Pega! Pega! — Manchee late, correndo em volta do cassor.

— Não morde! — grito.

O pescoço do cassor oscila como um galho de videira, acompanhando os movimentos do Manchee feito um gato atrás de um inseto. Comida?, continua perguntando o Ruído dele.

— Não é comida — digo, e o pescoço comprido dele vira pra mim.

Comida?

— Não é comida — repito. — É só um cachorro.

Cachorro?, ele pensa, e volta a acompanhar os movimentos do Manchee, tentando dar uma bicada nele. O bico não dá medo nenhum, é tipo ser bicado por um ganso, mas Manchee não quer saber e fica pulando pra desviar e late late late.

Eu dou risada dele. É engraçado.

E aí eu ouço uma risadinha que não é minha.

A garota está parada junto da árvore assistindo o pássaro gigante perseguir meu cachorro bobão, e ela ri.

Ela está *sorrindo*.

Quando nota que eu estou olhando, ela para.

Comida?, eu ouço, e o cassor resolveu enfiar o bico na minha mochila.

— Ei!

Vou lá enxotar ele.

Comida?

— Aqui.

Pego um pedacinho do queijo que Ben enrolou num pano.

O cassor cheira, pega com o bico e come, o pescoço ondulando enquanto engole, e quando termina ele estala o bico algumas vezes, como um homem faria depois de comer, só que com os lábios. Mas aí as ondas começam a vir no sentido contrário e, com uma tosse alta, ele cospe o pedaço de queijo bem na minha cara, cheio de saliva mas praticamente inteiro, deixando um rastro de baba ao escorregar no meu rosto.

Comida?, o cassor diz e vai embora, se enfiando no pântano de novo, como se a gente fosse menos interessante que uma folha.

— Pega! Pega! — Manchee late pra ele, mas não vai atrás do bicho, não.

Limpo a baba do rosto com a manga da blusa e vejo a garota sorrir de novo.

— Muito engraçado, né?

Ela continua fingindo que não está rindo de mim, mas *está*. Então ela pega a bolsa.

— É — digo, tomando de novo a frente da situação. — A gente dormiu demais. Temos que ir.

Voltamos a caminhar sem mais palavras nem sorrisos. O solo logo começa a

ficar mais irregular e um pouco mais seco. As árvores ficam mais espaçadas, deixando o sol bater direto na gente de vez em quando. Não demora muito e a gente chega numa clareira pequena, parece quase um pedacinho de campo, que sobe até um penhasco de nada, logo acima da copa das árvores. Subimos ali e paramos. A garota me dá mais um pacote daquele negócio de fruta. Café da manhã. A gente come de pé mesmo.

Olhando por cima das árvores, dá pra ver bem o caminho na nossa frente. A montanha maior está no horizonte e dá pra ver as duas montanhas menores lá longe, meio encobertas pela névoa.

— É pra lá que a gente vai — digo, apontando. — Pelo menos é pra lá que eu acho que a gente tem que ir.

Ela deixa de lado o pacote de fruta, mexe na bolsa outra vez e pega o binóculo mais incrível que eu já vi. O meu velho lá de casa, que quebrou já tem uns anos, parecia uma caixa de papelão comparado com esse. Ela põe o binóculo nos olhos, dá uma olhada e depois me passa.

Eu olho pra onde estamos indo. Tudo é tão *nítido*! A floresta se estende na nossa frente, vai descendo o morro e dando lugar pra vales e voltando a ser terra de verdade, em vez da cratera cheia de lama que é o pântano, e dá pra ver até a parte que o pântano vira um rio de verdade, que vai cortando desfiladeiros cada vez mais profundos quando chega nas montanhas. Se você prestar atenção, dá até pra ouvir a água correndo. Eu olho olho olho e não vejo nenhum povoado, mas nunca se sabe o que é que tem depois daquelas curvas. Quem sabe o que tem pela frente?

Olho pra trás, pro caminho que a gente veio, mas ainda é cedo e por isso tem uma névoa cobrindo a maior parte do lugar, a névoa esconde tudo e não deixa ver nada.

— Isso é o máximo — digo, devolvendo o binóculo.

A garota guarda na bolsa. Ficamos ali parados um minuto, comendo.

Não estamos muito perto um do outro, porque o silêncio dela ainda me dá nervoso. Enquanto mastigo um pedaço de fruta seca eu fico pensando como deve ser não ter Ruído, *viver* num lugar sem Ruído. O que isso significa? Que tipo de lugar é esse? Será que é maravilhoso? Ou horrível?

Vamos supor que você está no alto de um morro com alguém que não tem Ruído. Seria como estar sozinho? Como você compartilharia seu Ruído? Você ia querer fazer isso? Quer dizer, a gente está aqui, eu e a garota, fugindo do perigo rumo ao desconhecido, e não tem nenhum Ruído em cima da gente, nada que nos diga o que o outro está pensando. É assim que deve ser?

Termino de comer e amasso o pacote. Ela estende a mão pra pegar o lixo e coloca na bolsa. Nenhuma palavra, nenhuma conversa, só o meu Ruído e um

grande nada vindo dela.

Será que era assim com meus pais quando eles chegaram aqui? Será que o Novo Mundo era um lugar todo silencioso antes de…

De repente eu olho pra ela.

Antes.

Ah, não.

Como eu sou burro.

Sou uma droga de um idiota mesmo.

Ela não tem Ruído. E ela chegou aqui numa nave. O que significa que ela vem de um lugar sem Ruído, óbvio, *idiota*.

Isso quer dizer que, desde que ela aterrissou aqui, ela ainda não pegou o germe do Ruído.

E isso quer dizer que, quando ela pegar, o germe vai fazer com ela o que fez com todas as outras mulheres.

Vai matar ela.

Vai matar ela.

E eu estou olhando pra ela, o sol brilhando em cima da gente, e enquanto estou pensando essas coisas os olhos dela ficam cada vez mais arregalados, e é nesse momento que eu entendo outra coisa idiota, outra coisa óbvia.

Só porque eu não ouço nenhum Ruído dela não significa que ela não ouça cada palavra do meu.

11

O LIVRO SEM RESPOSTAS

— NÃO! — FALO BEM rápido. — Não me escuta! Eu estou errado! Estou errado! Eu me enganei! Não é isso!

Mas não adianta, ela se afasta de mim, deixa cair o pacote de fruta, com os olhos cada vez mais arregalados.

— Não, não…

Quando eu tento me aproximar, ela se afasta ainda mais rápido, deixando a bolsa cair também.

— Isso é… — *O que* eu posso dizer? — Não é isso. Eu me *enganei*. Estava pensando em outra pessoa.

E isso consegue ser a maior burrice de todas, porque ela ouve o meu Ruído, não ouve? Ela está me vendo aqui, tentando pensar em alguma coisa pra dizer, e mesmo o meu Ruído saindo todo embolado ela está vendo ela mesma nele por toda a parte. E se tem uma coisa que a essa altura eu sei com certeza é que não tem como pegar de volta algo que foi lançado no mundo.

Droga. Que droga dos infernos.

— Droga! — Manchee late.

— Por que você não DISSE que podia me ouvir? — grito, ignorando que a garota não disse uma palavra desde que encontrei ela.

Ela recua ainda mais e cobre a boca com a mão, os olhos mandando pontos de interrogação pra mim.

Então tento pensar em alguma coisa, *qualquer coisa* pra dar um jeito nessa

situação toda, mas não encontro nada. Só Ruído cheio de morte e desespero.

Então ela vira e sai correndo colina abaixo pra longe de mim.

Droga.

— Espera! — grito, já correndo atrás dela.

A garota pegou o caminho que a gente veio, cruzando a clareira e desaparecendo no meio das árvores, mas eu estou bem atrás dela, e Manchee atrás de mim.

— Para! Espera!

Mas por que ela deveria esperar? Que motivo ela poderia ter pra me esperar?

Olha, ela é mesmo rápida pra caramba quando quer.

— Manchee!

Ele entende o que eu quero e sai correndo atrás dela. Não que eu pudesse realmente perdê-la, não mais do que ela podia me perder. Meu Ruído pode estar alto perseguindo ela, mas o silêncio dela não deixa por menos, mesmo agora, mesmo sabendo que vai morrer, ainda num silêncio digno de um túmulo.

— Espera! — grito de novo.

Tropeço numa raiz e caio com os cotovelos no chão, o que dispara todas as dores que eu tenho no corpo e no rosto, mas tenho que levantar. Tenho que levantar e ir atrás dela.

— Porcaria! — digo.

— Todd! — Manchee late em algum lugar mais na frente.

Caminho com um pouco de dificuldade, mas consigo passar por um grande aglomerado de arbustos, e ali está ela, sentada numa pedra grande e chata, abraçando os joelhos e se balançando pra frente e pra trás, os olhos arregalados mas ainda vazios.

— Todd! — Manchee late quando me vê.

Ele pula pra pedra e começa a cheirar a garota.

— Deixa ela em paz, Manchee.

Mas ele me ignora. Fareja o rosto dela, dá umas lambidas e acaba sentando do lado da garota, se aconchegando nela enquanto ela continua a se balançar.

— Olha só — começo, recuperando o fôlego e sabendo que eu não tenho ideia do que dizer. — Olha só — digo outra vez, e não sai mais nada.

Fico ali parado arfando, calado, e ela se balançando, até que só me resta sentar também, não muito perto, claro, por respeito e por segurança, eu acho, é isso que eu faço. Ela balançando, eu sentado, e eu pensando o que fazer agora.

E assim a gente passa uns bons minutos, uns bons minutos que a gente devia estar caminhando, e em volta o pântano segue cuidando da própria vida.

Finalmente, tenho outro pensamento.

— Eu posso não estar certo — digo assim que o pensamento me vem. —

Posso estar errado, sabe? — Eu viro pra ela e começo a falar depressa: — Eles mentiram pra mim sobre tudo, você pode procurar no meu Ruído se quiser conferir que *isso* é verdade. — Eu levanto e falo ainda mais rápido: — Não era pra ter outro povoado. Prentisstown devia ser o único em todo esse planeta idiota. Mas no mapa tem lá o outro lugar! Então talvez…

Eu penso penso penso.

— Vai ver que os germes só atacaram Prentisstown? Então se você não chegou a ir na cidade, de repente está a salvo. Talvez você fique bem. Porque eu com certeza não consigo ouvir nada parecido com o Ruído vindo de você, e você não parece doente. Então talvez esteja tudo bem.

Ela me olha, ainda se balançando, e eu não sei o que ela está pensando. "Talvez" pode não ser uma palavra que passe muita tranquilidade quando a frase é "talvez você não esteja morrendo".

Continuo pensando, e deixo meu Ruído aberto pra ela ver com o máximo de clareza.

— Talvez todo mundo de Prentisstown tenha pegado o germe e, e, e, sim! — Outro pensamento, um bom. — Talvez a gente tenha se isolado pra não contaminar o outro povoado! Deve ser isso! Então, se você ficou no pântano, não tem problema!

Ela para de se balançar tanto, ainda me olhando, talvez… talvez acreditando em mim?

Mas aí, que nem um belo dum imbecil que não sabe a hora de parar, eu deixo esse pensamento continuar, não é? Se Prentisstown foi isolada, então talvez o outro povoado não fique muito feliz com a minha chegada, não é? Talvez tenham sido eles que isolaram a gente, porque talvez Prentisstown fosse *realmente* contagiosa.

E se o germe do Ruído é contagioso, então a garota pode pegar de mim, não pode?

— Ah, cara. — Apoio as mãos nos joelhos, com a sensação de que estou desabando. — Ah, cara.

A garota abraça as pernas outra vez. Paramos num ponto ainda pior do que onde começamos.

Não é justo. Sério, não é nem um pouco justo. *Você vai saber o que fazer quando chegar no pântano, Todd. Lá você vai saber o que fazer.* Ah é, muito obrigado mesmo, Ben, obrigado por toda a sua ajuda e preocupação, porque estou bem aqui e não tenho a menor ideia do que fazer. Não é justo. Sou chutado de casa, levo uma surra, descubro que as pessoas que diziam se importar comigo estavam mentindo todos esses anos, sou obrigado a seguir um mapa idiota prum povoado que eu nunca ouvi falar, tenho que descobrir um jeito de ler um diário

idiota…

O diário.

Tiro a mochila das costas pra pegar o diário. Ben disse que ali estavam todas as respostas, então talvez estejam mesmo. Só que…

Dou um longo suspiro e abro o diário. Está todo escrito, cheio de palavras, tudo na letra da minha mãe, páginas e páginas e páginas, e eu…

Bom, não importa. Volto pro mapa, pro que Ben escreveu no verso, a primeira vez que consigo dar uma olhada numa luz decente, sem ser da lanterna, que não é muito boa pra ler. As palavras de Ben estão enfileiradas no alto. *Vá para* são as primeiras, essas são as primeiras com certeza, depois tem algumas maiores que eu não tenho tempo pra ler, e depois uns parágrafos grandes que eu não tenho tempo *mesmo*, mas lá embaixo, no final, Ben sublinhou uma frase.

Olho pra garota, ainda se balançando, e viro de costas pra ela. Ponho o dedo embaixo da primeira palavra sublinhada.

Vamos ver. *Voce? Você*, só pode ser *você*. *Você.* Está bem, eu o quê? *P? Preci? Precica? Você precica? Você precica?* Que diabos isso significa? *Al. Al. Aler? Aleralos? Você precica aleralos?* Não, espera, tem um traço. É *alerá-los*. É isso, *alerá-los*, idiota.

Mas *Você precica alerá-los*?

Hein?

Lembra que eu disse que Ben tentou me ensinar a ler? Lembra que eu disse que não era muito bom nisso? Então…

Então, né.

Você precica alerá-los.

Idiota.

Olho pro diário outra vez e vou passando as folhas. Muitas delas, muitas e muitas mais, todas cobertas de palavras em tudo quanto é pedaço, todas elas me dizendo nada, sem me dar nenhuma resposta.

M de livro idiota.

Guardo o mapa onde estava antes, fecho a capa com raiva e jogo o livro no chão.

Seu *idiota.*

— M de livro idiota! — reclamo, dessa vez bem alto, chutando ele pra umas samambaias.

A garota continua se balançando pra frente e pra trás, pra frente e pra trás, e eu sei, eu sei, tá bom?, eu *sei*, mas isso está começando a me irritar. Porque se chegamos num beco sem saída, não tem mais nada que eu possa fazer por ela, e ela também não está fazendo nada por mim.

Meu Ruído começa a crepitar.

— Eu não pedi pra passar por isso, sabia? — digo. Ela nem olha. — Ei! Estou falando com você!

Mas nada. Nada, nada, nada.

— EU NÃO SEI O QUE FAZER! — grito, e começo a pisar forte de um lado pro outro, e grito até ficar rouco. — EU NÃO SEI O QUE FAZER! EU NÃO SEI O QUE FAZER! — Viro pra ela. — EU SINTO MUITO. Sinto muito que isso tenha acontecido com você, mas eu não sei o que fazer E QUER FAZER O FAVOR DE PARAR DE BALANÇAR?

— Gritando, Todd — Manchee late.

— Aaaahh! — grito de novo.

Cubro o rosto com as mãos. Quando baixo os braços, nada mudou. Taí um negócio que estou aprendendo sobre ser jogado no mundo por conta própria: ninguém faz *nada* por você. Se você não muda as coisas, elas não mudam.

— A gente tem que ir — digo, pegando a mochila, todo raivoso. — Você ainda não pegou o germe, então é só não ficar muito perto de mim. Não dá pra ter certeza, mas é o que a gente pode fazer, então é isso aí.

Balança, balança, balança.

— Não dá pra voltar, então vamos em frente e pronto.

Ainda balançando.

— Eu SEI que você tá me OUVINDO!

Ela nem pisca.

De repente, me sinto cansado de novo.

— Então tá. — Suspiro. — Tá bem, fica aqui se balançando, quem se importa? Quem se importa com qualquer coisa?

Então vejo o diário no chão. Troço idiota. Mas é o que eu tenho, então pego ele de volta, guardo no saco plástico e devolvo pra mochila.

— Vamos lá, Manchee.

— Todd?! — ele late, olhando pra mim e pra garota, pra mim e pra garota. — Não pode, Todd!

— Ela pode vir, se quiser, mas…

Na verdade, nem sei o que seria o *mas*. *Mas* e se ela quiser ficar aqui e morrer sozinha? *Mas* e se ela quiser voltar e ser pega pelo Prentiss Jr.? *Mas* e se ela quiser correr o risco de pegar o germe do Ruído de mim e morrer por causa disso?

Que mundo ridículo.

— Ei — digo, tentando soar menos raivoso, mas meu Ruído está tão furioso que nem faz muito sentido. — Você sabe pra onde a gente estava indo, não sabe? Na direção do rio que passa entre as montanhas. Chegando lá, é só seguir o rio direto até chegar no tal povoado, tá certo?

Talvez ela esteja me ouvindo, talvez não.

— Vou ficar de olho em você — digo. — Entendo você não querer chegar perto demais, mas vou ficar de olho.

Fico ali parado, esperando, pra ver se ela entende.

— Bom, foi legal conhecer você.

E vou embora. Quando chego no grande aglomerado de arbustos, viro pra trás, dando uma última chance pra ela. Mas nada mudou, ela continua só se balançando sem parar.

Então é isso. Vou embora, Manchee atrás de mim meio em dúvida, olhando pra trás sempre que pode, latindo meu nome o tempo inteiro.

— Todd! Todd! Embora, Todd? Todd! Não pode, Todd!

Quando não aguento mais, dou um tapa no traseiro dele.

— Ai, Todd?

— Não sei, Manchee, então para de perguntar.

Vamos andando entre as árvores pra parte que o solo fica seco, de volta pra clareira, e subimos de novo o pequeno penhasco onde comemos o café da manhã e olhamos como o dia estava bonito e eu cheguei à brilhante conclusão que a garota ia morrer.

Onde ela deixou a bolsa.

— Mas que *droga*!

Quando eu olho praquilo, é uma coisa atrás da outra. É aquilo: será que eu levo pra ela? Ou deixo aqui e torço pra ela encontrar? Vou colocar ela em perigo se fizer isso? Vou colocar ela em perigo se *não* fizer?

O sol agora está bem alto, o céu azulado como carne fresca. Com as mãos na cintura, dou uma olhada em volta, como os homens fazem quando estão pensando. Olho para o horizonte, depois pro caminho por onde a gente veio. A névoa já foi quase toda desfeita pelo calor e a floresta inteira do pântano está banhada pelo sol. Daqui do alto do penhasco dá pra ver toda a área, todo o caminho que a gente andou até não sentir mais os pés. Se o céu estivesse mais limpo e eu tivesse um binóculo bom, provavelmente daria pra ver até a cidade.

Um binóculo bom.

A bolsa dela ali no chão.

Estou indo pegar a bolsa quando tenho a impressão que ouvi alguma coisa. Tipo um sussurro. Meu Ruído dá um salto e eu olho em volta pra ver se a garota resolveu me seguir, no fim das contas. Fico mais aliviado do que quero admitir.

Mas não é a garota. E eu ouço aquilo de novo. Um sussurro. Mais de um. Como se o vento estivesse carregando sussurros com ele.

— Todd? — Manchee diz, farejando o ar.

Aperto os olhos por causa da luz do sol pra olhar pro pântano lá atrás.

Tem alguma coisa lá?

Pego a bolsa da garota e procuro o binóculo. Tem todo tipo de coisa legal ali dentro, mas pego só o binóculo.

Só pântano, é só o que eu vejo, o alto das árvores, pequenas áreas alagadas, o ponto que o rio começa a se formar. Baixo o binóculo pra dar uma olhada nele. É cheio de botãozinho. Aperto alguns e percebo que posso trazer tudo pra mais perto ainda. Faço isso algumas vezes e agora tenho certeza dos sussurros. Certeza.

Encontro o rasgo no pântano que é a vala, a nave destruída da garota, mas ali não tem nada além do que já vimos. Olho por cima do binóculo, achando que vi algum movimento. Volto a colocar no rosto e viro pra observar um local mais perto, onde algumas árvores farfalham.

Mas é só o vento, não é?

Examino a paisagem de um lado pro outro, apertando botões pra aproximar e afastar a imagem, mas volto algumas vezes pra aquelas árvores. Até que meu olhar para ali, o binóculo apontado prum espaço meio aberto, tipo uma trilha entre onde eu estou e elas.

Mantenho o binóculo ali.

Mantenho o binóculo vigiando, minhas entranhas se retorcendo porque talvez eu esteja ouvindo uns sussurros, talvez não.

Continuo olhando.

Até que o farfalhar das árvores chega na clareira e eu vejo o prefeito em pessoa vindo a cavalo, e com ele outros homens, também a cavalo.

E eles estão vindo pra cá.

12

A PONTE

O PREFEITO**.** Não só o filho dele, mas o *prefeito* mesmo. Com o chapéu limpo, o rosto limpo, as roupas limpas, as botas brilhando e uma pose empertigada. Nós não vemos muito ele em Prentisstown, não mais, a não ser os poucos homens do seu círculo íntimo, mas quando ele aparece, mesmo por um binóculo, está sempre assim. Como se ele soubesse cuidar de si mesmo e você não.

Aperto mais alguns botões até estar o mais próximo possível. São cinco homens. Não, seis. São os que você ouve fazendo aqueles exercícios bizarros na casa do prefeito. EU SOU O CÍRCULO E O CÍRCULO SOU EU, esse tipo de coisa. Vejo o sr. Collins, o sr. MacInerny, o sr. O'Hare e o sr. Morgan, todos a cavalo também, o que já é outra coisa rara de ver, porque é difícil manter cavalos vivos aqui no Novo Mundo e o prefeito guarda o rebanho pessoal dele com um monte de homens armados.

E ali está o maldito Prentiss Jr., cavalgando do lado do pai, com um olho roxo onde Cillian o acertou. Legal.

Então eu entendo o que isso significa. Que o que aconteceu na fazenda, e eu não sei o que foi, está definitivamente acabado. O que quer que tenha acontecido com Ben e com Cillian está acabado. Abaixo o binóculo um segundo e engulo em seco para afastar esse pensamento.

Olho de novo. Eles pararam e estão conversando, de vez em quando consultam um papel grande que deve ser um mapa muito melhor que o meu e que…

Ah, cara.

Ah, cara, só pode ser *brincadeira*.

Aaron.

Aaron aparece do meio das árvores, a pé.

O maldito idiota imbecil de M do Aaron.

A cabeça dele está toda enrolada com atadura e mesmo assim ele anda de lá pra cá, atrás do prefeito, agitando as mãos no ar como se estivesse pregando, mesmo parecendo que não tem ninguém escutando.

COMO? Como ele pode estar vivo? Mas esse maldito nunca vai *MORRER*?

A culpa é minha. Minha. Porque eu sou um M de um covarde. Sou um covarde fraco e idiota e por minha causa Aaron está vivo e por causa disso ele está conduzindo o prefeito pelo maldito pântano atrás da gente. Porque eu não matei ele, ele está vindo me matar.

Meu estômago revira. Eu me curvo pra frente e aperto a barriga, gemendo. Meu sangue está tão pesado que ouço os passos lentos de Manchee não muito longe.

— A culpa é minha, Manchee — digo. — Eu que causei isso.

— Sua culpa — diz ele, confuso e só repetindo o que eu disse, mas ele acerta na mosca, não?

Me forço a olhar no binóculo outra vez e vejo o prefeito chamar Aaron. Desde que os homens se tornaram capazes de ouvir pensamentos, Aaron acha que os animais são impuros e não chega perto deles, por isso o prefeito precisa insistir um pouco até Aaron ir até ele, olhar o mapa. O prefeito faz uma pergunta a ele.

E Aaron olha pra cima.

Ele olha pro céu através das árvores.

Olha pra cá, pro alto da colina.

Olha pra mim.

Ele não pode me ver. Não é possível. Ou é? Não, ele não tem como me ver sem um binóculo como o da garota, e nenhum dos homens está de binóculo, aliás eu nunca vi *nada* assim em Prentisstown. Não pode ser. Ele não pode me ver.

Mas, como uma grande criatura impiedosa, ele levanta o braço e aponta, aponta bem pra mim, como se eu estivesse sentado na frente dele numa mesa.

Saio correndo sem pensar. Desço o penhasco e vou na direção da garota, já levando a mão às costas e sacando a faca, Manchee latindo frenético atrás de mim. Me enfio entre as árvores ainda descendo e passo pelo grande emaranhado de arbustos e a garota continua sentada na pedra, mas pelo menos ela olha pra mim quando chego correndo.

— Vem! — eu digo, segurando o braço dela. — Temos que ir!

Ela puxa o braço, mas eu não solto.

— Não! — grito. — Temos que ir! AGORA!

Ela começa a me bater com os punhos, me acertando algumas vezes no rosto.

Mas eu não solto.

— ME OUVE! — digo, e mostro meu Ruído pra ela.

Ela me bate mais uma vez, mas depois vê no meu Ruído, vê as imagens do que está esperando a gente no pântano. Ou melhor, do que *não* está esperando, do que está fazendo todo esforço pra vir nos pegar. Aaron, que não morre, que dedica seus pensamentos a nos encontrar e dessa vez veio acompanhado de homens a cavalo. Que correm bem mais que nós.

O rosto da garota se contorce, como se ela estivesse sentindo a pior das dores, e ela abre a boca como se fosse gritar, mas não sai nada. Nada ainda. Nenhum Ruído, nenhum som, nada de nada sai dela.

Eu não entendo mesmo.

— Não sei o que tem lá na frente — digo. — Não sei nada de nada, mas seja o que for, só pode ser melhor que o que está atrás. *Tem* que ser.

Enquanto digo isso, a expressão dela muda, desanuvia, fica quase inexpressiva outra vez, e ela aperta os lábios.

— Ir! Ir! Ir! — Manchee late.

Ela estende a mão, pedindo a bolsa, e eu entrego. A garota então levanta, guarda o binóculo, joga a bolsa no ombro e olha bem nos meus olhos.

— Então tá — digo.

Aí eu saio correndo a toda velocidade na direção do rio pela segunda vez em dois dias, Manchee comigo de novo e, dessa vez, com uma garota atrás de mim.

Quer dizer, na maior parte do tempo ela vai na minha *frente*, ela é bem rápida, sério.

Subimos a colina e descemos pelo outro lado, e é aqui que os últimos resquícios do pântano começam a desaparecer de vez, dando lugar a uma floresta comum. O chão fica muito mais firme, então é mais fácil de correr, e ele mais desce que sobe, o que pode ser a primeira sorte que nós temos. No caminho, é possível ter alguns vislumbres do rio de verdade, à nossa direita. A mochila bate nas minhas costas enquanto eu corro, e estou ofegante.

Mas estou com minha faca.

Eu juro. Juro aqui e agora, diante de Deus ou o que for, que, se eu ficar cara a cara com Aaron mais uma vez, vou matar ele. Não vou hesitar outra vez. Não vou. Juro pra você.

Vou matar Aaron.

Vou matar ele com certeza.

Espera só pra ver.

O chão fica um pouco mais íngreme, e passamos por árvores mais cheias de folhas e nos aproximamos do rio pela primeira vez pra, em seguida, nos afastar dele, e isso acontece repetidas vezes enquanto avançamos. Manchee está sem ar, a língua pra fora, pendendo, balançando. Meu coração pulsa um milhão de batidas por segundo e minhas pernas parecem que vão cair, mas mesmo assim continuamos correndo.

Quando a gente chega perto da água mais uma vez, eu grito:

— Espera!

A garota para, já bem na frente. Corro até a beira do rio, dou uma olhada rápida pra ver se tem crocos, aí então me abaixo e pego água com as mãos, várias vezes. Tem um gosto mais doce que o normal. Quem sabe o que tem nessa água, vinda do pântano, mas tenho que beber. Sinto o silêncio da garota se agachando do meu lado, e ela bebe também. Me afasto um pouco. Manchee bebe sua cota, e dá pra ouvir todos nós tentando recuperar o fôlego entre um gole e outro.

Olho pra onde estamos indo e seco a boca. A margem do rio começa a ficar rochosa e íngreme demais, e vejo uma trilha subindo por ela, seguindo pelo alto do desfiladeiro.

Caramba.

Uma trilha. Alguém abriu uma *trilha*.

A garota olha também. A trilha sobe e segue o rio abaixo, que desce pela encosta e fica mais fundo e mais rápido, formando corredeiras. Alguém *fez* essa trilha.

— Só pode ser o caminho até o outro povoado. Tem que ser.

É quando eu ouço cascos de cavalo ao longe. Ainda baixo, mas vindo.

Não digo mais nada, porque já estamos de pé e subindo a trilha correndo. O rio vai se afastando lá embaixo e a montanha maior começa a aparecer do outro lado dele. Nessa margem, vejo o começo de uma floresta densa surgir no alto dos desfiladeiros. É óbvio que a trilha foi aberta pros homens poderem seguir o rio.

Quanto à largura, dá pra passar de cavalo por aqui fácil. Cinco ou seis, até, talvez mais.

Não é uma trilha, eu vejo agora. É uma *estrada*.

Nós a percorremos voando as tantas curvas, a garota na frente, eu atrás, Manchee por último.

De repente, eu dou um encontrão na garota e quase jogo ela pra fora da trilha.

— O que você está fazendo?! — grito, segurando os braços dela pra impedir que a gente caia do penhasco e ao mesmo tempo tomando cuidado com a faca pra não matar ela sem querer.

Então eu vejo o que houve.

Uma ponte, bem na nossa frente. Leva de um penhasco a outro, cruzando o rio, que corre uns trinta ou quarenta metros abaixo. A estrada ou trilha ou sei lá o que termina na ponte, e do outro lado é só rocha e floresta densa. Não tem pra onde ir além da ponte.

As primeiras sombras de uma ideia começam a se formar.

O barulho de cascos dos cavalos está mais alto. Quando olho pra trás, vejo nuvens de poeira subindo do caminho por onde o prefeito está vindo.

— Vamos!

Passo correndo pela garota, tentando chegar na ponte o quanto antes. Então descemos depressa pela trilha do topo do penhasco, também levantando poeira, e as orelhas de Manchee chegam até a ser sopradas pra trás, correndo a toda. Alcançamos a ponte e é muito mais que uma ponte de pedestres, tem pelo menos dois metros de largura. Parece meio feita de cordas amarradas em estacas de madeira cravadas na rocha dos dois lados, e tábuas estreitas ao longo de todo o percurso até o outro lado.

Testo a firmeza com o pé, mas é tão sólida que nem se mexe. Mais do que o suficiente para aguentar meu peso, o da garota e o de um cachorro.

Na verdade, mais que suficiente para aguentar o peso de homens a cavalo que quisessem atravessá-la.

Quem construiu isso, fez pra durar.

Eu olho pra baixo, na direção do rio, pro caminho por onde a gente veio. Então tem mais poeira, mais barulho de cascos de cavalo e os sussurros do Ruído dos homens a caminho. Acho que ouço um jovem Todd, mas é imaginação minha, porque Aaron deve estar muito atrás, vindo a pé.

Mas eu vejo o que eu quero ver: essa ponte é o único jeito de atravessar o rio, desde lá atrás, de onde viemos, até onde a vista alcança, alguns por quilômetros à nossa frente.

Talvez a sorte esteja de novo ao nosso lado.

— Vamos lá — digo.

Atravessamos a ponte bem rápido, e ela é tão bem-feita, as tábuas tão juntinhas, que nem se vê uma brecha. Nem parece que saímos da trilha em solo firme. Quando a gente chega do outro lado, a garota para e vira pra mim, sem dúvida vendo minha ideia no meu Ruído e já esperando eu colocar aquilo em prática.

Ainda estou com a faca. É poder o que tenho na mão.

Talvez eu possa finalmente fazer alguma coisa útil com ela.

Dou uma avaliada no local onde essa extremidade da ponte está amarrada nas estacas. A faca tem um temível gume serrilhado em parte da lâmina, então escolho o nó que parece mais mole e começo a serrar.

Eu serro e serro.

As batidas dos cascos ficam mais altas, ecoando pelo desfiladeiro.

Mas se de repente *não tivesse* uma ponte…

Serro um pouco mais.

E mais.

E mais.

Não está adiantando nada.

— Mas que inferno! — reclamo, conferindo a corda.

Não tem nem um arranhão ali. Toco o serrilhado da faca, que espeta meu dedo, sangra na hora. Então olho pra corda com mais atenção. Parece que tem alguma resina fina.

Alguma droga de resina resistente que nem aço e que não deixa a corda ser cortada.

— Não acredito nisso — digo, olhando pra garota.

Ela está olhando pelo binóculo pro caminho que segue pelo rio.

— Está vendo eles?

Olho pro rio e nem preciso de binóculo. Vejo eles se aproximando com meus próprios olhos. Pequenos, mas crescendo e sem diminuir a velocidade, os cascos trovejando como se não houvesse amanhã.

Temos três minutos. Talvez quatro.

Droga.

Começo a serrar outra vez, com toda a força e rapidez, forçando meu braço pra frente e pra trás, o suor brotando pelo meu corpo inteiro e dores novas nascendo pra fazer companhia às velhas. Eu serro serro serro, gotas de suor caindo da ponta do meu nariz na faca.

— Vai, vai — imploro com os dentes cerrados.

Paro. Consegui romper um pedacinho de nada de resina de um nozinho de nada numa M de ponte enorme.

— Porcaria! — exclamo com rispidez.

Serro um pouco mais e mais e mais. E mais e mais ainda, meus olhos ardendo do suor que escorre.

— Todd! — Manchee late, seu tom de alarde se espalhando por todo o lugar.

Serro mais. E mais.

Mas a única coisa que acontece é que a faca fica presa, e eu bato com os nós dos dedos na estaca, e eles ficam ensanguentados.

— PORCARIA! — grito, atirando a faca no chão. Ela quica e vai parar bem nos pés da garota. — MAS QUE GRANDE PORCARIA!

Porque já era, não?

É o fim.

Nossa única chance idiota que nunca foi chance nenhuma.

Não temos como correr mais rápido que os cavalos e não temos como cortar essa megaponte idiota, vamos ser pegos, Ben e Cillian morreram e vão nos matar também, e o mundo vai acabar e fim.

Uma vermelhidão surge no meu Ruído. É diferente de tudo que eu já senti, repentino e bruto, como se estivessem me marcando por dentro com um ferro em brasa, uma vermelhidão brilhante e ardente que carrega tudo que já me machucou e continua a machucar, uma fúria turbulenta da falsidade, da injustiça e das mentiras.

E tudo isso se junta em *uma* coisa.

Quando meus olhos encontram os da garota, ela dá um passo pra trás, de tão forte.

— *Você* — digo, e ninguém vai me fazer parar. — Isso é tudo culpa *sua*! Se você não tivesse aparecido naquela porcaria de pântano, nada disso teria acontecido! Eu estaria EM CASA agora! Cuidando das minhas ovelhas idiotas e vivendo na minha casa idiota e dormindo na M DA MINHA CAMA IDIOTA!

Só que eu não digo só a letra M.

— Mas não, NÃO! — continuo, gritando cada vez mais. — VOCÊ tinha que aparecer! VOCÊ e seu SILÊNCIO! E todo o mundo fica um CAOS!

Só me dou conta que estou indo até ela quando ela recua. Mas a garota continua só me olhando.

E eu não escuto porcaria nenhuma.

— Você não é NADA! — grito, avançando mais. — NADA! Você não passa de um VAZIO! Não tem nada dentro de você! Você é VAZIA e não é NADA e nós dois vamos morrer POR NADA!

Fecho a mão com tanta força que dói. Estou tão furioso, meu Ruído tão alto, tão *vermelho*, que tenho que bater nela, tenho que acabar com ela, tenho que DESTRUIR esse maldito silêncio antes que ele ME DEVORE E DEVORE TODA ESSA M DE MUNDO!

Dou um soco forte no meu próprio rosto.

E mais um, dessa vez no olho que Aaron deixou inchado.

E um terceiro, reabrindo o corte na boca que Aaron fez ontem de manhã.

Seu *burro*, seu *burro inútil*!

Mais um soco, com tanta força que perco o equilíbrio. Caio, me apoiando nas mãos, e cuspo sangue no chão.

Levanto os olhos pra garota, arfando.

Nada. Só me olhando e nada.

Eu e ela olhamos na direção do rio. Eles chegaram no trecho que dá pra ver a ponte com clareza. Que dá pra ver *a gente* com clareza. Agora conseguimos ver

o rosto dos homens que cavalgam. Ouvimos a bagunça do Ruído deles, que atravessa rápido o rio e chega até nós. Quem lidera o grupo é o sr. MacInerny, o melhor cavaleiro do prefeito. O prefeito vem atrás dele, cheio de calma, como se isso não passasse de um passeio dominical.

Temos um minuto, provavelmente menos.

Viro de volta pra garota, tentando levantar, mas estou muito cansado. Muito, muito cansado.

— A gente pode muito bem correr — digo, cuspindo sangue. — Podemos pelo menos tentar.

Vejo o rosto dela mudar.

Ela abre a boca, arregala os olhos e de repente puxa a bolsa pra frente e enfia a mão nela.

— O que você tá fazendo? — pergunto.

Ela pega a caixa de fogueira e olha em volta, até que eu percebo quando ela vê uma pedra de tamanho bom. Ela põe a caixa no chão e ergue a pedra.

— Não, espera, isso pode…

Ela acerta a caixa com a pedra, e a caixa se abre. Então ela pega a caixa do chão e torce com força, pra abrir, e começa a vazar um líquido de dentro. A garota vai até a ponte e começa a jogar o líquido nos nós da estaca mais próxima, sacudindo até caírem as últimas gotas, que formam uma poça no chão.

Eles tão chegando na ponte, tão chegando chegando chegando…

— Depressa! — digo.

A garota faz um gesto preu me afastar. Recuo um pouco, pegando Manchee pelo pescoço e puxando ele junto. A garota também se afasta, fica o mais longe que dá pra ainda ficar segurando os restos da caixa, e aperta um botão. Ouço um clique. Ela joga a caixa e pula pra trás.

Os cavalos chegam na ponte…

A garota aterrissa quase em cima de mim, e vemos a caixa de fogueira cair…

Cair…

Cair…

Na direção da pocinha, ainda com o som de clique…

O cavalo do sr. MacInerny pisa na ponte, está vindo pra cá…

A caixa de fogueira cai na poça…

Um último clique…

E…

VUUUUUUUF!!!!

O ar é sugado do meu peito quando uma bola de fogo MUITO maior do que eu podia esperar daquele tantinho de líquido abafa os sons no mundo por um segundo, e então…

BUM!!!!!!

A explosão arranca as cordas e as estacas, criando uma chuva de lascas de madeira em chamas e se sobrepondo a todos os pensamentos, Ruídos e sons. Quando a gente consegue abrir os olhos outra vez, a ponte já está em chamas e começa a pender prum lado. O cavalo do sr. MacInerny refuga e cambaleia, tentando voltar e dando com outros quatro ou cinco cavalos que chegam a toda.

As chamas rugem com um verde estranho e intenso, e de repente o calor é insuportável, como a pior queimadura de sol, e começo a ter medo que a gente vá pegar fogo também quando vejo essa parte da ponte despencar de vez, levando com ela o sr. MacInerny e seu cavalo. Conseguimos sentar e vemos os dois caírem no rio lááááá embaixo, uma altura muito grande para conseguir sobreviver. A ponte continua presa do outro lado e bate no penhasco, mas queima com tanta intensidade que não vai demorar muito pra tudo virar cinzas. O prefeito, Prentiss Jr. e os outros são obrigados a recuar.

A garota se afasta de mim, rastejando, e ficamos ali só respirando e tossindo, esperando passar o espanto.

Caramba.

— Você está bem? — pergunto a Manchee, que ainda estou segurando.

— Fogo, Todd! — ele late.

— É. — Eu tusso. — Dos grandes. E *você*? Está bem? — pergunto pra garota, que agora está sentada, ainda tossindo. — Cara, o que tinha dentro daquela coisa?

Mas é claro que ela não responde.

— TODD HEWITT! — ouço do outro lado do desfiladeiro.

É o prefeito, gritando as primeiras palavras que já disse pra mim, de trás de uma cortina de fumaça e calor que faz ele parecer todo ondulado.

— Isso não termina aqui, jovem Todd! — ele grita, mais alto que o crepitar da ponte em chamas e que o rugido do rio correndo lá embaixo. — Não mesmo.

Ele está calmo, ainda limpo, o maldito, com aquela cara de que nunca que ele não vai conseguir o que quer.

Eu levanto e mostro o dedo pra ele, mas o prefeito já está dando meia-volta e logo some de vista, engolido pelas grandes nuvens de fumaça.

Eu tusso e cuspo sangue.

— Temos que ir — digo, tossindo mais um pouco. — Eles podem dar a volta, ou sei lá se não tem outro jeito de atravessar o rio, mas não quero esperar pra descobrir.

Vejo a faca no meio de toda aquela poeira. A vergonha chega num pulo, como uma dor completamente nova. E tudo que eu disse… Pego a faca e guardo na bainha.

A garota continua de cabeça baixa, tossindo. Apanho a bolsa pra ela.

— Vamos. Nem que seja pra sair dessa fumaça.

Ela olha pra mim.

Eu olho pra ela.

Meu rosto queima, e não é do calor.

— Desculpa.

Desvio o olhar, evitando os olhos e o rosto dela, vazios e silenciosos como sempre.

Sigo na direção da trilha.

— Viola — ouço.

Viro na hora.

— O quê?

Ela está olhando pra mim.

Está abrindo a boca.

Falando.

— É o meu nome — diz ela. — Viola.


PARTE III

13

VIOLA

NÃO DIGO NADA por um minuto. Nem ela. O fogo queima, a fumaça sobe, Manchee está com a língua pendurada, atônito e sem fôlego, até que, finalmente, eu repito:

— Viola.

Ela faz que sim, confirmando.

— Viola — digo de novo.

Dessa vez ela não faz nada.

— O meu é Todd.

— Eu sei.

Ela não me olha no olho.

— Então você sabe falar? — pergunto, mas ela só olha pra mim muito rápido.

Eu viro pra ponte que ainda queima, pra fumaça que vira uma névoa entre a gente e o outro lado do rio, e não sei se isso me faz sentir mais seguro ou não, não sei se não ver o prefeito e os homens dele é melhor que ver.

— Isso foi… — começo, mas ela já está levantando e estendendo a mão pra mim.

Só agora eu percebo que ainda estou segurando a bolsa. Devolvo pra ela.

— Temos que continuar andando — diz a garota. — Pra longe daqui.

O sotaque dela é engraçado, diferente do meu, diferente do de qualquer um em Prentisstown. A boca dela faz uns contornos diferentes nas letras, como se desse forma a elas à força, obrigando a dizer o que devem dizer. Em

Prentisstown, todo mundo fala como se espreitasse as próprias palavras, como se fossem atacar elas com um porrete pelas costas.

Manchee está simplesmente espantado com a garota.

— Longe — ele repete baixinho, olhando fixo pra ela como se fosse comida.

Eu podia aproveitar esse momento pra começar a fazer perguntas, tipo, agora que ela está falando, eu podia sair perguntando tudo que me vier na cabeça sobre quem ela é, de onde ela vem, o que aconteceu, e as perguntas estão no meu Ruído todo, voando pra cima dela como balas, mas é tanta coisa querendo sair da minha boca que acaba não saindo nada, então minha boca não mexe, e ela vai lá e coloca a bolsa no ombro, ainda olhando pro chão, e sai andando, passa por mim e por Manchee e segue na direção da trilha.

— Ei — chamo.

Ela para e vira.

— Me espera.

Pego a mochila. Apalpo a faca, na bainha, nas minhas costas. Ajeito a mochila no ombro.

— Vamos lá, Manchee.

E a gente segue pra trilha também, atrás da garota.

Desse lado do rio, a trilha faz uma leve curva, se afastando da beira do penhasco na direção do que parece uma paisagem de moitas e arbustos e seguindo pra longe da montanha maior, que está na nossa esquerda.

Quando a trilha faz uma curva, nós dois paramos e olhamos pra trás ao mesmo tempo, sem dizer nada um pro outro. A ponte ainda está pegando fogo de um jeito inacreditável, pendurada da beira do penhasco como uma cachoeira em chamas depois que o fogo tomou conta de toda ela, raivoso e amarelo com um pouco de verde. A fumaça é tão pesada que a gente ainda não sabe o que o prefeito e seus homens estão fazendo, ou o que fizeram, se foram embora ou se estão esperando ou o quê. Talvez um sussurro de Ruído esteja chegando, mas também pode *não* chegar no meio desse barulho de fogo ardendo e madeira estalando e ainda tem a água correndo lá embaixo. Enquanto observamos, o fogo termina seu trabalho nas estacas e, com um estalo alto, a ponte em chamas cai, cai, cai, batendo na encosta e mergulhando no rio, produzindo mais nuvens de fumaça e vapor, deixando tudo em volta ainda mais enevoado.

— O que tinha dentro daquela caixa? — pergunto pra garota.

Ela olha pra mim e abre a boca, mas logo fecha outra vez e vira de volta pra trilha.

— Relaxa — digo. — Não vou te fazer mal.

Ela olha pra mim de novo, e meu Ruído está cheio de imagem de poucos minutos atrás, quando eu *ia* fazer mal a ela, quando eu ia…

Enfim.

Não dizemos mais nada. Ela volta pra trilha, e eu e Manchee seguimos pelo meio dos arbustos.

Saber que ela fala não ajuda em nada com o silêncio. Saber que ela tem palavras na cabeça não significa nada se você só ouve quando ela fala. Olhando pra parte de trás da cabeça dela enquanto ela anda, ainda sinto meu coração chamando seu silêncio, ainda sinto que perdi alguma coisa terrível, tão triste que me dá vontade de chorar.

— Chorar — Manchee late.

A cabeça dela só continua andando.

A trilha ainda é bem larga, larga o suficiente pra cavalos, mas o terreno em volta está ficando mais rochoso, o caminho com mais curvas. Ouvimos o rio lá embaixo na nossa direita, mas parece que estamos indo um pouco pra longe dele, entrando numa área que parece quase cercada de muros, paredes de rochas às vezes dos dois lados, como se a gente estivesse andando dentro de uma caixa. Uns pinheirinhos pontiagudos crescem nas fendas, e trepadeiras amarelas com espinhos se enroscam nos troncos, e dá pra ver e ouvir lagartos-navalha amarelos sibilando quando a gente passa. Morder!, eles dizem, como ameaça. Morder! Morder! Qualquer coisa que você tocasse aqui ia te cortar.

Depois de uns vinte ou trinta minutos, a trilha alarga, e voltam a aparecer umas árvores de verdade, e a floresta parece que vai recomeçar, e tem capim e pedras baixas que dá pra sentar. E é isso que a gente faz. Sentamos.

Pego carne-seca de carneiro da mochila e com a faca corto umas tiras pra mim, Manchee e a garota. Ela aceita sem dizer nada, e ficamos ali sentados, calados, meio longe, comendo.

Eu sou Todd Hewitt, penso, fechando os olhos e mastigando, com vergonha agora que sei que ela ouve o meu Ruído, agora que sei que ela pode pensar nele.

Pensar em segredo.

Eu sou Todd Hewitt.

Vou ser homem daqui a vinte e nove dias.

É verdade, me dou conta, abrindo os olhos. O tempo continua passando, mesmo quando você não está olhando.

Dou mais uma mordida.

— Nunca ouvi o nome Viola antes — digo depois de um tempo, olhando pro chão, pra tira de carne.

Ela não diz nada, então eu olho pra ela mesmo sem querer.

E ela está olhando pra mim.

— Que foi? — pergunto.

— Seu rosto.

— O que que tem meu rosto?

Ela fecha as mãos e imita alguém se socando.

Sinto que fico vermelho.

— Ah, pois é…

— E de antes. De…

Ela não diz.

— Aaron — completo.

— Aaron — Manchee late, e a garota se encolhe um pouco.

— Era o nome dele. Não era?

Faço que sim, mastigando.

— Aham. É o nome dele.

— Ele nunca disse. Mas eu sabia.

— Bem-vinda ao Novo Mundo.

Dou mais uma mordida, rasgando com os dentes um naco bem duro de carne, e acabo mordendo um dos muitos pontos doloridos na minha boca.

— Ai!

Cuspo a carne junto com um monte de sangue.

A garota, quando vê isso, deixa a comida de lado e pega a bolsa. Ela encontra uma caixinha azul um pouco maior que a verde que fazia fogo, aperta um botão na frente pra abrir e pega um negócio branco que parece um lenço de plástico e uma faquinha de metal. Ela vem trazendo os dois pra perto de mim.

Ainda estou sentado, mas me inclino pra trás quando ela tenta tocar meu rosto.

— Curativos — diz ela.

— Eu tenho os meus.

— Esses são melhores.

Eu me afasto ainda mais.

— O seu… — tento dizer, soltando o ar pelo nariz. — O seu silêncio meio que…

— Incomoda?

— É.

— Eu sei. Parado.

Ela olha mais de perto a área em volta do meu olho inchado e depois corta um pedaço de atadura com a lâmina. Ela ia botar aquilo no meu olho, mas eu me afasto, não consigo evitar. Ela não diz nada, só continua com as mãos pra cima, parece que está esperando. Então eu respiro fundo, fecho os olhos e ofereço o rosto.

Sinto o curativo tocar a área inchada, que na mesma hora fica mais fria e a dor começa a aliviar, como se fossem penas varrendo ela embora. A garota põe outro curativo num corte no comecinho do couro cabeludo, e os dedos dela roçam no

meu rosto quando ela põe outro logo embaixo da minha boca. É tudo tão gostoso que eu nem abri os olhos.

— Não tenho nada pros seus dentes — ela diz.

— Tudo bem — digo, quase sussurrando. — Cara, esses são *bem* melhores que os meus.

— São semivivos — ela explica. — Tecido humano sintético. Depois que você cicatriza, eles morrem.

— Aham — digo, como se eu soubesse do que ela tá falando.

Tem um silêncio mais longo, longo o suficiente pra fazer com que eu abra os olhos novamente. Ela se afastou, até uma pedra onde dá pra sentar, e dali ela me olha, olha meu rosto.

Esperamos. Porque parece que é o que temos que fazer.

E é mesmo, porque depois de pouco tempo ela começa a contar.

— Nós caímos. — Ela começa falando baixo, olhando pro outro lado. Dá uma tossida e começa de novo: — Nós caímos. Houve um incêndio, e estávamos voando baixo. Achamos que fôssemos conseguir, mas alguma coisa deu errado com os dutos de segurança e… — Ela faz um gesto com as mãos abertas pra explicar o que vem depois do *e*. — Nós caímos.

— Aqueles dois eram seus pais? — pergunto depois de um tempinho.

Mas ela só olha pro céu azul e limpo, com nuvens que parecem ossos.

— Quando o sol nasceu, aquele homem apareceu.

— Aaron — digo.

— Foi tão estranho… Ele gritava, gritava e *ia embora*. E eu tentei fugir. — Ela cruza os braços. — *Continuei* tentando, para ele não me encontrar, mas eu estava andando em círculos e em todo lugar que eu me escondia, lá estava ele, não sei como. Até que encontrei aquelas coisas que parecem cabanas.

— As construções dos Spackle — digo, mas ela não presta muita atenção.

Ela olha pra mim de novo.

— Foi quando você chegou. Você e o cachorro que fala.

— Manchee! — Manchee late.

O rosto dela está pálido, e vejo que os olhos estão cheios dágua.

— Que lugar é esse? — ela pergunta, com a voz meio embargada. — Por que os animais falam? Por que eu ouço sua voz mesmo quando você está de boca fechada? E por que ela fica toda embolada, uma em cima da outra como se fossem nove milhões de você falando ao mesmo tempo? Por que eu vejo outras coisas quando olho para você? Por que eu via o que aquele homem…

Ela não termina. Ela puxa os joelhos pra junto do peito e abraça eles. Acho que é melhor eu falar logo, senão ela vai começar a se balançar outra vez.

— Somos colonos — digo. Ela ergue os olhos ao ouvir isso, ainda abraçando

os joelhos, mas pelo menos sem balançar. — *Éramos*. Viemos pra cá pra fundar o Novo Mundo, faz uns vinte anos. Mas tinha alienígenas aqui. Os Spackle. E eles… não queriam que a gente ficasse. — Estou contando o que todo garoto em Prentisstown sabe, a história que até um garoto burro da roça que nem eu sabe de cor. — Os homens tentaram fazer a paz por anos, mas os Spackles não queriam nem saber. E foi assim que a guerra começou.

Ela olha pra baixo de novo quando ouve a palavra *guerra*. Eu continuo falando.

— E o jeito que os Spackle lutavam era com germes e doenças, sabe? Eram as armas deles. Eles soltavam germes que faziam coisas. E um desses a gente acha que era pra matar todos os nossos animais de criação, mas acabou que só fez eles falarem. — Olho pra Manchee. — E não é tão divertido quanto parece. — Volto a olhar pra ela. — E outro germe foi o Ruído.

Eu espero. Ela continua calada, mas a gente meio que sabe o que vem por aí, porque já passamos por isso antes, não foi?

Respiro fundo.

— O Ruído matou metade dos homens e todas as mulheres, incluindo minha mãe, e fez os pensamentos dos homens que sobreviveram não serem mais segredo pra ninguém.

Ela esconde o queixo atrás dos joelhos.

— Às vezes eu ouço bem claro — ela diz. — Dá para saber exatamente o que você está pensando. Mas só às vezes. Na maior parte do tempo é só…

— Ruído — completo.

— É — ela diz. — E os alienígenas?

— Não tem mais nenhum.

— Entendi.

Ficamos ali ignorando o óbvio até não dar mais.

— Eu vou morrer? — ela pergunta baixinho. — Isso vai me matar?

As palavras saem com um som diferente no sotaque dela, mas continuam querendo dizer a mesma coisa, e o meu Ruído só consegue dizer *provavelmente*, mas dou um jeito da minha boca dizer:

— Não sei.

Ela só me olha.

— Não sei *mesmo* — digo, com uma quase sinceridade. — Se você tivesse me perguntado semana passada, eu teria certeza, mas hoje… — Olho pra minha mochila, pro livro escondido ali dentro. — Não sei. — Volto a encarar a garota. — Tomara que não.

Mas é provável, meu Ruído insiste. *Provavelmente você vai morrer*. E mesmo que eu tente cobrir isso com outro Ruído, é tão injusto que fica difícil não

aparecer bem na frente do resto.

— Sinto muito — digo.

Ela não diz nada.

— Mas talvez se a gente chegar no outro povoado… — Não termino a frase, porque não sei como ela termina. — Você ainda não tá doente. Já é alguma coisa.

— *Você precisa alertá-los* — diz a garota, com a cabeça enfiada entre os joelhos.

— O quê?

— Quando você estava tentando ler aquele livro…

— Eu não estava *tentando* — rebato, e minha voz sai um pouco mais alta de repente.

— Eu vi o que estava escrito naquele seu sei lá o quê. Era "Você precisa alertá-los".

— Eu sei! Eu sei o que está escrito.

Claro que é *Você precisa alertá-los*. Claro. Idiota.

— Você parecia que estava…

— Eu sei ler.

Ela levanta as mãos.

— Tudo bem.

— Eu sei, sim!

— Só estou dizendo que…

— Então *para* de só dizer.

Meu Ruído fica tão turbulento que faz Manchee levantar. Então eu levanto também. Pego a mochila e coloco nas costas.

— É melhor a gente ir andando.

— Alertar quem? — a garota pergunta, ainda sentada. — E sobre o quê?

Mas nem tenho a chance de responder (mesmo porque eu *não sei* a resposta) porque ouço um *clique* alto em algum lugar acima da gente, um clique meio metálico que em Prentisstown significaria apenas uma coisa.

Um rifle sendo engatilhado.

E tem mesmo uma pessoa no alto de um rochedo segurando um rifle recém-engatilhado com as duas mãos, fazendo mira e apontando pra gente.

— O que eu mais quero saber nesse momento — diz a voz que fala por trás da arma — é o que os dois filhotes acha que tá fazendo botando fogo na minha ponte.

14

O LADO ERRADO DE UMA ARMA

— ARMA! ARMA! ARMA! — Manche começa a latir, pulando de um lado pro outro no caminho de terra.

— Se eu fosse você, deixava seu animal calminho aí — o rifle diz. O rosto da pessoa está escondido atrás da mira. — Você não vai querer que aconteça nada com ele, né não?

— Quieto, Manchee! — ordeno.

Manchee vira pra mim.

— Arma, Todd? Bang, bang!

— Eu sei. Cala a boca.

Ele para de latir e fica quieto.

Tirando o meu Ruído, *tudo* fica quieto.

— Acho que fiz uma pergunta pros dois filhotes, não fiz? — diz a voz. — Cadê a minha resposta?

Olho pra trás, pra garota. Ela dá de ombros, mas agora eu vejo que estamos os dois com as mãos pro alto.

— O quê? — pergunto pro rifle.

O rifle dá um grunhido raivoso.

— Eu perguntei — repete — quem foi que deu o direito de sair explodindo a ponte dos outros?

Não digo nada. Nem a garota.

— Vocês acha que isso aqui é o quê, é *brinquedo*?

O rifle se mexe um pouquinho pra cima e pra baixo.

— Estavam perseguindo a gente — digo, por falta de outra coisa pra dizer.

— Perseguindo, ah foi? Quem é que tava perseguindo vocês?

Não sei o que responder. Será que a verdade seria mais perigosa que uma mentira? Será que o rifle está do lado do prefeito? Será que colocaram nossa cabeça a prêmio? Ou será que o homem do rifle nunca nem *ouviu falar* em Prentisstown?

O mundo é um lugar perigoso quando a gente não sabe muita coisa.

Por exemplo, por que está tudo tão quieto?

— Ah, sim, já ouvi falar de Prentisstown — o rifle diz, lendo meu Ruído com uma clareza inquietante e engatilhando a arma outra vez, pronto pra atirar. — Se é de lá que os dois é…

Então a garota resolve falar, e ela fala aquilo que de uma hora pra outra me faz pensar nela como *Viola* e não mais como *a garota*.

— Ele salvou minha vida.

Eu salvei a vida dela.

Viola diz.

Engraçado como isso funciona.

— Ah, foi? — o rifle pergunta. — E como você sabe que ele não fez isso só pra se salvar ele mesmo?

A garota, Viola, olha pra mim com a testa franzida. É minha vez de dar de ombros.

— Mas não. — A voz do rifle muda. — Não, hã-hã, não, não tô vendo isso em você, garoto. Porque você é só um filhote, né não? Hein?

Eu engulo em seco.

— Eu vou ser homem daqui a vinte e nove dias.

— Isso não é motivo de orgulho, não, filhote. Não *lá* de onde você vem.

Então ele baixa o rifle.

E é por isso que está tudo tão quieto.

Ele é uma mulher.

Ele é uma mulher adulta.

Ele é uma mulher *velha*.

— Eu agradeceria bem se você me chamasse de *ela* — a mulher diz, ainda mirando em nós dois, o rifle agora na altura do peito. — E não sou tão velha que não vá atirar em vocês.

Ela agora olha pra gente com mais atenção, me lendo de cima a baixo, fuçando bem dentro do meu Ruído com um jeito que até hoje eu só tinha sentido em Ben. O rosto dela fica com todo tipo de expressão, parece que está me avaliando, parece Cillian quando tenta ver se eu estou mentindo. Mas essa

mulher não tem Ruído nenhum, e que eu saiba ela pode muito bem estar cantando uma música ali dentro da cabeça dela.

Agora ela vira pra Viola e faz uma pausa pra outro olhar comprido.

— Como todos os filhotes — a mulher diz, voltando a olhar pra mim —, você é tão fácil de ler quanto um recém-nascido, garoto. Mas você, menininha, sua história não é lá muito comum, hã?

— Eu posso contar tudo se a senhora parar de apontar a arma pra nós — Viola diz.

Isso é tão surpreendente que até Manchee levanta a cabeça. Eu viro pra Viola de boca aberta.

Ouvimos uma risadinha lá do alto. A velha está rindo sozinha com ela mesma. Suas roupas parecem feitas de um couro empoeirado de verdade, surrado e cheio de marca de anos e anos, e ela usa também um chapéu de aba e umas botas pra aguentar a lama. Como se na verdade ela não fosse mais que uma mulher do campo.

Só que ela ainda está com a arma apontada pra gente.

— Os dois aí tavam fugindo de Prentisstown, né? — ela pergunta, vasculhando meu Ruído de novo.

Não tenho por que esconder, então já mostro logo do que a gente estava fugindo, o que aconteceu na ponte, quem estava perseguindo a gente. Ela vê tudo isso, eu sei que vê, mas de reação, só vejo ela apertar os lábios e estreitar um pouco os olhos.

— Olha — ela diz, apoiando a arma no braço e começando a descer o rochedo pra nossa direção —, não vou dizer que não tô possessa por vocês ter explodido minha ponte. Ouvi o estrondo lá da fazenda, sabe? — Ela desce a última pedra e para não muito perto da gente, e o silêncio adulto dela é de uma força tão grande que eu recuo sem nem me dar conta. — Mas o único lugar que aquilo lá levava não vale ir tem uns dez anos, se não mais. Foi de esperança que eu deixei ela ali. Quem diria que eu não ia tá certa?

Ainda estamos com as mãos pro alto porque ela está falando umas coisas sem sentido, sabe?

— Vou perguntar uma vez só — a mulher diz, levantando a arma. — Vou precisar disso aqui?

Eu e Viola, a gente se olha meio de lado.

— Não — respondo.

— Não, senhora — Viola responde.

Senhora?

— É a mesma coisa que *senhor*, bonitinho. — A mulher pendura a alça do rifle no ombro. — Quando você tá falando com uma dama. — Ela se agacha pra

falar com Manchee. — E esse rapaz aqui, quem é?

— Manchee! — ele late.

— Ah, sim, esse é o Manchee, né? — a mulher diz, passando a mão nele com vigor. — E os dois filhotes aí? — Ela não olha pra gente quando pergunta isso. — Como foi que a mãezinha de vocês te batizou?

A gente olha um pro outro de novo. Ela parece que pede o nosso nome como se fosse um pedágio, mas talvez seja um preço justo a pagar em troca de baixar a arma.

— Meu nome é Todd. Ela é a Viola.

— Isso é tão verdadeiro quanto o nascer do sol — a mulher diz, depois de conseguir fazer Manchee deitar de costas prum carinho na barriga.

— Tem outro jeito de atravessar aquele rio? — pergunto. — Outra ponte? Porque aqueles homens…

— Meu nome é Mathilde — a velha me corta. — Mas só quem me chama assim é quem não me conhece, então vocês podem chamar de Hildy, e um dia podem até conquistar o direito de apertar minha mão.

Olho pra Viola. Como saber se uma pessoa sem Ruído é maluca ou não?

A velha ri.

— Você é engraçado, garoto. — Quando ela levanta, Manchee rola de pé e fica olhando fixo pra ela, já cheio de amor. — Respondendo sua pergunta, tem vãos que dá pra atravessar de um lado pra outro alguns dias de viagem rio acima, mas não tem nenhuma ponte por uma boa distância.

Ela volta a olhar pra mim, firme e claro, com um leve sorriso. Deve estar lendo meu Ruído outra vez, mas não parece que estou levando um cutucão, que é o que acontece quando os homens tentam fazer isso.

E pelo jeito que ela continua me olhando eu começo a perceber umas coisas, a juntar umas peças. Deve ser verdade que Prentisstown foi isolada por causa do germe do Ruído, né? Porque na minha frente tem uma mulher adulta que não morreu do germe, que me trata direito mesmo que mantendo distância, uma mulher pronta pra receber na bala qualquer estranho que venha de onde eu venho.

E se eu for contagioso, é bem provável que o germe já tenha contaminado Viola a essa altura, ela pode estar morrendo enquanto a gente está aqui de papo, e é bem provável que não vão me receber bem lá no outro povoado, e é bem provável que vão me mandar ficar bem longe deles, e aí vai ser o meu fim, não vai? É o fim da linha pra mim, e eu nem encontrei um lugar pra ir.

— Ah, mas não mesmo, você não vai ser nada bem-vindo no povoado — a mulher diz. — Pode esquecer o “provável”. Mas… — Ela pisca pra mim, pisca mesmo — … o que os olhos não veem não mata o coração.

— Quer apostar? — pergunto.

Ela me dá as costas e volta a subir no rochedo. A gente continua aqui, até que ela chega no alto e vira pra gente.

— Vocês não vêm, não?

Como se tivesse chamado há um tempão e a gente estivesse fazendo ela esperar.

Olho pra Viola. Ela grita pra mulher:

— Temos que ir para o povoado. — Viola me olha de lado. — Bem-vindos ou não.

— Ah, mas vocês vão chegar lá — a mulher garante. — Só precisam antes é dum bom sono e de boa comida. Até cego vê isso.

A ideia de dormir e comer uma comida quente é tão tentadora que por um segundo eu esqueço que ela apontou uma arma pra gente. Mas é só por um segundo. Porque temos que pensar em outras coisas. Tomo a decisão pela gente.

— Temos que continuar na estrada — comento baixo com Viola.

— Nem sei para onde estamos indo — ela diz, também baixo. — Você sabe? De verdade?

— Ben disse que…

— Os filhotes vêm comigo pra fazenda, enchem a barriga, dormem numa cama… Não vai ser macia, isso eu garanto. E de manhã vamos pro *povoado*. — Ela diz a palavra assim, abrindo bem aberto o olho na hora de falar, parece que está zombando da gente por usar esse nome.

Mesmo assim a gente continua no lugar.

— Vocês pensem assim — a velha diz. — Eu tenho aqui uma arma. — Ela levanta o rifle. — Mas tô *pedindo* pra vir comigo.

— Por que não vamos com ela? — Viola sussurra. — Só para ver.

Pego de surpresa, meu Ruído se eleva um pouco.

— Ver o quê?

— Seria bom tomar um banho. Dormir um pouco.

— Sim, mas os homens que estão atrás da gente não vão desistir por causa de uma ponte caída. Sem contar que a gente não sabe nada dessa mulher. Ela pode até ser uma assassina.

— Ela parece legal. — Viola olha pra mulher. — Um pouco louca, mas não uma louca *perigosa*.

— Ela não parece nada. — Pra ser sincero, eu tô um pouco irritado. — Gente sem Ruído não parece coisa nenhuma.

Viola de repente fica meio chateada.

— Quer dizer, menos *você*, claro — tento corrigir.

— Toda vez…

Mas ela não termina o que ia dizer.

— Toda vez o quê? — pergunto num sussurro, mas Viola só fecha os olhos com força e vira pra mulher. — Eu vou — ela diz, e parece irritada. — Só preciso pegar minhas coisas.

— Ei! — O que aconteceu com a garota que lembrou que eu tinha salvado a vida dela? — Peraí. A gente tem que seguir a estrada. Pra chegar no povoado.

— Estradas nunca são o jeito mais rápido de chegar em lugar nenhum — comenta a mulher. — Não sabia, não?

Sem dizer nada e de cara feia, Viola apanha a bolsa no chão. Ela vai mesmo, vai embora com a primeira pessoa de silêncio que aparece, vai me deixar pra trás na primeira oportunidade.

E ela esquece aquilo que eu não quero dizer.

— Eu *não posso* ir, Viola — digo baixinho, com os dentes cerrados, meio que me odiando por isso, e sinto que meu rosto fica quente, e é estranho que isso faz cair um curativo. — Eu tenho o germe. Sou perigoso.

Ela vira pra mim e fala de um jeito meio ácido:

— Então talvez seja melhor você não vir mesmo.

Fico de boca aberta.

— Você faria isso? Ir *embora*?

Viola não me olha no olho, e antes dela poder responder a velha fala:

— Garoto, se o seu medo é de estar infectado, então a sua amiga pode vir com a Hildy aqui enquanto você fica aí com o seu cachorro pra te proteger.

— Manchee! — Manchee late.

— Tanto faz — Viola diz, e vira e começa a subir pelas pedras até a velha.

— E eu já falei — a mulher diz. — É *Hildy*, não *velha*.

Viola alcança ela e as duas saem andando e somem de vista sem nem mais uma palavra. Simples assim.

— Hildy — Manchee diz pra mim.

— Cala a boca.

Eu não tenho escolha, tenho que ir atrás delas.

E é assim que a gente vai, por uma trilha muito mais estreita que passa por um monte de pedra e arbusto: Viola e a velha Hildy uma do lado da outra sempre que dá, e eu e Manchee quilômetros atrás, tropeçando na direção de sei lá quantos outros perigos, e volta e meia eu olho pra trás achando que vou ver o prefeito, Prentiss Jr. e Aaron vindo tudo atrás da gente.

Não sei. Como saber? Como Ben e Cillian podiam achar que eu ia estar preparado pra isso? Claro, cama e comida parece que vale o risco de levar um tiro, mas isso pode ser uma armadilha e talvez a gente mereça ser pego por ser tão burro.

Porque estão atrás da gente e a gente devia tá fugindo.

Mas de repente pode não ter mesmo outro lugar pra atravessar o rio.

E Hildy podia ter forçado a gente a ir com ela e não fez isso. E Viola disse que ela parece legal, e talvez uma pessoa sem Ruído consiga entender outra sem Ruído.

Tá vendo? Como vou saber?

E quem liga pro que Viola diz?

— Olha só pra elas lá na frente — digo pra Manchee. — Se entenderam rapidinho. Como se fossem parentes se reencontrando depois de um tempão.

— Hildy — Manchee late de novo.

Tento dar um tapa no traseiro dele, mas ele corre na frente.

Viola e Hildy estão conversando, mas só ouço umas palavras baixinho aqui e ali. Não tenho ideia do que elas estão dizendo. Se fossem pessoas normais, com Ruído, poderíamos conversar mesmo eu estando lá atrás, e aí ninguém teria nenhum segredo. Todo mundo estaria falando à beça, querendo ou não.

E ninguém ficaria de fora. Ninguém seria deixado pra trás na primeira oportunidade.

Seguimos andando.

Tô começando a pensar um pouco mais.

Tô começando a deixar elas irem mais na frente também.

Tô pensando mais.

Porque, com o passar do tempo, tudo começa a fazer sentido.

Agora que encontramos Hildy, talvez *ela* possa cuidar de Viola. É óbvio que elas são parecidas, não é mesmo? Que são diferentes de mim, isso com certeza. Então talvez Hildy possa ajudar ela a voltar lá pro lugar que ela veio, porque já ficou claro que eu não posso. Ficou claro que não tem outro lugar pra mim além de Prentisstown. Porque eu carrego um germe que vai matar ela, que vai me impedir de entrar naquele povoado, que provavelmente por causa dele eu vou ter que dormir no celeiro de Hildy com os carneiros e as maçãs-reinetas.

— É isso, não é, Manchee? — Eu paro de andar, porque comecei a sentir um peso no peito. — Não tem nenhum Ruído aqui, a não ser que eu espalhe o germe. — Limpo o suor da testa. — A gente não tem pra onde ir. Não posso ir em frente. Não posso voltar.

Sento numa pedra, me dando conta da verdade nisso tudo.

— Não tem lugar nenhum pra gente. Nada.

— Tem Todd — Manchee diz, abanando o rabo.

Não é justo.

Nada disso é justo.

O lugar que você pertence é justamente o lugar pra onde nunca vai poder

voltar.

Então você vai ter que viver sempre sozinho, pra sempre.

Por que você fez isso, Ben? O que foi que eu fiz de tão ruim?

Esfrego os olhos.

Tomara que Aaron e o prefeito me encontrem.

Só queria que tudo isso acabasse.

— Todd? — Manchee late, e chega perto de mim pra cheirar minha cara.

— Me deixa — digo, empurrando ele.

Hildy e Viola estão cada vez mais longe e se eu não levantar vou me perder da trilha.

Não levanto.

Ainda ouço elas falando, mas aos poucos o silêncio vai se instalando e nenhuma das duas olha pra trás pra ver se eu estou indo.

Então eu ouço:

Hildy e filhote e droga de vazamento e Hildy outra vez e ponte pegando fogo.

Levanto a cabeça pra olhar.

Porque é uma voz nova.

E eu não estou escutando, não com o ouvido.

Hildy e Viola estão cada vez mais longe, mas tem alguém vindo até elas, e esse alguém levanta a mão pra acenar.

Alguém com um Ruído que diz Olá.

15

IRMÃOS NO SOFRIMENTO

É UM VELHO, e ele também tem um rifle, só que está pra baixo, apontando pro chão. O Ruído dele aumenta quando ele alcança Hildy, continua alto quando ele dá um beijo nela e começa a zumbir quando vira e é apresentado pra Viola, que recua um pouco ao ser cumprimentada de um jeito tão contente.

Hildy é casada com um homem que tem Ruído.

Um homem adulto, que anda por aí tranquilo com seu Ruído.

Mas como…?

— Ô, filhote! — Hildy grita pra mim. — Vai ficar aí sentado pensando na morte da bezerra ou vem jantar com nós?

— Jantar, Todd! — Manchee late, e sai correndo na direção deles.

Não penso nada. Não sei *o que* pensar.

— Outro camarada Ruidoso! — o homem grita, deixando Viola e Hildy pra trás e vindo na minha direção.

O Ruído transborda dele feito um desfile todo iluminado, todo cheio de boas-vindas indesejadas e uns sentimentos bons e agressivos ao mesmo tempo. Filhote e pontes caindo e cano vazando e irmão no sofrimento e Hildy, minha Hildy. Ele vem carregando o rifle, mas com a mão estendida pra mim.

Fico tão surpreso que aperto a mão dele.

— Meu nome é Tam! — o velho meio que grita. — E você seria quem, filhote?

— Todd.

— Que bom te conhecer, Todd!

Ele põe o braço nos meus ombros e praticamente me arrasta com ele pela trilha até Hildy e Viola, falando sem parar. Acompanho do jeito que dá, mal conseguindo ficar de pé.

— Nós não recebe ninguém em casa já faz muita lua, então vocês não repara que a casa é humilde, tá certo? Nós não vê viajante passar por essas bandas deve ter uns dez anos, mas vocês são bem-vindo! Os dois são muito bem-vindo!

Quando alcançamos as duas, eu ainda não sei o que dizer, só olho de Hildy pra Viola, de Viola pra Tam, de Tam pra Hildy outra vez.

Só queria que o mundo fizesse sentido de vez em quando, será que é pedir muito?

— Não é pedir muito, Todd, filhote — Hildy diz, muito boazinha.

— Como pode você não pegar o Ruído? — pergunto, as palavras finalmente saindo da minha cabeça pela boca.

Então meu coração de repente se enche de tanta alegria que meus olhos se abrem e minha garganta fecha, meu Ruído saindo todo alto, claro e cheio de esperança.

— Vocês têm uma cura? — pergunto, com a voz quase falhando. — Tem cura?

— Se existisse, você acha que eu estaria aqui fazendo vocês ouvir toda essa bobagem que sai voando dos meus miolos? — Tam fala, ainda quase gritando.

— Ai de você se fizesse isso — Hildy diz, com um sorriso.

— Ai de *você* se não conseguir me dizer o que pensar. — Tam sorri pra ela, o amor pintando todo o seu Ruído. — Não, filhote, tem cura não, que eu saiba.

— O pessoal diz que Refúgio está tentando inventar uma — Hildy diz.

— Que pessoal? — Tam pergunta, sem acreditar.

— Talia — Hildy responde. — Suzan F. Minha irmã.

Tam faz um *pfff*, sem acreditar.

— Isso só prova que eu tô certo. Um diz que o outro diz que o outro diz. Sua irmã num acerta nem o próprio nome, vai dizer alguma coisa que presta?

— Mas… — Olho de um pro outro várias vezes, querendo que eles expliquem direito. — Mas como você pode estar viva? — pergunto pra Hildy. — O Ruído mata as mulheres. *Todas* as mulheres.

Hildy e Tam trocam um olhar e eu escuto, quer dizer, eu *sinto* Tam esmagando alguma coisa no Ruído dele.

— Não, Todd filhote — Hildy responde, com uma bondade um pouco exagerada. — Acabei de explicar isso aqui pra sua amiga Viola. Ela não corre perigo, não.

— Não? Mas como pode?

— As mulheres são imunes — Tam responde. — Sortudas.

— Não são, não! — Meu tom de voz fica mais alto. — Elas *não* são! Todas as mulheres de Prentisstown pegaram o Ruído e todas elas *morreram*! *Minha mãe* morreu! De repente a versão que os Spackle usaram na gente era mais forte que a de vocês, mas…

Tam põe a mão no meu ombro pra me interromper.

— Todd filhote…

Eu me solto dele, mas não sei o que dizer. Viola não falou uma palavra sobre essa história toda, mas ela não olha pra mim.

— Eu sei o que eu sei — digo.

Se bem que isso tem sido metade do problema, não é?

Como isso pode ser verdade?

Como isso pode ser verdade?

Tam e Hildy trocam outro olhar esquisito. Eu tento olhar no Ruído de Tam, mas ele é um dos melhores que já conheci em esconder coisas quando começam a bisbilhotar. Pelo menos o que eu vejo é tudo bondade.

— Prentisstown tem uma história triste, filhote — ele diz. — Muita coisa deu errado por lá.

— É mentira — digo, mas minha voz mesmo já diz que eu não tenho tanta certeza assim.

— Aqui não é lugar pra isso, Todd — Hildy diz, com a mão no ombro de Viola, que não foge. — Vocês precisa comer alguma coisa, dormir um pouco. A Vi aqui disse que vocês quase num dormiram em muitos quilômetros de viagem. Você vai ver que tudo vai parecer melhor depois de comer e descansar.

— Mas eu não vou colocar ela em risco? — pergunto, fazendo questão de não olhar pra “Vi”.

— Olha, ela não corre risco de pegar o Ruído de você, isso é certo — Hildy responde, abrindo um sorriso. — Qualquer problema que ela tiver vai se resolver quando te conhecer melhor.

Torço pra ela estar certa, mas ao mesmo tempo quero dizer que ela está errada, por isso não digo nada.

— Vamos lá — Tam diz. — Hora do banquete.

— Não! — Estou lembrando de tudo outra vez. — A gente não tem tempo pra *banquete* nenhum. — Falo pra Viola: — Não sei se você esqueceu, mas tem uns homens atrás da gente, e eles não querem nem saber do nosso bem-estar. Tudo bem que o banquete de vocês deve estar muito bom e tal…

— Todd filhote… — Hildy começa.

— Eu não sou filhote! — grito.

Hildy aperta os lábios e levanta as sobrancelhas.

— Todd filhote — ela insiste, dessa vez um pouco mais baixo —, nenhum homem de lugar nenhum além daquele rio jamais botaria os pés aqui do outro lado, entende?

— É isso aí — Tam diz.

Olho de um pro outro.

— Mas…

— Vigio aquela ponte faz mais de dez anos — Hildy explica. — E sou a guardiã dela faz anos antes disso. É parte de quem eu sou vigiar o que vem por ali. — Ela olha pra Viola e termina: — Ninguém vai pegar vocês. Pode ficar tranquilo.

— É isso aí — Tam repete, balançando o corpo e se apoiando nos calcanhares.

— Mas…

Hildy não me deixa continuar:

— Vambora pro banquete.

E, ao que parece, eles se decidem. Viola continua não olhando na minha cara, de braço cruzado, e Hildy passa o braço por seus ombros enquanto elas voltam a andar. Fico pra trás com Tam, que está esperando eu me mexer. Não estou com a mínima vontade de voltar a andar, mas todo mundo vai, então eu vou também. Seguimos pela trilhazinha particular de Tam e Hildy, Tam falando sem parar, produzindo o Ruído de uma cidade inteira.

— Hildy disse que vocês explodiram nossa ponte.

— *Minha* ponte — Hildy corrige lá da frente.

— Ela que construiu — Tam explica. — Não que alguém usasse aquilo faz muito tempo.

— Ninguém? — pergunto, pensando por um segundo naqueles homens todos que desapareceram de Prentisstown, todo mundo que sumiu enquanto eu crescia. Nenhum deles chegou tão longe.

— Um belo trabalho de engenharia, aquela ponte — Tam continua, como se não tivesse me ouvido, e é capaz de não ter me ouvido mesmo, do jeito que fala alto. — É triste saber que ela não existe mais.

— A gente não teve escolha — digo.

— Ah, sempre tem escolha, filhote, mas vocês escolheram certo.

A gente anda sem falar nada por um tempo.

— Você tem certeza que estamos seguros? — pergunto.

— Olha, certeza a gente nunca tem, mas Hildy tá certa no que ela disse. — Ele dá um sorriso grande, mas meio triste, eu acho. — Não vai ser uma ponte destruída que vai segurar os homens lá do outro lado, não.

Tento ler o Ruído de Tam pra ver se ele está dizendo a verdade, mas é quase tudo reluzente e nítido, tudo reluzente, um lugar iluminado, feliz e acolhedor

onde qualquer coisa que você quiser pode ser verdade.

Nada a ver com o Ruído dos homens de Prentisstown.

— Não consigo entender — digo, ainda remoendo o assunto. — Só pode ser outro tipo de germe.

— Você acha o meu Ruído diferente do seu? — Tam pergunta, e ele parece realmente curioso em saber.

Olho pra ele e presto atenção. Hildy e Prentisstown e maçãs-reinetas e carneiros e colonos e cano vazando e Hildy.

— Você pensa muito na sua esposa.

— Ela é a luz da minha vida, filhote. Eu teria me perdido no Ruído se não fosse ela estendendo a mão pra me resgatar.

— Como assim? — pergunto, fazendo força pra entender. — Você lutou na guerra?

Isso faz ele parar. O Ruído dele fica cinza e dormente feito um dia nublado, e não consigo ouvir nada.

— Lutei, Todd filhote, mas a guerra não é assunto pra nós conversar ao ar livre, com esse solzão bonito.

— Por que não?

— Rezo pra todos os deuses que você nunca descubra a resposta.

Ele põe a mão no meu ombro. Dessa vez eu deixo.

— Como você faz isso? — pergunto.

— Isso o quê?

— Deixa o seu Ruído tão abafado que eu não consigo ler.

Ele sorri.

— Anos de prática escondendo coisas da minha velha.

— E é por isso que eu leio Ruído tão bem — Hildy grita lá da frente. — Ele fica melhor em esconder, eu fico melhor em *encontrar*.

Os dois riem juntos de novo. Tento revirar os olhos pra Viola em relação a esses dois, mas ela não está olhando pra mim, então falo pra mim mesmo que não vou tentar outra vez.

A gente sai todo mundo dessa parte da trilha cheia de pedra e contorna uma subida leve, e de repente aparece uma fazenda na nossa frente, e a fazenda se espalha pelas colinas mas mesmo assim dá pra ver plantações de trigo e de repolho e um pasto com umas ovelhinhas.

— Oi, ovelhas! — Tam grita.

— Ovelhas! — elas respondem.

A primeira coisa que aparece na trilha é um celeiro de madeira grande, construído com o mesmo jeito forte e bem-feito da ponte. Parece que ele vai existir ali pra sempre.

— A não ser que vocês resolvam explodir ele — diz Hildy, mas ela ri.

— Quero ver eles tentarem! — Tam ri também.

Estou ficando de saco cheio deles dois rindo de qualquer porcaria.

Mais pra frente a gente chega na casa, que é outra coisa completamente diferente. É de metal, parece, que nem o posto de gasolina e a igreja lá na cidade mas nem de perto tão estragado. Metade da casa brilha e sobe pro céu que nem uma vela de barco, e tem uma chaminé também curva com uma dobra na ponta, soltando fumaça. A outra metade é de madeira por cima do metal, e é firme que nem o celeiro, mas cortada de um jeito, no formato de…

— Asas — digo.

— Asas, isso mesmo — Tam confirma. — E que tipo de asa?

Olho de novo. Parece como se fosse um tipo de ave, a chaminé sendo a cabeça e o pescoço, e o corpo brilhoso e as asas de madeira esticadas pra trás, tipo um pássaro boiando na água.

— É um cisne, Todd filhote — Tam diz.

— Um o quê?

— Um cisne.

— O que é um cisne? — pergunto, ainda olhando pra casa.

O Ruído de Tam fica intrigado por um segundo, e depois capto um pouco de tristeza.

— Que foi? — pergunto.

— Nada não, filhote. Lembranças muito antigas.

Viola e Hildy ainda estão bem mais na frente. Viola está com os olhos arregalados, a boca abrindo e fechando que nem um peixe.

— O que eu te disse? — Hildy pergunta.

Viola corre até a cerca da casa e olha fixo pra construção, observando toda a parte de metal, de alto a baixo, prum lado e pro outro. Chego do lado dela e fico olhando também. Num consigo pensar em nada pra dizer (cala a boca).

— Deve ser um cisne — digo finalmente. — Seja lá o que for isso.

Ela me ignora.

— É uma Expansão Três 500? — ela pergunta pra Hildy.

— O quê?

— Mais velha, Vi filhote — Hildy responde. — É uma E3 200.

— Já estamos nas E7 — Viola comenta.

— Num me surpreende.

— Do que é que vocês tão falando? — pergunto. — O que é isso de expansão?

— Ovelhas! — Manchee late lá longe.

— Nossa nave colonizadora — Hildy diz, e ela parece surpresa por eu não

saber disso. — Uma Expansão Classe Três, Série 200.

Olho de uma pra outra. Vejo uma espaçonave voando no Ruído de Tam, e a frente é igual à da casa da fazenda, só que de cabeça pra baixo.

— Ah, é — digo, lembrando, tentando fingir que sempre soube. — Vocês constroem as casas com as primeiras coisas que têm à mão.

— Mais ou menos isso aí — Tam diz. — Ou transforma em obras de arte, se tiver o dom pra isso.

— Se sua esposa for uma engenheira que consegue fazer suas malditas esculturas ficar de pé — Hildy completa.

— Como você sabe tudo isso? — pergunto pra Viola.

Ela só olha pro chão.

— Você não vem me dizer que…

Não termino a frase.

Estou entendendo.

É *claro* que estou entendendo.

Tarde demais, igual com todo o resto, mas estou entendendo.

— Você é uma colona. É uma nova colona.

Ela vira o rosto, mas dá de ombros, é um sim.

— Mas aquela nave sua que caiu… Ela é pequena demais pra ser uma nave de colono.

— Aquela era só uma sentinela. A nave em que eu morava é uma Expansão Classe Sete.

Hildy e Tam não dizem nada. O Ruído dele é nítido e curioso. Não consigo ler nada de Hildy, mas alguma coisa me diz que ela sabia e eu não, que Viola contou pra ela e não pra mim, e tudo bem, eu também nunca perguntei, mas mesmo assim é uma sensação tão chata quanto parece.

Olho pro céu.

— Está lá em cima, num tá? Sua Expansão Classe Sete?

Viola faz que sim com a cabeça.

— Estão trazendo mais colonos. Tem mais colonos vindo pro Novo Mundo.

— Quando caímos, tudo foi danificado — Viola diz. — Agora, não tenho como entrar em contato com eles. Não tenho como avisar, como dizer pra eles não virem. — Ela olha pra mim com um breve suspiro. — *Você precisa alertá-los.*

— Não pode ser isso o que ele queria dizer — rebato depressa. — De jeito nenhum.

Viola franze o rosto e as sobrancelhas.

— Por que não?

— Quem quis dizer o quê? — Tam pergunta.

— Quantos? — pergunto pra Viola, sentindo o mundo mudar, devagar e sempre. — Quantos colonos estão vindo?

Viola respira fundo antes de responder, e aposto qualquer coisa que essa parte ela não contou nem pra Hildy.

— Milhares. São milhares.

16

A NOITE SEM DESCULPAS

— ELES VÃO LEVAR meses para chegar — Hildy comenta, me passando o purê de maçã-reineta.

Hildy e Tam se encarregam de toda a conversa porque Viola e eu não falamos nada, só comemos.

Nós só come.

— Viagem espacial não é que nem vocês viram nos vídeos — Tam explica, um fio de molho de carne escorrendo pela barba. — Leva anos e anos e anos pra chegar em qualquer lugar. Só do Velho Mundo pro Novo Mundo é sessenta e quatro.

— *Sessenta e quatro anos?*

Chego a cuspir um pouquinho de purê quando pergunto.

— Isso aí — Tam responde. — Boa parte disso você fica congelado, o tempo passa e você nem sente. Quer dizer, isso se você não morrer no caminho.

— Você tem sessenta e quatro anos? — pergunto pra Viola.

— Sessenta e quatro anos do Velho Mundo — Tam diz, fazendo a conta nos dedos. — Dá… deixa ver… cinquenta e oito, cinquenta e nove no Novo Mundo.

Mas Viola está balançando a cabeça.

— Eu nasci a bordo. Nunca dormi.

— Então seu pai ou sua mãe devia ser cuidador, um deles — Hildy sugere, mordendo um pedaço de um troço que parece nabo antes de me explicar: — São as pessoa que fica acordada pra cuidar da nave.

— Os dois eram — Viola diz. — E minha avó paterna, e meu bisavô.

— Peraí — digo pra ela, dois passos atrasado, como sempre. — Então, se a gente chegou no Novo Mundo faz só vinte e poucos anos…

— Vinte e três — Tam diz. — Parece mais.

— Então quando vocês saíram a gente não tinha nem *chegado* aqui ainda — concluo. — Ou seu pai, seu avô, sei lá quem.

Olho pros outros pra ver se mais alguém está pensando a mesma coisa que eu.

— Por quê? Por que vir pra cá sem nem saber o que tinha por aqui?

— Por que que veio os *primeiros* colonos? — Hildy pergunta. — Por que que alguém procura outro lugar pra viver?

— Porque no lugar que você vive já não dá mais pra ficar — Tam responde. — Porque o lugar que você está deixando pra trás é tão ruim que você tem que sair dali.

— O Velho Mundo é sujo, violento e lotado — Hildy diz, limpando a boca com um guardanapo. — Está se destruindo com aquela gente toda se odiando e se matando, eles só se dá por feliz quando tá todo mundo infeliz. Pelo menos era assim que era naquela época.

— Não tenho como saber — Viola diz. — Nunca vi o Velho Mundo. Meus pais…

Eu ainda estou aqui comigo pensando como que deve ser nascer numa nave espacial, uma *espaçonave* de verdade, sim, senhor. Crescer voando no meio das estrelas, poder ir pra onde quiser, sem estar preso num planeta horrível que não disfarça que não te quer. Poder ir pra qualquer lugar. Se um lugar não serve, dá pra encontrar outro. Liberdade total em todas as direções. Podia haver algo mais legal no mundo que isso?

Não percebo o silêncio que caiu na mesa. Hildy está dando uns tapinhas carinhosos nas costas de Viola, que está com os olhos molhados e as lágrimas escorrendo e ela começou a se balançar de novo um pouco.

— Que foi? — digo. — Que que aconteceu agora?

Viola só franze a testa na minha direção.

— *Que foi*? — insisto.

— Acho que nós já falou bastante sobre os pais da Vi — Hildy diz com jeitinho. — Tá na hora dos filhotes dormirem um pouco.

— Mas ainda tá cedo. — Eu olho pela janela. O sol ainda nem se pôs direito. — A gente tem que ir pro povoado…

— O povoado chama Galholongo — Hildy diz. — E nós vai pra lá assim que amanhecer.

— Mas aqueles homens…

— Eu garanto a paz aqui desde antes de você ser nascido, filhote — Hildy diz,

simpática, mas também firme. — Posso lidar com qualquer coisa que esteja vindo ou não pra cá.

Não digo nada, e Hildy ignora meu Ruído sobre o assunto.

— Posso perguntar o que vocês vai fazer em Galholongo? — Tam pergunta, revirando sua espiga de milho, e ele fala num tom que faz parecer menos curiosidade que o Ruído dele mostra.

— A gente tem que chegar lá — respondo.

— Vocês dois?

Viola parou de chorar, mas seu rosto ainda está vermelho. Não respondo a pergunta do Tam.

— Bom, lá tem bastante trabalho, isso tem — Hildy diz, levantando e pegando os pratos sujos. — Se é isso que vocês tão querendo. Eles sempre precisam de mais gente nos pomares.

Tam também levanta e os dois tiram a mesa, levam os pratos pra cozinha e deixam eu e Viola ali sentados sozinhos. Ouvimos a conversa deles lá dentro, baixa e abafada pelo Ruído o suficiente pra que a gente não consiga entender nada.

— Você acha mesmo que a gente devia passar a noite aqui? — pergunto em voz baixa.

Mas a resposta dela vem num sussurro agressivo, e parece até que eu nem fiz pergunta nenhuma.

— Só porque eu não saio cuspindo pro mundo os meus pensamentos e sentimentos não significa que eu não tenha nenhum.

Olho surpreso pra ela.

— *Hein?*

Ela continua a sussurrar com raiva:

— Toda vez que você pensa: *Ah, ela só tem vazio*, ou *Não tem nada dentro dela*, ou *Será que eu posso larg*ar *ela aqui com esses dois*, eu ouço, entendeu? Eu ouço todas as idiotices que você pensa! E entendo *muito* mais do que gostaria.

— Ah, é? — sussurro de volta pra ela, embora meu Ruído esteja longe de estar baixo. — Toda vez que *você* pensa ou sente alguma coisa ou pensa alguma coisa idiota, eu *não* ouço, então como é que eu vou saber, hein? Já pensou nisso? Quer que eu adivinhe as coisas que você esconde?

— Eu não estou *escondendo* nada. — Ela cerra os dentes. — Estou só sendo *normal*.

— Isso não é normal aqui, *Vi*.

— Como você sabe? Ouço você se surpreendendo com praticamente tudo o que eles dizem. Não tinha nenhuma escola lá no lugar de onde você veio? Você

não aprendeu *nada*?

— História não é muito importante quando você tá só tentando sobreviver — digo cuspindo as palavras, mesmo em voz baixa.

— Na verdade, é aí que ela *mais* importa — Hildy diz, de pé na cabeceira da mesa. — E se essa discussão boba dos dois não for suficiente pra vocês verem que estão cansados, então vocês estão tão cansados que perderam a cabeça. Bora.

Viola e eu olhamos com raiva um pro outro, mas mesmo assim a gente levanta e vai com Hildy até uma sala grande.

— Todd! — Manchee late num canto, sem largar o osso de carneiro que ganhou de Tam mais cedo.

— Faz muito tempo que nosso quarto de hóspedes virou outra coisa — Hildy diz. — Vocês vão ter que ficar nos canapés mesmo.

Ajudamos ela a arrumar uns lençóis e a fazer as camas, Viola ainda de cara feia e eu com meu Ruído zunindo de vermelho.

— Peçam desculpa um pro outro — Hildy diz quando a gente termina.

— O quê? — Viola diz. — *Por quê*?

— Isso não é da sua conta — falo pra Hildy.

— Nunca durmam brigados — ela diz, com as mãos na cintura, e não está com cara de que vai desistir da ideia tão cedo, e ai de quem não obedecer. — Não se quiser continuar amigo.

Viola e eu continuamos calados.

— Ele salvou sua vida, não foi? — Hildy pergunta pra Viola.

A garota responde de cabeça baixa:

— Sim.

— Isso mesmo — digo.

— E ela salvou a sua na ponte, não foi? — Hildy pergunta pra mim.

Opa.

— Pois é — Hildy diz. — *Opa*. Os dois não acha que isso vale de alguma coisa?

Continuamos calados.

Hildy dá um suspiro.

— Então tá. Tenho comigo que dois filhotes quase adultos podem fazer seus próprios pedidos de desculpas.

Ela sai sem nem dar boa-noite.

Viro de costas pra Viola e ela vira as costas pra mim. Tiro o sapato e deito num dos “canapés”, que acho que é só uma palavra bonita pra sofá. Viola faz a mesma coisa. Manchee pula pro meu sofá e se enrosca em cima dos meus pés.

Não tem som nenhum além do meu Ruído e um ou outro estalar da lareira que

acenderam mesmo estando meio quente demais. Ainda nem deve ter acabado de anoitecer, mas as almofadas macias e o lençol macio e o calor do fogo já me fazem quase fechar os olhos.

— Todd? — Viola chama, deitada do outro lado da sala.

Volto do meu quase sono.

— Que foi?

Ela hesita por um segundo. Deve estar pensando como pedir desculpas.

Mas não.

— O que diz no seu livro que você deveria fazer quando chegasse a Galholongo?

Meu Ruído fica um pouco mais vermelho.

— Não importa o que meu livro diz. Ele é meu e quem lê ele sou eu.

— Lembra quando você me mostrou o mapa na floresta? Você disse que a gente tinha que chegar nesse povoado. Você lembra do que estava escrito embaixo?

— Claro que lembro.

— O que era?

Não tem provocação na voz dela, não que eu perceba, mas só pode ser isso, não é? Só pode ser provocação.

— Vai dormir — falo.

— Era *Galholongo* — ela diz. — O nome do lugar para onde a gente tinha que ir.

— Cala a boca.

Meu Ruído está começando a zunir outra vez.

— Não precisa ficar com vergonha de não…

— Eu mandei *calar a boca*!

— Eu podia ajudar você…

Eu levanto de repente, derrubando Manchee. Pego os lençóis e o cobertor, coloco debaixo do braço e vou pra sala que a gente comeu. Jogo tudo no chão e deito, a um cômodo de distância de Viola e todo o seu silêncio horrível e sem sentido.

Manchee fica lá com ela. Típico.

Fecho os olhos, mas não durmo por séculos e séculos.

Até que uma hora eu durmo. Acho.

Porque estou numa trilha e é o pântano mas também é a cidade e também é minha fazenda, e Ben está lá, Cillian também e Viola também, e todos eles me perguntam: “O que você está fazendo aqui, Todd?”, e Manchee late: “Todd! Todd!”, e Ben me pega pelo braço e me arrasta até a porta e me chuta de casa, e Cillian está com o braço nos meus ombros me empurrando pra trilha, e Viola

está colocando a caixa de fogueira na porta da nossa casa e o prefeito entra com o cavalo e esmaga ela e aí aparece um croco com a cara do Aaron vindo por trás do Ben, e eu grito “Não!”, e…

Acordo suando em bicas, o coração acelerado feito um cavalo de corrida, esperando ver o prefeito e Aaron bem aqui na minha frente.

Mas é só a Hildy.

— Que diabos você tá fazendo aqui?

Ela está parada na porta, o sol da manhã por trás dela com um brilho tão forte que tenho que cobrir os olhos com a mão.

— Mais confortável — murmuro, mas meu peito está martelando.

— Aposto que sim — ela diz, lendo meu Ruído de quem acabou de acordar. — Café tá pronto.

O cheiro de bacon de carneiro fritando acorda Viola e Manchee. Levo o cachorro lá fora pro seu cocô matinal, mas Viola e eu não trocamos uma palavra. Tam chega quando a gente já está comendo, devia estar lá fora dando ração pras ovelhas. Era o que eu estaria fazendo se estivesse em casa.

Casa.

Enfim.

— Ânimo, filhote — Tam diz, botando uma xícara de café na minha frente.

Bebo de cabeça baixa.

— Tem alguém aí fora? — pergunto pra minha xícara.

— Nem um ai — ele responde. — E está um lindo dia.

Olho de canto de olho pra Viola, mas ela não está olhando pra mim. A gente já terminou de comer, já lavou o rosto, já trocou de roupa e arrumou a bolsa, tudo sem se falar.

— Boa sorte pra vocês — Tam diz quando estamos saindo com Hildy pra Galholongo. — É sempre bom quando duas pessoas que não têm mais ninguém se encontram e ficam amigas.

E a gente continua sem dizer nada.

— Vamo lá, filhotes — Hildy chama. — O tempo voa.

Então a gente volta pra trilha, e não demora muito até chegar na estrada que antes atravessava a ponte.

— Essa era a estrada principal entre Galholongo e Prentisstown — Hildy explica, pegando sua bolsinha. — Ou Nova Elizabeth, como chamava naquele tempo.

— O que se chamava Nova Elizabeth? — pergunto.

— Prentisstown. Chamava Nova Elizabeth.

— Prentisstown nunca teve esse nome — digo, levantando as sobrancelhas.

Hildy olha pra mim com as sobrancelhas zombando das minhas.

— Nunca? Então devo tá enganada.

— Deve mesmo.

Viola bufa, me zombando. Lanço um olhar mortífero pra ela.

— Tem algum lugar onde a gente possa ficar por lá? — ela pergunta pra Hildy, me ignorando.

— Vou levar vocês pra minha irmã. Ela é vice-prefeita esse ano, sabiam?

— E o que a gente faz depois? — pergunto, chutando as pedrinhas enquanto ando.

— Acho que isso é com vocês — Hildy responde. — Vocês vão ter que controlar o próprio destino, não é?

Ouço Viola dizer baixinho:

— Não foi o que aconteceu até agora.

É a mesma coisa que apareceu no meu Ruído, e nós dois olhamos um pro outro.

E a gente quase sorri. Quase.

É quando começa a vir o Ruído.

— Ah, Galholongo — diz Hildy, ouvindo também.

A estrada vai dar no alto de um pequeno vale.

E ali está.

O outro povoado, o outro povoado que não era pra existir.

Pra onde Ben queria que a gente fosse.

Onde talvez a gente fique protegido.

A primeira coisa que eu vejo é a estrada do vale percorrendo cheia de curvas os pomares, árvores bem-cuidadas em fila com vereda e sistema de irrigação, tudo isso descendo a colina na direção das construções e do riacho no fundo, raso e calmo e serpenteando até encontrar o rio maior, sem dúvida.

E tem homem e mulher pra todo lado.

A maioria está espalhada pelos pomares usando avental pesado, os homens em camisa de manga comprida e as mulheres em saia até o chão, e eles colhem com um facão uma fruta que parece pinha ou então carregam cestos e tem também uns cuidando dos canos de irrigação e outras coisas e tal.

Homens e mulheres, mulheres e homens.

Deve ter uns trinta homens a menos que Prentisstown, acho, essa é minha primeira impressão.

Sei lá quantas mulheres.

Vivendo num lugar completamente diferente.

O Ruído (e o silêncio) deles flutua no ar como uma neblina leve.

Dois, por favor e Na minha opinião e Gosto de erva e Ela pode dizer sim, ela pode dizer não e Se o serviço terminar à uma, sempre posso e assim vai, sem

fim, para sempre, amém.

Até paro de andar e fico ali plantado, de boca aberta. Não estou pronto pra descer até lá.

Porque é estranho.

Pra falar a verdade, é mais do que estranho.

É tudo tão… sei lá, *calmo*. Tipo uma conversa normal com os amigos. Nada acidental nem agressivo.

E parece que ninguém tem nenhuma necessidade urgente.

Nenhum desejo horrível, horrível e desesperador em nenhum lugar ali, nada que chegue nos meus ouvidos, nos meus sentidos.

— Com toda certeza a gente não tá mais em Prentisstown — digo baixinho pra Manchee.

Menos de um segundo depois vem um Prentisstown? de um campo aqui perto.

Depois repete pruns outros lugares. Prentisstown? e Prentisstown?, e nisso eu percebo que os homens nos pomares mais próximos não estão mais colhendo fruta nem nada. Estão parados. Olhando pra gente.

— Vamos — Hildy diz. — Vocês pode continuar andando. Eles só estão curiosos.

A palavra Prentisstown se espalha pelos campos feito fogo. Manchee anda bem junto das minhas pernas. Em todo canto as pessoas olham fixamente pra nós enquanto seguimos em frente. Até Viola chega um pouco mais perto. Seguimos em um grupo bem junto.

— Se preocupa não — Hildy avisa. — É só que vai ter muita gente querendo conhecer…

Ela não termina a frase.

Um homem bloqueou nosso caminho.

Com uma cara que não parece nada que quer conhecer a gente.

— Prentisstown? — ele diz, seu Ruído ficando vermelho rápido demais.

— Bom dia, Matthew — Hildy cumprimenta. — Eu só tava trazendo…

— Prentisstown — o homem repete, e não é mais uma pergunta, e ele não está mais olhando pra Hildy.

Está olhando pra mim.

— Você não é bem-vindo aqui. Não é nada bem-vindo.

E ele está segurando o maior facão que eu já vi.

17

UM ENCONTRO NUM POMAR

MINHA MÃO VAI direto pra faca pendurada nas minhas costas.

— Liga não, Todd filhote — Hildy diz, ainda olhando pro homem. — Não é assim que as coisas vão funcionar.

— O que você pensa que está trazendo pra nossa aldeia, Hildy? — o homem pergunta, segurando o facão, ainda olhando pra mim, com uma surpresa genuína na pergunta dele, e também…

Isso é *ressentimento*?

— Estou trazendo dois filhotes perdidos — Hildy responde. — Sai do meu caminho, Matthew.

— Não estou vendo nenhum filhote aqui — Matthew diz, os olhos começando a ficar vermelhos. Ele é alto pra caramba, tem os ombros de um boi e o rosto está carregado de irritação, sem qualquer ternura. Parece uma tempestade ambulante falando com a gente. — Um homem de Prentisstown, é isso que eu estou vendo. Um homem de Prentisstown com um Ruído de Prentisstown cheio da imundície de Prentisstown.

— Não é isso o que você tá vendo — Hildy diz. — Olha direito, vai.

O Ruído de Matthew já está se atirando em cima de mim, e a sensação é de mãos me apertando, abrindo caminho à força pelos meus pensamentos, tentando ver tudinho. É um Ruído raivoso, cheio de perguntas, e ardido feito fogo, tão irregular que não consigo entender nada.

— Você conhece a lei, Hildy — ele diz.

Lei?

— A lei é pros homens — Hildy diz, com a voz calma, como se a gente estivesse aqui de bobeira falando sobre o tempo. Será que ela não vê como o Ruído desse homem está ficando vermelho? Vermelho não é uma cor legal quando a gente quer ter uma conversa. — Esse filhote aqui ainda não é homem.

— Faltam vinte e oito dias ainda — digo sem pensar.

— Isso aí não vale de nada aqui não, garoto — Matthew cospe. — Não me importa quantos dias faltam pra você.

— Você fica calmo, Matthew — Hildy diz, mais séria do que eu gostaria que ela estivesse. Mas, pra minha surpresa, Matthew olha pra ela todo esquisito e dá um passo pra trás. — O garoto está de fuga de Prentisstown. — Um pouco mais leve agora. — Está fugindo, ele.

Matthew olha pra ela desconfiado, depois me encara de novo, mas baixa o facão. Um pouco.

— Igualzinho você fez muito tempo atrás — Hildy completa.

O quê?

— Você é de Prentisstown? — solto meio sem querer.

O facão se ergue, e Matthew chega perto outra vez, tão ameaçador que faz Manchee latir.

— Sai! Sai! Sai!

— Sou de *Nova Elizabeth* — Matthew rosna entre os dentes cerrados. — *Nunca* fui de Prentisstown, garoto, nunca fui, você não se esqueça disso.

Agora estou vendo umas imagens mais claras no Ruído dele. Coisas impossíveis, coisas loucas, tudo vindo de uma vez só como se ele não conseguisse controlar, coisas piores que os piores vídeos proibidos que o sr. Hammar costumava liberar escondido pros garotos mais velhos e arruaceiros da cidade, aqueles que parecia que as pessoas morriam de verdade, mas não tinha como ter certeza. Imagens, palavras, sangue, gritos e…

— Para com isso agora mesmo! — Hildy grita. — Você se controla, Matthew Lyle. Se controla *agora*.

O Ruído dele diminui de repente, mas continua agitado, e ele não tem tanto controle quanto Tam, mas mesmo assim é mais que qualquer homem em Prentisstown.

Assim que eu penso nisso, ele levanta o facão outra vez.

— Você não vai dizer essa palavra na nossa cidade, garoto. Não se souber o que é bom pra você.

— Não vou ouvir gente ameaçando meus convidados enquanto eu estiver viva — Hildy diz com a voz forte e clara. — Estamos entendidos?

Matthew não confirma nem nada, mas todos entendemos que ele entendeu.

Ele não fica nem um pouco satisfeito com isso. O Ruído dele ainda me provoca e me pressiona, me daria um tapa se pudesse. Aí ele finalmente volta sua atenção pra Viola.

— E essa, quem é? — ele pergunta, apontando o facão pra ela.

E acontece antes que eu perceba, juro.

Num minuto estou atrás de todo mundo e no minuto seguinte estou entre Matthew e Viola, apontando a faca pra ele, meu Ruído desabando como uma avalanche e minha boca dizendo:

— É melhor ficar longe dela, e é melhor fazer isso logo!

— Todd! — Hildy grita.

E Manchee late:

— Todd!

E Viola grita:

— Todd!

Mas ali estou eu, faca na mão, coração batendo rápido como se finalmente tivesse visto o que estou fazendo.

Não tem como recuar.

Como foi que isso aconteceu?

— Tá me dando motivo, garoto de Prentisstown — Matthew diz, erguendo o facão. — Tá me dando um bom motivo.

— Chega! — Hildy manda.

Tem algo diferente na voz dela dessa vez, uma autoridade, tanto que Matthew se encolhe um pouco. Ele ainda está com o facão na mão, ainda olha pra mim com raiva, pra Hildy, o Ruído latejando feito uma ferida.

E aí o rosto dele se contorce um pouco.

E, me dando um susto, ele começa a chorar.

Com raiva, fazendo força para se conter, mas ali está ele, grande feito um touro, facão na mão, chorando.

Não era isso que eu estava esperando.

A voz de Hildy se acalma um pouco.

— Guarda essa faca, Todd filhote.

Matthew larga o facão no chão e cobre os olhos com o braço, fungando, gemendo e se lamentando. Viola fica olhando aquilo tão confusa quanto eu, parece.

Baixo a faca, mas não solto, não. Ainda não.

Matthew fica respirando fundo, um Ruído de dor e de tristeza escorrendo pra todo lado, e de fúria também, por perder o controle assim na frente de todo mundo.

— Era pra isso ter acabado. — Ele tosse. — Há muito tempo.

— Eu sei — Hildy diz, tocando o braço dele com carinho.

— O que tá acontecendo? — pergunto.

— Se preocupa não, Todd filhote — Hildy me diz. — Prentisstown tem uma história triste.

— Foi isso o que Tam disse. Como se eu não soubesse.

Matthew ergue os olhos pra mim.

— Você não sabe de nada, garoto — ele retruca, os dentes cerrados de novo.

— Já chega! — Hildy diz. — O garoto não é seu inimigo. — Ela vira pra mim com os olhos bem abertos. — E é por isso que ele vai guardar a faca.

Giro a faca na mão umas duas vezes mas depois guardo nas costas, atrás da mochila. Matthew já está me olhando com ódio de novo, mas agora ele está se afastando de verdade, e fico me perguntando quem é Hildy pra ele obedecer ela.

— Os dois são inocentes que nem cordeiros, Matthew filhote — Hildy garante.

— Tem ninguém inocente nesse mundo, não — Matthew diz, amargo que só, fungando aquele finalzinho de choro e mostrando o facão outra vez. — Ninguém.

Ele vira de costas e sai andando pelo pomar, sem olhar pra trás.

Está todo mundo encarando a gente.

— O dia está passando — Hildy diz pra eles, virando no lugar até completar um círculo. — Mais tarde vai ter tempo suficiente pra encontros e cumprimentos.

Os trabalhadores começam a voltar pras árvores e os cestos e o que mais estavam fazendo, alguns olhos ainda na gente mas a maioria retomando o trabalho mesmo.

— Você manda aqui ou coisa do tipo? — pergunto pra Hildy.

— Coisa do tipo, Todd filhote. Vamos lá, nós ainda nem viu a cidade.

— De que lei ele estava falando?

— Longa história, filhote. Depois eu conto.

A trilha, ainda de largura suficiente pra passar homens e veículos e cavalos, embora eu só veja homens, segue fazendo curvas por mais pomares nas encostas do pequeno vale.

— Que fruta é essa? — Viola pergunta, vendo duas mulheres atravessarem a estrada na nossa frente com os cestos cheios e olhando pra gente.

— Pinha encrespada — conta Hildy. — Doce como açúcar, cheia de vitaminas.

— Nunca ouvi falar — digo.

— Não — diz Hildy. — Você não deve ter ouvido falar dela.

É árvore demais prum povoado que não deve ter mais que cinquenta cabeças.

— Vocês só comem isso por aqui?

— Claro que não — Hildy responde. — Nós trocamos com os outros povoados ao longo da estrada.

A surpresa é tão evidente no meu Ruído que até Viola dá uma risadinha.

— Você não achava que só tinha dois povoados no Novo Mundo inteiro, achava? — Hildy me pergunta.

— Não. — Sinto que meu rosto fica vermelho. — Mas todos os outros foram destruídos na guerra.

— Humm. — Hildy só assente e não diz mais nada.

— É Refúgio? — Viola pergunta baixinho.

— O que é Refúgio? — pergunto.

— O outro povoado — Viola explica, sem olhar direto pra mim. — Você disse que havia uma cura para o Ruído no Refúgio.

— Ah. — Hildy demonstra irritação. — Isso é só rumor e especulação.

— O Refúgio é um lugar de verdade? — pergunto.

— É o maior dos povoados, o primeiro deles — Hildy explica. — O mais perto que o Novo Mundo tem de uma cidade grande. Fica a quilômetros daqui. Não é pra camponeses como nós.

— Nunca ouvi falar — digo mais uma vez.

Ninguém fala mais nada, e tenho a sensação que elas estão sendo educadas. Viola não me olhou direito desde aquele lance esquisito com Matthew e a faca. Pra ser sincero, nem eu sei o que pensar daquilo.

Então a gente só continua andando.

Tem umas sete construções no máximo em Galholongo, é menor que Prentisstown, e são apenas construções, mas de algum modo são tão diferentes que parece que saímos do Novo Mundo e fomos parar em algum outro lugar.

A primeira construção que a gente vê é uma igreja de pedra bem pequena, limpa e aberta, muito diferente da escuridão onde Aaron pregava. Mais na frente tem um armazém com uma mecânica do lado, embora eu não veja muita maquinaria pesada por ali. Não vejo nem um motociclo de fissão, nem mesmo um quebrado. Tem uma construção que parece um salão de reuniões, outra com as serpentes da medicina esculpidas na frente e duas com cara de celeiro, deve ser pra armazenamento.

— Não é muita coisa — Hildy diz. — Mas é minha casa.

Eu retruco:

— Não é sua casa. Você mora bem longe daqui.

— Assim como a maioria. Mesmo pra quem tá acostumado, é bom viver só com o Ruído de quem a gente ama. A cidade é muita barulheira.

Tento ouvir alguma barulheira, mas ainda não é *nada* perto de Prentisstown.

Claro que tem Ruído aqui em Galholongo, homens cumprindo suas tarefas chatas do dia a dia, falando pensamentos vazios. Cortar, cortar, cortar e Dou sete pela dúzia e Ouve ela cantar ali, ouve só e Aquela gaiola precisa de conserto hoje e Ele bem vai cair dali e por aí vai, tudo tão despreocupado, soando tão seguro, que é tipo tomar um banho relaxante se comparar com o Ruído preto que eu estou acostumado.

— Ah, o Ruído aqui também fica preto, Todd filhote — Hildy diz. — Os homens ainda têm seus gênios. As mulheres também.

— Pensei que fosse falta de educação ficar ouvindo o Ruído de um homem — digo, olhando em volta.

— Ah, isso é. — Ela dá um sorriso irônico. — Mas você ainda não é um homem. Você mesmo disse isso.

Atravessamos a rua principal. Alguns homens e mulheres indo de lá pra cá, alguns cumprimentam Hildy com o chapéu, mas a maioria só encara a gente mesmo.

Eu encaro de volta.

Se você prestar atenção, você ouve onde estão as mulheres quase tão nítido quanto os homens. Elas são tipo rochas com o Ruído jorrando em volta, e depois que você acostuma, dá pra sentir onde está o silêncio delas, pontilhados por toda parte, com Viola e Hildy dez vezes mais forte, e aposto que se eu ficasse ali parado contaria exatamente quantas mulheres tem dentro de cada construção da cidade.

E sabe de uma coisa?

Assim, misturado com o som de tanto homem, o silêncio não parece tão angustiante.

É quando eu vejo umas pessoas bem pequenininhas observando a gente de trás de uma moita.

Crianças.

Crianças menores que eu, *mais novas* que eu.

As primeiras que eu vejo na vida.

Uma mulher carregando um cesto vê as crianças e enxota elas com um gesto. Ela fecha a cara e sorri ao mesmo tempo, e as crianças saem correndo e rindo, contornando os fundos da igreja.

Vendo a mulher, sinto um pequeno aperto no peito.

— Não vem, não? — Hildy me chama.

— Vou — respondo, ainda olhando pra onde as crianças foram.

Então viro e sigo Hildy, ainda olhando pra trás.

Crianças. Crianças de verdade. O lugar é *seguro* a ponto de ter crianças, e me pego pensando se Viola conseguiria se sentir em casa aqui, com todos esses

homens aparentemente simpáticos e todas essas mulheres e crianças. Fico pensando se ela ficaria em segurança, mesmo que eu obviamente não esteja.

Aposto que sim.

Olho pra Viola, mas ela vira o rosto.

Hildy nos trouxe até a casa mais distante das outras construções de Galholongo. Tem degraus na frente e uma bandeirinha tremulando num mastro.

Eu paro.

— Essa é a casa do prefeito, não é?

— Da vice-prefeita — Hildy me corrige, subindo os degraus, as botas batendo na madeira. — Minha irmã.

— E ela é *minha* irmã — diz a mulher que abre a porta, uma versão mais gordinha, mais nova e mais mal-humorada de Hildy.

— Francia — Hildy diz.

— Hildy — Francia diz.

Elas se cumprimentam com um aceno de cabeça, não tem abraço nem aperto de mão, só com a cabeça.

— Que tipo de problema você pensa que está trazendo pra minha cidade? — Francia pergunta, dando uma avaliada na gente.

— Agora a cidade é sua, é? — Hildy diz, sorrindo, sobrancelha lá no alto. Ela vira pra gente. — Como eu disse pro Matthew Lyle, é só dois filhotes fugindo procurando segurança, atrás de refúgio. — Ela vira de volta pra irmã. — E se Galholongo não é um refúgio, irmã, então o que é?

— Não estou falando não é deles, não — Francia diz, olhando pra gente de braço cruzado. — É do exército que tá vindo atrás desses dois.

18

GALHOLONGO

— EXÉRCITO? — digo, meu estômago revirando na mesma hora.

Viola diz a mesma coisa junto comigo, mas dessa vez não tem a menor graça.

— Que exército? — Hildy pergunta.

— Corre uns rumores dos campos mais distantes que tem um exército se reunindo do outro lado do rio. Homens a cavalo. De Prentisstown.

Hildy aperta os lábios.

— *Cinco* homens a cavalo — ela diz. — Não é exército nenhum. Era só um grupo de busca que veio atrás desses filhotes aqui.

Francia não parece muito convencida. Nunca vi ninguém cruzar os braços com tanta força.

— Sem contar que a ponte na garganta do rio já era — Hildy continua. — Então não vai ter ninguém vindo cá pra Galholongo tão cedo. — Ela olha pra gente. — Um *exército* — debocha. — Francamente.

— Se tem uma ameaça, irmã, é meu dever…

Hildy revira os olhos.

— Você não vem me falar de dever. — Ela passa por Francia e abre a porta da frente da casa. — Eu *inventei* seu dever. Vem, filhotes, vamos entrando.

Viola e eu não mexemos um músculo. Francia também não confirma o convite.

— Todd? — Manchee late aos meus pés.

Respiro fundo e subo os degraus.

— Oi, *siora* — digo.

— *Senhora* — sussurra Viola às minhas costas.

— Oi, senhora — eu me corrijo, tentando não engasgar. — Meu nome é Todd. Ela é a Viola. — Francia continua de braço cruzado, como se quisesse ganhar o prêmio de quem fica assim por mais tempo. — Era só cinco homens mesmo — digo, mas a palavra *exército* ecoa no meu Ruído.

— E eu devia confiar em você, assim e pronto? — Francia questiona. — Um garoto fugido e perseguido? — Ela olha pra Viola, que está esperando no primeiro degrau. — Posso bem imaginar por que *você* estava fugindo.

— Ah, para com isso, Francia — Hildy diz, segurando a porta aberta pra gente.

Francia então vira pra Hildy e manda ela sair do caminho.

— Eu me encarrego da entrada da minha própria casa, muito obrigada. — E pra gente: — Bom, já que é assim, então vamos tratando de entrar.

E esse é o nosso primeiro contato com a hospitalidade de Galholongo. Entramos. As duas mulheres discutem se Francia tem lugar pra gente ficar pelo tempo que quiser ficar no povoado. Hildy ganha a discussão, e Francia leva Viola e eu até dois quartinhos um do lado do outro no segundo andar.

— Seu cachorro vai ter que dormir lá fora — Francia diz.

— Mas ele é…

— Não tô pedindo.

E sai do quarto.

Saio atrás dela, mas ela desce e não olha pra trás. Menos de um minuto depois já ouço as duas mulheres batendo boca outra vez, por mais que tentem falar baixo. Viola também aparece no corredor pra escutar. Ficamos ali por um tempinho, curiosos.

— Que que você acha? — pergunto.

Ela não olha pra mim, mas depois parece que muda de ideia.

— Não sei. O que *você* acha?

Dou de ombros.

— Ela não parece muito feliz com a gente aqui, mas acho que tô seguro, de um jeito que não me sentia faz um bom tempo. Com paredes e tal. — Dou de ombros de novo. — E Ben queria que a gente viesse pra cá, né.

E é verdade, mas ainda não sei bem se é a coisa certa a fazer.

Viola está de braço cruzado que nem Francia, mas de um jeito diferente.

— Sei o que quer dizer.

— Então acho que vai ser isso aí mesmo, por enquanto.

— É — Viola diz. — Por enquanto.

Ouvimos um pouco mais da discussão.

— O que você fez lá atrás… — Viola começa.

— Foi idiotice minha — corto bem depressa. — Não quero falar sobre isso.

Meu rosto começa a queimar, então volto pro quarto minúsculo. Fico ali parado. O quarto parece ter sido de um velho. Meio que cheira a velho, também, mas pelo menos tem uma cama de verdade. Vou até onde deixei minha mochila.

Olho em volta pra ver se estou mesmo sozinho e pego o livro. Abro no mapa, nas setas que descem pelo pântano até o rio do outro lado. Não tem ponte no desenho, mas ali está o povoado. Com uma palavra embaixo.

— Gal — falo sozinho. — Gal ho lon go.

Que eu acho que é Galholongo.

Respiro fundo enquanto observo as coisas escritas no verso do mapa. *Você precisa alertá-los* (claro, *claro*, cala a boca), a frase ainda sublinhada no pé da página. Mas, como disse Viola, alertar quem? Alertar Galholongo? Alertar Hildy?

— Alertar o quê? — penso em voz alta.

Passo o polegar pelas bordas das páginas cheias de coisa escrita, páginas e mais páginas, palavras e palavras e mais palavras e mais e mais, feito Ruído jogado no papel até não dar mais para entender nada de nada. Como posso alertar alguém de tudo *isso*?

— Ah, Ben… Mas no que que você tava pensando?

Hildy chama lá de baixo:

— Todd? Vi?

Fecho o livro e fico olhando a capa.

Mais tarde. Mais tarde eu pergunto sobre isso.

Vou perguntar.

Mais tarde.

Guardo o livro e desço. Viola já está lá. Hildy e Francia, de braço cruzado outra vez, também estão me esperando.

— Preciso voltar pra minha fazenda, filhotes — Hildy diz. — Tenho trabalho a fazer pelo bem de todos, mas a Francia aqui concordou em cuidar de vocês por hoje, e mais de noite eu volto pra ver como vocês tão.

Viola e eu trocamos um olhar. De repente, não queremos que Hildy vá embora.

— Muito obrigada, viu? — Francia reclama. — Não sei o que foi que a minha irmã falou pra vocês, mas eu não mordo, não.

— Ela não falou… — começo, e desisto na metade, mas meu Ruído termina a frase por mim: … *nada de você*.

— É, bom, isso é típico dela — Francia diz, olhando pra Hildy mas sem parecer aborrecida. — Vocês dois pode ficar aqui por enquanto. Meu pai e minha

tia já se foram tem tempo, e os quartos deles não têm tido muito uso mesmo.

Não falei? Quarto de gente velha.

— Mas Galholongo é uma cidade de trabalhadores. — Francia olha pra mim, depois pra Viola, depois de novo pra mim. — E vocês vê se trata de ganhar o sustento de vocês, mesmo se resolver ficar um ou dois dia enquanto pensa no que vocês vai fazer.

— Ainda não sabemos o que vamos fazer — Viola diz.

— Humpf — Francia bufa. — E se os dois for ficar até depois dessa primeira colheita, vai ter que ir pra escola.

— Escola? — pergunto.

— Escola e igreja — Hildy responde. — Se forem ficar tempo suficiente. — Acho que ela está lendo meu Ruído outra vez. — Vocês pensa em ficar muito tempo?

Eu não digo nada, Viola não diz nada, e Francia resmunga outra vez.

— Sra. Francia… — Viola começa quando Francia vira pra falar com Hildy.

— Só Francia, criança — ela diz, aparentando surpresa. — Que foi?

— Tem algum lugar em que eu possa mandar uma mensagem pra minha nave?

— Sua nave? — Francia diz. — Ela seria aquela nave de colonos lá longe, na imensidão negra? — Francia aperta os lábios. — Com todas aquelas pessoas?

— Sim. Ficamos de enviar uma mensagem para que soubessem o que encontramos.

Viola fala tão baixo e faz uma cara tão atenta e esperançosa, tão aberta e pronta pra qualquer decepção que sinto a pontada conhecida da tristeza outra vez, puxando todo o Ruído pra dento dela, a sensação de estar perdido. Me apoio no encosto de um sofá pra não perder o equilíbrio.

— Ah, filhote — Hildy diz, a voz ficando de um doce suspeito outra vez. — Acho que vocês tentaram entrar em contato com a gente aqui no Novo Mundo enquanto faziam o reconhecimento do planeta.

— Sim — Viola confirma. — Mas ninguém respondeu.

Hildy e Francia trocam acenos de cabeça.

— Você tá esquecendo que a gente era colono da igreja — Francia diz —, fugindo de coisas mundanas pra construir nossa pequena utopia, então deixamos essas maquinaria estragar pra poder sobreviver.

Viola arregala os olhos.

— Vocês não têm meios de se comunicarem com ninguém?

— Não temos como falar nem com outros *povoados* — Francia responde. — Muito menos com quem tá no espaço.

— Nós é tudo lavrador, filha — Hildy diz. — Gente simples do campo em busca de um modo de vida ainda mais simples. Foi pra isso que percorremos

todo esse caminho ridículo pra chegar aqui. Pra deixar de lado as coisas que causava tanta briga nas pessoas de antes. — Ela tamborila os dedos na mesa. — Mas não funcionou bem assim.

— Na verdade, nós não esperava mais colonos chegando — Francia diz. — Pelo jeito que estava o Velho Mundo quando a gente partiu.

— Então eu estou presa aqui? — Viola diz, e a voz sai um pouco trêmula.

— Até sua nave chegar, sinto dizer que sim — Hildy confirma.

— A que distância eles estão? — Francia pergunta.

— A entrada no sistema será em vinte e quatro semanas — Viola responde baixinho. — O peri-hélio é quatro semanas depois disso. E a transferência orbital, mais duas semanas.

— Sinto muito, criança — Francia diz. — Parece que você é nossa por sete meses.

Viola vira de costas pra gente. Pensando na notícia, claro.

Muita coisa pode acontecer em sete meses.

— Pois bem — Hildy diz, forçando um tom alegre —, fiquei sabendo que eles têm todo tipo de coisa em Refúgio. Carro de fissão, rua e tanta loja que você perde a conta. Por que não tenta se comunicar por lá antes de ficar preocupada de verdade, hein?

Hildy manda um olhar cheio de sinal pra Francia, que diz:

— Todd filhote? Que tal nós colocar você pra trabalhar no celeiro? Você mexia com roça, não é?

— Mas…

— Tem uma penca de trabalho a se fazer numa fazenda — Francia diz. — Aposto que você conhece todos muito bem…

E assim, tagarelando, Francia vai me levando até a porta dos fundos. Quando olho pra trás, vejo Hildy consolando Viola cheia de palavra mansa que eu não consigo ouvir, é mais coisa sendo dita que eu nunca vou saber o que é.

Francia leva eu e Manchee pela rua principal até um dos armazéns grandes que eu vi quando chegamos. Tem homens puxando carrinhos até a porta principal, enquanto outro descarrega as cestas de frutas.

— Esse aqui é o celeiro leste, onde nós guarda as coisas prontas pra fazer de troca — Francia me explica. — Espera aqui.

Ela vai até o homem que está descarregando os cestos empilhados no carrinho e os dois conversam alguma coisa. Ouço no Ruído dele um Prentisstown? claro como o dia, e depois vem aquele jorro súbito de sentimento por trás da palavra. É um sentimento um tiquinho diferente do de antes, mas não dá tempo de pensar nisso porque passa logo e Francia já está voltando.

— Ivan disse que você pode ficar nos fundos varrendo.

— *Varrendo*? — digo, meio revoltado. — Eu sei como que se trabalha em fazenda, siora, e eu…

— Tenho certeza que sabe, mas você deve ter percebido que Prentisstown não é nossa vizinha mais querida. Melhor você ficar longe de todo mundo até a gente se acostumar com você. É justo?

Ela ainda está séria, ainda de braço cruzado, mas tudo bem, isso até que parece que faz sentido sim, e mesmo que eu não veja muita simpatia na cara dela talvez seja mesmo justo.

— Tá bem.

Francia então me leva até Ivan. Ele deve ser mais ou menos da mesma idade que Ben, mas é baixo, de cabelo escuro e com um braço grosso que parece uns troncos de árvore.

— Ivan, esse é Todd.

Eu estendo a mão, mas Ivan me ignora. Ele só me dá um olhar um tanto ríspido.

— Você vai trabalhar lá nos fundos — ele diz. — E vai ficar fora do meu caminho junto com esse cachorro.

Francia vai embora e Ivan me leva pra dentro, aponta pra uma vassoura, e eu vou trabalhar. E é assim que eu começo meu primeiro dia em Galholongo: num celeiro escuro varrendo poeira de um canto pro outro, vendo uma única nesga de céu azul pela porta lá longe.

Ah, que alegria.

— Cocô, Todd — Manchee diz.

— Não, aqui não.

É um celeiro bem grande, uns oitenta metros de ponta a ponta e já pela metade de cestos de pinha encrespada. Tem uma área com grandes rolos de silagem, tudo amarrado com corda fina e empilhado até o teto, e tem também outra área com grandes feixes de trigo pra ser moído pra fazer farinha.

— Vocês vendem essas coisas pros outros povoados? — pergunto pro Ivan.

— Conversar só mais tarde — diz ele lá da frente.

Não respondo, mas um pouco de grosseria aparece no meu Ruído antes que eu me segure. Volto depressa a varrer.

A manhã continua. Penso em Ben e Cillian. Penso em Viola. Penso em Aaron e no prefeito. Penso na palavra *exército*, que está revirando meu estômago.

Sei não.

Ter parado aqui não me parece a coisa certa a fazer. Não depois de tanta correria.

Todo mundo está agindo como se aqui fosse seguro, mas não sei não.

Enquanto varro, Manchee entra e sai pelos fundos, às vezes perseguindo as

mariposas cor-de-rosa que eu assusto dos cantos escuros. Ivan fica na dele e eu fico na minha, mas vejo quando as pessoas que entram trazendo mais fruta dão uma olhada comprida pros fundos, às vezes apertando os olhos porque está escuro, pra ver se me encontram, o garoto de Prentisstown.

Tá, eles odeiam Prentisstown, já entendi isso. *Eu* odeio Prentisstown, mas tenho mais do que reclamar do que qualquer um deles.

Começo a perceber outras coisas durante a manhã. Por exemplo, que mesmo que homens e mulheres façam trabalho pesado, as mulheres dão mais ordem e homens mais obedecem. Se Francia é a vice-prefeita e Hildy é sei lá o que que ela é por aqui, estou começando a achar que essa é uma cidade que as mulheres mandam. Volta e meia ouço o silêncio delas quando alguma passa lá fora, e às vezes ouço o Ruído dos homens reagindo ao silêncio delas, às vezes com irritação, mas normalmente de um jeito que não faz diferença no curso normal das coisas.

Aqui o Ruído dos homens também é *muito* mais controlado do que eu estou acostumado. Com tanta mulher em volta, e pelo que eu via no Ruído em Prentisstown, seria de imaginar que o céu estivesse cheio de imagens de mulher pelada fazendo as coisas mais inimagináveis. E você até escuta essas coisas por aqui de vez em quando, claro, homem é homem, né, mas na maior parte do tempo é só música, oração ou alguma coisa a ver com o trabalho sendo feito naquela hora.

É uma gente calma, as pessoas aqui de Galholongo, mas um pouco assustadora.

De vez em quando eu tento ouvir (quer dizer, não ouvir) Viola.

Mas nada.

Na hora do almoço, Francia aparece na entrada dos fundos com um sanduíche e um jarro de água.

— Cadê a Viola? — pergunto.

— De nada — Francia diz.

— De nada o quê?

Ela dá um suspiro.

— Viola está nas plantações colhendo fruta caída.

Quero saber como ela está, mas não pergunto, e Francia se recusa a ler isso no meu Ruído.

— Como está indo? — ela me pergunta.

— Eu sei fazer muito mais coisa do que essa M de varrer.

— Olha a boca, filhote. Tem tempo bastante pra você fazer trabalho de verdade.

Ela não fica, vai lá pra frente falar rápido com Ivan e depois sai pra fazer sei lá

o que as vice-prefeitas fazem.

Sabe de uma coisa? Não faz sentido, mas eu até que gosto dela. Deve ser porque ela me lembra Cillian e todas as chatices dele que me irritavam. A memória da gente é bem burra, né não?

Pego meu sanduíche. Estou mastigando a primeira mordida quando ouço o Ruído de Ivan chegando perto.

— Pode deixar que eu vou varrer os farelos — digo.

Pra minha surpresa, ele ri, uma risada meio grosseira.

— Não tenho dúvida. — Ele também está comendo um sanduíche. — Francia disse que vai ter uma reunião da aldeia hoje de noite.

— Sobre mim?

— Os dois. Você e a garota. Vocês fugidos de Prentisstown.

O Ruído dele é estranho. É lento, mas forte, como se ele estivesse me avaliando. Eu não vejo nenhuma raiva, não de mim pelo menos, mas tem mais *alguma coisa* ali no meio.

— Vamos conhecer todo mundo? — pergunto.

— Pode ser. Mas primeiro vamos discutir sem vocês.

— Se forem fazer votação — digo, mastigando —, acho que eu perco.

— Hildy está do lado de vocês. Isso vale bastante aqui em Galholongo. — Ele engole um bocado do sanduíche. — E nossa gente aqui é de bom coração. Já ajudamos pessoas de Prentisstown antes. Faz um tempo já. Foi na época em que as coisas estavam ruins.

— Na guerra?

Ivan me olha calado um tempinho, o Ruído dele me avaliando, avaliando o que eu sei.

— Foi. Na guerra.

Ele olha em volta de um jeito despreocupado, mas tenho a sensação que está vendo se estamos mesmo sozinhos. Quando vira de volta, ele olha fixo pra mim. De um jeito que está procurando alguma coisa.

— Além do mais, não é todo mundo que pensa da mesma forma — Ivan diz.

— Sobre o quê? — pergunto, sem gostar de sua expressão, de seu zumbido.

— Sobre a história.

Ele está falando baixo, os olhos ainda penetrantes em mim, inclinando o corpo um pouco mais pra perto.

Eu recuo um tanto.

— Não sei do que você tá falando.

— Prentisstown ainda tem aliados — ele começa a sussurrar. — Escondidos em lugares surpreendentes.

O Ruído dele ganha imagens, imagens pequenas, como se estivesse falando só

comigo, e eu começo a ver mais e mais claro, coisas brilhantes, coisas molhadas, coisas rápidas, o sol brilhando em coisas vermelhas que…

— Filhotes! Filhotes! — Manchee late no canto.

Levo um susto, e Ivan também, e nisso as imagens no Ruído dele somem rapidinho. Manchee não para de latir, e aí eu escuto uma porção de risadinhas que não é as dele.

Tem um grupo de crianças ajoelhadas espiando por trás de uma tábua solta, sorrindo, rindo com ousadia, e elas se empurram disputando uma posição mais perto do buraco.

Elas apontam pra mim.

Todas tão pequenas.

Tão pequenas.

Olha só pra elas.

— Sai daqui, seus ratos! — Ivan grita, mas tem um tom divertido na voz e no Ruído dele, qualquer resto do que tava falando antes escondido de vez. Com gritinhos e risadas, as crianças saem correndo.

Num segundo elas somem.

Como se fosse invenção da minha cabeça.

— Filhotes, Todd! — Manchee late. — Filhotes!

— Eu sei — digo, fazendo carinho na cabeça dele quando ele chega perto. — Eu sei.

— Bom, almoço encerrado. De volta ao trabalho.

Ele me lança mais um olhar todo cheio de coisa antes de voltar lá pra frente.

— Mas o que foi aquilo? — pergunto pro Manchee.

— Filhotes — ele murmura, enfiando o focinho na minha mão.

A tarde passa quase igual foi de manhã. Varrendo, gente passando por aqui, um intervalo pra beber uma água com um Ivan que não fala nada, depois varrer mais.

Passo um tempo tentando pensar no que a gente pode fazer agora. Se é que vai ser *a gente*. O vilarejo vai se reunir pra discutir a nossa situação, e sem dúvida eles vão deixar Viola ficar até a nave chegar, isso é óbvio, mas será que vão me querer por perto?

E mesmo se eles me quiserem, será que eu devo ficar?

E eu devo alertar eles?

Sinto uma queimação no estômago toda vez que penso no livro, então sempre acabo fugindo pra outro assunto.

Depois de uma eternidade, o sol começa a se pôr. Não tem mais porcaria nenhuma que eu possa inventar pra varrer. Já varri o celeiro todo mais de uma vez, já contei os cestos, já contei de novo, já tentei consertar a tábua da parede

mesmo sem ninguém ter pedido. Não tem muito que você possa fazer se não te deixam sair do maldito celeiro.

— Não é que isso é verdade? — Hildy diz, aparecendo de repente atrás de mim.

— Vocês não deviam fazer isso de brotar do nada. Vocês, pessoas silenciosas.

— Francia deixou comida pra você e pra Viola na casa dela. Por que não vai lá e come alguma coisa?

— Enquanto vocês fazem a reunião de vocês?

— Enquanto nós faz a reunião da gente, sim, filhote. Viola já está lá, vai acabar comendo tudo.

— Fome, Todd! — Manchee late.

— Tem comida pra você também, filhote de cachorro — Hildy diz, abaixando pra fazer carinho nele.

O cara de pau dá a barriga na mesma hora, o sem vergonha.

— Pra que que é essa reunião afinal? — pergunto.

— Ah, os novos colonos estão chegando. É uma notícia e tanto. — Ela ergue o olhar pra mim. — E pra apresentar vocês, é claro. Começar a acostumar a cidade a receber vocês.

— E eles vão receber a gente?

— As pessoas têm medo do que elas não conhece, Todd filhote. — Hildy volta a levantar. — Quando conhecerem vocês, cabou o problema.

— A gente vai poder ficar?

— Acho que sim. Se vocês quiser.

Fico calado.

— Vai pra casa da Francia — Hildy diz. — Vou passar lá pra buscar vocês quando for a hora.

Só faço que sim com a cabeça em vez de responder, e ela dá um aceno rápido antes de ir embora, o celeiro cada vez mais escuro. Levo a vassoura de volta pra onde ela estava pendurada, meus passos ecoando. Ouço o Ruído dos homens e o silêncio das mulheres se reunindo no salão, vindos de toda a cidade. A palavra Prentisstown aparece pesado, junto com o meu nome, o da Viola e da Hildy.

E preciso dizer, mesmo vendo medo e desconfiança no Ruído deles, que não tenho uma sensação de resistência. Tem mais pergunta do que aquela raiva do tipo do tal Matthew Lyle.

E isso, vocês sabem, talvez… talvez não seja tão ruim, no fim das contas.

— Vamos, Manchee. Vamos comer alguma coisa.

— Comida, Todd! — ele late junto dos meus calcanhares.

— Como será que foi o dia da Viola?

Quando estou indo pra porta do celeiro, percebo um fragmento de Ruído se

separando do burburinho geral lá fora.

Um fragmento de Ruído desviando do fluxo.

E vindo pra cá.

Está bem ali fora.

Eu paro, aqui na total escuridão do celeiro.

Uma sombra surge na porta, lá na frente.

Matthew Lyle.

E o Ruído dele está dizendo: Você não vai pra lugar nenhum, garoto.

19

MAIS ESCOLHAS DE UMA FACA

— SAI! SAI! SAI! — Manchee começa a latir.

O reflexo das luas brilha no facão de Matthew.

Estico a mão pras minhas costas. Deixei a bainha da faca escondida debaixo da camiseta enquanto trabalhava, mas a faca claro que ainda tá ali. Claro. Pego e fico segurando do lado do corpo.

— Dessa vez não tem velhota pra te proteger — Matthew fala, agitando o facão dum lado pro outro, como se estivesse cortando o ar em rodelas. — Nenhuma barra de saia pra te esconder do que você fez.

— Eu não fiz nada — digo, dando um passo pra trás e tentando não mostrar a porta dos fundos no meu Ruído.

— Não importa — Matthew fala, avançando enquanto eu recuo. — Aqui nessa cidade tem lei.

— Eu não tenho nada contra você.

— Mas *eu* tenho contra você, garoto.

O Ruído dele vai aumentando, e tem raiva nele, claro que tem, mas tem também aquela dor estranha, aquele sofrimento avassalador que você quase sente o gosto na língua. Tem também um nervosismo zumbindo nele, algo muito tenso, por mais que ele tente cobrir.

Dou mais um passo pra trás, mergulhando ainda mais na escuridão.

— Eu não sou um homem mau, sabe? — ele diz de repente e de um jeito meio confuso, mas ainda com o facão esticado. — Eu tenho esposa. Tenho filha.

— Elas não iam querer que você machucasse um inocente…

— Quieto! — Matthew grita, e ouço ele engolir em seco.

Ele não quer fazer isso. Não quer.

O que tá acontecendo aqui?

— Eu não sei por que você está com raiva, mas sinto muito — digo. — Seja lá o que…

— Quero que você saiba antes de pagar — ele diz, mais alto que eu, como se estivesse se forçando a não me escutar. — Você *precisa* saber, garoto, que o nome da minha mãe era Jessica.

Eu paro de andar pra trás.

— Como é?

— O nome da minha mãe — ele quase ruge — era Jessica.

Isso não faz o menor sentido.

— O quê? Não sei do que você está…

— Escuta, garoto! — Matthew grita. — Escuta.

Ele escancara o Ruído dele pra mim.

E eu vejo…

Eu vejo…

Eu vejo…

Eu vejo o que ele mostra.

— Isso é mentira — sussurro. — Uma maldita mentira.

E isso é a coisa errada a dizer.

Com um grito, Matthew avança e corre na minha direção.

— Corre! — grito pra Manchee, virando e disparando pra porta dos fundos.

(Ah, cala a boca, sério que você acha que uma faca ia dar conta de um facão da colheita?) Matthew continua gritando, o Ruído dele explodindo atrás de mim. Chego na porta e abro sem nem pensar.

Manchee não está comigo.

Viro de volta. Quando eu falei pra ele correr, Manchee foi na direção contrária e se jogou com toda a sua crueldade nada convincente pra cima de Matthew.

— Manchee! — grito.

Está um breu no celeiro agora, e ouço grunhidos, latidos, pancadas e tinidos, e aí ouço Matthew gritar de dor com uma mordida, só pode ter sido isso.

Bom garoto, penso. *Muito bom*.

Eu não posso deixar ele pra trás.

Volto correndo pelo celeiro escuro, vendo Matthew pulando de um lado pro outro e a silhueta de Manchee dançando entre as pernas dele fugindo dos golpes do facão, latindo sem parar.

— Todd! Todd! Todd! — ele late.

Ainda estou correndo, a uns cinco passos dele, quando Matthew segura o facão com as duas mãos e crava a ponta da lâmina no piso de madeira. O ganido que Manchee solta não tem nenhuma palavra, só dor, e ele sai correndo prum canto escuro.

Eu grito e me atiro em Matthew. Nós dois voamos e caímos no chão, uma confusão de cotovelos e joelhos. Dói, mas meu corpo caiu quase todo em cima dele, então tudo bem.

Cada um rola prum lado, ele gritando de dor, e não demoro a levantar, com a faca na mão. Agora estou longe da porta dos fundos e Matthew está no caminho da outra saída. Manchee choraminga no escuro.

Também escuto um Ruído crescendo no fim da estrada, indo na direção do salão de reuniões, mas não tenho tempo pra pensar nisso agora.

— Eu não tenho medo de matar você — digo, mesmo tendo muito medo, sim, mas estou torcendo pro meu Ruído e o dele estarem tão zoneados e agitados que ele não vai conseguir pegar nada claro do meu.

— Então somos dois — ele diz, indo pegar o facão.

A lâmina não sai do chão no primeiro puxão, nem no segundo. Aproveito pra voltar pro escuro e ir atrás do Manchee.

— Manchee? — chamo, procurando desesperado atrás dos feixes e das pilhas de cestas de frutas.

Matthew ainda está grunhindo, tentando arrancar o facão do chão, e o barulho da cidade está ficando mais alto.

— Todd? — Ouço de algum lugar bem escondido na escuridão.

Vem de perto dos rolos de silagem, de um nicho na parede.

— Manchee? — chamo de novo, enfiando a cabeça ali.

Olho pra trás bem rápido.

Com um puxão, Matthew consegue tirar o facão.

— Todd? — Manchee chama, confuso e assustado. — Todd?

E lá vem Matthew, devagar, como se não tivesse mais pressa. O Ruído dele avança numa onda que nem imagina que eu possa lutar.

Não tenho escolha. Me enfio no cantinho e estendo a faca.

— Eu vou embora! — prometo pra ele. — Só me deixa pegar meu cachorro e a gente vai embora daqui.

— Tarde demais pra isso — Matthew diz, chegando mais perto.

— Você não quer fazer isso. Eu sei que não quer.

— Cala a boca.

— Por favor — digo, agitando a faca. — Não quero machucar você.

— Tô parecendo preocupado, garoto?

Mais perto, mais perto, um passo de cada vez.

Soa um estrondo lá fora, em algum lugar, longe daqui. Gente correndo e gritando, e mesmo assim nem ele nem eu olhamos pra ver o que é.

Eu me encolho como posso, mas não tem como eu caber aqui. Olho em volta tentando achar por onde fugir.

Não encontro muita coisa.

Vai ter que ser na faca. Ela vai ter que fazer o serviço, mesmo que contra um facão.

— Todd? — Ouço atrás de mim.

— Fica calmo, Manchee. Vai ficar tudo bem.

E quem vai saber no que os cachorros acreditam?

Matthew está quase chegando.

Seguro a faca com força.

Ele para a um metro de mim, tão perto que vejo seus olhos brilhando no escuro.

— Jessica — ele diz.

Ele levanta o facão acima da cabeça.

Eu me encolho, a faca na mão, e me preparo…

Mas ele faz uma pausa…

Ele faz uma pausa…

De um jeito que reconheço…

E isso é suficiente.

Rezando pro que aconteceu na ponte não se repetir, faço um arco com a faca pro lado, cortando fácil (muito muito obrigado) as cordas que seguram os rolos de silagem, fazendo os da frente caírem. O peso mudando tão depressa faz as outras cordas arrebentarem na hora, e tenho que proteger a cabeça e esquivar dos rolos que despencam.

Escuto batidas e pancadas e um bufar de Matthew e, quando olho, ele está soterrado pelos rolos de silagem, o braço estendido pro lado, o facão caído no chão. Aproveito pra correr e chutar ele longe, e depois viro de volta pra encontrar Manchee.

Ele está num canto escuro, atrás dos rolos caídos. Corro até lá.

— Todd? — ele diz. — Rabo, Todd?

— Manchee?

Tenho que agachar do lado dele pra conseguir ver no escuro: o rabo dele está mais curto, tipo um terço menor, e está coberto de sangue, mas graças a Deus ele ainda tenta balançar.

— Ai, Todd?

— Tá tudo bem, Manchee. — Minha voz e meu Ruído estão quase chorando de alívio que foi só o rabo. — A gente vai dar um jeito em você logo, logo.

— Bem, Todd?

— Eu tô bem.

Afago a cabeça dele e ele mordisca minha mão, mas sei que é sem querer, porque tá sentindo dor. Ele pede desculpa com uma lambida e depois me morde outra vez.

— Ai, Todd.

— Todd Hewitt! — alguém grita lá na frente.

Francia.

— Aqui! — respondo, levantando. — Eu tô bem. Matthew ficou doido e…

Não termino a frase, porque ela não está me escutando.

— Você precisa entrar, Todd filhote — ela diz, meio agitada. — Você precisa…

Ela para quando vê Matthew embaixo dos rolos todos.

— Que foi que aconteceu aqui? — ela pergunta, já começando a afastar os rolos, tirando um de cima do rosto de Matthew e abaixando pra ver se ele ainda está respirando.

Aponto pro facão.

— Aconteceu *aquilo*.

Francia olha pro facão, depois me olha demorado, e não consigo ler o rosto dela, não faço a menor ideia do que está pensando. Não sei se Matthew está vivo ou morto e nunca vou descobrir.

— Estamos sob ataque, filhote — ela diz, ficando em pé.

— *O quê*?

— Homens. Homens de Prentisstown. Aquele grupo que estava atrás de você. Estão atacando a cidade inteira.

Meu estômago despenca no vazio.

— Ah, não — digo. E depois digo de novo. — Ah, não.

Francia fica me encarando, o cérebro dela pensando só Deus sabe o quê.

— Não entrega a gente — eu imploro, andando pra trás. — Eles vão matar a gente.

— Que tipo de mulher você pensa que eu sou?

— Não sei. Esse é o problema.

— Eu não vou *entregar* você pra eles. Ora essa. Nem Viola. Aliás, na nossa reunião o sentimento geral, até onde nós conseguiu chegar, era a favor de proteger vocês dois do que era quase certeza que estava por vir. — Ela baixa os olhos pra Matthew. — Pena que a gente não pôde cumprir isso.

— E Viola? Cadê ela?

— Tá lá em casa — Francia responde, de repente toda ativa outra vez — Vambora. Preciso levar você pra dentro.

— Espera.

Me espremo por trás dos rolos de silagem e encontro Manchee ainda no canto, lambendo o rabo. Ele olha pra mim e late, um latido curto que não é nem uma palavra.

— Vou pegar você agora — aviso pra ele. — Tenta não me morder forte, tá bem?

— Bem, Todd — ele choraminga, ganindo cada vez que balança o rabo cortado.

Pego ele pela barriga e levanto até meu peito. Ele solta um ganido e morde meu pulso com força, mas depois lambe.

— Está tudo bem, amigão — digo, segurando ele da melhor maneira que consigo.

Francia está me esperando na entrada do celeiro. Saímos juntos pra rua principal.

Vejo pessoas correndo de um lado pro outro. Homens e mulheres armados seguem pros pomares, enquanto outros homens e mulheres levam as crianças (olha elas aqui outra vez) pra dentro das casas ou de qualquer outro lugar. Explosões e gritos soam lá longe.

— Cadê a Hildy? — pergunto gritando.

Francia não responde. Quando a gente chega na entrada da casa dela, tento de novo.

— E a Hildy?

— Ela foi lutar. — Francia diz sem olhar pra mim, abrindo a porta. — Eles deve ter chegado primeiro na fazenda dela. Tam ainda estava lá.

— Ah, não — digo mais uma vez, numa reação estúpida, como se fosse adiantar alguma coisa.

Quando a gente entra, Viola vem voando escada abaixo.

— Por que você demorou tanto? — ela pergunta, com o tom de voz meio alto, e não sei com qual de nós dois ela tá falando.

Ela leva um susto quando vê Manchee.

— Curativos — peço. — Daqueles bons.

Ela sobe correndo pra pegar.

— Vocês dois fica aqui — Francia ordena. — Não sai pra rua de jeito nenhum.

— Mas a gente precisa fugir! — digo, sem entender nada. — A gente tem que ir embora daqui!

— Não, Todd filhote. Se Prentisstown quer vocês, então é razão suficiente pra nós defender vocês deles.

— Mas eles têm armas…

— A gente também. Nenhum bando de homem de Prentisstown vai tomar a

nossa cidade.

Viola volta com a bolsa, procurando os curativos.

— Francia… — eu começo.

— Não me sai daqui. Vamos proteger vocês. Os dois.

Ela olha pra nós com firmeza, como se quisesse ter certeza que a gente entendeu, e aí então ela sai pra proteger sua cidade, imagino.

Ficamos encarando a porta fechada, até que Manchee choraminga outra vez. Coloco ele no chão. Viola pega um curativo quadrado e aquela faquinha.

— Não sei se vai funcionar em cachorro — ela diz.

— É melhor que nada.

Ela corta uma tira pequena, e preciso segurar a cabeça de Manchee enquanto ela enrola o curativo. Ele rosna e pede desculpa, rosna e pede desculpa, até Viola cobrir bem todo o machucado. Manchee começa a lamber o curativo assim que eu solto ele.

— Para com isso — mando.

— Coça — ele reclama.

— Cachorro idiota. — Coço as orelhas dele. — Cachorro idiota demais.

Viola também faz carinho nele, tentando impedir ele de lamber o curativo.

— Você acha que estamos seguros? — ela pergunta baixinho, depois de um longo minuto.

— Não sei.

Mais disparos ao longe. Nós dois damos um pulo de susto. Mais gritos. Mais Ruído.

— Não tivemos nenhum sinal de Hildy desde que tudo isso começou — Viola diz.

— Eu sei.

Mais um breve silêncio, enquanto exageramos nos carinhos em Manchee. Mais tumulto vindo dos pomares no alto das colinas.

Tudo parece muito longe, como se nem estivesse acontecendo.

— Francia me disse que dá pra chegar em Refúgio se continuarmos seguindo o rio principal — Viola comenta.

Olho pra ela. Será que entendi o que ela tá querendo dizer com isso?

Acho que sim.

— Você quer ir embora daqui — digo.

— Eles não vão desistir. Estamos colocando essas pessoas em perigo. Se chegaram até aqui, não acha que eles vão continuar nos perseguindo?

Eu acho. Acho mesmo. Não digo isso, mas acho.

— Mas eles disseram que podem proteger a gente.

— Você acredita? — Viola pergunta.

Mais uma vez eu também não digo nada. Lembro de Matthew Lyle.

— Acho que não estamos mais seguros aqui — Viola diz.

— Acho que não estamos seguros em *lugar nenhum*. Em nenhum lugar desse planeta.

— Preciso entrar em contato com a minha nave, Todd — ela diz, quase suplicando. — Eles estão esperando notícias minhas.

— E você quer fugir pro desconhecido pra fazer isso?

— Você também quer. Eu sei. — Ela desvia o olhar. — Se a gente for juntos…

Observo ela, tentando ver, tentando *saber*, saber de verdade.

Tudo que ela faz é me olhar de volta.

Não preciso de mais nada.

— Vamos — digo.

Arrumamos nossas coisas sem dizer uma palavra, rápido. Ponho a mochila nas costas, Viola pega a bolsa, Manchee está de pé outra vez e andando. Saímos pelos fundos. E assim, simples assim, a gente vai embora. É melhor pra Galholongo, isso com certeza. Se é mais seguro pra gente, quem pode saber? Quem sabe se é o certo a fazer? Depois do que Hildy e Francia prometeram, dói demais ir embora.

Mas estamos indo. É o que estamos fazendo.

Porque pelo menos a decisão foi *nossa*. Prefiro que ninguém mais me diga o que vão fazer por mim, mesmo se tiver boas intenções.

Está um breu agora, mesmo com as duas luas brilhando forte. A cidade inteira está prestando atenção nas lutas lá atrás, então não tem ninguém pra impedir a gente. Uma pontezinha cruza o riacho que atravessa a cidade.

— Esse Refúgio fica longe? — pergunto num sussurro enquanto a gente pega a ponte.

— Meio longe — Viola sussurra em resposta.

— E quanto é esse “meio longe”?

Ela não responde.

— *Quanto*? — insisto.

— Algumas semanas de caminhada.

Ela não olha pra trás quando responde.

— *Semanas!*

— Aonde mais podemos ir? — ela pergunta.

Não sei o que responder, então continuamos andando.

Do outro lado do riacho, a estrada segue na direção da montanha do outro lado do vale. A gente vai por ali, porque parece ser o meio mais rápido de sair da cidade, encontrar o caminho de volta pro sul, pro rio, e seguir por ali. O mapa do Ben termina em Galholongo, então o rio é o único guia que a gente tem.

Um monte de pergunta surge na nossa cabeça durante a fuga, coisas que a gente nunca vai saber a resposta: por que o prefeito e uns homens percorreram tantos quilômetros pra atacar toda uma maldita cidade sozinhos? Por que eles ainda tão atrás da gente? Por que a gente é tão importante? E o que aconteceu com Hildy?

E será que eu matei Matthew Lyle?

E era verdade aquilo que ele mostrou pra mim no Ruído dele, já no fim?

Será que aquela é a história verdadeira de Prentisstown?

— Que história? — Viola pergunta enquanto seguimos apressados pela trilha.

— Nada. E para de ler meu Ruído.

Chegamos no alto da montanha do outro lado do vale, e mais disparos ecoam lá atrás. A gente para e olha.

E vê.

Cara, nós vemos.

— Meu Deus — Viola diz.

À luz das duas luas, o vale inteiro meio que brilha, um brilho que atravessa todas as construções do vilarejo até as colinas das plantações de fruta.

A gente vê os homens e mulheres de Galholongo descerem a montanha correndo.

Em retirada.

E no alto, em marcha, cinco, dez, quinze homens a cavalo.

Seguidos por homens em fileiras de cinco carregando armas e marchando em linha atrás do que só podem ser os cavalos do prefeito.

Não é um grupo de busca. Não mesmo.

É Prentisstown inteira. Sinto o mundo rachando debaixo dos meus pés. São todos os malditos homens de Prentisstown.

O triplo de gente que Galholongo.

Três vezes mais armas.

Ouvimos disparos e vemos os homens e mulheres do vilarejo caírem no meio da corrida, tentando chegar nas casas.

Eles vão tomar a cidade fácil. Em menos de uma hora.

Porque os rumores eram verdadeiros, os rumores que Francia ouviu.

Era verdade.

É um exército.

Um exército inteiro.

Um exército inteiro vindo atrás de mim e Viola.


PARTE IV

20
EXÉRCITO DE HOMENS

A GENTE SE esconde atrás de uns arbustos. Mesmo estando superescuro, mesmo o exército estando lá do outro lado do vale, mesmo eles não sabendo que a gente tá aqui e nunca que daria pra ouvirem meu Ruído no meio daquele caos acontecendo lá embaixo, mesmo assim a gente se esconde.

— Aquele seu binóculo enxerga no escuro? — pergunto baixinho.

Viola pega ele na bolsa e coloca nos olhos.

— O que está acontecendo? — ela pergunta, apertando uns botões no binóculo. — Quem são todos esses homens?

— É de Prentisstown — respondo, estendendo a mão pra ver se ela me empresta. — Parece que vieram todos os homens daquela M de cidade inteira.

— Como é possível, a cidade inteira? — Ela me entrega o binóculo. — Isso faz algum sentido?

— Aí você me pegou.

A visão noturna do binóculo transforma o vale e tudo nele num verde bem forte. Vejo cavalos descendo o morro pro centro do vilarejo, os homens disparando enquanto cavalgam, e vejo gente de Galholongo atirando neles, mas a maioria só corre, a maioria cai, a maioria morre. O exército de Prentisstown não parece muito interessado em fazer prisioneiros.

— Temos que ir embora daqui, Todd.

— Aham — concordo, mas continuo olhando pelo binóculo.

Com tudo verde, é difícil diferenciar os rostos. Aperto mais uns botões no

binóculo até encontrar o que me leva pra perto deles.

A primeira pessoa que sei quem é com certeza é o Prentiss Jr., na frente, disparando pro alto quando não tem mais no que atirar. Depois vêm o sr. Morgan e o sr. Collins, perseguindo alguns homens de Galholongo até os celeiros, disparando sempre. O sr. O'Hare também está lá, fora os capangas de sempre do prefeito, a cavalo: o sr. Edwin, o sr. Henratty e o sr. Sullivan. E ali eu vejo o sr. Hammar, com um sorriso verde maligno, que dá pra ver mesmo de longe, atirando pelas costas nas mulheres que fogem com crianças pequenas, e tenho que parar de olhar um pouco porque senão vou vomitar o nada que comi na janta.

Os homens a pé entram marchando na cidade. O primeiro que eu reconheço é justo o sr. Phelps, da loja. O que é estranho, porque ele nunca foi do tipo militar, nem um pouco. E ali está o dr. Baldwin. E o sr. Fox. E o sr. Cardiff, que era nosso melhor ordenhador. E o sr. Tate, que foi quem tinha mais livro pra queimar na época que o prefeito proibiu todo mundo de ter livro. E o sr. Kearney, que moía o trigo da cidade, sempre de fala mansa e que fazia brinquedo de madeira pros aniversários de todo menino de Prentisstown.

O que esses homens estão fazendo num exército?

— Todd.

Viola me puxa pelo braço.

Os homens marchando não parecem muito felizes. Sinistros, frios e assustadores de um jeito diferente do sr. Hammar, como se tivessem tirado todo o sentimento deles.

Mas ainda estão marchando. Ainda estão atirando. Ainda estão derrubando portas.

— Aquele é o sr. Gillooly — digo, segurando o binóculo com força. — O cara não consegue nem abater os próprios bichos pra comer.

— *Todd* — Viola insiste, e sinto que ela vai se afastando dos arbustos. — *Vamos*.

O que está acontecendo? Tudo bem, Prentisstown era um lugar horrível, você nunca ia querer pintar um lugar desse, mas como pode de repente ter virado um exército? Tem muito homem ruim em Prentisstown, mas não todos. Não *todos*. E o sr. Gillooly com um rifle é uma imagem tão errada que quase machuca os olhos.

Então, é claro, eu vejo a resposta.

O prefeito Prentiss, sem nem segurar uma arma, só uma das mãos nas rédeas do cavalo, entra na cidade como se estivesse fazendo um passeio. Ele acompanha a destruição de Galholongo como se fosse um vídeo (e nem dos mais interessantes), deixando o trabalho sujo pros outros, mas tão obviamente no

comando que ninguém nem pensaria em pedir pra ele botar a mão na massa.

Como ele consegue com que tantos homens façam o que ele quer?

E ele é à prova de balas, pra andar assim sem medo nenhum?

— Todd — Viola diz atrás de mim. — Eu juro que vou embora sem você.

— Não vai, não. Só mais um segundo.

Porque agora eu estou olhando rosto por rosto, entende? Observo cada homem de Prentisstown, porque mesmo que eles estejam atacando a cidade e logo descubram que nem eu nem Viola estamos lá e venham atrás de nós, eu preciso saber.

Eu preciso saber.

Rosto por rosto daqueles que marcham, atiram e tacam fogo. O sr. Wallace, o sr. Asbjornsen, o sr. St. James, o sr. Belgraves, o sr. Smith Pai, o sr. Smith Filho, o sr. Smith dos Nove Dedos, até o sr. Marjoribanks, mancando mas mesmo assim marchando marchando marchando. Meu olhar passa por cada um dos homens de Prentisstown, e meu coração fica apertado e queima com cada um que consigo identificar.

— Eles não vieram — digo, quase pra mim mesmo.

— Quem não veio?

— Não! — Manchee late, lambendo o rabo.

Eles não vieram.

Não estou vendo Ben e Cillian.

O que, claro, é ótimo, né? Claro que eles não entraram prum exército de assassinos. *Claro* que não, mesmo quando todos os outros homens de Prentisstown entraram. Eles não fariam isso. Nunca, de jeito nenhum, podia acontecer o que fosse.

Bons homens, *grandes* homens, os dois, até Cillian.

Mas se isso for verdade, então a outra parte também é, né?

Se eles não vieram, é a resposta final de que…

Taí a lição.

Sempre vai ter alguma coisa muito ruim esperando pra vir logo depois de uma coisa boa.

Espero que eles tenham travado a melhor luta de todas.

Afasto o binóculo do rosto, baixo os olhos e esfrego a cara na manga da camisa, então viro e devolvo o binóculo pra Viola.

— Vamos — digo.

Ela pega o aparelho, se contorcendo um pouco, como se estivesse louca pra ir embora dali, mas diz:

— Sinto muito.

Ela deve ter visto no meu Ruído.

— Não foi agora que aconteceu — falo pro chão, ajeitando a mochila nas costas. — Vamos lá, antes que eu coloque a gente num perigo ainda maior.

Sigo pela trilha que vai na direção do cume, cabeça baixa e passo rápido. Viola vem atrás de mim, e Manchee tenta não morder o rabo.

Não estamos andando há muito tempo quando Viola me alcança.

— Você viu… ele? — ela me pergunta, ofegante.

— Aaron?

— É.

— Não. Pior que é mesmo, eu não vi. E era pra ele estar bem na frente.

A gente segue, calado e apressado, se perguntando o que isso significa.

A estrada desse lado do vale é mais larga, e a gente tenta seguir pelas sombras durante a subida, que tem muitas curvas e desvios. A única claridade vem das luas, mas elas brilham forte a ponto de fazer sombra na estrada. Por sinal, uma estrada iluminada demais pra quem está fugindo. Nunca vi nenhum binóculo de visão noturna em Prentisstown, mas também nunca vi um exército, então acaba que nós dois andamos meio abaixados sem nem ter combinado nada. Manchee vai na frente, focinho perto do chão, latindo “Por aqui! Por aqui!” como se soubesse melhor que a gente aonde ir.

No alto do morro, a estrada se bifurca.

Que maravilha.

— Só pode ser brincadeira — digo.

Uma parte da estrada vai pra esquerda, a outra vai pra direita.

(Bom, é uma *bifurcação*, pois é.)

— O riacho em Galholongo corria para direita — Viola lembra. — E o rio principal estava sempre à direita depois que atravessamos a ponte, então a gente precisa seguir nessa mesma direção se quiser voltar para lá.

— Mas parece que a da esquerda tem mais movimento — digo.

Parece mesmo. A estrada da esquerda parece mais lisa, do tipo que passa carroça. A da direita é mais estreita, com o mato mais alto nas margens, e, mesmo sendo noite, dá pra ver que é poeirenta.

— Francia falou alguma coisa de bifurcação? — pergunto.

Olho pra trás, pro vale ainda atrás da gente.

— Não — Viola responde, também olhando pra trás. — Ela só disse que Refúgio foi o primeiro povoado, e que foram surgindo outros ao longo do rio, enquanto as pessoas avançavam para o oeste. Que Prentisstown é o mais distante. E Galholongo vem depois.

— Essa deve ir pro rio — digo, apontando pra estradinha da direita. — E essa outra deve levar direto pra Refúgio.

— Qual delas eles vão pensar que pegamos?

— A gente precisa decidir. Rápido, agora.

— Direita — Viola diz, mas logo transforma a resposta em pergunta: — Direita?

Ouvimos um *BUM* que faz a gente dar um pulo. Um cogumelo de fumaça se forma acima do povoado. O celeiro que eu trabalhei o dia inteiro está pegando fogo.

Talvez nossa história tome um rumo diferente se a gente seguir pela esquerda, talvez as coisas ruins que estão pra acontecer não aconteçam afinal, talvez haja felicidade no fim da estrada da esquerda, e lugares acolhedores, com pessoas que amem a gente, e nenhum Ruído mas também nenhum silêncio, e talvez tenha bastante comida e ninguém morra, ninguém morra e ninguém nunca, nunca morra.

Talvez.

Mas eu duvido.

Não sou bem o que você chamaria de sortudo.

— Beleza. Pra direita, então — decido.

A gente volta a andar. Manchee vem logo atrás, a noite e uma estradinha de terra vão na frente, um exército e uma tragédia mais atrás, eu e Viola correndo lado a lado.

A gente corre até não aguentar mais, e quando não aguentamos mais, a gente caminha depressa até conseguir correr de novo. Os sons de Galholongo logo desaparecem atrás de nós, e só ouvimos nossos passos na trilha, meu Ruído e os latidos de Manchee. Se existe alguma criatura noturna por aqui, ela está fugindo da gente.

Imagino que isso seja bom.

— Qual é o próximo povoado? — Estou sem fôlego depois de uma boa meia hora correndo e andando. — Francia disse o nome?

— Farol Brilhante — Viola responde, ofegando também. — Ou Luz Brilhante. — Ela faz uma careta. — Luz *Flamejante*. Farol Flamejante?

— Tá ajudando muito…

— Espera aí. — Ela para no meio da estrada, curvada pra frente, tentando recuperar o fôlego. Eu paro também. — Preciso de água.

Estendo as mãos de um jeito que diz: “E daí?”

— Eu também — respondo. — Você tem?

Ela olha pra mim com as sobrancelhas levantadas.

— Ah.

— Sempre tem um rio.

— Então acho que é melhor a gente encontrar um.

— Acho que sim.

Respiro fundo pra voltar a correr.

— Todd — ela diz, me fazendo parar. — Andei pensando…

— O quê?

— Luzes Flamejantes ou seja lá o que for…

— Quê?

— Se você pensar de um certo jeito… — Ela abaixa a voz e fala com um tom triste e desconfortável. — Se você pensar nas coisas de um certo jeito, nós levamos um exército para Galholongo.

Passo a língua pelos lábios secos. Sinto gosto de terra. Entendo o que Viola está dizendo.

— *Você precisa alertá-los* — ela diz, baixinho, no escuro. — Sinto muito, mas…

— É melhor a gente não ir pra nenhum outro povoado.

— Também acho.

— Direto pra Refúgio.

— Direto pra Refúgio — ela repete. — Vamos torcer para que seja uma cidade maior, capaz de enfrentar um exército.

Então é isso. Não que precisem lembrar a gente mais uma vez, mas estamos mesmo por conta própria. É isso aí. Eu, Viola e Manchee, só a escuridão fazendo companhia. Ninguém na estrada pra ajudar a gente por todo o caminho, e se chegar a tanto, pela nossa sorte até agora…

Fecho os olhos.

Eu sou Todd Hewitt, penso. *Quando der meia-noite, vai faltar vinte e sete dias preu virar homem. Sou filho da minha mãe e do meu pai, que descansem em paz. Sou filho de Ben e Cillian, que descan.…*

Eu sou Todd Hewitt.

— Eu sou Viola Eade — Viola diz.

Abro os olhos. Ela está com a mão estendida pra mim.

— É o meu sobrenome. Eade. E-A-D-E.

Olho pra ela, depois pra baixo, e aí estendo a mão e aperto a dela. Um segundo depois, interrompo o cumprimento.

Mexo os ombros pra ajeitar a mochila. Levo a mão até as costas pra sentir a faca, pra ver que ela ainda está ali. Olho pro pobre e ofegante Manchee, agora com só meio rabo, então encaro Viola.

— Viola Eade — repito.

Ela confirma.

Corremos noite adentro.

21

O MUNDO MAIOR

— Como pode ser tão longe? — Viola pergunta. — Não faz o menor sentido lógico.

— E tem outro jeito de fazer sentido?

Ela fecha a cara. Eu também. Estamos cansados, cada vez mais cansados, tentando não pensar no que vimos em Galholongo. Andamos e corremos pelo que parece ter sido metade da noite, mas nada do rio aparecer. Tô começando a ficar com medo da gente ter escolhido o caminho errado e não poder fazer nada pra consertar porque agora num tem mais volta.

— *Não* tem volta — ouço Viola dizer atrás de mim.

Viro pra ela de olhos arregalados.

— Isso é duas vezes errado — digo. — Primeiro que ler o Ruído das pessoas o tempo todo não vai fazer você ser muito bem-vinda por aqui.

Ela cruza os braços e dá de ombros.

— E segundo?

— O segundo é que eu falo do jeito que eu quiser.

— Ah, é. Isso você faz mesmo.

Meu Ruído começa a aumentar um pouco. Eu respiro fundo. Mas então ela faz:

— Shhh.

Os olhos dela brilham quando se voltam pra alguma coisa atrás de mim.

O som de água corrente.

— Rio! — Manchee late.

A gente dispara pela estrada, faz uma curva, desce uma encosta, faz outra curva e vemos o rio, mais largo, liso e lento do que da última vez, mas cheio dágua. Sem dizer nada, a gente cai de joelhos nas pedras da margem e bebe. Manchee entra no rio, a água na altura da barriga.

Do lado de Viola, sinto o silêncio dela outra vez enquanto bebo sem me preocupar em não fazer barulho. É uma via de mão dupla. Por mais que ela possa ouvir meu Ruído com clareza aqui, longe do falatório dos outros e do Ruído de uma cidade o silêncio dela é alto feito um rugido, me cutucando como a maior tristeza de todas, como se eu quisesse pegar e me espremer pra dentro dele e desaparecer no nada pra sempre.

Que alívio seria isso agora. Que alívio incrível.

— Eu não tenho como não ouvir você quando estamos num lugar quieto e só nós dois — ela diz, levantando e abrindo a bolsa.

— E eu não tenho como não te ouvir. Em todo lugar, o tempo todo. — Assobio pra Manchee. — Sai da água! Pode ter cobra.

Ele está afundando o traseiro na correnteza, balançando o rabo de um lado pro outro até que o curativo sai e vai embora na água. Então ele pula pra margem e começa a lamber o rabo.

— Deixa eu ver — digo.

— Todd! — ele late, concordando, mas quando eu chego perto, ele enfia o rabo entre as patas o máximo que consegue agora com esse tamanho novo de rabo.

Puxo com jeitinho.

— Rabo, rabo — ele murmura o tempo todo.

— Olha só, esses curativos funcionam em cachorro.

Viola pegou dois discos na bolsa. Ela aperta com o polegar alguma coisa dentro deles e eles viram garrafas. Aí ela ajoelha na beira do rio, enche as duas de água e joga uma pra mim.

— Valeu — digo, sem olhar direito pra ela.

Com a mão, Viola enxuga um pouco a parte de fora da garrafa dela. A gente fica ali parado na margem do rio um tempinho. Ela guarda a garrafa na bolsa, em silêncio, um tipo de silêncio que, pelo que estou descobrindo, significa que ela está tentando dizer alguma coisa difícil.

— Não quero ofender, mas acho que está na hora de você me deixar ler aquele bilhete no mapa.

Sinto que meu rosto fica vermelho, mesmo no escuro, e também que vou começar uma discussão.

Mas no fim eu só suspiro. Estou cansado, está tarde, estamos fugindo *de novo*,

e ela está certa, não? Não há nada além de maldade para provar que ela esteja errada.

Tiro a mochila pra pegar o livro e desdobro o mapa. Entrego sem olhar pra Viola. Ela ilumina o papel com a lanterna e vira pra ver a mensagem de Ben. Pra minha surpresa, ela começa a ler em voz alta e, de repente, é como se a voz de Ben soasse pelo rio, um eco vindo de Prentisstown atingindo meu peito como um soco.

— *Vá para o povoado à margem do rio, do outro lado da ponte* — Viola lê. — *Ele se chama Galholongo, e as pessoas de lá devem recebê-lo bem.*

— E foi o que elas fizeram — digo. — Algumas delas.

— *Existem coisas que você não sabe sobre nossa história, Todd, e peço desculpas por isso, mas, se você soubesse, correria sério perigo. Sua inocência é sua única chance de ser bem recebido.*

Sinto que meu rosto ficou ainda mais vermelho. Que bom que está escuro demais pra ver.

— *Você pode encontrar mais informações no diário da sua mãe, mas, enquanto isso, o resto do mundo precisa ser alertado, Todd. Prentisstown está em movimento. O plano está sendo colocado em prática há anos, só esperando que o último garoto de Prentisstown se tornasse homem*. — Ela ergue os olhos. — Esse seria você?

— Sou eu. Eu era o garoto mais novo. Daqui a vinte e sete dias eu faço treze anos e viro homem oficialmente, pela lei de Prentisstown.

Não consigo deixar de pensar no que Ben me mostrou…

Em como os garotos viram…

Escondo isso no meu Ruído e digo rápido:

— Mas eu não tenho ideia do que ele quis dizer sobre estarem me esperando.

— *O prefeito tem planos de tomar Galholongo e quem sabe o que mais. Sillian e eu…*

— Cillian — corrijo. — Com som de K.

— *Cillian e eu vamos tentar atrasá-los o máximo possível, mas não vamos conseguir impedir. Galholongo corre perigo, e você precisa avisar isso a eles. Nunca, nunca, nunca esqueça que amamos você como se fosse nosso filho, e mandá-lo embora vai ser o momento mais difícil da nossa vida. Se tivermos alguma chance* mínima, *vamos encontrar você, mas primeiro você tem que chegar a Galholongo o mais rápido que puder e, quando chegar lá, você precisa alertá-los. Ben.* — Viola ergue os olhos. — Essa última parte está sublinhada.

— Eu sei.

Ficamos em silêncio por um minuto. A culpa toma conta do ar, mas talvez ela toda venha de mim.

Como eu posso saber, estando ao lado de uma garota silenciosa?

— É culpa minha — digo. — É tudo culpa minha.

Viola lê o bilhete de novo, agora em silêncio.

— Eles deviam ter *contado* pra você, não esperado que você lesse o bilhete, se você não sabe…

— Se eles tivessem me contado, Prentisstown teria ouvido tudo no meu Ruído e ia saber que eu sabia. A gente não teria nem a vantagem que teve no começo. — Olho bem nos olhos de Viola, mas logo viro o rosto. — Eu devia ter pedido pra alguém ler pra mim, isso sim. Ben é um bom homem. — Me corrijo numa voz mais baixa: — Era.

Ela dobra o mapa e me devolve. Agora ele não serve de mais nada, mas mesmo assim guardo com cuidado dentro do livro.

— Eu posso ler isso para você — Viola diz. — O diário da sua mãe. Se você quiser.

De costas pra ela, guardo o livro na mochila.

— A gente tem que ir. Já perdemos tempo demais aqui.

— Todd…

— Tem um exército atrás da gente. Chega de ler.

Então partimos outra vez e fazemos o possível pra correr mais rápido e por mais tempo. Mas, quando o sol nasce, todo lento e preguiçoso e frio, estamos há uma noite inteira sem dormir, e isso depois de um dia inteiro de esforço, então por isso a gente mal consegue manter uma caminhada rápida mesmo com um exército na nossa cola.

Mas a gente segue andando mesmo assim, a manhã toda. A estrada continua acompanhando o rio, como já esperávamos, e a paisagem começa a ficar menos acidentada, com grandes planícies cobertas de grama até as colinas baixas e as mais altas atrás, pelo menos no norte, até as montanhas lá longe.

Só que é tudo natureza selvagem. Não tem cerca, não tem plantação nem sinal de nenhum tipo de povoado ou de gente, nada além da estrada de terra. Por um lado isso é bom, mas por outro é estranho.

Se o Novo Mundo não foi destruído, cadê todo mundo?

— Você acha que é isso mesmo? — pergunto pra Viola depois de mais uma curva poeirenta nessa estrada que é só uma curva poeirenta atrás da outra. — Acha que estamos no caminho certo?

Viola tá com um ar pensativo.

— Meu pai sempre dizia: *Só podemos ir em frente, Vi, ou para o alto ou para fora.*

— Só podemos ir em frente — repito.

— Ou para o alto ou para fora — ela completa.

— Como ele era? Seu pai.

Ela baixa os olhos pra estrada e, mesmo de lado, vejo um meio sorriso.

— Ele tinha cheiro de pão fresco.

E segue na frente sem dizer mais nada.

A manhã vira tarde com mais do mesmo. Corremos quando dá, caminhamos depressa quando não conseguimos correr e só descansamos quando não aguentamos mais. O rio continua calmo, reto que nem a terra marrom e verde em volta. Vejo gaviões-azuis voando lá no alto, planando atrás de uma presa, mas isso é praticamente o único sinal de vida.

— Isso aqui é um planeta vazio — Viola diz quando a gente para prum almoço rápido, apoiados numas pedras de onde a gente vê uma barragem natural.

— Ah, ele é cheio o suficiente — discordo, mastigando um pedaço de queijo. — Pode acreditar.

— Eu acredito. Só quis dizer que entendo por que eles queriam colonizar isso aqui. Muita terra fértil, muito potencial para construir uma nova vida.

Continuo mastigando.

— Eles estavam errados.

Ela passa a mão no pescoço e olha pra Manchee, que fareja a beira da barragem, provavelmente sentindo o cheiro dos tecelões-de-madeira que fizeram ela e que vivem logo ali embaixo.

— Por que aqui os meninos viram homens aos treze anos? — ela pergunta.

Olho surpreso pra ela.

— Quê?

— O bilhete. A cidade estava esperando o último menino se tornar homem. Por que esperar?

— Sempre foi assim no Novo Mundo. Acho que está nas escrituras. Aaron sempre falava que isso simboliza o dia que você come da Árvore do Conhecimento e vai da inocência ao pecado.

Ela me olha de um jeito esquisito.

— Que pesado.

Dou de ombros.

— Ben dizia que na verdade é porque um grupo pequeno de pessoas num planeta isolado precisa do máximo possível de adulto, por isso você começa a ter responsabilidade séria quando faz treze. — Atiro uma pedra no rio. — Não me pergunte. O que eu sei é que são treze anos. Treze ciclos de treze meses.

— *Treze* meses? — ela repete, surpresa.

— Aham.

— Mas um ano só tem doze meses.

— Tem não. Tem treze.

— Talvez não aqui, mas de onde eu venho tem doze.

Levo um segundo pra responder:

— Treze meses num ano do Novo Mundo.

Por algum motivo, me sinto burro.

Ela me olha como se estivesse fazendo conta.

— Isso quer dizer que, dependendo da duração de um dia e de um mês neste planeta, você pode… já ter catorze anos.

— Não é assim que funciona aqui — digo, sério, sem gostar muito da ideia. — Faço treze anos daqui a vinte e sete dias.

— Na verdade, catorze e um *mês*. — Viola ainda está calculando. — O que faz a gente se perguntar qual seria a verdadeira idade de…

— Faltam vinte e sete dias pro meu aniversário — digo com firmeza, e levanto com a mochila nas costas. — Vamos, já perdemos tempo demais batendo papo.

Só quando o sol finalmente começa a desaparecer atrás das árvores é que a gente vê o primeiro sinal de civilização: um moinho de água abandonado na beira do rio, o telhado queimado sei lá quantos anos atrás. Estamos há tanto tempo na estrada que a gente nem fala nada, nem olha em volta pra ver se tem algum perigo por aqui, só entramos no moinho, jogamos nossas bolsas longe e nos largamos no chão como se fosse a cama mais macia de todas. Manchee, que parece não cansar nunca, está ocupado correndo por ali, levantando a perna pra todas as plantas que cresceram pelas rachaduras nas tábuas do piso.

— Meus pés… — reclamo, ficando descalço e contando cinco, quer dizer, seis bolhas.

Do outro lado, Viola dá um suspiro cansado.

— Precisamos dormir — ela diz. — Precisamos mesmo.

— Eu sei.

— Você vai conseguir ouvir se eles vierem? — ela pergunta.

— Ah, eu vou ouvir, sim. Certeza.

Então a gente decide se revezar pra dormir. Eu me ofereço pra ser o primeiro a ficar acordado, e Viola mal consegue dar um boa-noite e já apagou. Vigio o sono dela, e a claridade aos poucos vai indo embora. Já não tem mais nenhum sinal do banho que a gente tomou na casa de Hildy. Devo estar que nem Viola, a cara suja de poeira, manchas escuras debaixo dos olhos, terra encravada nas unhas.

Começo a pensar.

Conheço Viola faz só três dias, sabe? Três malditos dias da minha vida inteira, mas é como se tudo que veio antes não tivesse acontecido de verdade, como se fosse tudo uma grande mentira só esperando que eu descobrisse. Quer dizer, não “como se fosse”, *era* uma grande mentira esperando que eu descobrisse, e isso é

a vida real agora, fugir sem segurança nem resposta, só se mantendo em movimento, sempre em movimento.

Tomo um gole de água e ouço os grilos cantando sexo sexo sexo e me pergunto como era a vida *dela* antes desses três dias. Tipo, como foi crescer numa nave espacial? Um lugar onde nunca tem gente nova, um lugar que não tem como escapar.

Pensando bem, um lugar igual Prentisstown, onde quem desaparecia nunca mais voltava.

Mas ela saiu, não saiu? Ficou sete *meses* fora com os pais na navezinha que caiu.

Fico imaginando como foi.

— É preciso enviar naves de reconhecimento antes de tudo, para fazer análises de campo e encontrar os melhores lugares para pouso — ela explica, sem sentar e sem mexer a cabeça. — Como alguém consegue dormir num mundo com Ruído?

— Você acostuma. Mas por que tanto tempo? Por que sete meses?

— É o tempo que leva para montar o primeiro acampamento. — Ela cobre os olhos com a mão, exausta. — A missão da minha família era a de encontrar o melhor lugar para as naves pousarem e construir o primeiro acampamento, e a partir daí começaríamos a erguer as construções de primeira necessidade para os colonos. Uma torre de controle, um depósito de alimentos, um posto de saúde. — Ela olha pra mim por entre os dedos. — É o procedimento-padrão.

— Nunca vi nenhuma torre de controle no Novo Mundo.

Isso faz ela sentar.

— Eu *sei*! Não acredito que vocês não têm nenhum sistema de comunicação entre os povoados.

— Então vocês não são colonos da igreja — digo, parecendo sábio.

— O que isso tem a ver? Por que qualquer igreja sensata iria querer se isolar?

— Ben disse que eles vieram pra este mundo pra ter uma vida mais simples, disse que no início teve até uma discussão se deviam destruir ou não os geradores de fissão.

Viola parece horrorizada.

— Vocês todos teriam morrido.

— Por isso não destruíram. — Dou de ombros. — Nem depois que o prefeito Prentiss resolveu se livrar da maioria das outras coisas.

Viola esfrega as pernas pra se aquecer e, por um buraco no teto, olha pras estrelas que começam a aparecer no céu.

— Meus pais estavam tão animados… — ela diz. — Um mundo novo, um recomeço, planos de paz e felicidade…

— Sinto muito que não seja assim.

Ela olha pra baixo quando fala:

— Você se importa de esperar lá fora um pouquinho, só até eu pegar no sono?

— Claro. Tranquilo.

Pego a mochila e saio pela abertura que antes devia ser a porta. Manchee, que já estava encolhido pra dormir, levanta e vem atrás de mim. Quando eu sento, ele volta a se enroscar junto das minhas pernas e cai no sono, soltando um pum na maior alegria e dando aqueles suspiros que os bichos dão. Como é simples ser cachorro.

Observo as luas subindo no céu, as estrelas junto, as mesmas luas e as mesmas estrelas que eu via em Prentisstown, ainda ali, mesmo depois do fim do mundo. Pego o livro outra vez, o luar duplo fazendo a capa brilhar. Folheio as páginas.

Fico me perguntando se minha mãe estava animada quando aterrissou aqui, se estava com a cabeça cheia de paz, esperança e alegria sem fim.

Será que ela encontrou um pouco de tudo isso antes de morrer?

Pensar nessas coisas deixa meu peito pesado, então guardo o livro e apoio a cabeça nas tábuas do moinho. Escuto o rio correndo e as folhas pedindo silêncio umas pras outras nas poucas árvores a nossa volta e olho pras sombras dos morros distantes no horizonte e pras florestas que murmuram neles.

Vou esperar alguns minutos, depois voltar pra ver se está tudo bem com Viola.

Quando dou por mim, ela está me acordando, horas depois, e minha cabeça está uma confusão só. Aí ela diz:

— Ruído, Todd. Estou ouvindo Ruído.

Fico de pé antes mesmo de despertar direito, tentando acalmar Viola e um Manchee zonzo de sono que late umas reclamações. Quando eles ficam quietos, faço meu ouvido prestar atenção na noite.

Sussurro sussurro sussurro ali, como uma brisa, sussurro sussurro sussurro sem palavras e muito, muito distante, mas pairando no ar, uma nuvem de tempestade atrás de uma montanha sussurro sussurro sussurro.

— Bora agora — digo, já pegando a mochila.

— É o exército? — Viola pergunta, entrando correndo no moinho pra pegar sua bolsa.

— Exército! — Manchee late.

— Sei lá — respondo. — Deve ser.

— Será que é o próximo povoado? — Viola volta com a bolsa no ombro. — Não deve estar muito longe.

— Se fosse isso, por que a gente não ouviu Ruído quando chegou aqui?

Ela morde o lábio.

— Droga.

— É. Droga.

Assim, a segunda noite depois de Galholongo passa que nem a primeira: a gente correndo na escuridão, usando lanterna quando precisa, tentando não pensar. Pouco antes do sol nascer, o rio deixa a planície e percorre outro valezinho que nem o de Galholongo e, é isso mesmo, é Farol Brilhante ou sei lá qual é o nome, então talvez tenha mesmo gente morando ali.

Eles também têm pomares e plantações de trigo, só que nada parece tão bem cuidado quanto o que vimos em Galholongo. Pra nossa sorte, a parte principal da cidade fica no alto do morro, e parece que uma estrada maior passa por ali, deve ser o caminho da esquerda, e tem umas cinco ou seis construções, acho que na maioria uma pintura cairia bem. Aqui na estradinha de terra junto do rio só tem barco, doca e armazéns, aquelas coisas que a gente constrói na beira de um rio. E, pelo visto, tudo está meio acabado.

Não podemos pedir ajuda pra ninguém. Porque mesmo que as pessoas ajudassem a gente, tem um exército vindo aí, né? Sim, a gente precisa alertá-los, mas e se eles forem Matthews em vez de Hildys? Além do mais, e se a gente alertar e isso acabar *atraindo* o exército pra cima deles? Afinal de contas, a gente ia aparecer no Ruído de todo mundo. Além disso, e se o povoado já souber que o exército está vindo por nossa causa e decidir entregar a gente?

Mas as pessoas precisam ser alertadas, não precisam?

E se isso colocar *nós dois* em perigo?

Viu só? Qual a resposta certa?

A gente entrou no povoado que nem uns ladrões, correndo de armazém em armazém, tentando não ser visto do alto do morro, esperando no maior silêncio possível quando vemos uma mulher magra levando uma cesta até um galinheiro perto de umas árvores. É um lugarzinho tão pequeno que passamos por ele antes mesmo do sol nascer, e pegamos de novo a estrada como se ele nunca tivesse existido, como se nunca tivesse acontecido, mesmo pra gente.

— Então esse é o povoado — Viola sussurra enquanto damos uma olhada pra trás e vemos tudo desaparecer atrás da curva. — Nunca vamos saber nem o nome certo do lugar.

— Agora é que a gente não sabe *mesmo* o que tem lá na frente — eu sussurro.

— Vamos seguir em frente até Refúgio.

— E depois?

Ela não responde.

— Estamos botando muita fé nisso — comento.

— Deve ter alguma coisa lá, Todd — ela diz, com uma expressão meio sombria. — Deve ter *alguma coisa* lá.

Levo um segundo a mais pra responder:

— Vamos ver.

Então começa outra manhã. A gente vê duas vezes homens passando pela estrada em carroças puxadas por cavalo, e nas duas vezes a gente corre pra mata, Viola segurando o focinho de Manchee pra ele não latir e eu tentando manter Prentisstown longe do meu Ruído até eles passarem.

Pouca coisa muda nas horas que passam. Não ouvimos mais sussurros do exército, se é que era isso mesmo, mas nem tem por que tentar saber, né? A manhã vira tarde outra vez, e vemos um povoado no alto de um morro lá longe. Estamos chegando numa colina, e o rio faz uma leve descida, mas mesmo assim a gente consegue ver o rio crescendo pra longe, até uma área que parece o início de uma planície que vamos ter que atravessar.

Viola pega o binóculo pra dar uma olhada no povoado e depois me empresta. Esse deve ter umas dez ou quinze construções, mas mesmo daqui, de certa distância, parece miserável e em ruínas.

— Não consigo entender — Viola diz. — Seguindo um cronograma normal de colonização, a agricultura de subsistência era para ter acabado há anos. E obviamente existe comércio, então por que tem tanta miséria ainda?

— Você não sabe nada sobre a vida dos colonos, né? — digo, só pra provocar um pouquinho.

Ela aperta os lábios.

— Era obrigatório na escola. Estou aprendendo a montar uma colônia de sucesso desde que tinha cinco anos.

— A escola não é a vida.

— Ah, não? — diz ela, me zombando com a sobrancelha levantada.

— *O que foi que eu te disse?* Quem tá ocupado demais tentando sobreviver não tem como aprender sobre agricultura de substância.

— De *subsistência.*

— Que seja.

Volto a andar. Viola vem atrás de mim pisando duro.

— Vamos ensinar a vocês algumas coisinhas quando minha nave chegar — ela promete. — Pode ter certeza.

— Ora, e nós, caipiras burros, vamos fazer fila pra babar o ovo de vocês e agradecer, né não? — digo, o Ruído zunindo.

— Vão mesmo. — Ela está levantando a voz. — Atrasar o relógio para a idade das trevas funcionou muito bem para vocês, afinal? Quando chegarmos aqui, você vai ver *como* que se funda uma colônia.

— Isso vai ser daqui a *sete meses* — respondo com raiva. — Até lá, você vai ter muito tempo pra ver como que a gente vive por aqui.

— Todd! — Manchee late.

A gente leva um susto. De repente, ele sai correndo na frente.
— Manchee! — grito atrás dele. — Volta aqui!
Então nós dois escutamos.

22

WILF E O MAR DE COISAS

QUE ESTRANHO. É um Ruído, mas quase não tem palavra, subindo o morro na nossa frente e descendo, um só pensamento, mas numa multidão de vozes, como mil pessoas cantando a mesma coisa.

É.

Cantando.

— O que é isso? — Viola pergunta, assustada que nem eu. — Não é o exército, é? Como eles podem ter ultrapassado a gente?

— Todd! — Manchee late, no alto do morrinho. — Vacas, Todd! Vacas gigantes!

Viola faz uma careta.

— Vacas gigantes?

— Não tenho ideia — digo, já subindo a colina.

Porque o som…

Como descrever?

Estrelas podiam muito bem ter esse som. Ou as luas. Mas não montanhas. É flutuante demais pra montanhas. É como se um planeta cantasse pra outro, agudo, comprido, cheio de vozes diferentes que começam com notas diferentes e logo pulam pra outras notas, mas todas se juntando num som triste mas não triste, lento mas não lento, e todos cantando uma palavra.

Uma única palavra.

No alto do morro, vemos outra planície se estendendo lá embaixo. O rio

mergulha até chegar lá, cruzando a área como uma veia de prata pelas rochas, e criaturas abrem caminho de uma margem pra outra.

Criaturas que nunca vi nada parecido na vida.

São enormes, de uns quatro metros de altura, cobertas por um pelo comprido e prateado, com um rabo grosso e peludo e chifres brancos curvados na testa, o pescoço comprido entre os ombros largos e descendo até a grama, as boconas pastando enquanto elas seguem pelo solo seco e bebem água quando cruzam o rio, e são *milhares*, milhares, de um lado até o outro do horizonte, e o Ruído delas canta uma só palavra em tons e notas diferentes, mas uma palavra que une todas, que faz delas um grupo cruzando a planície.

— *Aqui* — Viola diz de algum lugar perto de mim. — Estão cantando *aqui*.

Eles estão cantando Aqui. É o que estão dizendo uns pros outros pelo Ruído.

Aqui estou.

Aqui estamos.

Aqui vamos nós.

Aqui é tudo que importa.

Aqui.

É…

O que dizer?

É como uma canção de uma família em que está tudo bem sempre, uma canção sobre pertencer que faz você se sentir parte de alguma coisa só de ouvir, é uma canção que promete cuidar sempre de você e nunca te deixar. Se você tem um coração, ele se parte, se você tem um coração partido, ela conserta.

É um…

Uau.

Viro pra Viola. Ela está com a mão na boca, os olhos cheios dágua, mas vejo um sorriso entre os dedos dela, e quando abro a boca pra falar…

— A pé vocês num vai longe não — diz uma voz completamente diferente na nossa esquerda.

A gente vira na hora, minha mão indo direto pra faca. Um homem numa carroça vazia puxada por dois bois olha pra nós numa trilha do lado, a boca aberta como se tivesse esquecido de fechar.

Tem uma espingarda do lado dele, como se ele tivesse acabado de colocar ali.

Manchee late:

— Vaca!

— Eles desvia das carroça — o homem diz. — Mas a pé num é seguro, não. Vocês vai ser tudo esmagado.

Mais uma vez ele deixa a boca aberta. O Ruído do homem, enterrado embaixo de todos os Aqui da manada, parece dizer a mesma coisa que sua boca. Faço

tanto esforço pra não pensar em certas palavras que minha cabeça começa a doer.

— Se vocês quiser, pode pegá uma carona.

Ele levanta o braço e aponta pra estrada, que desaparece debaixo dos bichos. Eu nem tinha pensado que as criaturas podiam bloquear nosso caminho, mas dá pra ver que talvez não fosse legal andar no meio delas, não.

Viro e começo a dizer alguma coisa, *qualquer coisa*. Vai ser o jeito mais rápido de sair daqui.

Mas a coisa mais doida acontece.

Viola olha pro homem e diz:

— Eu sô Hildy. — Ela aponta pra mim. — E esse aí é o Ben.

— Quê? — digo, latindo a palavra quase igual Manchee.

— Wilf — o homem diz pra Viola, e eu levo um segundo pra entender que é o nome dele.

— Dia, Wilf — Viola diz, mas a voz não é dela, não é nada que nem a dela, é uma voz totalmente diferente vindo da boca dela, se prolongando e encurtando, se contorcendo e se desdobrando, e quanto mais ela fala, mais diferente parece. Mais ela fala que nem Wilf.

— Nós veio de Galholongo. De onde cê é?

Wilf aponta com o polegar pra trás.

— Bar Vista. Vô pra Cachoeiras de Brockley buscar uns suprimento.

— Bom, sorte nossa. Também tamo indo pra lá.

Isso está piorando minha dor de cabeça. Aperto a testa, como se quisesse abafar meu Ruído, como se tentasse impedir que todas as coisas erradas transbordem pro mundo. Por sorte, a canção do Aqui faz parecer que a gente já está nadando num som.

— Po’subir — Wilf diz, com um movimento da cabeça.

— Vamo, Ben — Viola chama, indo até a traseira da carroça e jogando a bolsa lá. — Wilf vai dá uma carona pra gente.

Ela sobe na carroça, e Wilf estala as rédeas nos bois. Os bichos saem andando devagar, e Wilf passa por mim sem nem olhar na minha cara. Fico ali parado, espantado, enquanto Viola balança as mãos que nem doida preu subir. Eu não tenho escolha, tenho? Alcanço eles e pego impulso com os braços pra subir.

Sento do lado de Viola e olho de queixo caído pra ela.

— *O que você tá fazendo?* — pergunto num rosnado que era pra ter sido só um sussurro.

— *Shhh!* — Ela vira e olha pra Wilf, mas, pelo que eu vejo no Ruído dele, ele parece até que já esqueceu que a gente tá ali. — Não sei — ela sussurra no meu ouvido. — Só entrando no jogo.

— Que jogo?

— Se conseguirmos ultrapassar essa manada, os animais vão ficar entre nós e o exército, né?

Eu não tinha pensado nisso.

— Mas o que você está fazendo? O que Ben e Hildy têm a ver com isso?

— Ele está armado — Viola sussurra, tornando a olhar pra Wilf. — E você mesmo disse que as pessoas podem não reagir muito bem se souberem que você vem de certo lugar. Então me veio essa ideia na hora.

— Mas você estava falando que nem ele!

— Não muito bem.

— Bem o bastante! — Acabo subindo um pouco a voz, de tão espantado que estou.

— *Shhh* — ela faz uma segunda vez, mas com a manada de criaturas se aproximando a cada segundo e a óbvia falta de inteligência de Wilf, a gente podia muito bem estar tendo essa conversa na voz normal.

— Como você faz isso? — pergunto, ainda despejando toda a minha surpresa em cima dela.

— É só mentir, Todd — Viola responde, tentando me calar outra vez com as mãos. — Vocês não contam mentira por aqui?

Claro que a gente conta. O Novo Mundo e a cidade de onde eu vim (evitando dizer o nome, evitando *pensar* no nome) parecem ser *só* mentira. Mas isso é diferente. É como eu disse: homens mentem o tempo todo, pra eles mesmos, pra outros homens, pro resto do mundo, mas como é que a gente vai saber o que é o que no meio de todas as outras mentiras e verdades que saem da cabeça deles? Todo mundo sabe que você está mentindo, mas todo mundo está mentindo também, então que diferença faz? O que muda com isso? Faz parte do rio dos homens, parte do Ruído deles, e às vezes você consegue sacar a mentira, mas às vezes não.

Mas um homem nunca deixa de ser quem é quando mente.

Com Viola, tudo que eu sei dela é o que ela diz. A única verdade que eu tenho é o que sai da boca dela, então lá atrás, quando ela disse que era Hildy e que eu era Ben e que a gente era de Galholongo e ela falou igual a Wilf (mesmo que ele não seja de Galholongo), foi como se todas essas coisas *virassem* verdade, e por um instante o mundo mudou, por um segundo ele era feito da voz de Viola, e ela não estava descrevendo uma coisa, ela estava *criando* uma coisa, estava transformando a gente em algo diferente só por dizer aquilo.

Ai, minha cabeça.

— Todd! Todd! — Manchee late, aparecendo no fim da carroça, olhando pra gente entre os nossos pés. — Todd!

— Droga! — Viola exclama.

Eu pulo da carroça e pego Manchee, segurando o focinho dele e voltando a pular pra carroça com ele no colo.

— Td? — ele sopra pelo focinho fechado.

— Quieto, Manchee.

— Nem sei se isso importa — Viola, a voz se alongando.

— Vac — Manchee diz.

Um dos animais está passando bem do nosso lado.

Entramos na manada.

Entramos na canção.

E por um tempo eu esqueço qualquer mentira.

Nunca vi o mar, só em vídeo. Também não tinha nenhum lago onde cresci, só o rio e o pântano. Antigamente talvez tivesse barco, mas não tem mais.

Mas se eu tivesse que me imaginar no mar, seria uma coisa assim. A manada cerca a gente e ocupa todos os espaços, deixando só nós e o céu. Ela passa pela gente como uma corrente, só às vezes notando nossa presença, mas normalmente tendo consciência só dela mesma e da música Aqui, que no meio da manada fica tão alta que é como se tivesse tomado o controle de todo o funcionamento do meu corpo por um tempo, fornecendo energia pra fazer o coração bater e os pulmões respirarem.

Depois de um tempo, eu começo a esquecer Wilf e as… outras coisas que eu podia pensar e só fico ali deitado na carroça, vendo tudo passar, os animais fungando, pastando, esbarrando uns nos outros de vez em quando com os chifres, e tem uns filhotes também, e machos velhos, e alguns mais altos e outros mais baixos, e uns com cicatriz e outros com o pelo mais bagunçado.

Viola está deitada do meu lado, e Manchee, com sua cabecinha de cachorro, está assombrado com isso tudo, ele fica só olhando os bichos passarem com a língua pra fora e por um tempo, por um tempo bem curto, enquanto Wilf leva a gente pela planície, isso é tudo o que existe no mundo.

Isso é tudo que existe.

Olho pra Viola, e ela olha pra mim e sorri e enxuga o molhado dos olhos.

Aqui.

Aqui.

Estamos Aqui e em nenhum outro lugar.

Porque não existe nenhum outro lugar, só Aqui.

— Então esse… Aaron — Viola começa depois de um tempo, em voz baixa, e sei exatamente por que ela puxou esse assunto agora.

É tão seguro dentro do Aqui que a gente pode conversar sobre qualquer perigo que quiser.

— Sim? — digo, também com a voz baixa, observando uma família de animais passar pela carroça, a mãe empurrando com o focinho um filhote curioso que olha fixo pra gente.

Viola vira pra mim, ainda deitada.

— Aaron era o homem santo da sua comunidade?

Faço que sim com a cabeça.

— O próprio.

— Que tipo de coisas ele pregava?

— O de sempre. Fogo do inferno, danação, juízo final.

Ela olha pra mim.

— Não sei se isso é o de sempre, Todd.

Dou de ombros.

— Ele acreditava que a gente estava vivendo o fim do mundo — digo. — Quem pode dizer que não?

— O da nossa nave não era assim. O pastor Mac. Ele era gentil e amigável e fazia parecer que tudo ia ficar bem.

Dou um suspiro de desdém.

— Nossa, isso não tem nada a ver com Aaron. Ele sempre dizia “Deus escuta” e “Se um de nós cai, todos caem” como se estivesse ansioso por isso.

— Eu também ouvi ele dizer isso…

Ela cruza os braços.

O Aqui ainda envolve a gente, fluindo por todos os lados.

Eu viro para ela.

— Ele… Ele machucou você? Lá no pântano?

Ela faz que não com a cabeça e dá um suspiro.

— Ele falou como se estivesse brigando comigo, e acho que talvez fosse uma pregação, mas, se eu corresse, ele corria atrás de mim e gritava mais, e eu chorava e pedia ajuda, mas ele me ignorava e pregava mais, e eu via imagens de mim mesma no Ruído dele, quando eu nem sabia o que era o Ruído. Nunca senti tanto medo na vida, nem quando nossa nave estava caindo.

Nós dois olhamos na direção do sol.

— “Se um de nós cai, todos caem.” — ela repete. — O que isso significa?

Quando penso nisso, percebo que não sei, por isso não digo nada, então a gente afunda de volta no Aqui e deixamos ele levar a gente um pouco mais longe.

Aqui estamos.

Em nenhum outro lugar.

Depois de uma hora, uma semana ou um segundo, a gente começa a ver menos animais, e saímos do outro lado da manada. Manchee pula pro chão.

Estamos indo tão devagar que não tem perigo dele ficar pra trás, por isso deixei ele descer. Continuamos deitados na carroça.

— Isso foi maravilhoso — Viola diz baixinho, porque a canção já está começando a desaparecer. — Eu tinha esquecido completamente como meus pés estão doendo.

— É.

— Que animais eram aqueles?

— Umas coisa grande — Wilf responde, sem virar pra trás. — Só umas coisa, só.

Viola e eu olhamos um pro outro, nós dois esquecemos que ele estava ali.

O que será que ele ouviu?

— E essas coisa têm nome? — Viola pergunta, sentando e entrando de novo na mentira.

— Ah, tem — Wilf responde, soltando as rédeas dos bois agora que saímos do meio da manada. — Jumbovinos ou besta-do-campo ou antafantes. — De trás, vemos ele dar de ombros. — Eu só chamo eles de coisa, só isso mesmo.

— Coisa — repete Viola.

— Coisas — tento.

Wilf olha pra gente por cima do ombro.

— Cês são de Galholongo?

— Somo sim, sinhor — Viola responde, me olhando de lado.

— Cês por acaso viro que lá tem um exército?

Meu Ruído tem um pico muito alto antes deu conseguir diminuir ele, mas Wilf não parece perceber nada mais uma vez. Viola me olha preocupada.

— Que exército é esse, Wilf? — ela pergunta, a voz dando uma vacilada.

— Um exército daquela cidade toda maldiçoada — ele responde, ainda fazendo a carroça andar como se a gente estivesse falando de legumes e verduras. — Um tal exército que saiu do pântano, foi tomando os povoado tudo, e que tá crescendo pelo caminho? Cês viro isso?

— Onde é qui cê ouviu falá desses negoço de exército, Wilf?

— Histórias. Histórias que vai passando uns pros oto pelo rio. O povo fala. Cês sabe. Histórias. Cês viro?

Balanço a cabeça pra Viola, mas ela diz:

— Nóis vimo sim.

Wilf olha pra trás de novo.

— Ele é grande?

— Bem grande — Viola responde, olhando sério pra ele. — Cês precisa se preparar, Wilf. O perigo tá chegano. Cê precisa avisá o povo da Colinas de Brockley.

— Cachoeiras de Brockley — Wilf corrige.

— Cê precisa alertá eles, Wilf.

Ouvimos Wilf grunhir, mas então percebemos que é uma risada.

— Vou te ser sincero, ninguém mim escuta — ele diz, quase que pra ele mesmo, e manda ver nas rédeas dos bois.

Levamos o restante da tarde pra chegar no outro lado da planície. Pelo binóculo de Viola, a gente vê a manada lá longe, indo pro norte, como se os bichos não fossem cansar nunca. Wilf não diz mais nada sobre o exército. Viola e eu conversamos o mínimo possível, pra gente não acabar se entregando. Além disso, manter meu Ruído limpo toma toda a minha concentração. Manchee acompanha a gente pela estrada, fazendo lá as coisas dele e cheirando cada flor que aparece no caminho.

Quando o sol já está baixo no céu, a carroça finalmente para, com um rangido.

— Cachoeiras de Brockley — Wilf avisa, apontando com a cabeça prum lugar onde a gente vê lá longe o rio mergulhando de um pequeno penhasco.

Tem umas quinze ou vinte construções em volta do lago no pé da cachoeira, antes do rio retomar seu curso. Uma estrada menor sai da que estamos e vai pra lá.

— A gente fica por aqui — Viola diz, e a gente pega as bolsas e pula pro chão.

— Achei que cês fosse fazer isso mermo — Wilf diz, olhando pra trás outra vez.

— Brigada, Wilf.

— Nada. — Ele observa o horizonte. — Melhor cês encontrar abrigo rápido. Vai chover.

Viola e eu automaticamente olhamos pra cima. Não tem uma nuvem no céu.

— Humpf — Wilf resmunga. — Ninguém mim escuta.

Viola olha pra ele, e a voz dela volta ao normal, na tentativa de fazer Wilf entender a importância do que ela diz.

— Você precisa avisar as pessoas, Wilf. Por favor. Se você ouviu que um exército está chegando, é verdade. As pessoas precisam estar preparadas.

— Humpf — Wilf diz, e só.

E aí ele estala as rédeas e manobra os bois pra pegar a estrada que vai pra Cachoeiras de Brockley. Não olha pra trás nem uma vez.

A gente fica olhando ele ir embora, e só depois de um tempo continuamos pela nossa estrada.

— Ai. — Viola estica as pernas.

— Pois é. As minhas também.

— Você acha que ele estava certo?

— Sobre o quê?

— Que o exército está aumentando conforme avança. — Ela imita Wilf: — Que tá crescendo pelo caminho.

— Como você faz isso? — pergunto. — Você nem é daqui.

— Ah, eu brincava com a minha mãe de contar histórias fazendo uma voz diferente para cada personagem.

— Você consegue me imitar? — pergunto, meio com medo.

Ela sorri.

— *Pra você poder conversar contigo mesmo?*

Fecho a cara.

— Não tem nada a ver comigo.

Continuamos pela estrada, e Cachoeiras de Brockley desaparece atrás da gente. Foi bom ter passado um tempo na carroça, mas não chegamos a dormir. Tentamos ir o mais rápido possível, mas, na maior parte do tempo, a gente acaba não fazendo muito mais que andar. Bem, talvez o exército esteja mesmo bem lá atrás, talvez a manada realmente atrase eles.

Talvez. Talvez não. Mas em meia hora de estrada, sabe o que acontece?

Chove.

— As pessoas deveriam escutar o Wilf — Viola comenta, olhando pro céu.

A estrada já chegou pra perto do rio de novo, e a gente encontra perto da margem um pedaço mais ou menos protegido. Vamos comer, ver se a chuva para. Se não parar, não temos escolha, precisamos continuar mesmo assim. Nem sei se Ben botou uma capa na minha mochila.

— Uma capa? Como assim? — pergunta Viola enquanto a gente senta apoiado em árvores diferentes.

— Uma capa de chuva — digo, vasculhando minha mochila. Não, não tem capa. Ótimo. — O que foi que eu te falei de ficar bisbilhotando a cabeça dos outros?

Para falar a verdade, ainda estou calmo, mesmo que eu provavelmente não devesse me sentir assim. Tenho a sensação que a canção do Aqui ainda está sendo cantada, mesmo eu não ouvindo mais, mesmo a quilômetros de distância, lá longe na planície. Me pego cantarolando, ainda que não tenha melodia nenhuma, tentando ter aquela sensação de conexão, de *pertencer*, de ter alguém por perto pra dizer que você está Aqui.

Viola está comendo um daqueles pacotinhos de fruta dela.

Lembro do livro da minha mãe, ainda na mochila.

Histórias contadas em vozes, penso.

Será que eu aguentaria ouvir a voz da minha mãe?

Viola amassa o pacote vazio.

— Esse foi o último.

— Ainda tenho um pouco de queijo — digo. — E da carne-seca, mas vamos ter que começar a encontrar alguma coisa no caminho.

— Você quer dizer roubar? — ela pergunta.

— Quero dizer caçar, mas talvez roubar também, se não tiver outro jeito. Tem muita fruta silvestre por aí, e eu conheço algumas raízes que dá pra comer se a gente cozinhar.

— Humm. — Viola parece preocupada. — Não tem muita necessidade de caçar dentro de uma espaçonave.

— Posso te ensinar.

— Tudo bem — ela diz, tentando demonstrar animação. — Mas não precisa ter uma arma?

— Se você for um bom caçador, não. Coelho é fácil de pegar com armadilha, peixe dá pra pegar com linha. Dá pra pegar esquilo também, com faca, mas eles não têm muita carne.

— Cavalo, Todd — Manchee late baixinho.

Eu rio, o que não acontecia faz um tempão. Viola ri também.

— Não vamos caçar *cavalo*, Manchee. — Faço carinho nele. — Cachorro burro.

— Cavalo — ele repete, levantando e olhando pra estrada de onde a gente veio.

A gente para de rir.

23

UMA FACA SÓ É TÃO BOA QUANTO A PESSOA QUE A USA

OUÇO CASCOS BATENDO na estrada, ainda longe, mas se aproximando a galope.

— Será que é alguém de Colinas de Brockley? — Viola pergunta, com esperança e dúvida.

— *Cachoeiras* de Brockley — corrijo, ficando de pé. — A gente tem que se esconder.

Recolhemos nossas coisas depressa. Estamos presos numa faixa estreita de árvores entre a estrada e o rio. A estrada a gente não ousa atravessar, e atrás da gente tem o rio, então um tronco caído é a nossa melhor opção. A gente se agacha atrás dele, Manchee entre os meus joelhos, a chuva caindo forte em tudo quanto é lado.

Pego minha faca.

O barulho de cascos continua, cada vez mais alto.

— É só *um* cavalo — Viola sussurra. — Não é um exército.

— É, mas escuta só como ele tá vindo rápido.

Tum pacatum pacatum pacatum, ouvimos. Pelas árvores, vemos um pontinho se aproximar. Ele está vindo em disparada pela estrada, mesmo chovendo e sendo quase noite. Ninguém correria tanto assim pra trazer boas notícias, não é verdade?

Viola olha pro rio.

— Você sabe nadar?

— Sei.

— Que bom. Porque eu não sei.

Tum pacatum pacatum pacatum.

Agora começo a ouvir o zumbido do Ruído de quem vem, mas por um tempo o galope é mais alto e me confunde.

— Cavalo — Manchee diz outra vez.

Está ali. Estática entre as batidas dos cascos. Imagens. Pedaços de palavras. Cava… e Pa… e Escu… e Idio… e mais e mais.

Seguro a faca com mais força. Viola está calada.

Tum pacatum pacatum pacatum.

Mais rápido e Noite e Tiro e Mesmo que…

Ele vem pela estrada e faz a curvinha que fizemos só uns cem metros atrás, inclinado pra frente...

Tum pacatum.…

A faca gira na minha mão porque…

Atirei em todos… e Ela era uma delícia e Escuro aqui…

TUM pacatum.…

Acho que reconheço…

TUM PACATUM PACATUM.…

Ele chega mais perto e mais perto, está quase…

É quando Todd Hewitt? ecoa, tão claro quanto o dia, soando mais alto que a chuva, o galope e o rio.

Viola quase engasga.

E eu sei quem é.

— Júnior — Manchee late.

É Prentiss Jr.

A gente tenta se abaixar ainda mais atrás do tronco, mas não adianta, porque já dá pra ver ele puxando as rédeas com força pra fazer o cavalo parar, com tanta força que o cavalo empina e quase derruba ele.

Mas só quase.

E nem é o suficiente pra fazer ele largar o rifle que está levando debaixo do braço.

MALDITO TODD HEWITT!, grita o Ruído dele.

— Ah, merda — Viola diz, e sei o que significa.

— Ora, ORAAAAAAA! — Prentiss Jr. grita, tão perto que a gente vê o sorriso na cara dele e percebe a surpresa na sua voz. — Vocês estão indo pela *ESTRADA*?! Nem pegaram um *CAMINHO ALTERNATIVO?!*

Olho pra Viola. Que caminho alternativo?

— Eu ouvi esse seu Ruído idiota pela sua vida quase toda, garoto! — Ele vira o cavalo de um lado pro outro, tentando descobrir onde exatamente estamos na

pequena fileira de árvores. — Acha que eu não vou ouvir só porque você está *SE ESCONDENDO*?

Seu Ruído está feliz, como se ele não acreditasse na sorte que deu.

— Ei, peraí — ele continua, e ouvimos ele trazer o cavalo pra dentro da mata. — Peraí. Que que é isso aí do seu lado? Esse espaço vazio de *nada*?

Ele diz isso de um jeito tão asqueroso que Viola se encolhe. Ainda estou com a faca na mão, mas ele está a cavalo, e a gente bem sabe que ele tem um rifle.

— Tenho mesmo, pequeno Todd, eu tenho a M de um rifle! — ele grita, e já não está mais procurando a gente. Ele vem vindo direto na nossa direção, fazendo o cavalo passar por cima dos arbustos e contornar as árvores. — E eu tenho outra arma também, uma arma bem especial, só pra mocinha que está contigo, Todd.

Sei que Viola vê o que ele está pensando, o que tem no Ruído dele, as imagens que aparecem. Sei que ela consegue ver porque seu rosto se fecha. Cutuco o braço dela e olho de lado pra direita, provavelmente a nossa única chance de escapar.

— Isso, foge mesmo, garoto, *por favor*! — Prentiss Jr. grita. — Me dá um motivo pra te machucar, vai.

O cavalo está tão perto que agora dá pra ouvir o Ruído dele também, agitado e enlouquecido.

Não tem como se abaixar mais.

Ele está praticamente em cima da gente.

Seguro a faca e aperto uma vez a mão de Viola, forte, pra dar sorte.

É agora ou nunca.

E…

— AGORA! — grito.

Nós dois saltamos, e o disparo de uma arma explode por todo o lugar, estilhaçando os galhos, mas a gente corre mesmo assim.

— ATRÁS DELES! — Prentiss Jr. grita pro cavalo, e aí vêm eles.

Com dois saltos, o cavalo dele vira e volta pra estrada, vindo atrás enquanto a gente corre. A faixa entre a estrada e o rio não fica mais larga, mas podemos nos ver enquanto corremos. Galhos se partem, poças espirram água, pés escorregam, e ele segue pela estrada acompanhando cada passo nosso.

Não vamos conseguir escapar dele. Sem chance.

Mas a gente tenta mesmo assim, seguindo pelo caminho cheio de curvas e passando por cima de troncos caídos, no meio do mato, e Manchee está arfando e latindo no nosso rastro, e a chuva cai superforte, e a estrada está ficando mais perto, e aí ela faz uma curva brusca pro lado do rio, e a nossa única escolha é atravessar na frente do Prentiss Jr. pra chegar na mata fechada do outro lado, e

eu vejo Viola saltando o limite entre a mata e a estrada, pegando impulso com os braços, e Prentiss Jr. fazendo a curva, girando alguma coisa na mão, e a gente desvia bem rápido pro outro lado, mas eu ouço o cavalo resfolegando bem na nossa cola e de repente sinto algo prendendo as minhas pernas, amarrando meu tornozelo tão rápido e tão apertado que eu caio na hora.

— Aaah! — grito.

Bato com a cara na lama e nas folhas caídas, e a mochila sai voando por cima da minha cabeça, quase arrancando meus braços, e Viola me vê cair, já quase do outro lado da estrada, porque a lama começa a cobrir os pés dela, aí ela para, e é por isso que eu grito:

— NÃO! CORRE! CORRE!

Ela me olha no fundo dos olhos, e eu vejo alguma coisa mudar no rosto dela, mas quem vai saber o que é? Quando o cavalo está quase me alcançando, ela volta a correr e desaparece na floresta, e Manchee chega correndo e latindo "Todd! Todd!", e eu estou preso estou preso estou preso.

Sim, porque Prentiss Jr. está aqui, ofegante, no alto do cavalo branco, o rifle engatilhado e apontado. Já sei o que aconteceu. Ele jogou uma corda com peso nas pontas pra prender minhas pernas, que nem um caçador de veados-do-pântano. Estou aqui caído no chão de barriga pra baixo, jogado na lama, preso feito um bicho.

— Meu pai vai adorar ver você — ele diz, o cavalo nervoso andando de um lado pro outro.

Chuva, ouço o cavalo pensar, e depois Isso é uma cobra?

— Eu só precisava conferir os boatos de você estar na estrada mais pra frente — Prentiss Jr. zomba. — Mas olha, aqui está você, em carne e osso, diante de Deus.

— Vai se ferrar — digo, e você acha que eu disse "ferrar"?

Ainda estou com a faca na mão.

— Ah, eu tô tremendo de medo da sua faca — ele debocha, botando o rifle bem na minha cara preu olhar dentro do cano. — Larga isso aí.

Estendo o braço e largo a faca na lama. Ainda estou de cara no chão.

— Sua pequena dama não demonstrou nenhuma lealdade, não é mesmo? — diz ele, saltando do cavalo e acalmando o bicho. Manchee rosna, mas Prentiss Jr. só ri. — O que aconteceu com o rabo do cachorro?

Manchee salta com os dentes arreganhados, mas Prentiss Jr. é mais rápido e chuta ele longe, a maldita bota batendo bem no focinho dele. Manchee uiva e se esconde nos arbustos.

— Seus amigos estão abandonando você um por um, Todd. — Ele vem andando até mim. — Mas isso é uma lição que se aprende, né? Cão é cão, e as

mulheres acabam se mostrando umas belas dumas cadelas.

— *Cala a boca* — digo, trincando os dentes.

O Ruído dele é todo falsa pena e triunfo.

— Ah, tadinho do Todd… Esse tempo todo viajando com uma mulher, e acho que você nem sabe o que fazer com ela.

— Para de falar dela.

Ainda estou de bruços, minhas pernas ainda amarradas.

Mas descubro que consigo dobrar os joelhos.

O Ruído dele fica mais feio, mais alto, mas seu rosto está completamente sem expressão, como o pavor que a gente sente nos sonhos.

— O que você faz, Todd — ele diz, abaixando pra ficar ainda mais perto de mim —, é ficar com as vadias e meter bala nas que não são.

Ele se inclina, chegando ainda mais perto. Consigo ver os pelinhos ridículos em cima do lábio superior, que nem a chuva conseguiu escurecer. Ele é só dois anos mais velho que eu. Só dois anos maior.

Cobra?, o cavalo pensa.

Ponho as mãos no chão, devagar.

Me apoio na lama.

— Depois que eu te amarrar inteiro — ele sussurra, me provocando —, vou encontrar sua pequena dama e te mostrar que tipo ela é.

Nessa hora, eu salto.

Pego impulso com as mãos e empurro as pernas com força pra frente, me jogando em cheio no rosto de Prentiss Jr. Meu crânio acerta o nariz dele, e ouço barulho de coisa quebrando, aí ele tomba pra trás e eu caio bem em cima dele. Enquanto ele ainda está surpreso demais pra reagir, dou dois socos com força na cara dele, um com cada mão, e enfio o joelho bem no meio das pernas dele.

Ele se encolhe que nem um inseto e deixa escapar um gemido baixo e raivoso, e eu saio de cima dele e rolo até minha faca, pego, fico de pé e chuto longe o rifle. Pulo na frente do cavalo, gritando e agitando os braços:

— Cobra! Cobra!

Isso causa um efeito imediato, e o cavalo vira pra correr de volta pela estrada na chuva com um relincho aterrorizado.

Olho ao redor e *BAM!*, Prentiss Jr. me dá um soco bem no nariz, mas eu não caio, o que faz ele gritar:

— Seu filho da…

Ataco com a faca, mas ele dá um salto pra trás. Ataco de novo, a água escorrendo nos meus olhos tanto por causa do soco quanto por causa da chuva, e ele se afasta, mancando um pouco e procurando a arma. Ele vê o rifle na lama e vira pra pegar, e eu não penso em mais nada quando pulo em cima dele e

derrubo ele de novo, e ele me dá uma cotovelada, mas eu não perco o equilíbrio, e o meu Ruído grita e o dele também.

Nem sei como, mas Prentiss Jr. está caído de costas na lama, a ponta da minha faca quase no queixo dele.

Nós dois paramos.

— Por que você está atrás da gente? — grito na cara dele. — Por que está perseguindo a gente?

E ele e seu não bigode ridículo *sorriem*.

Dou outra joelhada no meio das pernas dele.

Ele geme outra vez e cospe em mim, mas ainda estou com a faca, que agora fez um cortezinho.

— Meu pai quer você — responde ele, finalmente.

— Por quê? Por que ele quer a gente?

— *A gente?* — Ele arregala os olhos. — Não tem M nenhuma de *a gente*. Ele quer você, Todd. Só você.

Não acredito nele.

— O quê? *Por quê?*

Mas Prentiss Jr. não responde. Está olhando dentro do meu Ruído. Olhando e vasculhando.

— Ei! — Dou um tapa na cara dele com as costas da mão. — Ei! Eu te fiz uma pergunta!

Mas o sorriso volta. Não vou acreditar em M nenhuma do que ele falar, mas o sorriso volta.

— Sabe o que meu pai sempre diz, Todd Hewitt? — Ele me olha de um jeito maldoso. — Ele diz que uma faca só é tão boa quanto a pessoa que a usa.

— Cala a boca.

— Você é um guerreiro, tenho que admitir. — Ele ainda está sorrindo, ainda sangrando um pouco embaixo do queixo. — Mas não é um assassino.

— Cala a *boca*! — grito, mas sei que ele está vendo no meu Ruído que já ouvi exatamente essas palavras de Aaron.

— Ah, é? E se eu não calar a boca, que que você vai fazer? Me *matar*?

— VOU! — grito. — Eu vou te MATAR!

Ele só lambe um pouco de chuva dos lábios e ri. Está imobilizado no chão com uma faca apontada pro queixo e está *rindo*.

— PARA DE RIR! — grito, levantando a faca.

Ele continua a rir, então olha pra mim e diz…

Ele diz…

Ele diz isso…

— Você quer que eu te conte como Ben e Cillian imploraram por piedade

antes deu atirar bem no meio da cara deles?

E meu Ruído fica vermelho, zumbindo.

Seguro a faca com força.

Eu vou matar ele.

Vou *matar ele*.

E…

E…

E…

E bem no meio do meu movimento…

Quando começo a baixar a mão…

Quando tenho o poder de controlar as coisas e fazer o que eu quiser…

Eu hesito…

De novo…

Eu hesito…

Só por um segundo…

Mas eu sou mesmo um lixo…

Um grande lixo inútil…

Porque nesse segundo ele me chuta, me derruba de cima dele e me dá uma cotovelada na garganta. Eu me dobro, sem fôlego, e só sinto a mão dele arrancando a faca de mim.

Fácil como roubar doce de criança.

— Agora, Todd, deixa eu te mostrar umas coisinhas sobre como usar uma faca.

24

A MORTE DO COVARDE DESPREZÍVEL

EU MEREÇO ISSO. Fiz tudo errado. Eu mereço. Se eu conseguisse pegar a faca de volta, me mataria com ela. Mas provavelmente seria covarde demais pra isso também.

— Você é uma figura, Todd Hewitt — Prentiss Jr. diz, examinando minha faca.

Estou ajoelhado agora, os joelhos na lama, mão no pescoço, ainda tentando recuperar o fôlego.

— Você estava com a vitória na mão, mas jogou fora. — Ele passa o dedo pela lâmina. — Além de burro, é covarde.

— Acaba logo com isso — murmuro na lama.

— O que foi? — ele pergunta, o sorriso de volta, seu Ruído todo contente.

— ACABA LOGO com isso!

— Ah, eu não vou matar você, não — ele diz, com os olhos brilhando. — Meu pai não ia ficar muito satisfeito, sabe como é.

Ele se aproxima de mim e segura a faca bem perto do meu rosto. Encosta a ponta no meu nariz, me obrigando a chegar com a cabeça cada vez mais pra trás.

— Mas tem muita coisa que dá pra fazer com uma faca além de matar um homem.

Eu nem olho mais em volta pra tentar arranjar um jeito de escapar.

Estou olhando nos olhos dele, que estão despertos e vivos e prestes a saborear a vitória, e o mesmo acontece com seu Ruído, imagens dele em Galholongo,

imagens na minha fazenda, imagens minhas ajoelhado na frente dele.

E no meu Ruído não tem nada além de um poço cheio da minha estupidez, da minha inutilidade e do meu ódio.

Desculpa, Ben.

Sinto muito mesmo.

— Mas você *não é* um homem, é? — Ele baixa a voz pra acrescentar: — Nem nunca vai ser.

Ele gira só um pouco a faca, devagar, encostando a lâmina na minha bochecha.

Fecho os olhos.

E sinto uma onda de silêncio passar por trás de mim.

Abro os olhos na hora.

— Ei, ó quem voltou — Prentiss Jr. diz, olhando por cima da minha cabeça.

Estou de costas pra mata fechada de frente pro rio e sinto o silêncio de Viola com tanta clareza que é como se eu visse ela.

— Foge! — grito sem virar. — Vai embora daqui!

Ela me ignora.

— Para trás — ela diz a Prentiss Jr. — Estou te avisando.

— Está *me* avisando? — ele pergunta, apontando pra ele mesmo com a faca, o sorriso de volta pro seu rosto.

Então ele toma um susto quando alguma coisa bate no peito dele e fica preso ali. Parece um monte de fio fininho com uma lâmpada de plástico na ponta. Prentiss Jr. põe a faca por baixo deles e tenta arrancar, mas os fios continuam presos. Ele olha pra Viola com um sorriso forçado.

— Seja lá o que isso for, garota — diz ele —, não funcionou.

Aí ZZZZZZZZZZ!!!

Estoura um grande clarão, e sinto alguém puxando a minha gola por trás, quase me enforcando. Caio pra trás, enquanto Prentiss Jr. se agita em espasmos, faíscas e pequenos clarões que vão dos fios em direção ao corpo dele, e ele solta a faca. Sai fumaça e vapor de toda parte, pelas mangas do casaco dele, pela gola, pela barra da calça. Viola continua me puxando pelo pescoço pra longe de Prentiss Jr., que cai de cara na lama, bem em cima do rifle.

Ela me solta, e a gente cai junto num barranco baixo na margem da estrada. Ponho a mão no pescoço de novo, e ficamos ali deitados, ofegantes. As faíscas e os clarões param, e Prentiss Jr. se contorce na lama.

— Eu estava com medo… — Viola diz entre uma respiração e outra — … toda essa água em volta… — respira — … de machucar a gente junto com ele. — Respira. — Mas ele ia…

Eu levanto sem falar nada, meu Ruído concentrado, os olhos fixos na faca.

Vou até ela.

— Todd… — Viola me chama.

Pego a faca e paro ao lado de Prentiss Jr.

— Ele tá morto? — pergunto sem olhar pra Viola.

— Não deveria. Era só a voltagem de um…

Levanto a faca.

— Todd, não!

— Me dá uma boa razão — digo, com a faca ainda erguida, os olhos nele.

— Você não é um assassino, Todd.

Eu viro pra ela, meu Ruído rugindo que nem uma fera.

— Não DIZ ISSO!!! Nunca MAIS DIZ ISSO!!!

— Todd… — Viola diz, com a mão estendida, a voz tentando passar tranquilidade.

— É por MINHA causa que a gente está nessa encrenca! Eles não estão procurando VOCÊ! Estão procurando por *MIM*! — Viro de novo pra Prentiss Jr. — E se eu conseguisse matar um deles, então talvez…

— Todd, não! Me escuta. — Viola chega mais perto. — Me escuta! — Eu olho pra ela. Meu Ruído está tão feio, e meu rosto, tão contorcido, que ela fica meio na dúvida, mas dá outro passo. — Vou te contar uma coisa, me escuta.

E então ouço a maior quantidade de palavras que eu já ouvi sair da boca de Viola.

— Quando você me encontrou, lá atrás, no pântano, eu estava fugindo daquele homem, Aaron, fazia quatro dias, e você foi apenas a segunda pessoa que vi neste planeta, e você chegou perto de mim com essa mesma faca, e, até onde eu sabia, você era exatamente como ele.

As mãos dela ainda estão levantadas na tentativa de me deixar mais calmo, como se eu fosse o cavalo perdido do Prentiss Jr.

— Mas antes mesmo que eu conseguisse entender o que estava acontecendo com o Ruído e com Prentisstown e qualquer que fosse a sua história, eu vi como você era, Todd. As pessoas sabem como você é. Todos veem que você não é mau. Que você não é assim.

— Você bateu na minha cara com um galho.

Ela põe as mãos na cintura.

— Ah, mas o que você esperava? Você apareceu com uma faca! Mas não bati pra machucar muito, bati?

Eu não digo nada.

— E eu estava certa — ela continua. — Você fez o curativo no meu braço. Você me salvou de Aaron mesmo sem precisar fazer isso. Você me tirou do pântano, onde eu teria morrido. Você me defendeu daquele homem no pomar.

Você veio comigo quando tivemos que ir embora de Galholongo.

— Não — digo baixinho. — Não, você não está vendo as coisas direito. A gente não ia ter que fugir se eu não tivesse…

— Acho que estou finalmente *entendendo* as coisas, Todd. Por que eles estão vindo atrás de você com tanta fúria? Por que um exército inteiro está perseguindo você por cidades, rios e campos, por todo esse planeta idiota? — Ela aponta pro Prentiss Jr. — Eu ouvi o que ele disse. Você não se pergunta por que eles querem tanto pegar você?

O poço dentro de mim só fica mais e mais escuro.

— Porque eu sou o único que não combina.

— Exatamente!

Meus olhos se arregalam.

— Por que isso é bom? Um exército quer me matar porque eu não sou um assassino.

— Errado. Um exército quer *transformar* você num assassino.

— Hein?

Ela dá mais um passo pra perto de mim.

— Se eles conseguirem tornar você o tipo de homem que eles querem…

— Garoto — corrijo. — Eu ainda não sou homem.

Ela faz um gesto de desdém.

— Se eles conseguirem destruir essa parte boa de você, a parte que não mata, então eles vão ganhar, você não percebe isso? Se conseguirem fazer isso com você, vão poder fazer isso com qualquer um. E aí eles vencem. Eles *vencem*!

Ela toca no meu braço, o que ainda está com a faca.

— Nós derrotamos eles. *Você* derrotou eles quando não se transformou no que eles queriam.

— Ele matou Ben e Cillian — digo, trincando os dentes.

— Não. Ele *disse* que matou. E você acreditou.

Olhamos pra Prentiss Jr. Ele já parou de se contorcer, e o vapor está começando a diminuir.

— Eu conheço esse tipo de garoto — ela diz. — Esse tipo existe até em naves espaciais. É um mentiroso.

— Ele é um homem, não um garoto.

— Como você *pode* continuar falando isso? — ela pergunta, finalmente demonstrando irritação. — Como pode continuar dizendo que ele é um homem e você não? Por causa de uma data de *aniversário* idiota? Se você fosse de onde eu venho, já teria catorze anos e um mês!

— Eu não sou de onde você veio! — grito. — Eu sou *daqui,* e é assim que as coisas funcionam aqui!

— Pois as coisas aqui funcionam *errado*.

Ela solta minha mão e ajoelha do lado de Prentiss Jr.

— Vamos amarrar esse cara. Vamos amarrar bem apertado e dar o fora daqui, está bem?

Não solto a faca.

Nunca mais vou soltar essa faca, não importa o que ela diga, não importa como diga.

Ela olha em volta.

— Cadê o Manchee?

Ah, não.

Encontramos ele no meio das moitas. Ele rosna pra gente sem dizer nada, só rosnado de bicho mesmo. O olho esquerdo está fechado, e tem sangue no focinho. Depois de uma porção de tentativas, finalmente consigo agarrar ele, e Viola pega aquele seu estojinho de maravilhas. Seguro Manchee enquanto ela obriga ele a engolir um comprimido que deixa ele todo mole. Depois, ela limpa os dentes quebrados, passa uma pomada no olho e cobre com um curativo preso com esparadrapo. Manchee parece tão pequeno e acabado que quando ele diz "Tód", atordoado e caolho, eu dou um abraço e sento um pouco com ele nos arbustos, fora da chuva, enquanto Viola guarda tudo e tira minha mochila da lama.

— Suas roupas estão todas molhadas e a comida foi esmagada — ela diz depois de conferir. — Mas o livro ainda está no plástico. Está tudo certo com ele.

Só de imaginar minha mãe sabendo que o filho seria um covarde, me dá vontade de jogar o livro no rio.

Mas não faço isso.

Na hora de amarrar Prentiss Jr. com a corda dele, a gente descobre que o choque arrancou a coronha de madeira do rifle. Uma pena, porque a arma podia ser útil.

— O que você usou pra dar o choque nele? — pergunto, meio sem ar, porque estamos arrastando Prentiss Jr. pra margem da estrada.

Pessoas desmaiadas *pesam muito*.

— Um dispositivo que informa minha localização para a nave no espaço — Viola responde. — Levei uma eternidade para desmontar ele.

— E agora como é que a sua nave vai saber onde você está?

Ela dá de ombros.

— Vamos torcer para que Refúgio tenha alguma coisa.

Eu observo Viola pegar a bolsa dela. Torço muito pra Refúgio ter metade do que ela espera.

A gente vai embora. Prentiss Jr. estava certo de dizer que ficar na estrada é

idiotice, por isso vamos andando a vinte ou trinta metros de distância, do outro lado do rio, tentando manter a estrada à vista da melhor maneira possível. Nós nos revezamos para carregar Manchee, e a noite passa.

A gente não conversa muito.

Porque ela pode ter razão, né? É, tudo bem, o exército pode estar atrás disso, talvez, se conseguirem fazer com que eu me junte a eles, talvez possam fazer com que qualquer um faça parte também. Talvez eu seja o teste deles, quem sabe, vai que toda a cidade está tão louca que acreditou numa coisa dessas.

Se um de nós cai, todos caem.

Por um lado, isso não explica por que Aaron está atrás da gente; por outro, eu já vi ela mentindo, não foi? As palavras dela parecem boas, mas como vou saber se ela não está inventando uma verdade em vez de apenas dizendo uma?

Porque eu *nunca* vou me juntar ao exército, e o prefeito Prentiss deve saber bem disso, não depois do que fizeram com Ben e Cillian, sendo ou não verdade o que tinha no Ruído do Prentiss Jr., e por isso Viola está completamente errada. Não importa o que eles queiram, seja lá que fraqueza me impede de matar um homem mesmo quando ele merece, isso tem que mudar preu virar um homem. *Tem que mudar*, senão como é que eu vou manter a cabeça erguida?

Dá meia-noite, e eu estou a vinte e cinco dias e um milhão de anos de me tornar um homem.

Porque, se eu tivesse matado Aaron, ele não teria contado pro prefeito Prentiss o último lugar onde tinha me visto.

Se eu tivesse matado Prentiss Jr. na fazenda, ele não teria levado os homens do prefeito até Ben e Cillian e não poderia ter machucado Manchee desse jeito.

Se eu fosse um assassino, eu podia ter ficado e ajudado Ben e Cillian a se defenderem.

Se eu fosse um assassino, talvez eles não estivessem mortos.

E isso é uma troca que eu faria sem nem parar pra pensar.

Eu vou ser um assassino, se tiver que ser.

Você vai ver.

O terreno está ficando mais irregular e íngreme, e o rio começa a correr por desfiladeiros de novo. A gente descansa um pouco embaixo de uma pedra e come o resto da comida que não estragou na briga com Prentiss Jr.

Pego Manchee no colo.

— Que comprimido era aquele?

— Só um pedacinho de analgésico para humanos — Viola explica. — Tomara que não seja demais pra ele.

Passo a mão no pelo de Manchee. Ele está quente e dormindo; pelo menos ainda está vivo.

— Todd… — Viola começa, mas nem deixo ela falar.

— Quero continuar andando o máximo que der. Sei que a gente devia dormir, mas vamos caminhar até não aguentar mais.

Ela fica um minuto em silêncio, depois diz:

— Tudo bem.

Não falamos mais nada, só terminamos o resto da comida.

A chuva continua a noite inteira enquanto andamos, e, cara, não tem nada mais barulhento do que chuva na floresta, um bilhão de gotas batendo num bilhão de folhas, o rio enchendo e rugindo, a lama esguichando pra tudo quanto é lado debaixo dos nossos pés. Escuto Ruído de longe uma vez ou outra, provavelmente de criaturas da floresta, mas sempre fora da nossa vista, porque elas já fugiram quando chegamos perto.

— Tem alguma coisa aqui que possa fazer mal a gente? — Viola pergunta, tendo que falar mais alto por causa da chuvarada.

— Tem tanta coisa que não dá nem pra contar. — Aponto pra Manchee nos braços dela. — Ele já acordou?

— Ainda não — ela diz, com uma voz preocupada. — Espero que eu…

E é assim que estamos, completamente desprevenidos, quando damos a volta em outra pedra e topamos com um acampamento.

Nós dois paramos na mesma hora e tentamos entender por um momento o que está bem na nossa frente.

Uma fogueira acesa.

Peixes que acabaram de ser pescados, pendurados em um espeto em cima do fogo.

Um homem debruçado em uma pedra, raspando as escamas de outro peixe.

O homem levanta a cabeça quando chegamos no acampamento dele.

Em um *instante*, no segundo em que pego a minha faca, do mesmo jeito que eu sabia que Viola era uma garota mesmo sem nunca ter visto uma, eu sei, eu sei que ele não é um homem.

É um Spackle.

25

ASSASSINO

O MUNDO PARA de girar.

A chuva para de cair, o fogo para de queimar, meu coração para de bater.

Um Spackle.

Não existe mais Spackle.

Todos eles morreram na guerra.

Não existe mais Spackle.

Mas tem um bem aqui na minha frente.

Ele é alto e magro, que nem nos vídeos que eu lembro, pele branca, dedos e braços compridos, a boca no meio do rosto, onde não era pra estar, as orelhas caídas na altura do queixo, olhos mais escuros que as pedras do pântano, líquen e musgo crescendo onde devia ter roupa.

Alienígena. Mais alienígena, impossível.

Mas que droga.

É como se o mundo todo que eu conheço desmoronasse na mesma hora.

— Todd? — diz Viola.

— Não se mexe.

Porque, mesmo com o som da chuva, eu consigo ouvir o *Ruído* do Spackle.

Não ouço nenhuma palavra com clareza, só imagens, distorcidas, estranhas e com as cores todas erradas, e também imagens minhas e de Viola ali na frente dele, chocados.

Imagens da faca agora na minha mão.

— Todd — Viola repete, com um leve tom de alerta na voz.

Porque tem mais coisa no Ruído dele. Tem sentimentos, uma inundação deles, zumbindo.

Medo.

Eu sinto o medo dele.

Ótimo.

Meu Ruído fica vermelho.

— Todd — ela diz mais uma vez.

— Para de falar meu nome.

O Spackle levanta devagar lá no canto dele, onde estava limpando o peixe. Ele montou o acampamento embaixo de outra pedra alta na encosta de uma colina. Boa parte está seca, e dá pra ver sacos e um rolo de musgo que talvez seja uma cama.

Também tem alguma coisa reluzente e comprida apoiada na pedra.

Consigo ver o Spackle visualizando esse negócio no Ruído dele.

É a lança que ele usa para pescar no rio.

— *Não* — falo pra ele.

Penso por um segundo, mas *só* por um segundo, em como eu entendo tudo com clareza, como consigo ver de maneira tão clara ele parado no rio, como é fácil decifrar suas expressões, mesmo que esteja tudo em imagens.

Mas o segundo passa logo.

Porque eu vejo ele pensando em correr para pegar a lança.

— Todd? — Viola diz — Abaixa essa faca.

Ele corre.

Eu corro ao mesmo tempo.

(Você vai ver.)

— Não! — Escuto Viola gritar, mas meu Ruído está tão alto que o que ela fala não passa de um sussurro.

Porque tudo que me vem na cabeça enquanto atravesso o acampamento correndo, com a faca erguida e pronta, direto pro Spackle, que é só joelhos e cotovelos magros aos tropeções na direção da lança, tudo que me vem na cabeça, tudo que estou enviando a ele no meu Ruído vermelho, são imagens e palavras e sentimentos, de tudo o que eu sei, de tudo o que aconteceu comigo, de todas as vezes que não consegui usar a faca, cada partezinha de mim gritando…

Vou mostrar pra você quem é o assassino.

Eu alcanço ele antes dele chegar na lança e dou um empurrão nele com o ombro. Caímos na parte da terra com menos lama fazendo um estrondo abafado, e os braços e as pernas dele estão por cima de mim, compridos, como se eu tivesse brigando com uma aranha, e ele me acerta na cabeça, mas na verdade a

força dos golpes mal ultrapassa a de um tapa, e eu percebo que…

Percebo que ele é mais fraco que eu.

— Todd, para com isso! — ouço Viola gritar.

Ele tenta se afastar de mim, e eu dou um soco na lateral da cabeça dele, e ele é tão leve que só esse golpe já derruba ele em cima de um monte de pedras, e ele olha de novo para mim, a boca fazendo um som sibilante, e tem terror e pânico no Ruído dele.

— PARA COM ISSO! — Viola grita. — Você não está vendo que ele está com medo?

— E é pra estar mesmo! — grito também.

Porque agora não tem como parar meu Ruído.

Ando na direção dele, e ele tenta rastejar para longe, mas agarro ele pelo tornozelo comprido e branco e arrasto ele de volta pro chão, e ele tá fazendo esse som horrível de *lamento*, e eu preparo a faca.

Mas Viola deve ter colocado Manchee em algum lugar, porque ela segura meu braço e me puxa pra trás pra impedir que eu dê o último golpe no Spackle, e eu tento me soltar, mas ela não desgruda, e a gente se afasta, cambaleando, do Spackle, que se encolhe embaixo de uma pedra, com as mãos na frente do rosto.

— Me solta! — grito.

— Para, por favor, Todd! — ela grita, puxando e torcendo o meu braço — Para com isso!

Giro o braço e uso o que está livre para afastar Viola; quando viro, dá pra ver o Spackle se movendo rápido pelo chão…

Indo até a lança…

Os dedos já no cabo…

E todo o meu ódio explode em mim que nem um vulcão, com todo o seu vermelho brilhante…

E eu caio em cima do Spackle…

E enfio a faca no peito dele.

A faca entra triturando o que tem pela frente e torce um pouco quando acerta um osso, e o Spackle grita o som mais horrível, horrível, e sangue vermelho-escuro (vermelho, é vermelho, o sangue deles é *vermelho*) jorra da ferida, e ele levanta um braço comprido e arranha minha cara, e eu puxo o braço e dou outra facada, e uma respiração longa e estridente sai da boca dele com um gorgolejo alto, e seus braços e pernas ainda se contraem, e ele olha pra mim com seus olhos negros, tão negros, e seu Ruído cheio de dor e susto e medo…

E eu giro a faca…

E ele não morre, ele não morre, ele não morre…

E, com um gemido e um tremor, ele morre.

E o Ruído para de vez.

Sinto ânsia de vômito e arranco a faca e me afasto pela lama.

Olho pras minhas mãos, pra faca.

Tem sangue em tudo quanto é lugar. A faca está cheia de sangue, até o cabo está ensanguentado, também tem sangue nas minhas mãos e nos meus braços e na frente das minhas roupas, e vários respingos no rosto que eu limpo junto com meu próprio sangue do arranhão que levei.

Mesmo com a chuva me molhando todo agora, tem mais sangue do que parece possível.

O Spackle está caído onde…

Onde eu matei ele.

Viola deixa escapar um som sufocado e ofegante, então olho pra ela, mas ela se encolhe.

— Você não sabe de nada! — grito com ela — Você não sabe de nada! Eles que começaram a guerra. Eles que mataram minha mãe! Tudo, tudo que aconteceu foi culpa deles!

Então acabo vomitando.

E continuo vomitando.

E quando meu Ruído começa a se acalmar, eu vomito de novo.

Fico com a cabeça virada pro chão.

O mundo parou.

O mundo ainda não voltou a girar.

Não escuto nada vindo de Viola, só o silêncio dela. Sinto minha mochila deslizando até minha nuca quando me inclino pra frente. Não olho pro Spackle.

— Ele ia matar a gente — digo pro chão, no fim das contas.

Viola não responde.

— Ele ia matar a gente — repito.

— Ele estava *morrendo de medo*! — Viola grita, a voz embargada. — Até eu vi como ele estava com medo!

— Ele tentou pegar a lança — insisto, levantando a cabeça.

— Porque você apareceu com uma faca!

Agora ela está na minha frente. Seus olhos estão arregalados e cada vez mais vazios, do mesmo jeito que estavam quando ela se fechou e começou a balançar pra frente e pra trás.

— Eles mataram todas as pessoas no Novo Mundo — digo.

Firme, ela faz que não com a cabeça.

— Seu idiota, Seu IDIOTA de merda!

Ela não disse M...

— Quantas vezes você já descobriu que o que te contaram não é verdade? — ela pergunta, se afastando ainda mais de mim, o rosto todo contorcido. — Quantas vezes?

— Viola…

— Os Spackle todos não morreram na guerra? — ela pergunta, e, meu Deus, como eu odeio ver que a voz dela parece assustada assim. — Hein? *Não morreram todos?*

E o meu Ruído perde a última gotinha de raiva quando me dou conta que fui feito de trouxa mais uma vez…

Eu me viro pro Spackle…

Vejo o acampamento…

Vejo os peixes nas linhas…

E (não não não não não) vejo o medo que saía do Ruído dele…

(Não não não por favor não.)

Não tenho nem mais o que pôr pra fora, mas sinto ânsia de vômito mesmo assim…

Sou um assassino…

Sou um assassino…

Sou um assassino…

(Ah, por favor não)

Sou um assassino.

Começo a me tremer todo. A tremedeira é tanta que não consigo nem ficar de pé. Eu me vejo dizendo "não" várias e várias vezes, e o medo no Ruído dele continua fazendo eco no meu, e não tem como fugir, está ali e ali e ali, e eu tremo tanto que, quando caio de joelhos, não consigo nem me apoiar com as mãos e tombo na lama, e ainda vejo sangue por toda parte, tanto que nem a chuvarada consegue lavar.

Fecho os olhos bem apertado.

E só tem escuridão.

Só escuridão e vazio.

Mais uma vez, eu estraguei tudo. Mais uma vez, eu fiz tudo errado.

Bem lá longe consigo ouvir Viola me chamando.

Mas está longe demais.

E eu estou sozinho aqui. Sempre sozinho.

Escuto meu nome de novo.

Sinto um puxão no braço, muito, muito distante.

Só quando ouço o estalo do Ruído de alguém é que eu abro os olhos.

— Acho que tem mais deles por aí — Viola sussurra no meu ouvido.

Levanto a cabeça. Meu próprio Ruído está tão cheio de lixo e horror que é difícil ouvir direito, e a chuva ainda cai, mais forte que nunca, e paro um instantezinho idiota pra me perguntar se vou voltar a ficar seco algum dia. Então eu escuto um murmúrio indecifrável entre as árvores, não dá pra saber onde, mas que sem dúvida está ali.

— Se eles não queriam matar a gente antes, sem dúvida vão querer fazer isso agora — Viola diz.

— Temos que ir.

Tento ficar em pé. Ainda estou tremendo, e preciso fazer uma ou duas tentativas até conseguir levantar.

Ainda estou segurando a faca. Está grudenta de sangue.

Jogo ela no chão.

O rosto de Viola é uma coisa terrível de ver, sofrido, assustado e horrorizado, tudo por minha causa. Mas a gente não tem escolha, como sempre, por isso repito:

— Temos que ir.

Vou pegar Manchee onde ela deixou, num local seco debaixo da pedra do Spackle.

Ele ainda está dormindo e tremendo de frio. Pego ele no colo, enfio meu rosto no pelo dele e sinto seu fedor familiar de cachorro.

— *Depressa* — diz Viola.

Viro e vejo que ela está olhando ao redor, o Ruído ainda sussurrando na mata e na chuva, o medo ainda no rosto.

Ela volta a olhar pra mim, mas viro o rosto, porque é impossível olhar pra ela.

Mas, antes de virar, noto um movimento atrás de Viola.

Vejo os arbustos se afastarem atrás de onde ela está.

E vejo que ela vê a minha expressão mudando.

Ela vira a tempo de ver Aaron saindo da mata.

Ele segura Viola pelo pescoço com uma das mãos e, com a outra, enfia um pano em cima da boca e do nariz dela, eu grito e dou um passo à frente e escuto o grito dela por baixo do pano, e ela tenta resistir com as mãos, mas Aaron segura ela com força, e, quando dou o segundo e o terceiro passos, ela já está desmaiando por causa de seja lá o que está no pano, e no quarto e no quinto passos, ele deixa ela no chão, e Manchee ainda está nos meus braços, e no sexto passo Aaron leva a mão até as costas, e eu não estou com a minha faca, e Manchee está comigo, e tudo o que dá pra fazer é correr na direção dele, e no meu sétimo passo eu vejo Aaron pegar um cajado de madeira que estava preso nas costas dele e girar o negócio no ar, me atingindo em cheio no lado da cabeça com um

CRACK

e eu caio, e Manchee cai dos meus braços, e eu desabo no chão de barriga para baixo, e a minha cabeça está zunindo tão forte que nem consigo esticar os braços, e o mundo começa a vacilar e a ficar cinza e cheio de dor, só dor, e eu estou no chão, e tudo está se inclinando e deslizando, e meus braços e pernas estão pesados demais para levantar e meu rosto está meio afundado na lama, e ainda consigo ver Aaron me olhando no chão, e vejo o Ruído dele, e Viola está nele, e eu vejo que ele vê minha faca vermelha reluzindo na lama, e ele pega ela, e tento rastejar para longe, mas o peso do meu corpo me prende ali, e a única coisa que eu consigo fazer é olhar pra trás quando ele para bem acima de mim.

— Você não tem mais utilidade para mim, garoto — Aaron diz, levantando a faca acima da cabeça, e a última coisa que eu vejo é ele baixando a arma com toda a força.


PARTE V

26

O FIM DE TODAS AS COISAS

CAINDO NÃO CAINDO não por favor *me ajude Caindo* A FACA *A faca* Spackle spacks estão mortos, todos os spacks mortos *VIOLA* desculpa, por favor, desculpa, *ele tá com uma lança* CAINDO Por favor por favor *Aaron, atrás de você! Ele tá vindo!* não tem mais utilidade para mim, garoto. *Viola caindo,* Viola Eade Spackle *o grito e o sangue e não* OLHA PRA MIM olha pra mim não *por favor* olha pra mim ele teria matado a gente *Ben* por favor eu sinto muito *Aaron! Corre!* E-A-D-E Tem mais deles *precisamos sair daqui* CAINDO caindo sangue escuro *A faca* mortos *Sou um assassino por favor não* SPACKLE *Viola Viola Viola…*

— Viola! — tento gritar, mas é tudo só escuridão, escuridão sem som, escuridão, e eu caí e estou sem voz. — Viola — tento de novo, e tem água nos meus pulmões, e uma dor nas minhas entranhas, e dor, dor nas minhas…

— Aaron — sussurro pra mim mesmo e pra ninguém. — Corre, é o Aaron.

Então eu caio mais uma vez na escuridão.

…

…

— Todd?

…

— Todd?

Manchee.

— Todd?

Sinto uma língua de cachorro na minha cara, o que significa que consigo sentir minha cara, o que significa que sei onde ela está e, com uma baforada de ar, abro os olhos.

Manchee está parado do lado da minha cabeça, trocando o peso de uma pata pra outra, lambendo os lábios e o focinho de um jeito meio nervoso, o curativo ainda no olho, mas ele parece fora de foco e é difícil de…

— Todd?

Tento dizer o nome dele pra deixar ele mais calmo, mas só consigo é tossir, e uma dor aguda sobe pelas minhas costas. Ainda estou deitado de bruços na lama, onde caí quando Aaron…

Aaron.

Quando Aaron bateu na minha cabeça com o cajado dele. Tento levantar a cabeça, mas uma dor absurda se espalha pelo lado direito do meu crânio e vai até o queixo, e eu tenho que ficar ali deitado, trincando os dentes por um minuto, deixando tudo doer e queimar antes que eu consiga falar alguma coisa de novo.

— Todd? — Manchee choraminga.

— Tô aqui, Manchee — finalmente consigo murmurar, mas o som sai do meu peito que nem um rosnado, e dispara mais um acesso de tosse…

Que eu tenho que prender por causa da dor que causa nas minhas costas.

Nas costas.

Tento segurar mais uma vontade de tossir, e uma sensação de horror se espalha da minha barriga pro meu corpo todo.

A última coisa que vi antes…

Não.

Ah, não.

Começo a tossir mais um pouco, procurando não mexer nenhum músculo (não dá certo) e sobreviver à dor até que ela vá pro mais longe possível, depois tento mexer a boca sem que isso me mate.

— Tem uma faca em mim, Manchee? — pergunto com voz áspera.

— Faca, Todd — ele late, todo preocupado. — Costas, Todd.

Ele chega mais perto pra lamber minha cara de novo, que é o jeito dos cachorros de tentar melhorar as coisas. Tudo o que faço é respirar e não me mexer por um tempo. Fecho os olhos e inspiro, mesmo que os meus pulmões reclamem e pareçam cheios.

Eu sou Todd Hewitt, penso, o que é um erro, porque então tudo volta, desabando em cima de mim, me arrastando para baixo, o sangue do Spackle, o rosto de Viola com medo de mim e Aaron saindo da mata e pegando ela…

Começo a chorar, mas os soluços me dão uma dor tão grande que, por um minuto, eu fico paralisado, e uma chama viva queima pelos meus braços e

minhas costas, e não tem nada que eu possa fazer além de sofrer até que ela passe.

Devagar, devagar, devagar, eu começo a mexer um braço, tirando ele de baixo de mim. Minha cabeça e minhas costas doem tanto que acho que chego a desmaiar, mas acordo outra vez e devagar, devagar, devagar, levanto a mão pra alcançar as costas, os dedos subindo pela camisa molhada e imunda que estou usando, pela mochila molhada e imunda que, por incrível que pareça, ainda está nas minhas costas, e subo e volto mais um pouco até sentir aquilo com a ponta dos meus dedos.

O cabo da faca. Saindo das minhas costas.

Mas eu devia estar morto.

Eu devia estar *morto*.

Estou morto?

— Não morto, Todd — Manchee late. — Mochila! Mochila!

A faca está encravada entre os meus ombros, a dor nem de longe me deixa mentir, mas a lâmina atravessou a mochila primeiro, e algo ali dentro impediu que ela entrasse por completo.

O livro.

O livro da minha mãe.

Passo os dedos outra vez, o mais devagar que dá, mas sim, Aaron levantou o braço com a faca e acertou bem no livro que está na mochila, e ele impediu que a lâmina entrasse inteira dentro de mim.

(Como aconteceu com o Spackle.)

Fecho os olhos de novo e tento respirar o mais fundo que eu consigo, o que não é tanto assim, e depois alcanço o cabo da faca com os dedos, e respiro e espero a dor passar, então tento puxar a faca, só que ela é a coisa mais pesada no mundo, e sou obrigado a esperar e respirar e tentar mais uma vez e, quando eu puxo o cabo, a dor nas minhas costas aumenta como se eu tivesse levado um tiro, e eu grito que nem doido quando sinto a faca saindo.

Fico sem fôlego e tento não voltar a chorar, o tempo inteiro segurando a faca já fora de mim, mas ainda enfiada no livro e na mochila.

Manchee lambe meu rosto mais uma vez.

— Bom garoto — digo, mesmo sem saber por quê.

Parece que eu levo uma eternidade até conseguir tirar as alças da mochila dos meus ombros e finalmente jogar pro lado a faca e todo o resto. Mesmo assim, não consigo chegar nem perto de levantar, e devo ter desmaiado de novo, porque, mais uma vez, Manchee está lambendo a minha cara e eu estou abrindo os olhos e tossindo quando respiro.

Ali deitado, ainda na lama, desejo mais que qualquer coisa no mundo que

Aaron tivesse me atravessado com a faca, que eu estivesse tão morto quanto o Spackle, que eu pudesse continuar a cair naquele poço, cair cair cair até só ter escuridão lá embaixo, até só ter o nada, onde não existe mais nenhum Todd para culpar ou estragar as coisas ou decepcionar Ben ou decepcionar Viola, e eu podia cair pra sempre no nada e não ter mais nenhuma preocupação.

Mas ali está Manchee, afastando esse pensamento com um monte de lambida.

— Sai daí. — Levanto um braço e o empurro para longe.

Aaron podia ter me matado, podia ter me matado fácil fácil.

Uma facada no pescoço, uma facada no olho, uma facada na garganta. Eu estava ali, na mão dele, e ele não me matou. Ele devia saber o que estava fazendo. Ah, *devia*.

Será que ele me deixou aqui pro prefeito me encontrar? Mas por que ele estava tão na frente do exército? Como é que ele conseguiu chegar tão longe sem um cavalo que nem o do Prentiss Jr.? Ele ficou seguindo a gente por quanto tempo?

Quanto tempo ele esperou pra sair dos arbustos e raptar Viola?

Solto um gemidozinho.

Foi *por isso* que ele me deixou vivo. Pra que eu pudesse viver sabendo que ele sequestrou Viola. É assim que ele vence, né? É assim que ele me faz sofrer. Conviver com a imagem dele raptando Viola pra sempre no meu Ruído.

Meu corpo fica com um novo tipo de energia, e eu me forço a sentar, ignorando a dor e respirando fundo até conseguir pensar na ideia de ficar em pé. O chiado nos meus pulmões e a dor nas costas me fazem tossir mais, só que eu trinco os dentes e aguento firme.

Porque eu tenho que encontrar ela.

— Viola — Manchee late.

— Viola — digo, e trinco ainda mais os dentes e tento ficar de pé.

Mas é demais, a dor toma conta das minhas pernas, e eu tombo de novo na lama, e só fico ali deitado e paralisado, é difícil demais respirar, e minha mente fica confusa e febril, e no meu Ruído estou correndo correndo correndo rumo ao nada e estou todo quente e suando, e estou correndo no meu Ruído e ouço Ben de trás das árvores e corro na direção dele, e ele está cantando a música, está cantando a música que cantava preu dormir, a música que é pra meninos e não homens, mas quando escuto ela, meu coração fica tenso e é *De manhã cedo, com o sol nascendo.*

Volto pra realidade. A música vem junto.

Porque a música diz:

De manhã cedo, com o sol nascendo,

Ouvi uma donzela chamar lá do vale.

— Ah, não me engane. Ah, não me abandone.

Abro os olhos.

Não me engane. Não me abandone.

Preciso encontrar ela.

Preciso encontrar ela.

Olho pra cima. O sol está alto no céu, mas não faço a menor ideia de quanto tempo passou desde que Aaron raptou Viola. Foi logo antes de amanhecer. Está nublado agora, mas claro, por isso pode ser o fim da manhã ou o início da tarde. Talvez nem seja o mesmo dia, mas nem quero pensar nisso. Fecho os olhos e tento escutar. A chuva parou, então não tem mais aquela barulheira constante, e os únicos Ruídos que ouço são o meu, o de Manchee e o falatório distante e sem palavras das criaturas da mata seguindo com a própria vida, que não tem nada a ver com a minha.

Nenhum som de Aaron. Nenhum silêncio de Viola.

Abro os olhos e vejo a bolsa dela.

Ficou pra trás depois da briga com Aaron; não tinha utilidade nem interesse pra ele. Simplesmente ficou caída ali no chão, como se não fosse de ninguém, como se não fizesse a menor diferença o fato de pertencer a Viola.

A bolsa está lotada de coisas idiotas e úteis.

Sinto um aperto no peito e começo a tossir, morrendo de dor.

Não consigo ficar em pé, por isso rastejo pra frente, arfando por causa da dor nas costas e na cabeça, mas continuo. Manchee late, o tempo inteiro preocupado:

— Todd, Todd.

Demoro uma eternidade, mas que M..., é tempo demais, mas chego na bolsa, e preciso me dobrar todo por causa da dor por um instante e só depois fazer qualquer outra coisa. Quando consigo respirar de novo, abro e remexo na bolsa até encontrar a caixa com os curativos. Só sobrou um, mas vai ter que servir. Então começo o longo processo que vai ser tirar a camisa, o que me obriga a mais pausas, mais respiração, centímetro por centímetro, mas finalmente ela sai das minhas costas em chamas e passa por cima da minha cabeça em chamas, e a camisa é praticamente só lama e sangue.

Encontro a faquinha no estojo de primeiros socorros e corto o curativo em dois. Ponho uma parte na cabeça, segurando até grudar, e, muito aos pouquinhos, coloco o outro nas costas. Por um tempo, sinto ainda mais dor enquanto o material do remédio, as células humanas ou sei lá o que Viola disse, penetra nas feridas e se junta a elas. Trinco os dentes, mas aí o remédio começa a funcionar, e uma onda de frio passa pela minha corrente sanguínea. Espero um tempinho, até fazer um pouco de efeito, e então consigo levantar. Fico tonto quando coloco os pés no chão, mas consigo me manter equilibrado por um minuto.

E depois de outro minuto, consigo dar um passo. Depois mais um.

Mas pra onde é que eu vou?

Não faço ideia de pra onde levaram ela nem de quanto tempo passou. A essa hora é bem capaz de Aaron já ter voltado pro exército.

— Viola? — Manchee late, choramingando.

— Não sei, amigão. Deixa eu pensar.

Mesmo com os curativos fazendo lá o trabalho deles, não aguento ficar completamente ereto, mas faço o possível e olho ao redor. O corpo do Spackle está num canto, mas eu me viro pra não ver.

Ah, não me engane. Ah, não me abandone.

Dou um suspiro. Sei o que que eu tenho que fazer.

— A gente não tem opção — digo a Manchee. — Precisamos voltar até o exército.

— Todd? — ele choraminga.

— A gente não tem opção — repito, e procuro não pensar em nada, só em seguir em frente.

Primeiro, as prioridades, preciso de uma camisa nova.

Continuo de costas pro Spackle e vou até a mochila.

A faca ainda está enfiada na mochila e no livro lá dentro. Não quero tocar naquilo e, mesmo com toda a minha confusão, não quero ver o que aconteceu com o livro, mas preciso tirar a faca, então seguro a mochila com o pé e puxo o cabo com força. Depois de alguns puxões, a faca finalmente se solta, e eu largo ela no chão.

Olho para ela caída no musgo molhado. Ainda tem sangue nela toda. Principalmente sangue de Spackle, mas também meu sangue, vermelho-vivo, na ponta da lâmina. Fico me pergunto se isso quer dizer que o sangue do Spackle entrou em contato com o meu quando tomei a facada de Aaron. Será que existe algum supervírus que você pode pegar direto de um Spackle?

Mas agora não é hora de ficar fazendo pergunta.

Abro a mochila e pego o livro.

O buraco feito pela faca atravessa o livro todo e sai do outro lado. A faca é tão afiada e Aaron deve ser tão forte que a lâmina nem estragou o livro. As páginas estão com um rasgo bem no meio, meu sangue e o sangue do Spackle manchando as bordas do corte só um pouquinho, mas ainda dá pra ler tudo.

Eu ainda podia ler, podia pedir pra alguém ler.

Se eu merecer um dia.

Afasto esse pensamento e pego uma camisa limpa. Tenho um acesso de tosse e sinto dor mesmo com os curativos, então tenho que esperar até passar. Fico com a sensação de que os meus pulmões estão cheios de água, como se eu

estivesse carregando uma pilha de pedras do rio no peito, mas coloco a camisa, separo na minha mochila as coisas que ainda dá pra usar, algumas roupas, meu próprio kit de primeiros socorros, os objetos que não foram destruídos nem pelo Prentiss Jr. nem pela chuva e o livro da minha mãe, aí coloco tudo na bolsa de Viola, porque não tem como eu continuar carregando minha mochila nas costas.

Então ainda resta a pergunta, né?

Pra onde é que eu vou?

Vou seguir a estrada de volta até o exército, é pra lá que eu vou.

Vou até o exército salvar Viola, não sei como, mesmo que seja trocando de lugar com ela.

Mas pra isso eu não posso ir desarmado, posso?

Não, não posso.

Olho de novo pra faca, ali no musgo como se não fosse de ninguém, uma coisa de metal, tão distante de um garoto quanto possível, uma coisa que joga toda a sua culpa no garoto que usou ela.

Não quero tocar naquilo. De jeito nenhum. Nunca mais. Mas tenho que ir lá e limpar o sangue da melhor maneira que dá com algumas folhas molhadas e tenho que embainhar a faca nas minhas costas, no cinto que ainda está na minha cintura.

Preciso fazer essas coisas. Não tenho opção.

O Spackle aparece na minha visão periférica, mas eu não olho pra ele quando pego a faca.

— Vem, Manchee.

Penduro a bolsa de Viola no ombro com o maior cuidado.

Não me engane. Não me abandone.

Hora de ir.

— Vamos encontrar ela.

Deixo o acampamento pra trás e sigo na direção da estrada. É melhor começar logo e fazer o caminho de volta até eles o mais rápido possível. Vou ouvir eles se aproximando e então vou sair do caminho, e aí vou ver se tem algum jeito de salvar ela.

Isso significa que em algum momento vou dar de cara com eles.

Abro caminho por uns arbustos quando ouço Manchee latir:

— Todd?

Viro pra ele, tentando não olhar pro acampamento.

— Vamos, garoto.

— Todd!

— Já falei! Vamos agora. Estou falando sério.

— Aqui, Todd — ele late, agitando seu meio rabo.

Viro o corpo todo na direção dele.

— Que foi que você disse?

Ele aponta o focinho em outra direção, completamente diferente da que eu ia.

— Aqui — Manchee late.

Ele esfrega o curativo do olho com uma das patas, arrancando o negócio e me encarando com o olho machucado.

— O que que você quer dizer com “aqui”? — pergunto, com uma sensação estranha no peito.

Ele sacode a cabeça, e suas patas dianteiras viram não só pra longe da estrada, mas na direção oposta à do exército.

— Viola — late, andando em círculos e virando naquela direção outra vez.

— Você consegue sentir o cheiro dela?

Ele late um sim.

— Você consegue *sentir o cheiro dela*? — repito.

— Aqui, Todd!

— Não é pra gente ir pela estrada? Não é pra fazer o caminho de volta até o exército?

— Todd! — ele late, sentindo a elevação no meu Ruído e ficando agitado também.

— Tem certeza? Você precisa ter certeza, Manchee. É sério.

— Aqui!

E ele sai correndo no meio dos arbustos por uma trilha paralela ao rio, na direção oposta à do exército.

Na direção de Refúgio.

Vai saber por quê, mas quem se importa; logo estou correndo atrás dele o mais rápido que meus machucados deixam e, no momento que vejo ele se afastar e seguir em frente, penso comigo mesmo: *Bom garoto, que bom garoto.*

27

EM FRENTE

— AQUI, TODD — Manchee late, fazendo a gente dar a volta em outra pedra alta.

Desde que saímos do acampamento do Spackle, o terreno começou a ficar cada vez mais difícil. Fazia mais ou menos duas horas que a floresta seguia pelas colinas, e a gente subia e descia e subia de novo, às vezes mais caminhando do que correndo. Quando chegamos no topo de uma das colinas, vejo mais e mais do mesmo se estendendo pela frente, morros cobertos de árvores, alguns tão íngremes que a pessoa tem que contornar em vez de atravessar. A estrada e o rio seguem cheios de curvas no meio deles, indo e vindo na minha direita, e às vezes é bem difícil manter eles à vista.

Mesmo com os curativos fazendo o possível para me manter em pé, cada passo que dou faz minhas costas e minha cabeça doerem, e de vez em quando preciso parar pra descansar e, às vezes, vomitar meu estômago vazio.

Mas seguimos em frente.

Mais rápido, penso comigo mesmo. *É pra ir mais rápido, Todd Hewitt.*

Eles estão pelo menos meio dia na nossa frente, talvez um dia e meio, e não sei pra onde estão indo ou o que Aaron planeja fazer quando chegar aonde quer, por isso seguimos em frente.

— Você tem certeza? — pergunto sempre pro Manchee.

— Aqui — ele continua a latir.

O que não faz nenhum sentido é que estamos na trilha que Viola e eu teríamos

tomado de qualquer jeito, seguindo o rio, longe da estrada, rumo ao leste, na direção de Refúgio. Não sei por que Aaron está indo pra lá, não sei por que ele estaria na frente do exército, mas é aí que Manchee está farejando lá os cheiros dele e, por isso, é o caminho que a gente vai.

Continuamos até de tarde, subindo e descendo morros e sempre em frente entre as árvores, que deixam de ter folhas grandes, como as das planícies, para serem mais agulhadas, mais altas e com formato de flecha. Elas têm até cheiro diferente, lançando um perfume forte no ar, que eu chego a sentir na língua. Manchee e eu pulamos por cima de vários riachos e córregos que dão no rio, e eu paro de vez em quando pra encher as garrafas de água. Seguimos em frente.

Tento não pensar em nada. Procuro manter a mente concentrada no que vem pela frente, focada em Viola e em encontrar ela. Evito pensar no jeito que ela ficou depois que matei o Spackle. Tento não pensar em como ela estava com medo de mim, em como ela recuou como se eu fosse machucar ela. Tento não pensar em como ela devia estar com medo quando Aaron chegou por trás dela e eu não pude fazer nada.

E tento não pensar no Ruído do Spackle e no medo que tinha nele, nem em como ele deve ter tomado um susto por matarem ele só por ser um pescador, nem quero pensar na vibração que senti no braço quando enfiei a faca nele, nem em como o sangue vermelho-escuro dele espirrou em mim, nem no susto que saía dele e entrava no meu Ruído enquanto ele morria e morria e morria…

Não penso em nada disso.

Seguimos em frente, seguimos em frente.

A tarde passa e começa a anoitecer, a floresta e os morros parecem que são infinitos, e aí aparece outro problema.

— Comida, Todd?

— Não sobrou nada — digo, a terra cedendo embaixo dos meus pés enquanto descemos uma encosta. — Também não tenho nada pra mim.

— Comida?

Nem sei quanto tempo faz desde que eu comi pela última vez. Aliás, nem sei quanto tempo eu dormi de verdade, já que desmaiar não é dormir.

E perdi a conta de quantos dias faltam preu me tornar um homem, mas garanto que isso nunca pareceu tão distante da realidade.

— Esquilo! — Manche late de repente, dando a volta depressa no tronco de uma árvore com agulhas e entrando numa confusão de samambaias. Eu nem vi o esquilo, mas ouço cachorro que gira e “Esquilo!” e gira-gira-gira… E isso para do nada.

Manchee aparece com um esquilo-ceráceo pendurado na boca, maior e mais amarronzado que os do pântano. Ele joga o bicho no chão bem na minha frente,

um “ploft” sangrento, com barulho de cartilagem, e aí eu já não fico mais com tanta fome assim.

— Comida? — ele late.

— Tá tudo bem, garoto. — Olho pra qualquer lugar, menos praquilo. — Pode ficar.

Estou suando mais que o normal e bebo um monte de água enquanto Manchee termina a refeição dele. Uns mosquitinhos formam uma nuvem à nossa volta em bandos quase invisíveis, e eu tenho que afastar eles toda hora com as mãos. Tusso outra vez, ignorando a dor nas costas e a dor na cabeça e, quando Manchee termina e está pronto pra ir embora, cambaleio só um pouco, mas seguimos em frente.

Não para, Todd Hewitt. Não para.

Não me atrevo a dormir. Aaron talvez não durma, então também não posso. Sempre em frente, as nuvens passando de vez em quando sem eu nem perceber, as luas nascendo, estrelas surgindo. Chego no pé de um morro baixo e, assustado, abro caminho por uma manada de uns bichos que parecem veados, mas os chifres são diferentes dos veados que tinha em Prentisstown e, de qualquer jeito, eles estão fugindo em meio às árvores, se afastando de mim e de um Manchee que late sem parar antes que eu mal consiga registrar que eles chegaram a passar pela gente.

Continuamos em frente e já passou da meia-noite. (Faltam vinte e quatro dias? Vinte e três?) Passamos um dia inteiro sem ouvir Ruído nem de outros povoados, não que eu pudesse perceber, mesmo quando estava perto o suficiente pra ver trechinhos do rio e da estrada. Quando chegamos no topo de outro morro coberto de árvores e as luas estão bem em cima da gente, eu até que enfim ouço o Ruído de homens, claros como uma explosão.

A gente para e se agacha, mesmo sendo de noite.

Vejo tudo do topo do nosso morro. As luas estão altas, e dá pra ver duas cabanas compridas em duas clareiras separadas em encostas do outro lado. De uma delas dá pra ouvir o murmúrio confuso do Ruído de homens dormindo. Julia? e a cavalo e diz pra ele que não é assim e subindo o rio na manhã de ontem e uma porção de coisas que não fazem sentido, porque Ruído de sonho é a coisa mais estranha do mundo. Na outra cabana, só tem silêncio, o silêncio dolorido das mulheres, isso a gente sente até daqui, homens em uma cabana, mulheres na outra, acho que é um jeito de resolver o problema de dormir, e o silêncio do lado das mulheres faz eu pensar em Viola, e eu tenho que me apoiar em um tronco pra não perder o equilíbrio.

Mas onde tem gente tem comida.

— Você consegue encontrar o caminho de volta pra trilha se a gente sair dela?

— sussurro pro Manchee, segurando uma tosse.

— Encontrar trilha — late ele, todo sério.

— Tem certeza?

— Todd cheiro — ele late. — Manchee cheiro.

— Então fica quieto e vamos lá.

Começamos a descer o morro escondidos, com os movimentos mais suaves que a gente consegue fazer, no meio das árvores e dos arbustos até chegar no pé de um pequeno vale, com as cabanas mais acima, dormindo nas encostas.

Consigo ouvir meu próprio Ruído se espalhando pelo mundo, quente e úmido como o suor que não para de escorrer de mim, e tento manter ele em silêncio, cinzento e estável, como Tam fazia, Tam, que controlava o Ruído melhor do que todo mundo em Prentisstown…

E aí está a prova.

Prentisstown?, escuto vindo da cabana dos homens quase ao mesmo tempo.

A gente para imediatamente. Meus ombros despencam. Ainda é Ruído de sonho que estou escutando, mas a palavra se repete nos homens adormecidos como ecos num vale. Prentisstown? e Prentisstown? e Prentisstown?, como se eles ainda não soubessem o que aquilo significa.

Mas vão saber assim que acordarem.

Idiota.

— Vamos — digo, correndo pelo caminho que viemos, voltando pra nossa trilha.

— Comida? — Manchee late.

— *Vamos*.

Assim, nada de comida pra mim, mas seguimos em frente pela noite, correndo o mais rápido possível.

Mais rápido, Todd. Bota esse seu maldito corpo pra se mexer.

Seguimos em frente, seguimos em frente, subimos colinas, às vezes me agarrando nas plantas pra buscar apoio, segurando nas rochas pra manter o equilíbrio de vez em quando, o rastro continuando bem longe de qualquer lugar que pudesse ser mais fácil caminhar, como as partes mais planas do lado da estrada ou na margem do rio, e eu tusso e às vezes tropeço e, quando o sol começa a nascer, eu não consigo mais, simplesmente não dá mais, minhas pernas desabam, e eu preciso sentar.

Só preciso sentar.

(Sinto muito.)

Minhas costas doem e minha cabeça dói, e estou suando e fedendo muito e estou com muita fome e só preciso sentar no pé de uma árvore só um pouquinho. Preciso fazer isso e sinto muito, sinto muito, sinto muito.

— Todd? — Manchee murmura, chegando perto de mim.

— Estou bem, garoto.

— Quente, Todd — ele diz, falando de mim.

Eu tusso, e os meus pulmões sacodem que nem pedras rolando pela encosta de um morro.

Levanta, Todd Hewitt. Mexe essa maldita bunda e vamos embora.

Fico com a cabeça nas nuvens, não dá pra evitar; tento me concentrar em Viola, mas lá se vai minha mente, e estou pequeno e estou doente na cama e estou doente *de verdade*, e Ben tá no meu quarto comigo porque a febre tá me fazendo ver coisas, coisas horríveis, luzes tremendo nas paredes, pessoas que não estão ali, presas e braços crescendo em Ben, tudo quanto é tipo de coisa, e eu tô gritando e tentando me afastar, mas Ben tá ali comigo, e ele canta a música e ele me dá água fresca e tá pegando um comprimido, um remédio…

Remédio.

Ben está me dando remédio.

Caio na real de novo.

Levanto a cabeça e remexo na bolsa de Viola e pego outra vez o estojo de primeiros socorros dela. Ali tem todo tipo de comprimidos, comprimidos demais. Tem umas palavras nas embalagenzinhas, mas elas não fazem sentido pra mim e não posso correr o risco de tomar o tranquilizante que derrubou Manchee. Abro meu próprio estojo de primeiros socorros, que nem de longe é tão bom que nem o dela, mas tem comprimidos brancos nele que sei que são pelo menos analgésicos, por mais que sejam nojentos e caseiros. Mastigo dois, depois mais dois.

Levanta, seu lixo inútil.

Eu sento e respiro por um tempo, e luto luto luto contra o sono, esperando os comprimidos funcionarem. Quando o sol começa a aparecer no alto de um morro distante, acho que estou me sentindo um pouco melhor.

Não sei se isso é verdade, mas não tenho escolha.

Levanta, Todd Hewitt. Levanta e SEGUE EM FRENTE!

— Beleza — digo, respirando com dificuldade e esfregando os joelhos com as mãos. — Pra onde, Manchee?

E seguimos em frente.

O rastro continua como antes, evitando a estrada, evitando qualquer construção que dê pra ver de longe, mas sempre em frente, sempre na direção de Refúgio, só Aaron sabe por quê. No meio da manhã, encontramos outro riachinho indo na direção do rio. Procuro por crocos, mesmo sendo um lugar pequeno demais pra isso, e encho as garrafas de água de novo. Manchee entra no riacho, bebe água e tenta pegar, sem conseguir, os peixinhos cor de latão que

passam nadando e mordiscando o pelo dele.

Eu ajoelho e lavo um pouco do suor da minha cara. A água está fria que nem um tapa, o que me deixa um pouco mais acordado. Queria muito saber se a gente está se aproximando deles. Queria saber o quanto eles estão na nossa frente.

Queria que ele nunca tivesse encontrado a gente.

Queria, pra começo de conversa, que ele nunca tivesse encontrado Viola.

Queria que Ben e Cillian não tivessem mentido para mim.

Queria que Ben estivesse aqui agora.

Queria voltar pra Prentisstown.

Eu fico de pé e olho pro céu.

Não. Não. Isso não. Eu não gostaria de voltar pra Prentisstown. Não mais. Isso não.

Se Aaron não tivesse encontrado a Viola, então talvez *eu* não tivesse encontrado ela, e isso também não é bom, não.

— Vem, Manchee — digo, voltando pra pegar a bolsa outra vez.

É quando vejo a tartaruga pegando um sol em cima de uma rocha.

Fico paralisado.

Nunca vi esse tipo de tartaruga antes. O casco é áspero e pontiagudo, com uma faixa vermelho-escura dos dois lados. Ela está com o casco todo aberto para captar o máximo de calor possível, suas costas macias totalmente expostas.

Dá pra comer uma tartaruga.

O Ruído dela não passa de um longo ahhhhhhh suspirado sob o sol. Ela não parece muito preocupada com a gente, talvez pensando que pode fechar o casco e mergulhar antes que a gente conseguisse chegar perto. E, mesmo se desse pra pegar ela, não conseguiríamos abrir de novo o casco pra comer.

A menos que a pessoa tivesse uma faca para matar o bicho.

— Tartaruga! — Manchee late ao ver ela.

Ele se mantém afastado, porque as tartarugas do pântano que a gente conhece têm disposição suficiente para ir atrás de um cachorro. A tartaruga só fica ali parada, sem dar a menor bola pra gente.

Levo a mão às costas pra pegar a faca.

Estou quase no meio do caminho quando sinto a dor entre as minhas omoplatas.

Eu paro. Engulo em seco.

(Spackle e dor e confusão.)

Olho pra água e me vejo, meu cabelo um ninho de pássaro, o curativo cobrindo metade da minha cabeça, mais sujo que uma ovelha velha.

Uma das mãos segura a faca.

(Sangue vermelho e medo medo medo.)

Eu paro.

Tiro a mão dali.

Eu levanto.

— Vamos, Manchee — digo.

Não olho pra tartaruga nem tento ouvir o Ruído dela. Manchee late para ela mais algumas vezes, mas já estou atravessando o riacho, e nós seguimos em frente, seguimos em frente.

Então eu não consigo caçar.

Nem posso chegar perto dos povoados.

Que seja, se eu não encontrar Viola e Aaron logo, vou morrer de fome. Isso se a tosse não me matar primeiro.

— Ótimo — falo pra mim mesmo, e não tem nada a fazer além de seguir em frente o mais rápido possível.

Não é rápido o suficiente, Todd. Mexe essa M... desses pés, seu idiota.

A manhã vira outro meio-dia, o meio-dia vira outra tarde. Tomo mais comprimidos, seguimos em frente, sem comida, sem descanso, só em frente, em frente, em frente. A trilha começa a descer outra vez, pelo menos uma bênção no caminho. O cheiro de Aaron agora se aproxima da estrada, mas me sinto tão esgotado que nem levanto a cabeça quando escuto uns Ruídos distantes de vez em quando.

Não é de Aaron, e não tem nenhum silêncio que seja de Viola, então pra que me dar ao trabalho?

A tarde vira outro anoitecer e, quando estamos descendo uma encosta inclinada, eu caio.

Minhas pernas fraquejam, e eu não tenho agilidade pra me segurar, e eu caio e continuo a cair, escorregando pela encosta, batendo nos arbustos, indo cada vez mais rápido, sentindo um rasgo nas minhas costas, estico os braços pra tentar parar, mas minhas mãos são muito lentas pra agarrar qualquer coisa, e eu continuo rolando rolando rolando pelas folhas e pelo mato, e então eu bato em alguma coisa e saio voando por um instante e caio por cima dos ombros, a dor absurda, e eu grito alto e não paro de cair até que chego num matagal cheio de espinheiro na base do morro e despenco ali com um baque surdo.

— Todd! Todd! Todd!

Escuto Manchee ao longe, correndo atrás de mim, mas só o que dá pra fazer é tentar suportar a dor e o cansaço de novo e a porcaria gosmenta nos meus pulmões e a fome corroendo o meu estômago e os arranhões do espinheiro no meu corpo todo. Acho que eu estaria chorando se tivesse sobrado alguma energia.

— Todd? — Manchee late, fazendo círculos à minha volta, tentando encontrar

um jeito de entrar no espinheiro.

— Só um minuto — digo, e consigo me erguer um pouco. Então me inclino pra frente e caio de cara no chão.

Levanta, penso. *Levanta, seu imundo, LEVANTA!*

— Fome, Todd — Manchee fala, querendo dizer que eu é que estou com fome. — Comer, comer, Todd.

Eu apoio as mãos no chão, tossindo enquanto tento levantar, cuspindo montes de gosma dos meus pulmões. Pelo menos consigo ficar de joelhos.

— Comida, Todd.

— Eu sei. Eu sei.

Eu tô tão tonto que tenho que apoiar a cabeça no chão.

— Me dá só um segundo — digo, sussurrando pras folhas do chão. — Só um segundinho rápido.

Então mergulho de novo na escuridão.

Não sei quanto tempo fico apagado, mas acordo com os latidos de Manchee.

— Pessoas! Pessoas! Todd, Todd, Todd! Pessoas!

Abro os olhos.

— Que pessoas? — pergunto.

— Aqui. Pessoas. Comida, Todd. Comida!

Minha respiração está falhando, e eu fico tossindo o tempo inteiro, meu corpo pesa cinquenta milhões de quilos, mas finalmente consigo sair pelo outro lado do espinheiro. Levanto a cabeça e olho ao redor.

Estou numa vala bem do lado da estrada.

Vejo carroças à frente, na minha esquerda, toda uma fileira delas, puxadas por bois e cavalos, desaparecendo em uma curva.

— Socorro — digo, mas é mal um fiapo de voz, não tem nem de perto o volume que precisa pra chamar atenção.

Levanta.

— Socorro — peço outra vez, mas é só pra mim mesmo.

Levanta.

Acabou. Não aguento mais. Não consigo mais me mexer. Acabou.

Levanta.

Mas acabou.

A última carroça desaparece depois da curva, e não tem mais jeito.

… *desiste.*

Abaixo a cabeça, sem forças, na margem da estrada, brita e pedrinhas se afundando na minha cara. Um tremor toma conta do meu corpo, eu rolo de lado e fico encolhido, dobrando as pernas pra perto do peito, e eu fecho os olhos e falhei e falhei e por favor por que a escuridão simplesmente não me leva logo,

por favor por favor por favor…

— É ocê, Ben?

Abro os olhos.

É Wilf.

28

FEDOR DE RAÍZES

— Cê tá bem, Ben? — ele pergunta, botando a mão embaixo do meu braço pra me ajudar a levantar, mas mesmo assim eu nem consigo ficar em pé, nem mesmo levantar a cabeça, então sinto sua outra mão embaixo do meu outro braço. Também não dá em nada, então ele vai além e me põe em cima do ombro dele, e eu olho pra parte de trás das pernas de Wilf enquanto ele me carrega até a carroça.

— Quem que é esse, Wilf? — uma voz de mulher pergunta.

— É o Ben — Wilf responde. — Tá todo estragado.

Quando me dou conta, ele me colocou na traseira da carroça. Ela está cheia de pacotes e caixas cobertos por peles, alguns móveis e cestos grandes, tudo amontoado, quase não cabem ali.

— Não tem mais jeito — digo. — Acabou.

A mulher levanta de onde tá sentada e vai até a traseira da carroça e se abaixa pra me olhar. Ela é grande, com um vestido todo gasto e cabelo esvoaçante e rugas nos cantos dos olhos, e sua voz sai rápida que nem um camundongo.

— Que que acabou, meu quirido?

— Ela foi embora. — Meu queixo dói, minha garganta parece que vai fechar. — Eu perdi ela.

Sinto ela encostar a mão fria na minha testa, e a sensação é tão boa que pressiono a cabeça nela. A mulher tira a mão e fala pro Wilf:

— Febre.

— Aham — ele concorda.

— É melhor fazê um cataplasma — a mulher diz, e fico com a impressão que ela entra na vala, mas isso não faz sentido.

— Cadê a Hildy, Ben? — Wilf pergunta, tentando olhar pra mim nos olhos. Estou com tanta água no olho que é difícil ver ele.

— O nome dela não é Hildy — digo.

— Má eu sei. Só que é assim que eu chamo ela.

— Ela foi embora — digo, com os olhos lacrimejando.

Minha cabeça tomba de novo pra frente. Sinto Wilf apertar o meu ombro.

— Todd? — escuto Manchee latir, inseguro, bem longe da estrada.

— Meu nome não é Ben — digo pro Wilf, ainda sem olhar pra cima.

— Má eu sei, só que é assim que a gente te chama.

Olho na direção dele. Seu rosto e seu Ruído vazios são do mesmo jeito que eu lembrava, mas a lição que aprendo pra levar pra vida é que conhecer a mente de um homem não é conhecer o homem.

Wilf não fala mais nada e volta pra frente da carroça. A mulher volta com um trapo fedorento na mão. Ele tem um fedor de raízes e lama e ervas esquisitas, mas estou tão cansado que deixo ela amarrar isso na minha testa, bem em cima do curativo, que continua no mesmo lugar.

— Isso deve de diminuí a febre — ela diz, voltando a levantar.

Nós dois damos um pequeno solavanco pra frente quando Wilf bate com as rédeas nos bois. Os olhos da mulher estão bem abertos, olhando nos meus como se procurassem alguma notícia importante.

— Ocê também tá fugindo do exército?

O silêncio dela do meu lado me lembra tanto Viola que tenho que me conter pra não me apoiar nela.

— Mais ou menos — digo.

— Foi ocê que contô pro Wilf do exército, né? Ocê e uma minina contaro pro Wilf do exército, mandaro ele contar pras pessoa, contar pras pessoa que elas tinha que fugir, né?

Olho pra ela, com água marrom e fedorenta das raízes escorrendo no meu rosto, e eu viro pra Wilf, lá em cima, conduzindo a carroça. Ele escuta o meu olhar.

— Eles ouviro o Wilf — diz.

Levanto o rosto e olho pra estrada na nossa frente. Quando fazemos uma curva, consigo não só ouvir o barulho do rio pra direita outra vez, como um velho amigo ou um velho inimigo, mas também vejo uma fila de carroças se estendendo na nossa frente na estrada, indo pelo menos até a próxima curva, carroças cheias de troços como a de Wilf, com todo tipo de pessoas, segurando-

se a qualquer coisa pra não cair.

É uma caravana. Wilf está na retaguarda de uma caravana comprida. Homens e mulheres e acho que até crianças também, se é que eu tô vendo direito com o fedor dessa coisa que está amarrada na minha cabeça, o Ruído e o silêncio dessas pessoas flutuando como uma nuvem enorme e barulhenta.

Exército, escuto muito. Exército e exército e exército.

E cidade maldita.

— Cachoeiras de Brockley? — pergunto.

— Bar Vista também — a mulher confirma, fazendo um sim rápido com a cabeça. — E outras. A boataria correu rio acima e pela estrada. O exército da cidade maldita tá chegano, crescendo pelo caminho, os homens pegando em arma pra se juntar a ele.

Crescendo pelo caminho, penso.

— Diz que tem mais de milhar de homem forte — a mulher continua.

Wilf bufa, zombando.

— Tem nem mil pessoa da cidade maldita até aqui.

A mulher faz uma careta.

— Só tô dizendo o que as pessoa tão dizendo.

Olho pra trás, pra estrada vazia. Manchee segue arfando perto da gente, e eu penso em Ivan, o homem do celeiro em Galholongo, que me disse que nem todo mundo tinha a mesma opinião sobre aquela história, que Pren… Que a minha cidade ainda tinha aliados. Talvez não milhares, mas um número cada vez maior de aliados. Crescendo e crescendo durante a marcha, até que esteja tão grande que como é que alguém vai conseguir enfrentar?

— A gente vai pra Refúgio — a mulher diz. — Lá eles protege nóis.

— Refúgio — murmuro comigo mesmo.

— Diz que tem cura pro Ruído pras bandas de lá — a mulher diz. — Ah, isso é uma coisa que eu queria ver. — Ela ri alto. — Ou *ouvir*, eu acho. — Ela dá um tapinha na coxa.

— Eles têm Spackle por lá? — pergunto.

A mulher se vira pra mim, surpresa.

— Os Spackle não chega perto das pessoa. Não mais, não desde a guerra. Eles cuida da própria vida e nós cuidamo da nossa, e assim fica tudo em paz. — Parece que ela tá recitando a última parte. — Mas restô quase nenhum.

— Preciso ir. — Apoio as mãos na carroça e tento me levantar. — Preciso encontrar ela.

Mas o que acontece é que perco o equilíbrio e caio da traseira da carroça. A mulher manda Wilf parar, e os dois me puxam e me colocam ali dentro de novo, e a mulher bota Manchee junto comigo. Ela afasta algumas caixas pra me deixar

deitar, e Wilf põe de novo a carroça em movimento. Ele bate nos bois com um pouco mais de força dessa vez, e sinto que estamos avançando mais rápido — pelo menos mais rápido do que eu andando.

— Come — diz a mulher, segurando um pedaço de pão perto da minha boca. — Ocê num vai pra lugar nenhum sem comer.

Pego o pão da mão dela e dou uma mordida, depois ataco o restante com tanta fome que esqueço de dar um pouco pro Manchee. A mulher então pega mais um pouco de pão e divide entre nós dois, observando com os olhos arregalados cada movimento que eu faço.

— Obrigado — digo.

— Meu nome é Jane. — Os olhos dela ainda estão muito abertos, como se ela quisesse tanto dizer alguma coisa que estivesse pra explodir. — Ocê viu o exército? Com seus próprios olhos?

— Vi. Em Galholongo.

Ela inspira fundo.

— Então é verdade. — Não é uma pergunta, é só uma afirmação.

— Eu te *falei* que era verdade — Wilf diz, lá da frente.

— Ouvi dizer que eles tão cortando as cabeça das pessoa e fervendo as vista de todo mundo.

— Jane! — Wilf grita.

— Só tô *dizendo*.

— Eles estão matando as pessoas — digo em voz baixa. — Matar já é o suficiente.

Os olhos de Jane percorrem meu rosto e meu Ruído, mas a única coisa que ela fala depois de tempinho é:

— Wilf me falô tudo de ocê.

Não chego nem perto de adivinhar o que o sorriso dela quer dizer.

Uma gota do pano cai na minha boca, e eu tenho ânsia de vômito e engasgo e tusso um pouco mais.

— Que que é *isso*? — pergunto, apertando o pano com os dedos e me encolhendo por causa do cheiro.

— Cataplasma — responde Jane. — Pra febre e tremedera.

— Isso *fede*.

— O fedô maligno afasta a febre maligna — ela explica, como se me ensinasse uma lição que todo mundo sabe.

— Maligna? Febre não é maligna. É só *febre*.

— É, e esse cataplasma trata de febre.

Olho fixamente pra ela. Seus olhos nunca se desviam da minha cara, e começo a ficar desconfortável porque os olhos dela estão sempre arregalados. É como

Aaron olha quando está subjugando você, como ele olha quando está fazendo um sermão com os punhos, quando está pregando e forçando você a entrar em um buraco de onde você talvez nunca mais saia.

São os olhos da loucura.

Tento afastar o pensamento, mas Jane não dá sinal de ter ouvido.

— Preciso ir — insisto. — Muito obrigado pela comida e pelo cataplasma, mas tenho que ir.

— Ocê não pode sair andando por essa mata aqui, não, sinhô — ela diz, ainda me encarando, sem piscar. — É uma floresta perigosa, é, sim.

— Como assim, "perigosa"?

Eu saio de perto dela um pouco.

— Tem uns povoado no caminho — ela diz, com os olhos ainda mais arregalados e um sorriso agora, como se estivesse muito ansiosa pra me contar. — Mais loucos que tudo. O Ruído fez eles perder o juízo. Diz que tem um povoado que todo mundo usa máscara pra ninguém vê a cara de ninguém. Tem outro que ninguém faz nada, eles só fica cantando o dia inteiro de tão loucos que são. E tem um que as parede de todo mundo é de vidro e ninguém usa roupa, porque ninguém tem segredo no Ruído, tem?

Ela está mais perto de mim agora. O cheiro do hálito dela é pior que o do pano, e sinto o silêncio por trás de todas essas palavras. Como pode? Como o silêncio pode ser tão barulhento?

— As pessoas podem guardar segredo no Ruído — digo. — As pessoas podem guardar tudo quanto é tipo de segredo.

— Deixa o garoto em paz — Wilf pede, lá na frente.

O rosto de Jane fica mais relaxado.

— Desculpa — ela diz, meio a contragosto.

Eu levanto um pouco, sentindo os efeitos da comida na barriga e de sei lá o que o pano fedorento está ou não fazendo.

A gente se aproxima do resto da caravana, perto o suficiente preu ver a parte de trás de algumas cabeças e ouça com mais atenção o Ruído dos homens tagarelando e o silêncio das mulheres, como pedras em um riacho.

De vez em quando, um deles, normalmente um homem, olha pra trás, pra gente, e eu sinto como se estivessem me perseguindo, me avaliando.

— Preciso encontrar ela — insisto mais uma vez.

— Sua garota? — Jane pergunta.

— É. Obrigado, mas tenho que ir.

— Mas e a febre? E os outros povoado?

— Vou correr o risco. — Desamarro o pano sujo. — Vem, Manchee.

— Ocê não pode ir — Jane diz, com os olhos mais arregalados que nunca, a

preocupação tomando conta do rosto. — O exército…

— Eu vou prestar atenção no exército.

Eu levanto, me preparando pra pular da carroça. Ainda não estou muito firme, por isso respiro uma ou duas vezes antes de fazer qualquer coisa.

— Mas eles vão pegá ocê! — Jane continua, elevando a voz. — Ocê veio de Prentisstown…

Eu cravo ela com meus olhos.

Jane dá um tapinha na boca.

— *Mulher!* — Wilf grita, virando a cabeça pra trás.

— Foi sem querer — ela sussurra pra mim.

Mas aí já é tarde demais. A palavra já está quicando de um lado pro outro na caravana, de um jeito que já conheço bem, não só a palavra, mas o que ela significa pra mim, o que todo mundo sabe ou acha que sabe de mim, rostos já se virando pra olhar com mais atenção pra última carroça da caravana, bois e cavalos parando quando as pessoas se viram pra trás pra examinar a gente.

Rostos e Ruído apontados direto para nós pela estrada toda.

— Quem que ocê tá levando aí atrás, Wilf? — uma voz masculina pergunta na carroça da frente.

— Um garoto com febre — Wilf grita pra responder — Tá louco com a doença. Num sabe o que tá dizendo.

— Tem certeza absoluta?

— Sim, sinhô. Um garoto doente.

— Traz ele pra cá — grita uma voz de mulher. — Vamo dar uma olhada nele.

— E se ele for um espião? — grita outra voz feminina, um pouco mais alto. — Trazendo o exército direto pra cá?

— A gente num quer espião nenhum! — outro homem grita.

— Ele chama Ben — Wilf diz. — É de Galholongo. Tem pesadelos com o exército da cidade maldita matando o que ele mais ama. Eu vô tomá conta dele.

Ninguém grita nada por um minuto, mas o Ruído dos homens fica zumbindo no ar que nem um enxame. Todo mundo ainda está olhando pra nós. Tento parecer mais febril e ponho a invasão de Galholongo em destaque e em primeiro plano no meu Ruído. Não é difícil, mas me dá dor no coração.

E vem um longo momento em que ninguém diz nada, e o Ruído é tão alto que parece uma multidão aos berros.

Então para.

Devagar, bem devagarinho, os bois e os cavalos começam a se mover outra vez, as pessoas ainda olhando pra trás, mas pelo menos se afastando da gente. Wilf bate nos bois com as rédeas, mas segue num ritmo mais lento que o do resto da caravana, abrindo certa distância entre nós e as outras pessoas.

— Desculpa — Jane diz de novo, sem fôlego. — Wilf me disse pra não falar. Ele me disse, mas…

— Tudo bem — digo, só querendo mesmo é que ela pare logo de falar.

— Desculpa mesmo.

Sinto um solavanco; Wilf parou a carroça. Ele espera até a caravana se afastar a uma boa distância, depois desce e vai até a parte de trás.

— As pessoas não escuta Wilf — diz, parecendo dar um sorrisinho. — Mas, quando escuta, acredita nele.

— Eu tenho que ir — continuo insistindo.

— É. Não é seguro.

— Desculpa — Jane repete.

Eu salto da carroça, e Manchee vem atrás. Wilf pega e abre a bolsa de Viola. Ele olha pra Jane, que entende a intenção dele. Ela junta um monte de frutas e pães e coloca tudo na bolsa, depois faz o mesmo com uns nacos de carne-seca.

— Obrigado — digo.

— Espero que cê encontre ela — Wilf diz enquanto fecho a bolsa.

— Também espero.

Com um aceno de cabeça, Wilf volta a sentar na carroça e bate com as rédeas nos bois.

— Cuidado — diz Jane, no sussurro mais alto que eu já ouvi. — Cuidado com os maluco.

Fico parado por um tempo e observo os dois se afastarem, ainda tossindo, ainda febril, mas me sentindo melhor pela comida, se não pelo fedor das raízes, e espero que Manchee encontre a trilha outra vez e também me pergunto que tipo de recepção eu vou ter se um dia chegar em Refúgio.

29

MIL VEZES AARON

QUANDO VOLTAMOS PRA, mata leva um tempinho, um tempinho horrível, até Manchee encontrar o rastro outra vez, mas então ele late:

— Aqui!

E nós partimos novamente.

Mas que cachorro bom, eu já disse isso?

Já é noite agora, e eu ainda estou suando e ainda estou tossindo tanto que ganharia um concurso de tosse, e meus pés são só bolhas, e minha cabeça ainda está zumbindo com um Ruído febril, mas minha barriga está cheia e tem mais comida na bolsa, o suficiente pra durar mais alguns dias, então tudo o que importa está na nossa frente.

— Você consegue sentir o cheiro dela, Manchee? — pergunto enquanto nos equilibramos em um tronco pra atravessar um riacho. — Ela ainda está viva?

— Cheiro Viola — ele late, saltando pro outro lado. — Viola medo.

Isso me afeta um pouco, e eu apresso o passo. Outra meia-noite (vinte e dois dias? Vinte e um?), e a pilha da minha lanterna acaba. Pego a pilha da lanterna de Viola, mas é a última que restou. Passamos por mais morros, cada vez mais íngremes, enquanto avançamos pela noite, cada vez mais difíceis de subir, perigosos pra descer, mas nós andamos e andamos e andamos, Manchee farejando o ar, comendo a carne-seca de Wilf, eu tossindo muito, descansando o mínimo possível, só me apoiando por alguns instantes nas árvores, e quando o sol começa a surgir acima de um morro, é como se estivéssemos andando em

direção ao nascer do sol.

Quando a luz atinge em cheio a gente, vejo o mundo virar um borrão.

Eu paro, me segurando em uma samambaia pra manter o equilíbrio na ribanceira. Tudo fica confuso por um segundo, e eu fecho os olhos, mas não adianta, porque tem só um borrão de cores e fagulhas atrás das minhas pálpebras, e o meu corpo parece uma geleia e balança com o vento que vem do alto do morro, e, mesmo quando passa, não passa totalmente, o mundo continua com seu brilho estranho, como se eu tivesse acordado dentro de um sonho.

— Todd? — Manchee late, preocupado, sem dúvida vendo sei lá o que no meu Ruído.

— A febre — digo, tossindo de novo. — Eu não devia ter jogado aquele pano nojento fora.

Agora não tem mais nada que eu possa fazer.

Pego o último comprimido pra dor no meu kit de primeiros socorros, e nós precisamos seguir em frente.

Chegamos no topo do morro e, por um minuto, todas as outras colinas na nossa frente e o rio e a estrada lá embaixo balançam de um lado pro outro, como se fossem um cobertor sacudido por alguém, e eu faço o possível pra afastar essa imagem, até que tudo se acalma o suficiente pra gente continuar andando. Manchee solta um ganido perto dos meus pés. Eu quase tropeço quando tento fazer carinho nele, então, em vez disso, eu me concentro em descer o morro sem cair.

Penso de novo na faca nas minhas costas, no sangue que tinha nela quando entrou no meu corpo, no meu sangue misturado com o do Spackle. Quem sabe o que tem circulado dentro de mim desde que Aaron me deu a facada.

— Fico me perguntando se ele sabia — digo pra Manchee, pra mim mesmo, pra ninguém, quando chegamos no pé do morro, e eu me apoio em uma árvore pra fazer o mundo parar de rodar. — Fico me perguntando se ele me matou aos poucos.

— *Claro que matei* — Aaron diz, saindo de trás da árvore.

Grito e tombo pra trás, longe dele, e agito os braços na minha frente pra tentar manter ele longe. Acabo caindo sentado e tento levantar antes de erguer os olhos…

Mas ele desapareceu.

Manchee está com a cabeça inclinada na minha direção.

— Todd?

— Aaron — digo, com o coração disparado e a respiração mais difícil, se transformando em tosses cada vez mais fortes.

Manchee fareja o ar de novo, cheira o chão perto da gente.

— Aqui! — ele late, inquieto.

Olho ao meu redor, tossindo, o mundo cheio de pontinhos, ondulante.

Nenhum sinal dele, nenhum Ruído além do meu, nada do silêncio de Viola. Fecho os olhos mais uma vez.

Eu sou Todd Hewitt, penso no meio do turbilhão. *Eu sou Todd Hewitt.*

Ainda com os olhos fechados, procuro a garrafa dágua e bebo um gole e arranco um pedaço do pão de Wilf e mastigo. Só então volto a abrir os olhos.

Nada.

Nada além da floresta e de outro morro pra subir.

E da luz brilhante do sol.

A manhã passa, e no pé de mais um morro tem outro riacho. Encho as garrafas e bebo alguns goles da água fria com as mãos.

Estou me sentindo *mal*, isso com certeza, minha pele está formigando, e às vezes tenho umas tremedeiras e às vezes suo e às vezes minha cabeça pesa um milhão de quilos. Fico debruçado no riacho e jogo água fria na cara.

Eu sento, e Aaron está refletido na água.

— *Assassino* — ele diz, com um sorriso em seu rosto rasgado.

Dou um pulo pra trás e tateio em busca da minha faca (e sinto a dor entre os ombros outra vez), mas, quando olho pra cima, ele não está ali, e Manchee não dá qualquer sinal de parar de caçar os peixes do riacho.

— Estou indo atrás de você — digo pro ar, que começou a ondular cada vez mais forte com o vento.

A cabeça de Manchee sai de repente da água.

— Todd?

— Vou encontrar você nem que seja a última coisa que eu faça.

— *Assassino* — volto a ouvir, sussurrado no vento.

Fico parado por um segundo, respirando com dificuldade, tossindo, mas mantendo o olho aberto. Eu viro pro riacho e jogo tanta água fria em mim que meu peito chega a doer.

Fico em pé, e seguimos em frente.

A água fria faz sua mágica por um tempinho, e nós conseguimos passar por mais alguns morros antes do sol chegar a pino no céu, ao meio-dia, sua luz oscilando quase nada. Quando as coisas começam a se mover sozinhas outra vez, eu paro pra gente comer.

— *Assassino* — ouço dos arbustos à nossa volta, e então mais uma vez, de outra parte da floresta: — *Assassino*. — E mais uma vez, de outro lugar diferente: — *Assassino.*

Eu nem levanto os olhos, só continuo comendo.

É só o sangue do Spackle, falo pra mim mesmo. Só a febre e a doença, só isso.

— *Só isso?* — Aaron pergunta do outro lado da clareira. — *Se eu sou só isso, por que você está vindo atrás de mim com tanto empenho?*

Ele está usando sua túnica de domingo, e seu rosto está completamente curado, como se ele estivesse de volta a Prentisstown, as mãos entrelaçadas na frente do corpo, parecendo pronto pra conduzir as orações, e ele está brilhando ao sol, sorrindo pra mim.

O punho sorridente que eu me lembro tão bem.

— *O Ruído une todos nós, jovem Todd* — ele diz, sua voz escorregadia e reluzente que nem uma cobra. — *Se um de nós cai, todos caem.*

— Você não tá aqui — digo, trincando os dentes.

— Aqui, Todd — Manchee late.

— *Ah, não estou?* — Aaron pergunta, e desaparece num clarão.

Minha cabeça sabe que esse Aaron não é real, mas meu coração não se importa, e bate no meu peito como se eu estivesse numa corrida. É difícil recuperar o fôlego, e eu fico ali por um tempo, esperando pra levantar e seguir em frente a tarde inteira.

A comida está sendo muito útil, Deus abençoe Wilf e a esposa maluca dele. Só que às vezes o máximo que a gente consegue é andar tropeçando, e olhe lá. Começo a ver Aaron pelo canto do olho o tempo quase todo, escondido atrás das árvores, apoiado nas rochas, parado em cima de um tronco caído, mas eu apenas viro o rosto e sigo em frente, cambaleando.

Então, do alto de um morro, vejo a estrada cruzar o rio de novo lá embaixo. A paisagem está girando de um jeito que embrulha meu estômago, mas dá pra ver, sem dúvida nenhuma, uma ponte levando a estrada pro outro lado, e isso quer dizer que agora não tem nada me separando do rio.

Eu me pergunto por um minuto sobre o caminho que a gente não pegou na bifurcação em Galholongo. Eu me pergunto onde está *aquela* estrada no meio de toda essa paisagem selvagem. Lá do alto do morro, olho pra esquerda, mas, até onde dá pra ver, só tem floresta e mais morros, que oscilam de um lado pro outro de um jeito que morros não fazem. Tenho que fechar os olhos por um momento.

Nós descemos, devagar demais, devagar *demais*, o rastro nos levando mais pra perto da estrada e na direção da ponte, alta e frágil, com lugar pra se segurar. A água se acumulou no ponto em que a estrada faz a curva pra ponte, enchendo aquela parte de poças e lama.

— Ele atravessou o rio, Manchee?

Apoio as mãos nos joelhos pra recuperar o fôlego e tossir.

Manchee fareja o chão feito um louco, atravessando a estrada, voltando pro outro lado, indo até a ponte e voltando pra onde estamos.

— Cheiro Wilf — ele late. — Cheiro carroça.

— Dá pra ver os rastros — digo, esfregando o rosto com as mãos. — E Viola?

— Viola! Aqui.

Ele se afasta da estrada e continua do mesmo lado do rio, seguindo junto com a margem.

— Bom garoto — digo, todo esbaforido. — Bom garoto.

Vou atrás dele no meio dos galhos e dos arbustos; há dias não fico tão perto do rio, que corre na direita.

Então chego num povoado.

A surpresa é tanta que acabo tossindo.

Ele foi destruído.

As construções, umas oito ou dez, são só carvão e cinzas, e não tem um sussurro de Ruído em lugar nenhum.

Chego a pensar que o exército já passou por ali, mas aí vejo plantas crescendo nas construções queimadas e não tem fumaça subindo de nenhuma ruína, e o vento sopra como se só os mortos morassem ali. Vejo que tem alguns cais aos pedaços no rio, logo abaixo da ponte, e um único barco solitário batendo na correnteza, e mais alguns barcos meio afundados presos na margem, ao longo do que talvez tenha sido um moinho antes de se tornar uma pilha de madeira queimada.

Está frio e morto há muito tempo, e ali está outro lugar no Novo Mundo que nunca conseguiu chegar na agricultura de... de substância.

Eu me viro e, no centro de tudo, está Aaron.

Seu rosto voltou a ser o que virou depois do ataque dos crocos, a pele meio pendurada, a língua saindo pelo corte na bochecha.

E ele ainda está sorrindo.

— *Junte-se a nós, jovem Todd. A igreja está sempre aberta.*

— Eu vou te matar — digo, o vento roubando minhas palavras, mas sei que ele me ouve, porque consigo ouvir cada coisa que ele está dizendo.

— *Não vai, não* — ele responde, dando um passo pra frente, os punhos fechados. — *Porque você não é um assassino de verdade, Todd Hewitt.*

— Espera só pra ver — digo, minha voz soando estranha e metálica.

Ele sorri outra vez, os dentes aparecendo pela bochecha, e vejo um clarão, e ele está bem na minha frente. Ele leva suas mãos feridas à abertura da túnica e afasta ela o bastante pra mostrar o peito nu.

— *Aqui está sua chance, Todd Hewitt, de provar da Árvore do Conhecimento.* — Sua voz ecoa fundo na minha cabeça. — *Me mata.*

O vento me faz tremer, mas eu me sinto quente e suado ao mesmo tempo e não consigo respirar mais que um terço do que cabe nos meus pulmões, e minha cabeça está começando a doer de um jeito que eu sei que comer não vai

melhorar, e sempre que olho pra qualquer lugar rápido tenho que esperar tudo se encaixar no lugar.

Trinco os dentes.

Provavelmente estou morrendo.

Mas ele vai morrer primeiro.

Levo a mão às costas, ignorando a dor entre os ombros, e pego a faca da bainha. Eu seguro ela na minha frente. A faca está reluzente, com sangue fresco e brilhando com o sol, mesmo eu estando na sombra.

Aaron abre ainda mais o sorriso, mais do que o rosto dele pode suportar, e traz o peito mais pra perto.

Levanto a faca.

— Todd? — Manchee late. — Faca, Todd?

— *Vai em frente, Todd* — Aaron ordena, e eu juro que sinto o cheiro de sua escuridão. — *Ultrapasse o limite entre a inocência e o pecado, se for capaz.*

— Já fiz isso. Já matei uma vez.

— *Matar um Spackle não é a mesma coisa que matar um homem* — ele diz, dando um sorriso torto diante da minha estupidez. — *Os Spackle são demônios que foram colocados aqui para nos testar. Matar um deles é como matar uma tartaruga.* — Ele arregala os olhos. — *Só que você também não consegue fazer isso, né?*

Seguro a faca com mais força e solto um rosnado, e o mundo balança de um lado pro outro.

Mas a faca ainda assim não se mexe.

Escuto um som borbulhante, e um rastro de sangue pegajoso escorre do corte no rosto de Aaron, e eu percebo que ele está rindo.

— *Levou muito, muito tempo pra ela morrer* — ele sussurra.

E eu grito de tanta dor…

E levanto a faca ainda mais alto…

E aponto pro coração dele…

E ele ainda está sorrindo…

E eu acerto ele com a faca…

E a lâmina vai direto no peito de Viola.

— Não! — digo, no segundo em que é tarde demais.

Ela olha pra faca e depois direto pra mim. Seu rosto está cheio de dor, e um Ruído confuso jorra dela, do mesmo jeito que aconteceu com o Spackle que eu…

(Que eu matei.)

E ela olha pra mim com lágrimas nos olhos, abre a boca e diz:

— *Assassino*.

Quando estendo a mão pra Viola, ela desaparece num clarão.

E a faca, totalmente limpa, ainda está comigo.

Caio de joelhos; depois tombo pra frente e deito no chão do povoado incendiado, respirando e tossindo e chorando e gemendo enquanto o mundo derrete ao meu redor, tanto que já não sinto mais que ele é sólido.

Eu não posso matar ele.

Eu quero fazer isso, quero *muito*. Mas não consigo.

Porque esse não sou eu, e porque vou perder ela.

Não posso. Não posso, não posso, não posso.

Eu me entrego ao clarão e desapareço por um tempo.

É o bom e velho Manchee, aquele que se mostrou meu amigo mais fiel, que me acorda com um monte de lambidas na cara e com uma palavra murmurada vinda do seu Ruído e dos seus ganidos.

— Aaron — ele gane, baixo e tenso. — Aaron.

— Deixa pra lá, Manchee.

— Aaron — ele choraminga, me lambendo.

— Ele não está aqui de verdade — digo, tentando sentar. — É só uma coisa…

É só uma coisa que não era pro Manchee ver.

— Cadê ele? — pergunto, levantando rápido demais, o que faz tudo girar e ganhar tons fortes de laranja e rosa. Eu recuo diante do que está me esperando.

Tem centenas de Aarons em centenas de lugares diferentes, todos parados ao meu redor. Tem Violas também, assustadas e olhando pra mim querendo ajuda, e um monte de Spackle com minha faca enfiada no peito, e todo mundo está falando ao mesmo tempo, todos falando comigo, e o estrondo das vozes é ensurdecedor.

— Covarde — Todos eles dizem. — Covarde. — Várias vezes.



Mas eu não seria um garoto de Prentisstown se não conseguisse ignorar o

Ruído.



— Cadê, Manchee? — digo, conseguindo ficar de pé, tentando não ver como tudo está se movendo e deslizando de um lado pro outro.



— Aqui — ele late. — Rio.



Eu sigo ele pelo povoado incendiado.



Passamos pelo que devia ser a igreja, mas eu não olho pra ela enquanto a gente segue em frente, e Manchee sobe correndo um barranco baixo, e o vento está soprando mais forte, barulhento, e as árvores estão se curvando, mas acho que isso é só um delírio, e Manchee tem que latir mais alto, senão não dá pra escutar.



— Aaron! — ele late, apontando o focinho pro ar. — Vento.



Na encosta baixa, atrás das árvores, dá pra ver rio descendo. Vejo mil Violas com medo de mim.



Vejo mil Spackle mortos pela minha faca.


Covarde
Covarde
Covarde



Vejo Aaron rezando, ajoelhado.



E Viola caída no chão, na frente dele.



— Aaron — Manchee late.



— Aaron — digo.
Covarde.


Covarde
Covarde
Covarde
Covarde
Covarde
Covarde
Covarde
Covarde
Covarde
Covarde
Covarde
Covarde
Covarde

30

UM GAROTO CHAMADO TODD

— *O QUE QUE a gente vai fazer?* — o garoto diz, se aproximando meio sorrateiro do meu ombro.

Tiro a cabeça da água fria do rio e deixo escorrer pelas minhas costas. Desci o barranco cambaleando, abrindo caminho com cotoveladas pela multidão que me chamava de covarde, cheguei na margem do rio e mergulhei a cabeça direto na água, e agora o frio está me fazendo tremer muito, mas também acalma o mundo. Sei que isso não vai durar, sei que a febre e a infecção do sangue do spack vão acabar vencendo, mas por enquanto preciso encarar as coisas com a maior clareza que posso.

— *Como é que a gente vai chegar até eles?* — o garoto pergunta, indo pro outro lado. — *Ele vai ouvir o nosso Ruído.*

A tremedeira me faz tossir, *tudo* me faz tossir, e eu cuspo um monte de catarro verde dos meus pulmões, mas depois prendo a respiração e mergulho a cabeça no rio outra vez.

O frio da água parece um vício, mas fico ali, ouvindo o borbulhar da correnteza e os latidos sem palavras de um Manchee preocupado pulando nos meus pés. Sinto o curativo na cabeça se soltando e sendo levado pela corrente. Penso em Manchee balançando o rabo pra soltar o curativo em uma parte diferente do rio, e eu esqueço que estou embaixo dágua e começo a rir.

Levanto a cabeça, engasgando e tossindo ainda mais.

Abro os olhos. O mundo brilha de um jeito estranho, artificial, e tem todo tipo

de estrela no céu, mesmo que o sol ainda esteja alto. Pelo menos o chão parou de ondular e todos os Aarons e Violas e Spackle em excesso desapareceram.

— *A gente pode mesmo fazer isso sozinho?* — o garoto pergunta.

— Não tem outro jeito — digo pra mim mesmo.

Viro pra olhar pra ele.

Ele usa uma camisa marrom que nem a minha, sem cicatrizes na cabeça, uma mochila nas costas, um livro em uma das mãos e uma faca na outra. Ainda estou tremendo de frio e tenho que me esforçar muito pra levantar, mas respiro e tusso e tremo e olho pra ele.

— Vamos, Manchee — digo, e sigo de volta pelo povoado incendiado, de volta pro barranco. O simples ato de andar já é difícil, como se o chão fosse ceder a qualquer minuto, porque estou mais pesado que uma montanha e mais leve que uma pluma; ainda assim continuo andando. Continuo andando, o barranco à vista, aí chego lá, dou os primeiros passos pra subir, dou mais alguns passos, me agarro nos galhos pra pegar impulso, chego ao topo, encosto numa árvore, e olho pra tudo lá de cima.

— *É ele mesmo?* — o garoto pergunta no meu ouvido.

Dou uma olhada pelas árvores, acompanhando o rio.

E ainda tem um acampamento ali, ainda à beira do rio, tão distante que são apenas pontinhos. Ainda estou com a bolsa de Viola no ombro; pego o binóculo dela e ponho nos olhos, mas tremo tanto que é difícil conseguir uma imagem boa. Eles estão longe o suficiente pro vento encobrir seu Ruído, mas tenho certeza que sinto o silêncio dela lá.

Tenho certeza.

— Aaron — Manchee diz. — Viola.

Então eu sei que não é um delírio e, em meio aos tremores, posso ver ele ainda ajoelhado, rezando, e Viola deitada no chão na frente dele.

Não sei o que está acontecendo. Não sei o que ele está fazendo.

Mas são eles.

Depois de toda aquela caminhada, todos os tropeços, todas as tosses e todas as mortes, são mesmo eles, meu Deus, são mesmo eles.

Talvez não seja tarde demais, e é só pelo movimento do meu peito e pelo aperto que sinto na garganta que percebo que o tempo inteiro eu pensei que *fosse* tarde demais.

Mas não é.

Eu abaixo outra vez e (cala a boca) e choro, choro, e estou *chorando*, mas isso precisa passar porque tenho que descobrir como salvar ela, tenho que descobrir, tudo depende de mim, sou o único que sobrou, preciso descobrir um jeito, preciso salvar ela, preciso salv…

— *O que que a gente vai fazer?* — o garoto pergunta de novo, agora um pouco mais longe, ainda com o livro em uma das mãos e a faca na outra.

Com as palmas das mãos, esfrego os olhos com força, tentando pensar de forma clara, tentando me concentrar, tentando não ouvir…

— *E se isso for o sacrifício?* — o garoto diz.

Levanto os olhos.

— Que sacrifício?

— *O sacrifício que você viu no Ruído dele*. *O sacrifício de…*

— Por que ele faria isso aqui? Por que andaria tanto pra parar no meio de uma floresta idiota e fazer isso aqui?

A expressão do garoto continua igualzinha.

— *Talvez ele precise fazer isso antes que ela morra.*

Dou um passo e tenho que me esforçar pra não perder o equilíbrio.

— Morrer de quê? — pergunto, com a voz irritada, minha cabeça doendo e zumbindo de novo.

— *Medo* — o garoto responde, dando um passo pra trás. — *Decepção*.

Eu viro de costas.

— Não vou escutar isso.

— Escutar, Todd? — Manchee. — Viola, Todd. Aqui.

Eu me apoio outra vez na árvore. Tenho que pensar. Tenho que *pensar*, droga.

— A gente não pode chegar muito perto — digo com a voz rouca. — Ele vai ouvir.

— *Se ouvir a gente, ele vai matar ela*.

— Não estou falando com você. — Eu tusso e cuspo mais catarro, o que faz a minha cabeça girar, e isso me faz tossir mais. — Estou falando com o meu cachorro — consigo dizer, finalmente.

— Manchee — Manchee late, lambendo minha mão.

— E eu não posso matar ele.

— *Você não pode matar ele*.

— Mesmo que eu queira.

— *Mesmo que ele mereça.*

— Deve ter algum outro jeito.

— *Isso se ela não estiver com muito medo de você...*

Olho pra ele outra vez. Ainda está lá, ainda com livro, faca e mochila.

— Você precisa ir embora. Tem que sair de perto de mim e nunca mais voltar.

— *É tarde demais pra salvar ela.*

— Você não tem mais utilidade pra mim — digo, levantando a voz.

— *Mas eu sou um assassino* — ele responde, e a sua faca está suja de sangue.

Fecho os olhos e trinco os dentes.

— Você não se mete nisso. Não se mete.

— Manchee? — Manchee late.

Abro os olhos. O garoto não está lá.

— Você não, Manchee — digo, estendendo a mão e afagando as orelhas dele. — Você não.

Então observo ele, Manchee.

— Você não — falo de novo.

Fico ali pensando. No meio das nuvens e do turbilhão e dos clarões e das luzes e da dor e do zunido e do tremor e da tosse, fico ali pensando.

Fico ali pensando.

Faço carinho nas orelhas do meu cachorro, do meu maldito cachorro idiota e fantástico que eu nem queria, mas que continuou por perto mesmo assim e que me seguiu pelo pântano e que mordeu Aaron quando ele estava tentando me enforcar e que encontrou Viola quando ela estava perdida e que está lambendo minha mão com sua linguinha cor-de-rosa, o olho ainda meio fechado pelo chute do Prentiss Jr., o rabo muito mais curto por causa do Matthew Lyle, que cortou ele só porque meu cachorro — *meu cachorro* — foi atrás de um homem com um facão pra me salvar, um cachorro que está sempre por perto quando preciso que me puxem de volta da escuridão, um cachorro que sempre me diz quem eu sou quando esqueço.

— Todd — ele murmura, esfregando o focinho na minha mão e batendo a pata traseira no chão.

— Tive uma ideia — digo.

— *E se não funcionar?* — o garoto pergunta, de trás da árvore.

Eu ignoro ele e pego o binóculo de novo. Ainda tremendo, encontro o acampamento de Aaron mais uma vez e dou uma olhada em volta. Eles estão na beira do rio, e tem uma árvore com o tronco bifurcado bem do lado deles junto da margem, desbotada e sem folha, como se tivesse sido atingida por um raio.

Vai servir.

Baixo o binóculo e seguro a cabeça de Manchee com as duas mãos.

— Vamos salvar ela — digo pro meu cachorro. — Nós dois.

— Salvar, Todd — ele late, agitando seu rabinho.

— *Não vai funcionar* — o garoto insiste, ainda fora de vista.

— Então você não devia se meter — digo pro ar, em meio a um acesso de tosse, enquanto mando imagens do meu Ruído pro meu cachorro saber o que tem que fazer. — É simples, Manchee. É só correr e correr.

— Correr correr! — ele late.

— Bom garoto. — Volto a fazer carinho nas orelhas dele. — Bom garoto.

Eu fico de pé, e meio que ando, meio que me arrasto, meio que cambaleio

descendo o pequeno barranco até o povoado que pegou fogo. Sinto um latejar seco na minha cabeça agora, como se eu conseguisse ouvir a pulsação do meu próprio sangue envenenado, e tudo no mundo pulsa junto com ele. Se eu apertar os olhos até quase fechar, o redemoinho de luzes não fica tão ruim assim, e tudo meio que volta pro lugar.

A primeira coisa que eu preciso é de um pau. Manchee e eu vasculhamos as construções queimadas à procura de um do tamanho certo. Tudo é negro e está se desfazendo, mas vai me servir bem.

— Effe aqui? — Manchee diz, usando a boca para puxar um pedaço de pau com metade do tamanho dele de baixo do que parece ser um monte de cadeiras empilhadas que pegaram fogo. O que aconteceu aqui?

— Perfeito — respondo, pegando o pau.

— *Não vai dar certo* — o garoto insiste, escondido em um canto escuro. Dá pra ver o reflexo da faca na mão dele. — *Você não vai salvar ela.*

— Vou, sim. — Quebro algumas das lascas maiores da madeira. Só uma ponta do pau virou carvão, mas isso é exatamente o que eu quero. — Você consegue carregar isso? — pergunto pra Manchee.

Ele morde a madeira e balança um pouco pra ficar confortável, e ela parece se ajustar direitinho.

— Configo! — ele late.

— Ótimo. — Eu levanto, mas quase caio. — Agora a gente precisa de fogo.

— *Você não pode acender o fogo* — garoto diz, já ali do lado, à nossa espera. — *A caixa de fazer fogo está quebrada.*

— Você não sabe nada — digo, sem olhar pra ele. — Ben me ensinou.

— *Ben morreu*.

— De manhã ce-edo... — canto bem alto, o que deixa as formas retorcidas do mundo cintilantes e estranhas, mas continuo mesmo assim. — Quando o sol estava nasce-endo.

— *Você não tem força pra acender o fogo.*

— Ouvi uma donzela chamar lá do vale-e. — Encontro um pedaço comprido e plano de madeira e uso a faca para abrir um buraquinho nele. — Ah, não me engaa-ne. — Entalho uma ponta arredondada em outra vara menor. — Ah, não me abandooo-ne.

— *Como é que você pode usar uma pobre donzela assim* — o garoto conclui.

Eu ignoro o que ele está falando. Encaixo a ponta redonda da vara no buraquinho e começo a girar ela com a palma das mãos, fazendo força na madeira. O ritmo do giro fica igual ao latejar na minha cabeça, e começo a me ver na mata com Ben, a gente apostando corrida pra ver quem conseguia fazer a primeira fumaça. Ele sempre ganhava, e na metade das vezes eu não conseguia

fazer nem uma faísca. Eram bons tempos.

Eram bons tempos.

— Vai — digo pra mim mesmo.

Estou suando e tossindo e confuso, mas minhas mãos não param de girar. Manchee está latindo pra madeira, meio que tentando ajudar.

Então um fiozinho de fumaça sobe do buraco.

— Rá! — exclamo.

Protejo a fumaça do vento com a mão e sopro para fazer o fogo pegar. Uso um pouco de musgo seco como combustível e, quando a primeira chama se acende, é o mais perto que chego da felicidade em muito tempo. Jogo alguns gravetinhos em cima do fogo, espero que queimem também, depois taco alguns maiores, e logo tem uma fogueira de verdade na minha frente. De verdade.

Deixo queimar por um minuto. Estou contando que a gente esteja na direção do vento pra fumaça não chegar em Aaron.

E estou contando com o vento por outros motivos também.

Vou cambaleando até a margem do rio, usando troncos de árvores pra me manter de pé até chegar no cais.

— Vamos, vamos — digo bem baixo enquanto me firmo pra caminhar sozinho.

O cais fica rangendo debaixo dos meus pés e quase caio no rio, mas finalmente consigo chegar até o barco que ainda está amarrado ali.

— *Ele vai afundar* — o garoto diz. Ele está no rio, com água até os joelhos.

Pulo no barquinho e, depois de muito balançar e tossir, fico de pé lá dentro. É bambo e estreito e torto.

Mas não afunda.

— *Você não sabe andar de barco.*

Saio do barco, atravesso o cais e volto pro povoado e procuro até encontrar um pedaço de madeira chato preu usar como remo.

E isso é tudo que eu preciso.

Estamos prontos.

O garoto continua ali parado, segurando as minhas coisas, a mochila nas costas, o rosto sem expressão, sem Ruído preu ouvir.

Eu fico encarando ele. Ele não fala nada.

— Manchee? — chamo, mas ele já está do meu lado.

— Aqui, Todd!

— Bom garoto.

Vamos até a fogueira. Pego a madeira que Manchee encontrou e ponho a parte já queimada no fogo. Depois de um tempo, a ponta está em brasa e fumegando, e as chamas vão chegando na madeira boa.

— Tem certeza que consegue carregar isso?

Ele pega a ponta da madeira que não está em brasa e ali está ele, o melhor cachorro do universo, pronto pra levar fogo pro inimigo.

— Tudo pronto, amigão?

— Fudo fronto! — ele diz, com a boca cheia, balançando o rabo tão rápido que parece um borrão.

— *Ele vai matar o Manchee* — o garoto alerta.

Eu levanto, o mundo girando e brilhante, meu corpo nem parece meu, meus pulmões tossem pedacinhos deles mesmos, minha cabeça lateja, minhas pernas tremem, meu sangue ferve, mas eu levanto.

Fico bem de pé.

— Eu sou Todd Hewitt — digo pro garoto. — E vou deixar você aqui.

— *Você nunca vai conseguir* — ele diz, mas já estou me virando pra Manchee.

— Vai em frente, garoto.

E Manchee vai, sobe o barranco e desce do outro lado, com a madeira em chamas na boca, e eu conto até cem em voz alta, então não consigo ouvir ninguém dizendo mais nada, e então conto até cem de novo, e é o suficiente, e, mesmo cambaleando, vou o mais rápido possível pro cais e entro no barco e coloco o remo no colo e uso a faca pra cortar o que restou da corda esfiapada que prende a embarcação.

— *Você nunca vai conseguir me deixar pra trás* — o garoto fala, parado no cais com o livro em uma das mãos e a faca na outra.

— Você vai ver — digo, e ele vai ficando cada vez menor na luz trêmula que se vai se apagando enquanto o barco se afasta do cais e segue seu caminho pelo rio.

Na direção de Aaron.

Na direção de Viola.

Na direção do que sei lá o que me espera lá embaixo.

31

OS MAUS SÃO CASTIGADOS

TEM UM MONTE de barco em Prentisstown, mas desde que me entendo por gente ninguém nunca usou nenhum deles. Temos o rio, claro, o mesmo que está me jogando de um lado pro outro agora, mas o nosso trecho é rápido e cheio de pedra e, quando ele desacelera e fica mais largo, a única área tranquila é um brejo cheio de crocos. Depois disso, tem só o pântano com árvores. Por isso, eu nunca andei de barco e, mesmo que pareça fácil, não é, não.

A minha sorte é que o rio aqui é bastante calmo, apesar de algumas marolas que o vento faz. O barco é levado pela correnteza e segue o caminho rio abaixo, mesmo que eu não faça nada, então posso usar todas as minhas energias pra impedir o barco de começar a girar.

Leva algum tempo até eu conseguir fazer direito.

— Droga — digo em voz baixa. — Mas que M... de coisa.

Depois de espalhar um monte de água com o remo (e de girar o barco duas vezes, cala a boca), começo a descobrir como manter a embarcação mais ou menos na direção certa e, quando olho pra frente, percebo que já devo estar na metade do caminho.

Engulo em seco, sinto uma tremedeira e tenho um acesso de tosse.

Esse é o plano. Provavelmente não é um plano muito bom, mas é tudo que o meu cérebro oscilante e cintilante consegue inventar.

Manchee vai carregar o pedaço de madeira em chamas contra o vento e vai deixar ele em algum lugar, pro Aaron pensar que acendi uma fogueira. Depois,

Manchee vai correr de volta pro acampamento do *Aaron* latindo muito, fingindo que está tentando me avisar que encontrou ele. Isso é simples, porque ele só precisa ficar latindo o meu nome, que é o que ele já faz o tempo inteiro.

Aaron vai perseguir Manchee. Aaron vai tentar matar ele. Manchee vai ser mais rápido (é só correr e correr, Manchee, correr e correr). Aaron vai ver a fumaça. Aaron, que não tem nenhum medo de mim, vai entrar na mata na direção da fumaça pra acabar comigo de uma vez por todas.

Vou navegar rio abaixo e chegar no acampamento de Aaron enquanto ele está na mata me procurando, e vou resgatar Viola. Vou pegar Manchee ali também, porque ele vai voltar na frente de Aaron (correr e correr).

É, beleza, esse é o plano.

Eu sei.

Eu sei, mas, se não funcionar, aí vou ter que matar ele.

E se a gente chegar nesse ponto, não importa o que vou virar, não importa o que Viola vai dizer.

Não importa.

Precisa ser feito, então eu vou ter que fazer.

Pego a faca.

A lâmina ainda está suja de sangue seco aqui e ali, meu sangue, sangue de Spackle, mas o resto ainda brilha, reluzindo e piscando, piscando e reluzindo. A ponta se destaca, esticada que nem um polegar feio, e a serra da faca parece uns dentes à mostra, a borda da lâmina pulsando como uma veia cheia de sangue.

A faca está viva.

Enquanto eu segurar ela, enquanto eu usar ela, ela vive, vive pra tirar uma vida, mas ela precisa de comando, ela precisa que eu mande ela matar, e ela quer fazer isso, ela quer ser cravada em alguém, quer afundar e cortar e perfurar e retalhar, mas eu preciso querer também, minha vontade tem que se juntar com a dela.

Sou eu que dou permissão a ela, sou eu o responsável pelo que ela faz.

Mas a vontade da faca facilita as coisas.

Se for mesmo necessário, será que vou falhar?

— *Não* — a faca sussurra.

— *Sim* — o vento rio abaixo sussurra.

Uma gota de suor da minha testa respinga na lâmina, e a faca volta a ser só uma faca, só uma ferramenta, só um pedaço de metal na minha mão.

Só uma faca.

Coloco ela no fundo do barco.

Estou tremendo de novo. Tusso e cuspo mais catarro. Levanto os olhos e observo ao redor, ignorando o mundo, que não para de ondular, e deixando o

vento me acalmar. O rio começa a fazer uma curva, e eu continuo a descer nele.

Está chegando a hora, penso. Não tem como voltar atrás.

Olho pra cima e observo além das árvores na esquerda.

Meus dentes estão batendo.

Ainda não vejo fumaça.

Vamos, garoto, esse é o próximo passo que tem que acontecer.

E nada de fumaça.

E nada de fumaça.

E a curva do rio aumenta.

Vamos, Manchee.

E nada de fumaça.

E meus dentes *batem batem batem*. Eu me abraço com força.

E *fumaça*! Os primeiros sopros pequenos, subindo que nem uma bola de algodão mais adiante no rio.

Bom garoto, penso, tentando fazer meus dentes pararem de bater. *Bom garoto*.

O barco está indo pro meio do rio, por isso remo o melhor que posso pra trazer ele de volta pra margem.

Tremo tanto que mal consigo segurar o remo.

O rio se curva ainda mais.

E ali está a árvore com o tronco bifurcado, a árvore atingida pelo raio, se aproximando pela minha esquerda.

O sinal de que estou quase chegando.

Aaron deve estar logo depois dali.

E eu chego mais perto.

Eu tusso e suo e tremo, mas o remo não sai da minha mão. Eu remo um pouco mais, mais pra perto da margem. Se, por algum motivo, Viola não conseguir correr, vou ter que puxar o barco pra terra firme e ir buscar ela.

Mantenho meu Ruído o mais vazio possível, mas o mundo está me sufocando com a sua luz e o seu brilho, então não tem muita chance disso dar certo. Só me resta torcer pra que o vento esteja alto e pro Manchee…

— Todd! Todd! Todd! — escuto, bem longe. Meu cachorro está latindo meu nome pra chamar Aaron. — Todd! Todd! Todd!

O vento não me deixa ouvir o Ruído de Aaron, então nem sei se o plano está funcionando, mas já estou passando pela árvore com o tronco bifurcado, não tenho o que fazer agora…

— Todd! Todd!

Vamos, *vamos.*…

A árvore com tronco bifurcado vai passando…

Eu me abaixo dentro do barco…

— Todd! Todd! — O som vai ficando mais baixo, mais distante…

Galhos quebrando…

Então escuto um rugido alto que nem o de um leão:

— TODD HEWITT!

De um leão *se afastando*…

— Vamos — sussurro pra mim mesmo. — Vamos, vamos, vamos…

Meus punhos fechados tremem segurando o remo e…

Termino a curva e…

Passo pela árvore e…

O acampamento aparece e…

Ali está ela.

Ali está ela.

Aaron desapareceu, e ali está ela.

Deitada no chão no meio do acampamento.

Sem se mexer.

Meu coração acelera e tusso sem nem perceber e falo em voz baixa “Por favor por favor por favor”, e remo com toda a fúria, e o barco chega mais perto da margem, e aí eu fico de pé e pulo na água e caio de bunda, mas ainda consigo segurar a frente do barco e “Por favor por favor por favor” e eu levanto e arrasto o barco pra margem e deixo ele ali e saio correndo e tropeçando e correndo até Viola Viola Viola…

— Por favor — digo, correndo, o peito apertado, dolorido, ainda tossindo. — *Por favor*.

Chego perto, e ali está Viola. Os olhos dela estão fechados, e a boca está um pouco aberta, e eu encosto a cabeça no seu peito, calando o zumbido no meu Ruído e os gritos do vento e o meu nome em forma de latidos e gritos vindos da mata à minha volta.

— Por favor — sussurro.

E *tum, tum*.

Ela está viva.

— Viola — sussurro com força. Começo a ver pontos brilhantes bem na frente dos meus olhos, mas eu ignoro tudo isso. — Viola.

Balanço os ombros dela e seguro seu rosto, que balanço também.

— Acorda — sussurro. — Acorda, acorda, acorda!

Não vou consiguir carregar ela. Estou muito trêmulo e desequilibrado e fraco.

Mas é claro que eu vou carregar Viola, se tiver que fazer isso mesmo.

— Todd! Todd! Todd! — escuto Manchee latindo lá no meio da mata.

— Todd Hewitt! — escuto Aaron berrar enquanto persegue meu cachorro.

Então, perto de mim, eu escuto:

— Todd?

— Viola? — digo, e minha garganta está se fechando, e minha vista está ficando toda embaçada.

Ela está olhando pra mim.

— Você não está parecendo muito bem — ela comenta com a voz meio devagar, os olhos sonolentos.

Percebo que ela está um hematoma debaixo do olho e sinto meu estômago revirar de tanta raiva.

— Você precisa levantar — sussurro.

— Ele me drogou… — ela diz, fechando os olhos.

— Viola? — insisto, sacudindo ela mais uma vez. — Ele está voltando, Viola, a gente precisa dar o fora daqui.

Não consigo mais ouvir os latidos.

— A gente precisa fugir. Agora!

— Estou me sentindo pesada demais — ela diz, as palavras derretendo e se confundindo umas com as outras.

— Por favor, Viola — imploro, quase *chorando*. — *Por favor.*

Ela pisca e abre os olhos.

Olha para mim.

— Você veio atrás de mim — ela diz.

— Vim — digo, tossindo.

— Você veio atrás de mim — ela repete, seu rosto se enrugando um pouquinho.

E nesse momento Manchee sai disparado dos arbustos, latindo meu nome como se a vida dele dependesse disso.

— TODD! TODD! TODD! — ele uiva, correndo pra gente e passando por nós. — Aaron! Perto! Aaron!

Viola solta um gritinho e, com um empurrão que quase me derruba, fica de pé e me segura antes que eu caia, e a gente se apoia um no outro, e eu consigo apontar pro barco.

— Ali! — digo, me esforçando muito pra recuperar o fôlego.

E nós corremos até lá…

Atravessamos o acampamento…

Na direção do barco e do rio…

Manchee está seguindo na frente e sobe no barco primeiro com um salto…

Viola está cambaleando na minha frente.

E nós estamos a cinco…

Quatro…

Três passos de distância…

E Aaron sai correndo da mata atrás da gente…

O Ruído dele é tão alto que nem preciso virar pra ver…

— TODD HEWITT!

Viola alcança a parte da frente do barco e tomba ali dentro.

E dois passos…

E um…

Chego no barco e empurro ele com toda a minha força de volta pro rio…

E:

— TODD HEWITT!

Ele está mais perto…

E o barco não se mexe.

— OS MAUS SERÃO CASTIGADOS!

Ainda mais perto…

E o barco não se mexe…

O Ruído dele me acerta com a força de um soco…

E o barco *se mexe*…

Dou um passo, depois mais outro, e os meus pés estão na água, e o barco está se mexendo.

Estou caindo…

Não tenho forças pra entrar no barco…

Eu caio na água e o barco vai se afastando…

Viola agarra minha camisa e me puxa pra cima, até que a minha cabeça e os meus ombros estão quase…

— NÃO, VOCÊ NÃO! — Aaron dá um berro.

Viola grita, me puxando sem parar, e a parte de cima do meu corpo está no barco…

Aaron está na água…

Agarrando o meu pé.

— Não! — Viola grita, me segurando ainda mais forte e me puxando com toda a força…

Fico suspenso no ar…

E o barco para…

É tanto esforço que a cara de Viola fica contorcida.

Mas é um cabo de guerra que só Aaron pode ganhar…

Então ouço:

— TODD! — O latido é tão feroz que por um momento fico em dúvida se um croco saiu da água…

Mas é Manchee…

É Manchee…

É o meu cachorro, meu cachorro, meu cachorro, e ele pula por cima de Viola e sinto as patas dele atingirem minhas costas por um instante quando ele voa em cima de Aaron com um rosnado e um uivo e um “TODD!”, e Aaron grita de raiva…

E solta meus pés.

Viola cambaleia pra trás, mas não me larga, e eu caio dentro do barco em cima dela.

O impacto empurra o barco mais pra dentro do rio.

O barco começa a se afastar.

Minha cabeça rodopia quando rolo pro lado, e tenho que ficar de quatro pra me equilibrar, mas levanto o corpo o máximo possível e me debruço pra fora do barco.

— Manchee! — grito.

Aaron está caído de costas na areia macia da beira do rio, com a túnica emaranhada nas pernas. Manchee ataca o rosto dele, um ataque de dentes e garras e rosnados. Aaron tenta se livrar, mas Manchee morde o nariz dele e agita a cabeça de um lado pro outro.

Ele arranca o nariz de Aaron.

Aaron grita de dor, com sangue jorrando por toda parte.

— Manchee! — grito. — Corre, Manchee!

— Manchee! — Viola berra.

— Vem, garoto!

Manchee tira os olhos de Aaron quando eu chamo…

É nessa hora que Aaron aproveita a oportunidade.

— *Não!* — grito.

Ele agarra Manchee com toda a violência pela nuca e levanta ele do chão com um movimento só.

— Manchee!

Escuto o barulho da água, e tenho a impressão que Viola pegou o remo e está tentando fazer a gente não se afastar mais, e o mundo está piscando e latejando e…

E Aaron está com o meu cachorro.

— VOLTA AQUI! — Aaron grita, segurando Manchee com o braço.

Ele é pesado demais para ser segurado pela nuca e está uivando de dor, mas não consegue virar a cabeça pra morder o braço de Aaron.

— Solta ele! — grito.

Aaron olha pra baixo…

Tem sangue escorrendo pelo buraco onde ficava o nariz dele e, mesmo que o corte na bochecha tenha cicatrizado, ainda dá pra ver os dentes. O que acontece

dessa vez é um desastre bem parecido, e ele diz, quase calmo, a voz borbulhando com todo aquele sangue e tecido:

— Volte para mim, Todd Hewitt.

— Todd? — Manchee uiva.

Viola rema furiosamente para manter a gente fora da correnteza, mas ela está fraca por causa das drogas, e nós nos afastando mais e mais.

— Não — consigo ouvir ela dizer. — Não.

— Solta ele! — grito.

— A garota ou o cachorro, Todd — Aaron diz, ainda com uma calma que dá muito mais medo do que os gritos dele. — A escolha é sua.

Pego a faca e seguro ela na minha frente, mas minha cabeça gira demais, e minhas mãos escorregam, e bato com os dentes no banco do barco.

— Todd? — Viola diz, ainda remando contra a corrente, o barco girando e girando.

Eu sento e sinto gosto de sangue, e o mundo está rodando tanto que quase caio de novo.

— Eu vou te matar — digo, mas minha voz sai tão baixa que podia muito bem estar falando comigo mesmo.

— Última chance, Todd! — Aaron diz, agora sem parecer tão calmo.

— Todd? — Manchee continua uivando. — Todd?

E não…

— Eu vou te matar. — Mas minha voz é um sussurro.

E não…

Não tenho escolha…

O barco é levado pela correnteza…

E eu olho pra Viola, ainda remando contra a corrente, lágrimas escorrendo pela cara.

Ela olha pra mim…

Não tenho escolha…

— Não — ela diz com a voz embargada. — Ah, não, Todd…

Ponho a mão no braço dela pra ela parar de remar.

O Ruído de Aaron é um rugido em preto e vermelho.

A correnteza leva a gente embora.

— Desculpa! — grito, minhas palavras são arrancadas de mim, meu peito tão apertado que mal consigo respirar. — Desculpa, Manchee!

— Todd? — ele late, confuso e com medo enquanto me vê deixar ele pra trás. — *Todd?*

— Manchee! — grito.

Aaron põe a outra mão no meu cachorro.

— MANCHEE!

— *Todd?*

Aaron faz um movimento brusco com os braços, e ouço um CREC e um grito e um uivo interrompido que partem meu coração pra sempre, pra sempre.

A dor é demais, é demais, é demais, e as minhas mãos seguram a minha cabeça e dou um passo pra trás, minha boca aberta em um lamento sem fim e sem palavras que contém toda a escuridão que vive dentro de mim.

E eu caio de volta na escuridão.

Não sei de mais nada enquanto o rio nos leva embora, pra longe, muito longe.


PARTE VI

32

RIO ABAIXO

O SOM DA água.

O barulho dos pássaros.

Onde é mais seguro?, eles cantam. Onde é mais seguro?

Tem uma música por trás disso.

Juro que tem uma música.

Camadas de melodia, que lembram o som de uma flauta, estranhas e familiares…

E tem luz na escuridão, lâminas de luz, brancas e amarelas.

E calor.

E maciez na minha pele.

E um silêncio ali do lado, me puxando com mais força do que nunca.

Abro os olhos.

Estou numa cama, embaixo de uma coberta, num quartinho quadrado com paredes brancas e luz do sol entrando por pelo menos duas janelas abertas, com o som do rio correndo lá fora e pássaros cantando nas árvores (e música, isso é música?), e por um tempo eu não só não sei onde estou, como também não sei *quem* eu sou nem o que aconteceu nem por que sinto dor nas minhas…

Vejo Viola dormindo encolhida em uma cadeira do lado da cama, respirando pela boca, as mãos apertadas entre as coxas.

Ainda estou grogue demais para mexer a boca e chamar o nome dela, mas meu Ruído deve ter falado bem alto, porque os olhos de Viola abrem e

encontram os meus, e ela levanta rápido da cadeira e me abraça, apertando meu nariz com a clavícula dela.

— Meu Deus, *Todd* — ela diz, me abraçando tão forte que até dói.

Coloco uma das mãos nas costas dela e sinto o seu cheiro.

Flores.

— Achei que você nunca mais fosse voltar. Achei que estivesse morto.

— Eu não estava? — pergunto com a voz rouca, tentando me lembrar das coisas.

— Você estava doente — Viola responde, sentando de novo, os joelhos apoiados na minha cama. — *Muito* doente. O dr. Snow não sabia ao certo se você um dia iria acordar, e quando um médico *admite* isso…

— Quem é dr. Snow? — pergunto, olhando pro quartinho. — Onde nós estamos? Refúgio? E o que que é essa música?

— Estamos em um povoado chamado Colinas de Carbonel. Descemos pelo rio e…

Ela para porque me vê olhando pro pé da cama.

Pro lugar onde Manchee não está.

Aí eu lembro.

Sinto um aperto no peito. Um nó na garganta. Ouço o latido dele no meu Ruído. "*Todd?*", ele diz, perguntando por que eu deixei ele pra trás. "*Todd?*", com um ponto de interrogação, simples assim, perguntando pra sempre pra onde eu vou sem ele.

— Ele se foi — digo, como se estivesse falando comigo mesmo.

Viola parece prestes a dizer alguma coisa, mas, quando olho pra ela, seus olhos estão cheios dágua, e ela acaba só fazendo que sim com a cabeça, que é a coisa certa a fazer, o que eu gostaria que ela fizesse.

Ele se foi.

Ele se foi.

E eu não sei o que dizer sobre isso.

— Isso que estou escutando é Ruído? — pergunta uma voz alta, precedida pelo próprio Ruído, que entra por uma porta que se abre sozinha perto do pé da cama.

Um homem entra, um homem *grande*, alto e largo, com óculos que deixam seus olhos esbugalhados, um topete e um sorriso torto, e seu Ruído vem na minha direção tão cheio de alívio e alegria que tenho que me segurar pra não sair me arrastando pela janela atrás de mim.

— Dr. Snow — Viola fala, se afastando da cama pra abrir espaço.

— É um prazer finalmente conhecê-lo, Todd — o médico diz, com um grande sorriso, sentando na cama e pegando um aparelho no bolso da frente da camisa.

Ele enfia duas pontas nos ouvidos e põe outra no meu peito sem pedir permissão. — Você pode respirar fundo?

Não faço nada, só fico olhando pra ele.

— Estou verificando se seus pulmões estão limpos — ele explica, e me dou conta de uma coisa. O sotaque dele é o mais parecido com o de Viola que eu já ouvi no Novo Mundo. — Não é exatamente o mesmo — o médico diz. — Mas é parecido.

— Foi ele que cuidou de você — Viola explica.

Fico em silêncio, mas respiro fundo.

— Bom. — O dr. Snow coloca a ponta do aparelho em outra parte do meu peito. — Mais uma vez. — Inspiro e expiro. Descubro que *consigo* inspirar e expirar até o máximo da capacidade dos meus pulmões. — Você estava muito mal. Eu não sabia ao certo se conseguiríamos derrotar a doença. Você não estava nem emitindo Ruído até ontem. — Ele me olha nos olhos — Não vejo esse tipo de doença há muito tempo.

— É, bem... — digo.

— Há *muito* tempo que eu não ouvia falar de um ataque de Spackle — o médico continua. Eu não falo nada, só respiro fundo. — Isso é ótimo, Todd. Você pode tirar a camisa, por favor?

Olho pra ele, depois pra Viola.

— Vou esperar lá fora — ela diz, e sai.

Estico a mão até as costas pra tirar a camisa pela cabeça e percebo que não sinto mais dor entre os ombros.

— Esse precisou de alguns pontos — o dr. Snow explica, indo pra trás de mim. Ele põe o aparelho nas minhas costas.

Eu me encolho.

— Tá gelado.

— Ela não saiu do seu lado — ele diz, me ignorando e verificando minha respiração em vários pontos. — Nem mesmo para dormir.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Esta é a quinta manhã.

— *Cinco dias?* — pergunto, e ele mal tem a chance de concordar antes deu afastar as cobertas e levantar da cama. — A gente tem que ir embora daqui — digo, as pernas meio bambas, mas ainda assim de pé.

Viola está apoiada na porta.

— Estou tentando dizer isso para eles.

— Você está seguro aqui — garante o dr. Snow.

— A gente já ouviu isso antes.

Olho pra Viola esperando apoio, mas tudo o que ela faz é segurar um sorriso,

e percebo que estou ali só com uma cueca esburacada e seriamente gasta que não está cobrindo tudo o que deveria.

— Ei! — exclamo, cobrindo com as mãos as partes que importam.

— Você está tão seguro aqui quanto vai estar em qualquer outro lugar — o dr. Snow diz, atrás de mim, pegando minha calça de uma pilha de roupas limpinhas ao lado da cama e me entregando. — Fomos uma das principais frentes de batalha durante a guerra. Sabemos nos defender.

— Aquilo eram Spackle. — Fico de costas pra Viola e enfio as pernas na calça. — Agora são homens. *Mil* homens.

— É o que dizem os boatos — o dr. Snow. — Embora, na verdade, isso não seja numericamente possível.

— Não sei nada do que é *numeramente* possível, mas eles têm armas.

— *Nós* temos armas.

— E cavalos.

— Também temos cavalos.

— Vocês têm homens que vão se juntar a eles? — digo, em desafio.

Ele não diz nada, o que me deixa satisfeito. Na verdade, não fico nem um pouco satisfeito. Abotoo a calça.

— A gente tem que ir embora

— Você precisa descansar — o médico responde.

— A gente não vai ficar aqui e esperar o exército aparecer.

Eu me viro para buscar o apoio de Viola e, sem pensar, me viro pro espaço onde meu cachorro estaria esperando por mim, em busca do apoio dele também.

Aí tem um momento silencioso em que meu Ruído enche o quarto com Manchee, de ponta a ponta, latindo e latindo e precisando fazer cocô e latindo um pouco mais.

E morrendo.

Não sei o que dizer.

(Ele se foi, ele se foi.)

Eu me sinto vazio. Completamente vazio.

— Ninguém vai obrigar você a fazer algo que não queira, Todd — o dr. Snow garante com delicadeza. — Mas os anciãos da aldeia gostariam de falar com você antes que vá embora.

Mordo os lábios.

— Sobre o quê?

— Sobre qualquer coisa que possa ajudar.

— Como eu posso *ajudar*? — pergunto, pegando uma camisa limpa pra vestir. — O exército vai chegar e matar todo mundo que não se juntar a ele. É isso.

— Este é nosso lar, Todd. Vamos defendê-lo. Não temos escolha.

— Então não contem comigo… — começo.

— Papai?

Um garotinho para na porta do lado da Viola.

Um menino de verdade.

Ele está olhando pra mim com os olhos arregalados; seu Ruído é engraçado, brilhante, amplo, e ouço ele me descrevendo como magro e cicatriz e garoto dorminhoco e, ao mesmo tempo, tem todo tipo de pensamento carinhoso voltado pro pai dele, tudo apenas com a palavra papai repetida várias e várias vezes, e essa palavra inclui o que você quiser: perguntas sobre mim, a identificação do pai, dizer que ama ele, tudo em uma palavra repetida sem parar.

— Oi, garotão — o dr. Snow recebe ele. — Jacob, este é o Todd. Agora está acordado.

Jacob olha pra mim com um jeitinho solene, com o dedo na boca, e balança de leve a cabeça.

— A cabra não tá dando leite — ele diz em voz baixa.

— Ah, não? — o dr. Snow pergunta, se levantando. — Bom, então é melhor irmos ver se conseguimos convencê-la, não é?

Papai papai papai, diz o Ruído de Jacob.

— Eu vou ver a cabra — o dr. Snow diz pra mim. — Depois vou reunir o restante dos anciãos.

Não consigo parar de olhar pro Jacob. Que não consegue parar de olhar pra mim.

Ele está muito mais perto do que as crianças que eu vi em Galholongo.

E ele é tão *pequeno*...

Será que eu era tão pequeno assim?

O dr. Snow ainda está falando.

— Vou trazer os anciãos aqui, para ver se você não pode mesmo nos ajudar. — Ele se inclina até entrar no meu campo de visão. — E se nós não podemos ajudar você.

Seu Ruído é sincero, verdadeiro. Acredito que ele está falando sério. Mas também acho que ele está enganado.

— Talvez. — O dr. Snow sorri. — Talvez não. Você ainda nem viu o povoado. Vamos, Jake. — Ele pega a mão do filho. — Tem comida na cozinha. Aposto que você está faminto. Volto daqui a uma hora.

Vou até a porta e observo os dois indo embora. Jacob, com o dedo ainda na boca, olha pra mim até ele e o pai desaparecerem do lado de fora da casa.

— Quantos anos ele tem? — pergunto pra Viola, ainda olhando pro corredor. — Eu não tenho a menor ideia.

— Ele tem quatro anos — ela responde. — Ele já me disse isso umas

oitocentas vezes. Parece novo demais para ordenhar cabras.

— Não no Novo Mundo.

Eu me viro pra Viola, e as mãos dela estão nos quadris, e ela está me olhando com uma cara séria.

— Vamos comer — diz. — Precisamos conversar.

33

COLINAS DE CARBONEL

ELA ME LEVA até a cozinha, que é tão limpa e clara quanto o quarto. O rio ainda corre lá fora, os pássaros ainda estão cheios de Ruído, a música ainda…

— Que música é *essa*? — pergunto, indo olhar lá fora pela janela.

Às vezes parece que eu reconheço o som, mas, quando escuto com atenção, são só vozes sobre outras vozes, girando em torno delas mesmas.

— É dos alto-falantes no povoado principal — Viola explica, pegando um prato de frios na geladeira.

Eu sento na mesa.

— Tem algum tipo de festival acontecendo?

— Não — ela responde, como se dissesse *calma, escuta*. — Não é um festival.

Ela pega pão e uma fruta laranja que nunca vi antes e depois uma bebida vermelha que tem gosto de frutas silvestres e açúcar.

Caio dentro da comida.

— Me conta tudo.

— O dr. Snow é um homem bom — ela começa, como se eu precisasse saber disso antes de qualquer coisa. — Uma pessoa muito bondosa e amável, que se dedicou muito para te salvar, Todd, estou falando sério.

— Tá. E aí?

— Essa música toca o dia inteiro e a noite inteira — ela explica, me vendo comer. — O volume é mais baixo aqui na casa, mas no povoado não dá para

ouvir os próprios pensamentos.

— Como no bar — digo, com a boca cheia de pão.

— Que bar?

— O bar em Pren… — Eu paro. — Eles acham que a gente vem da onde?

— Galholongo.

Dou um suspiro.

— Vou fazer o que posso. — Dou uma mordida na fruta. — O bar no vilarejo de onde eu vim tocava música o tempo inteiro pra tentar abafar o Ruído.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Perguntei ao dr. Snow por que eles faziam isso aqui, e, bem, sabe o que ele disse? Que é: "Para manter a privacidade dos pensamentos dos homens."

Dou de ombros.

— Isso cria uma barulheira horrível, mas meio que faz sentido, né? É um jeito de lidar com o Ruído.

— Os pensamentos dos *homens*, Todd — ela destaca. — *Homens*. E você percebeu que ele disse que ia procurar *os* anciãos para virem buscar seu conselho?

Penso numa coisa terrível.

— Todas as mulheres morreram aqui também?

— Ah, tem mulheres — ela diz, mexendo na faca da manteiga. — Elas limpam, cozinham e têm bebês, e todas elas vivem em um grande alojamento do lado de fora da cidade, onde não podem interferir nos assuntos dos homens.

Devolvo pro prato um garfo cheio de carne.

— Vi um lugar assim quando eu estava indo atrás de você, homens dormindo em um lugar, mulheres em outro.

— Todd, eles não quiseram me ouvir. Nem uma palavra. Nada do que eu disse sobre o exército. Continuaram me chamando de *garotinha* e quase me davam tapinhas na cabeça. — Ela cruza os braços. — A única razão por que querem falar sobre isso com você agora é porque caravanas de refugiados começaram a aparecer na estrada do rio.

— Wilf — digo.

Os olhos de Viola me analisam, lendo meu Ruído.

— Ah. Não, eu não vi Wilf.

— Peraí. — Tomo mais um gole. Parece que não bebo nada há anos. — Como a gente conseguiu ficar tão na frente do exército? Como isso foi possível, se eu estou aqui há cinco dias, e nós ainda não fomos invadidos?

— Ficamos um dia e meio naquele barco — ela responde, passando a unha em algo preso na mesa.

— Um dia e meio — repito, pensando nisso. — A gente deve ter andado

muitos quilômetros.

— Muitos mesmo. Deixei o barco ser levado pela correnteza. Tive muito medo de parar nos lugares por onde passei. Você não ia acreditar em algumas das coisas… — Ela fica em silêncio, balançando a cabeça.

Eu me lembro dos alertas de Jane.

— Pessoas nuas e casas de vidro?

Viola me olha com estranheza.

— Não. — Sua boca se contorce um pouco. — Só pobreza. Só uma pobreza horrível, horrível. Em alguns desses lugares tive a impressão de que as pessoas teriam comido a gente, então segui em frente, e você foi ficando cada vez pior. Na segunda manhã, achei o dr. Snow e Jacob pescando, e no Ruído dele vi também que ele era médico e, por mais estranho que esse lugar seja em relação às mulheres, pelo menos é limpo.

Olho ao redor, a cozinha muito, muito limpa.

— A gente não pode ficar — digo.

— Não, não pode. — Ela apoia a cabeça nas mãos. — Eu estava muito preocupada com você. — A voz dela ganha um ar sentimental. — Estava muito preocupada por pensar que o exército estava se aproximando e *ninguém* me dava ouvidos. — Ela dá um tapa na mesa, um gesto de frustração. — E eu estava me sentindo muito mal por…

Viola para. Seu rosto fica um pouco enrugado, e ela olha pro outro lado.

— Manchee — digo em voz alta pela primeira vez desde…

— Sinto muito, Todd.

Os olhos dela estão cheios de lágrimas.

— Não foi sua culpa.

Eu levanto depressa, empurrando a cadeira pra trás.

— Aaron teria te matado — ela diz. — E depois teria matado Manchee também só porque podia fazer isso.

— Para de falar disso, por favor. — Saio da cozinha e volto pro quarto. Viola vem atrás de mim. — Vou conversar com esses velhos. — Pego a bolsa de Viola no chão e enfio nela o resto das roupas lavadas. — E depois nós vamos embora. Qual é a distância daqui pra Refúgio, você sabe?

Viola dá um sorrisinho.

— Dois dias.

Eu levanto.

— A gente desceu o rio tanto assim?

— Sim, fomos longe.

Assobio baixo. Dois dias. Só dois dias. Até o que sei lá o que vai ter em Refúgio.

— Todd?

— Sim? — digo, pendurando a bolsa dela no ombro.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por vir atrás de mim.

Tudo fica imóvel.

— Não foi nada — digo, sentindo minha cara ficar quente, e desvio os olhos. Ela não diz mais nada. — Você tá bem? — pergunto, ainda sem olhar pra ela. — Ele não fez nada com você?

— Na verdade, eu… — ela começa, mas ouvimos uma porta fechar e um papai papai papai cantado flutuar pelo corredor na nossa direção. Jacob abraça o batente da porta do quarto em vez de entrar.

— Papai mandou te buscar.

— Ah! — Levanto as sobrancelhas. — Tenho que encontrar *com eles* agora, então?

Jacob faz que sim com a cabeça, muito sério.

— Bom, nesse caso, estamos indo. — Volto a arrumar a bolsa e olho pra Viola. — Depois, vamos embora.

— Isso mesmo — Viola concorda, e o jeito como ela diz isso me deixa satisfeito.

A gente segue pelo corredor atrás de Jacob, mas ele para a gente na porta.

— Só você — diz, olhando pra mim.

— Só eu o quê?

Viola cruza os braços.

— Ele está querendo dizer que só você vai conversar com os anciãos.

Jacob faz que sim com a cabeça mais uma vez, muito sério. Eu olho pra Viola e de novo pro menino.

— Ora, ora — digo, agachando pra ficar da altura dele. — Por que você não vai avisar pro seu papai que tanto eu quanto Viola vamos estar lá em um minutinho? Está bem?

Jacob abre a boca.

— Mas ele falou…

— Na verdade, não ligo pro que ele falou — digo com delicadeza. — Pode ir.

Ele solta um pequeno suspiro e sai correndo pela porta.

— Acho que estou cansado de homens me dizendo o que que eu tenho que fazer — confesso, surpreso com o cansaço na minha voz.

De repente tenho vontade de voltar praquela cama e dormir mais cinco dias.

— Você está bem para andar até Refúgio? — Viola pergunta.

— Quero ver alguém tentar me impedir.

Ela sorri de novo.

Saio pela porta da frente.

E, pela terceira vez, fico esperando que Manchee venha com a gente.

A falta que ele faz é tão grande que é como se ele estivesse ali, e mais uma vez sinto todo o ar fugir dos meus pulmões e tenho que esperar um pouco, respirar fundo e engolir em seco.

— Ah, cara — digo pra mim mesmo.

Seu último *Todd?* permanece no meu Ruído que nem uma ferida.

Isso é outra coisa do Ruído. Tudo que já aconteceu com você continua ali, pra todo o sempre.

Fico vendo a poeira levantada por Jacob assentar enquanto ele sobe a trilha correndo entre algumas árvores na direção do centro do povoado. Olho ao redor. A casa do dr. Snow não é grande, mas tem até um deque que dá pro rio. Ali tem um cais pequeno e uma ponte bem baixa conectando a trilha larga que vem do centro de Colinas de Carbonel com a estrada do rio que segue pelo outro lado. Essa estrada, em que passamos tanto tempo, está quase escondida atrás de uma fileira de árvores em seus dois últimos dias antes de chegar em Refúgio.

— Meu Deus, é um paraíso em comparação com o resto do Novo Mundo.

— Tem mais coisas no paraíso do que construções bonitas — Viola responde.

O dr. Snow tem um jardim bem cuidado na frente da casa, junto da trilha que leva pro povoado. Olhando pra trilha, vejo mais construções por entre as árvores e escuto aquela música tocando.

Aquela música estranha, mudando sempre pra evitar que você se acostume com ela, acho. Não é nenhuma música que eu reconheço, mas aqui está mais alta, e acho que é tão alta assim justamente para você *não* reconhecer, mas juro que ouvi algo nela quando estava acordando…

— É quase insuportável no meio do povoado — Viola comenta. — A maioria das mulheres nem se dá ao trabalho de sair do alojamento. — Ela franze a testa. — O que deve ser o objetivo.

— A mulher do Wilf me contou de um povoado que todo mundo…

Eu paro de falar porque a música muda.

Mas, na verdade, ela não muda.

A música do povoado continua a mesma, confusa e cheia de palavras, rodopiando em torno dela mesma que nem um macaco.

Só que tem outra coisa.

Outra música além dessa.

E ela está ficando mais alta.

— Está ouvindo isso? — pergunto.

Eu me viro.

E me viro de novo. Viola também.

Tentando descobrir o que estamos ouvindo.

— Talvez alguém tenha colocado outro alto-falante do outro lado do rio — ela sugere. — Só para o caso de as mulheres se atreverem a pensar em sair de onde estão.

Mas não escuto o que ela diz.

— Não — sussurro. — Não, não pode ser.

— O quê? — Viola pergunta, sua voz mudando.

— Shhh.

Escuto com atenção mais uma vez, tentando acalmar o meu Ruído pra ouvir melhor.

— Está vindo do rio — ela sussurra.

— Shhh — repito, porque meu peito está começando a inflar, meu Ruído começando a zumbir alto demais pra servir de alguma coisa.

Lá longe, junto com o barulho da água e do Ruído do canto dos pássaros, tem uma…

— Música — Viola diz, muito baixo. — Tem alguém cantando.

Tem alguém cantando.

E o que eles estão cantando é:

De manhã ce-edo, quando o sol estava nasce-endo.

E o meu Ruído fica ainda mais alto quando eu digo:

— Ben.

34

AH, NÃO ME ABANDONE

CORRO ATÉ A beira do rio e escuto outra vez.

Ah, não me engane.

— Ben? — digo, tentando gritar e sussurrar ao mesmo tempo.

Viola chega perto de mim com passos pesados.

— Ben? É o *seu* Ben?

Faço um gesto pra ela ficar quieta e escuto, tentando abafar o rio e os pássaros e o meu próprio Ruído, e ali, logo abaixo de tudo isso…

Ah, não me abandone.

— Do outro lado do rio — Viola diz, e sai andando pela ponte, os pés batendo na madeira.

Vou logo atrás e ultrapasso ela, escutando e olhando e escutando e olhando e ali ali ali…

Ali no mato cheio de folhas do outro lado do rio…

Está Ben.

É Ben mesmo.

Ele está agachado atrás das folhas verdes, com a mão apoiada num tronco de árvore, me observando ir até ele, me observando correr pela ponte e, quando eu vou chegando perto, o seu rosto relaxa, e o seu Ruído se abre tanto quanto os seus braços, e eu me atiro nos dois, saltando da ponte nos arbustos e quase derrubando Ben, e o meu coração está explodindo, e o meu Ruído está tão brilhante quanto o céu azul e…

E vai ficar tudo bem.

Vai ficar tudo bem.

Vai ficar tudo bem.

É o Ben.

Ele me abraça forte e diz “Todd” e Viola fica um pouco pra trás, como sempre, deixando eu ir até ele, e eu abraço ele, eu abraço, e é o Ben, meu Deus Todo-poderoso, é o Ben, Ben, Ben.

— Sou eu — ele confirma, com uma risadinha, porque eu estou abraçando ele tão apertado que todo o ar está saindo dos pulmões dele. — Ah, como é bom ver você, Todd.

— Ben — digo, me afastando dele, e não sei o que fazer com as mãos, por isso eu só seguro a camisa dele e balanço de um jeito que deve significar amor. — Ben.

Ele faz que sim com a cabeça e sorri.

Mas ele está com rugas em torno dos olhos, e eu já posso ver o começo de tudo, tão recente que está bem na frente do Ruído dele, e eu preciso perguntar:

— E Cillian?

Ele não diz nada, mas me mostra como foi. Ben está correndo pra casa da fazenda já em chamas, já pegando fogo, com alguns dos homens do prefeito lá dentro, mas com Cillian também, e Ben sofrendo, ainda sofrendo.

— Ah, não — digo, sentindo um aperto no estômago, mesmo que eu já imaginasse há muito tempo que isso fosse verdade.

Mas imaginar uma coisa não é ter certeza que essa coisa aconteceu.

Ben faz que sim de novo com a cabeça, devagar e triste, e eu percebo agora que ele está todo sujo e que tem sangue seco no nariz, e parece que não come há uma semana, mas ainda é o Ben, e ele ainda consegue me ler como ninguém, porque seu Ruído já está me perguntando sobre Manchee, e eu já estou mostrando pra ele o que aconteceu, e finalmente meus olhos se enchem de lágrimas, que logo transbordam, e ele me abraça outra vez, e eu choro de verdade pela perda do meu cachorro e de Cillian e da vida que a gente tinha.

— Eu deixei ele pra trás — digo e repito, cheio de catarro e tossindo. — Eu deixei ele pra trás.

— Eu sei — ele diz, e sei que é verdade, porque escuto as mesmas palavras no ruído dele. Eu deixei ele pra trás, ele pensa.

Depois de só um minuto, Ben me afasta com delicadeza.

— Escute, Todd, não temos muito tempo.

— Não temos muito tempo pra quê?

Fungo e vejo que ele está olhando pra Viola.

— Oi — ela diz, com os olhos bem alertas.

— Oi — Ben cumprimenta. — Você deve ser ela.

— Devo ser.

— Você tem cuidado do Todd?

— Temos cuidado um do outro.

— Que bom. — O ruído de Ben fica quente e triste. — Que bom.

— Vamos — digo, pegando ele pelo braço e tentando puxar ele de volta na direção da ponte. — A gente pode conseguir alguma coisa pra você comer. E eles têm um médico.

Mas Ben não está se mexendo.

— Você pode ficar de vigia para nós? — ele pergunta pra Viola. — Nos fale se vir alguma coisa, qualquer coisa. Ou do povoado ou da estrada.

Viola concorda e seu olhar encontra o meu, deixando a gente voltar pra trilha.

— As coisas pioraram — Ben diz, baixo, tão sério quanto jamais o vi. — Você precisa chegar a um lugar chamado Refúgio. O mais rápido possível.

— Eu *sei* disso, Ben. Por que você…?

— Tem um exército atrás de você.

— Eu sei disso *também.* E ainda tem o Aaron, mas agora que você está aqui, podemos…

— Não posso ir com você.

Fico de queixo caído.

— O quê? Mas é *claro* que pode…

Mas ele faz que não com a cabeça.

— Você sabe que eu não posso.

— A gente vai encontrar um jeito — digo, mas meu Ruído já está girando, pensando, lembrando.

— Homens de Prentisstown não são bem-vindos em lugar nenhum no Novo Mundo.

Balanço a cabeça, concordando.

— As pessoas também não caem de amores por *garotos* de Prentisstown.

Ele pega meu braço outra vez.

— Alguém machucou você?

Faço uma pausa antes de responder:

— Uma porção de gente.

Ele morde o lábio, e seu Ruído fica ainda mais triste.

— Procurei você por toda parte — Ben diz. — Dia e noite, seguindo e contornando o exército, ficando à frente dele, escutando boatos sobre um garoto e uma garota viajando sozinhos por aí. E aqui está você, e você está bem, e eu sabia que você estaria bem. Eu sabia. — Ele dá um suspiro, e tem tanto amor e tristeza nesse gesto que sei que ele está prestes a dizer a verdade. — Mas sou um

risco para vocês no Novo Mundo. — Ele aponta para o arbusto em que estamos escondidos, disfarçados que nem ladrões. — Você vai ter que seguir o resto do caminho sozinho.

— Não estou sozinho — digo sem pensar.

Ele sorri, mas ainda está triste.

— Não. Não, você não está mesmo, certo? — Ele olha de novo à nossa volta, espiando através das folhas a casa do dr. Snow, do outro lado do rio. — Você ficou doente? Eu ouvi seu Ruído ontem descendo o rio, mas estava febril e adormecido. Fiquei esperando aqui desde então. Estava preocupado, pensando que alguma coisa pudesse ter dado muito errado.

— Eu fiquei doente — digo, e a vergonha começa a turvar meu Ruído como uma névoa lenta.

Ben olha pra mim com atenção.

— O que aconteceu, Todd? — pergunta, lendo aos pouquinhos o meu Ruído, como sempre fez. — O que aconteceu?

Abro meu Ruído pra ele, com tudo o que aconteceu desde o início, os crocos que atacaram Aaron, a corrida pelo pântano, a nave de Viola, o prefeito perseguindo a gente a cavalo, a ponte, Hildy e Tam, Galholongo e o que aconteceu lá, a bifurcação na estrada, Wilf e as coisas que cantavam *Aqui*, Prentiss Jr., Viola salvando minha vida.

E o Spackle.

E o que eu fiz.

Não consigo encarar Ben.

— Todd... — ele diz.

Ainda fico olhando pro chão.

— Todd — ele repete. — Olhe para mim.

Levanto a cabeça. Os olhos dele, azuis como sempre, encontram os meus.

— Todos cometemos erros, Todd. Todos nós.

— Eu matei ele. — Engulo em seco. — Eu matei ele. Ele. Não era um bicho.

— Você foi guiado pelo que sabia. Você fez o que achava ser o melhor.

— E isso é *desculpa*?

Tem alguma coisa no Ruído dele. Algo estranho e revelador.

— O que foi, Ben?

Ele solta a respiração.

— É hora de você saber, Todd. Hora de saber a verdade.

Ouvimos o som de galhos quebrando quando Viola volta correndo até a gente.

— Cavalo na estrada — ela diz, sem fôlego.

Escutamos. Barulho de cascos na estrada do rio, se aproximando rápido. Ben recua um pouco mais pros arbustos. A gente faz o mesmo, só que o cavaleiro

está vindo tão rápido que não parece nada interessado na gente. Ouvimos o homem passar que nem um trovão na estrada e entrar na ponte que dá direto em Colinas de Carbonel, os cascos fazendo um estrondo quando batem nas tábuas e depois na terra, até serem engolidos pelos sons do alto-falante.

— Não pode ser boa notícia — Viola comenta.

— Deve ser o exército — Ben diz. — A essa altura eles provavelmente devem estar a algumas horas daqui.

— O quê?

Dou um passo pra trás. Viola se assusta também.

— Eu já disse que não temos muito tempo.

— Então a gente tem que *ir*! — digo. — Você tem que vir com a gente. Vamos contar pras pessoas…

— Não — Ben me interrompe. — Não. Vocês vão para Refúgio. Isso é tudo o que resta a fazer. É sua única chance.

De repente, nós cobrimos ele de perguntas.

— Refúgio é um lugar seguro, então? — Viola pergunta. — Contra um exército?

— É verdade que eles têm uma cura pro Ruído? — pergunto.

— Eles têm comunicadores? Vou conseguir entrar em contato com a minha nave?

— Tem certeza que é seguro? *Certeza*?

Ben levanta as mãos pra nos deter.

— Não sei — ele responde. — Não vou lá há vinte anos.

Viola fica ereta.

— Vinte anos? Vinte *anos*? — A voz dela está ficando mais alta. — Então como podemos saber o que vamos encontrar quando chegarmos lá? Como você sabe que Refúgio ainda *existe*?

Passo a mão no rosto e penso no vazio onde Manchee costumava estar, e isso me faz perceber o que nunca quisemos admitir.

— A gente não sabe — respondo, dizendo só a verdade. — A gente nunca soube.

Viola suspira baixinho, e seus ombros voltam a se curvar.

— É — diz ela. — Acho que não.

— Mas sempre há esperança — Ben diz. — Vocês precisam sempre ter esperança.

Nós dois olhamos pra ele; deve ter alguma palavra pra definir o jeito que estamos fazendo isso, mas não sei qual é. Olhamos pra ele como se ele estivesse falando uma língua estrangeira, como se tivesse acabado de dizer que ia se mudar pra uma das luas, como se tivesse dito que tudo tinha sido só um sonho

ruim e que tinha doces pra todo mundo.

— Não tem muita esperança por aqui, Ben — digo.

Ele balança a cabeça.

— O que você acha que te faz seguir em frente? O que acha que fez vocês chegarem tão longe?

— Medo — Viola responde.

— Desespero — digo.

— Não — ele diz, se virando pra nós dois. — Não, não, não. Vocês foram mais longe do que a maioria das pessoas neste planeta vai chegar na própria vida. Vocês superaram obstáculos e perigos e coisas que poderiam ter sido fatais. Vocês escaparam de um exército, um louco e uma doença mortal e viram coisas que quase ninguém vai ver um dia. Como acham que poderiam ter chegado tão longe se não tivessem esperança?

Viola e eu trocamos um olhar.

— Entendo o que você está tentando dizer, Ben… — começo.

— Esperança — diz ele, apertando meu braço. — É esperança. Estou olhando nos seus olhos agora e digo: há esperança para você, há esperança para vocês dois. — Ele olha pra Viola e depois pra mim. — Há esperança no fim da jornada.

— Você não sabe se isso é verdade — Viola diz, e o meu Ruído, por mais que eu não queira, concorda com ela.

— Não — Ben admite. — Mas eu acredito nisso. Acredito nisso por vocês. E é por isso que se chama esperança.

— Ben…

— Mesmo que você não acredite, lembre-se de que eu acredito.

— Eu ia acreditar mais se você viesse com a gente — digo.

— Ele num vem? — Viola diz, surpresa, e logo depois se corrige: — *Ele não* vem?

Ben olha pra ela, abre e depois fecha a boca.

— Qual é a verdade, Ben? — pergunto. — Qual é a verdade que a gente precisa saber?

Ben respira fundo e devagar pelo nariz.

— Está bem — ele diz.

Mas aí um “Todd?”, alto e claro, vem do outro lado do rio.

É quando a gente percebe que a música de Colinas de Carbonel está competindo com o Ruído de homens atravessando a ponte.

Muitos homens.

Acho que essa é outra função da música. Pra não deixar ninguém escutar os homens chegando.

— Viola? — o dr. Snow chama. — O que vocês dois estão fazendo aí?

Fico de pé e olho pro dr. Snow, que está atravessando a ponte de mãos dadas com o pequeno Jacob, na frente de um grupo de homens que parecem versões menos amigáveis dele mesmo, e eles olham pra Ben e olham pra gente conversando com ele.

E o Ruído desses homens ganha cores diferentes quando o que estão vendo começa a fazer sentido pra eles.

Dá pra ver que alguns deles estão carregando rifles.

— Ben? — digo em voz baixa.

— Vocês precisam correr — ele fala, baixinho. — Vocês precisam correr *agora*.

— Eu não vou deixar você. De novo, não.

— Todd…

— Tarde demais — Viola diz.

Porque eles estão bem perto da gente, já atravessaram a ponte e agora vêm na direção dos arbustos, onde não estamos mais escondidos.

O dr. Snow nos alcança primeiro. Ele olha pra Ben de cima a baixo.

— E quem seria esse?

O som do Ruído dele não está nada satisfeito.

35

A LEI

— Esse é o Ben — digo, tentando elevar o meu Ruído pra bloquear todas as perguntas dos homens.

— Mas quem ele é? O que está fazendo aqui? — o dr. Snow insiste, com olhos alertas e observadores.

— Ben é o meu pai — respondo. Porque é verdade, né? — Meu pai.

— Todd — ouço Ben dizer atrás de mim, tudo quanto é sentimento no Ruído dele, mas principalmente precaução.

— Seu pai? — um barbudo atrás do dr. Snow pergunta, seus dedos se dobrando na coronha do rifle, mas sem levantar a arma.

Por enquanto.

— É melhor você tomar cuidado com quem chama de pai, Todd — o dr. Snow diz, puxando Jacob de leve pra perto.

— Você disse que o garoto era de Galholongo — lembra um terceiro homem, com uma marca de nascença roxa embaixo do olho.

— Foi o que a garota disse. — O dr. Snow olha pra Viola. — Não foi, Vi?

Viola encara o médico, mas não fala nada.

— Não dá para confiar na palavra de uma mulher — o barbudo diz. — Esse é um homem de Prentisstown, com certeza.

— Trazendo o exército até nós — completa o da marca de nascença.

— O garoto é inocente — Ben diz, e, quando viro, vejo que ele está com as mãos pra cima. — Sou eu quem vocês querem.

— Errado — o barbudo responde, com a voz raivosa ficando ainda mais raivosa. — É você quem nós *não* queremos.

— Só um instante, Fergal — o dr. Snow interrompe. — Tem alguma coisa errada aqui.

— Você sabe o que diz a lei — o da marca de nascença fala.

A lei.

Galholongo também falava da lei.

— Eu também sei que estas não são circunstâncias normais — o dr. Snow comenta, virando pra gente de novo. — Deveríamos pelo menos dar a eles uma chance de se explicarem.

Ouço Ben respirar fundo.

— Bom, eu…

— Você não — o homem de barba interrompe.

— O que aconteceu, Todd? — o dr. Snow pergunta. — É muito importante que você nos conte a verdade.

Olho pra Viola, pro Ben e pro dr. Snow outra vez.

Que parte da verdade eu conto?

Ouço um rifle sendo engatilhado. O barbudo ergueu a arma. Mas uns dois homens atrás dele fizeram o mesmo.

— Quanto mais você esperar, mais espiões vão parecer — o de barba diz.

— Não somos espiões — eu me apresso a dizer.

— O exército de que sua garota falou foi visto marchando pela estrada do rio — o dr. Snow afirma. — Um dos nossos batedores acabou de contar que eles estão a menos de uma hora de distância.

— Ah, não — ouço Viola sussurrar.

— Ela não é minha garota — digo em voz baixa.

— O quê? — o dr. Snow pergunta.

— O quê? — Viola pergunta.

— Ela é dela mesma — digo. — Não pertence a ninguém.

Viola parece *olhar* pra mim de verdade pela primeira vez.

— Tanto faz — o da marca de nascença diz. — Temos um exército de Prentisstown marchando na direção da nossa cidade e um homem de Prentisstown escondido em nossos arbustos e um garoto de Prentisstown que está entre nós desde a semana passada. Isso me parece muito suspeito, se quer saber.

— Ele estava muito doente — o dr. Snow lembra. — Completamente inconsciente.

— É o que você diz — o da marca de nascença retruca.

O dr. Snow vira pra ele bem devagar.

— Está me chamando de mentiroso, Duncan? Lembre-se, por favor, de que você está falando com o líder do conselho dos anciãos.

— Você está me dizendo que não vê uma conspiração aqui, Jackson? — o da marca de nascença pergunta, sem recuar, levantando o rifle também. — Somos alvos fáceis. Quem sabe o que eles contaram ao exército? — Ele aponta o rifle pra Ben. — Mas vamos colocar um ponto final nisso agora mesmo.

— Não somos *espiões* — digo de novo. — Estamos fugindo do exército, e vocês deviam fazer a mesma coisa.

Os homens se olham.

No Ruído deles, ouço pensamentos sobre o exército, sobre fugir em vez de defender a cidade. Também vejo raiva fervilhando, raiva por ter que fazer essa escolha, raiva por não saber a melhor maneira de proteger as famílias. E vejo a raiva deles se concentrando, não no exército, não neles mesmos por estarem despreparados, apesar de Viola ter alertado há dias, não no mundo por ser do jeito que é.

Eles concentram a raiva em Ben.

Eles concentram a raiva por Prentisstown na forma de um homem só.

O dr. Snow se agacha pra ficar na altura de Jacob.

— Ei, rapaz — ele diz pro filho —, por que você não volta para casa rapidinho agora, está bem?

Papai, papai, papai, escuto no Ruído de Jacob.

— Por quê, papai? — ele pergunta, olhando fixo pra mim.

— Bom, aposto que a cabra está se sentindo sozinha — o dr. Snow responde. — E quem quer uma cabra solitária, hein?

Jacob olha pro pai, pra mim e pro Ben, e, em seguida, pros homens à sua volta.

— Por que que tá todo mundo tão nervoso? — ele pergunta.

— Ah, nós só estamos resolvendo umas coisas, só isso. Tudo vai ficar bem logo, logo. Só vá correndo para casa e veja se a cabra está bem.

Jacob pensa nisso por um segundo, então diz:

— Tudo bem, papai.

O dr. Snow dá um beijo no topo da cabeça do menino e despenteia o cabelo dele. Jacob sai correndo de volta pela ponte na direção da casa deles. Quando o dr. Snow vira pra gente de novo, uma quantidade absurda de armas acompanha ele.

— Você pode ver que isso não está nada bom, Todd — ele diz, com tristeza verdadeira na voz.

— Ele não sabe de nada — Ben diz.

— Cala a boca, assassino! — o barbudo ordena, gesticulando com o rifle.

Assassino?

— Conte a verdade — o dr. Snow diz, olhando pra mim. — Você é de Prentisstown?

— Ele me *salvou* de Prentisstown — Viola argumenta. — Se não fosse por ele…

— Cala a boca, garota! — o barbudo interrompe.

— Agora não é mesmo hora de mulheres falarem, Vi — o dr. Snow comenta.

— Mas… — Viola começa, o rosto ficando vermelho.

— Por favor — o dr. Snow diz. Logo depois, ele olha pra Ben. — O que você contou para o seu exército? Quantos homens nós temos? Como são nossas fortificações…

— Eu estava *fugindo* do exército — Ben responde, ainda com as mãos pra cima. — Olhem para mim. Eu pareço um soldado saudável e bem cuidado? Não contei nada a eles. Estou fugindo, procurando meu… — Ele faz uma pausa, e eu sei por quê. — Meu filho.

— Você fez isso mesmo conhecendo a lei? — o dr. Snow pergunta, em tom objetivo.

— Eu conheço a lei — Ben garante. — Como eu poderia não conhecer a lei?

— Mas que droga de LEI é essa? — grito. — Que porcaria é essa que vocês estão falando?

— O Todd é inocente — Ben diz. — Vocês podem vasculhar o Ruído dele o quando quiserem e não vão encontrar nada que diga que estou mentindo.

— Você não pode confiar neles — o barbudo diz, ainda olhando pela arma. — Você sabe que não pode.

— Não sabemos de nada — o dr. Snow retruca. — Faz pelo menos dez anos que não sabemos de nada.

— Sabemos que eles montaram um exército — o da marca de nascença diz.

— Sim, mas não vejo nenhum crime neste garoto — o dr. Snow diz. — Vocês veem?

Uma dúzia de Ruídos diferentes começa a me bisbilhotar, como se estivessem me cutucando.

Ele se volta pra Viola.

— E tudo o que a garota fez foi contar uma mentira para salvar a vida do amigo dela.

Viola desvia o rosto, ainda vermelho de raiva.

— E nós temos problemas maiores — o dr. Snow continua. — Um exército se aproxima, e ele pode ou não saber como estamos nos preparando para enfrentá-lo.

— Não somos ESPIÕES — grito.

Mas o dr. Snow já está virando pros outros homens.

— Levem o garoto e a garota de volta para a cidade. A garota pode ficar com as mulheres, e o garoto já está bem o suficiente para lutar ao nosso lado.

— Peraí! — berro.

O dr. Snow vira pra Ben.

— E embora eu acredite que você seja apenas um homem à procura do filho, lei é lei.

— Essa é a sua decisão final? — o barbudo pergunta.

— Se os anciãos concordarem — o dr. Snow responde. Todos fazem um sim breve e sério com a cabeça, ainda que meio relutantes. O dr. Snow olha pra mim. — Sinto muito, Todd.

— Espera! — imploro, mas o da marca de nascença se adianta e segura o meu braço. — Me solta!

Outro homem agarra Viola, mas ela resiste tanto quanto eu.

— Ben! — chamo, olhando pra ele. — *Ben!*

— Vá, Todd — ele diz.

— Não, Ben!

— Não se esqueça de que eu te amo.

— O que eles vão fazer? — pergunto, ainda tentando me livrar do homem da marca de nascença. Eu viro pro dr. Snow. — O que vocês vão fazer?

Ele não diz nada, mas dá pra ver no Ruído dele.

O que a lei exige.

— Ah, mas não vão MESMO! — grito e, com o braço livre, pego minha faca e acerto a mão do homem com a marca de nascença.

Ele grita e me solta.

— Corre! — digo pro Ben — Agora!

Vejo Viola morder a mão do homem que está segurando ela. Ele também grita, e ela cambaleia pra trás.

— Você também! — digo pra ela. — Sai daqui!

— Eu não faria isso — o homem barbudo diz, e rifles são engatilhados por toda parte.

O da marca de nascença está xingando alto e ergue o braço pra me dar um soco, mas eu mantenho a faca na minha frente.

— Tenta só — digo entre os dentes. — *Vai!*

— CHEGA! — o dr. Snow dá um grito.

Um silêncio repentino, e nós ouvimos o ruído de cascos.

Tum pacatum pacatum pacatum.

Cavalos. Cinco. Dez. Talvez uns quinze, até.

Trovejando pela estrada, como se o próprio diabo estivesse na cola deles.

— São batedores? — pergunto pro Ben, mesmo sabendo que não.

Ele balança a cabeça.

— Um grupo de reconhecimento.

— Eles vão estar armados — digo pro dr. Snow e pros homens, e penso rápido. — Eles vão estar tão armados quanto vocês.

O dr. Snow também pensa por um tempinho. Dá pra ver o Ruído dele zumbindo, pensando em quanto tempo eles têm até os cavalos chegarem, quantos problemas eu, Ben e Viola estamos causando, quanto tempo estão perdendo.

Vejo ele tomando uma decisão.

— Soltem eles.

— O quê? — o barbudo reclama, seu Ruído se coçando pra atirar em *alguma coisa*. — Ele é um traidor e um assassino.

— E nós temos uma cidade para proteger — o dr. Snow responde com firmeza. — Tenho um filho para manter em segurança. E você também, Fergal.

O barbudo fica com a testa toda enrugada, mas não diz nada.

O *tum pacatum pacatum pacatum* fica cada vez mais alto.

O dr. Snow se vira pra gente.

— Vão — ele diz. — Tudo o que posso fazer é torcer para que vocês não tenham selado nosso destino.

— A gente não fez isso — garanto. — E essa é a verdade.

O dr. Snow aperta os lábios.

— Eu gostaria muito de acreditar em você. — Ele vira pros homens. — Vamos! — grita. — Para os seus postos! Depressa!

O grupo de homens se dispersa e corre de volta pra Colinas de Carbonel, o barbudo e o da marca de nascença ainda fervendo de raiva, procurando um motivo pra atirar, mas nós não damos nenhum. Nós só observamos eles irem embora.

Percebo que estou tremendo um pouco.

— Meu Deus — diz Viola, se curvando pra frente.

— Precisamos dar o fora daqui — falo. — O exército vai estar mais interessado na gente do que neles.

A bolsa de Viola ainda está comigo, mesmo que só tenha algumas roupas, as garrafas de água, o binóculo e o livro da minha mãe no saco plástico.

É tudo o que temos no mundo.

O que significa que estamos prontos pra ir.

— O que aconteceu aqui só vai se repetir — Ben diz. — Não posso ir com vocês.

— Pode, sim. Você pode ir embora depois, mas estamos indo agora, e você

vem com a gente. Não vamos deixar você ser pego por exército nenhum. — Eu olho pra Viola. — Certo?

Ela ergue os ombros, parecendo decidida.

— Certo.

— Então tá resolvido.

Ben olha pra mim, depois pra Viola, e volta a olhar pra mim. Franze a testa.

— Só até eu saber que vocês estão em segurança.

— A gente está falando demais e correndo de menos — digo.

36

PERGUNTAS COM RESPOSTA

POR MOTIVOS ÓBVIOS, a gente se mantém longe da estrada do rio e segue pelo meio das árvores, quebrando gravetos e galhos no caminho e se afastando de Colinas de Carbonel o mais rápido que as nossas pernas conseguem correr, como sempre em direção a Refúgio.

Não leva nem dez minutos pra ouvirmos os primeiros tiros.

Não olhamos pra trás. Não olhamos pra trás.

Corremos, e o som desaparece.

Continuamos correndo.

Eu e Viola somos mais rápidos que Ben e, às vezes, temos que reduzir a velocidade para ele alcançar a gente.

Passamos por um povoado, depois outro, os dois pequenos e vazios, lugares que provavelmente deram mais atenção aos boatos sobre o exército do que Colinas de Carbonel. Continuamos na mata entre o rio e a estrada, mas não vemos nenhuma caravana. Devem estar voando pra Refúgio.

Seguimos em frente.

A noite cai, e nós continuamos correndo.

— Tá tudo bem? — pergunto pro Ben quando paramos no rio pra encher as garrafas.

— Continuem em frente — diz ele, sem fôlego. — Continuem em frente.

Viola me lança um olhar preocupado.

— Desculpa a gente não ter comida — digo, mas ele só balança a cabeça.

— Continuem.

Então a gente continua.

A meia-noite chega, e passamos correndo por ela também.

(Quem sabe quantos dias? Quem ainda se importa com isso?)

Até que, finalmente, Ben pede:

— Esperem.

Ele para com as mãos nos joelhos, respirando com dificuldade, de um jeito que não parece nada saudável.

Olho ao redor sob a luz das luas. Viola observa também. Ela aponta pra cima.

— Ali.

— Ali em cima, Ben — digo, apontando pra pequena colina que Viola viu. — A gente vai ter uma vista dali.

Ben não fala nada, só respira fundo, faz que sim com a cabeça e segue a gente. Tem árvores na encosta toda, mas a trilha é bem cuidada e tem uma clareira ampla no topo.

Quando chegamos lá em cima, entendemos por quê.

— É um *cimitério* — digo.

— Um o quê? — pergunta Viola, olhando ao redor pras pedras quadradas que marcam os túmulos.

Devia ter uns cem, talvez duzentos, em fileiras organizadas e com a grama bem aparada. A vida de colono é dura e curta, e muita gente no Novo Mundo perdeu a batalha.

— É um lugar pra enterrar gente morta — explico.

Os olhos dela ficam arregalados.

— Um lugar para o *quê*?

— As pessoas não morrem no espaço? — pergunto.

— Sim, mas são cremados, não enterradas em *buracos*. — Ela cruza os braços, com a testa franzida e a boca meio torta, e olha pros túmulos. — Isso não me parece nem um pouco higiênico.

Ben ainda não disse nada, só desabou do lado de uma lápide e apoiou as costas nela, recuperando o fôlego. Bebo um gole de água e entrego a garrafa pro Ben. Olho em volta até lá longe. Dá pra ver um trecho da estrada, e do rio também, passando na esquerda, agora. O céu está limpo, com estrelas, e as luas parecem duas foices no céu.

— Ben? — digo, olhando pra noite.

— Sim? — responde, bebendo a água dele.

— Você está bem?

— Estou. — A respiração dele vai voltando ao normal. — Estou acostumado a trabalhar na fazenda, não a correr.

Olho mais uma vez pras luas, a menor perseguindo a maior, dois pontos brilhantes no céu, com luz suficiente pra fazer sombra, nem aí pros problemas dos homens.

Olho pra dentro de mim mesmo. Nas profundezas do meu Ruído.

E percebo que estou pronto.

Essa é a minha última chance.

Estou pronto.

— Acho que está na hora — digo, voltando a olhar pra ele. — Acho que agora é a hora.

Ele lambe os lábios e engole a água. Põe a tampa outra vez na garrafa.

— Eu sei — diz.

— Hora de quê? — Viola quer saber.

— Por onde devo começar? — Ben pergunta.

Dou de ombros.

— Por onde você quiser. Desde que seja verdade.

Ouço o Ruído de Ben se organizar, juntando a história toda e finalmente indo buscar na correnteza o que realmente aconteceu, os segredos escondidos por tanto tempo e tão fundo que eu nem sabia que eles estavam ali na minha infância toda.

O silêncio de Viola fica mais silencioso que nunca, tão quieto quanto a noite, esperando pra ouvir o que Ben vai dizer.

Ele respira fundo.

— O germe do Ruído não foi uma arma de guerra dos Spackle. Isso é a primeira coisa. O germe já estava aqui quando chegamos. Um fenômeno natural, presente no ar, sempre foi assim, sempre vai ser. Nós descemos das nossas naves e, em um dia, todo mundo podia ouvir o pensamento de todo mundo. Imagine a nossa surpresa.

Ele faz uma pausa, lembrando de tudo.

— Só que não foi *todo* mundo — Viola diz.

— Foram só os homens — digo.

Ben faz que sim com a cabeça.

— Ninguém sabe por quê. Ainda não se sabe. Nossos cientistas eram especialistas em agricultura, e os médicos não conseguiram encontrar uma razão, por isso, por algum tempo, foi um caos. Só… *caos*, vocês jamais acreditariam como foi. Caos e confusão e Ruído, Ruído, Ruído. — Ele coça embaixo do queixo. — Muitos homens se espalharam por comunidades distantes, escapando de Refúgio tão rápido quanto se conseguia abrir estradas. Mas as pessoas logo perceberam que não havia nada a fazer sobre o Ruído, então, por um tempo, todos nós tentamos viver da melhor maneira possível, descobrimos maneiras de

lidar com a situação, e comunidades diferentes seguiram seus próprios caminhos. Fizemos o mesmo quando percebemos que todo o nosso gado estava falando também, e animais de estimação e criaturas locais.

Ele olha pro céu e pro cimitério à nossa volta e pro rio e pra estrada lá embaixo.

— Tudo neste planeta conversa entre si — Ben continua. — Tudo. Isso é o Novo Mundo. Informação o tempo todo, sem parar, querendo ou não. Os Spackle sabiam disso, evoluíram para conviver com isso, mas nós não estávamos equipados para uma coisa assim. Nem de longe. E informação demais pode levar um homem à loucura. Informação demais se torna apenas Ruído. E ele nunca, nunca para.

Ele faz uma pausa, mas é claro que o Ruído está ali, como sempre, o dele e o meu, e o silêncio de Viola tornando tudo mais alto.

— Com o passar dos anos, as coisas foram ficando difíceis no Novo Mundo, e só pioraram. Colheitas que deram errado, doenças, nenhuma prosperidade, nenhum Éden. Sem dúvida, nenhum Éden. E a pregação começou a se espalhar, uma pregação venenosa, que começou a buscar culpados.

— Eles culparam os alienígenas — Viola comenta.

— Os Spackle — digo, voltando a ficar com vergonha.

— Eles culparam os Spackle — Ben confirma. — E, de algum modo, a pregação se tornou um movimento, e o movimento se tornou uma guerra. — Ele balança a cabeça. — Não tiveram a menor chance. Estávamos armados, eles não, e isso foi o fim dos Spackle.

— Não de todos — digo.

— Não. Não de todos. Mas eles aprenderam a não se aproximar muito dos humanos, isso eu garanto.

Uma brisa fraca sopra no alto da colina. Quando para, é como se nós três fôssemos as últimas pessoas no Novo Mundo. Nós e os fantasmas do cimitério.

— Mas a guerra não é o fim da história — Viola diz em voz baixa.

— Não — Ben confirma. — A história não terminou, não cheguei nem na *metade*.

Eu sei que não. Sei onde ela vai chegar.

E eu mudei de ideia, não quero que ela termine.

Mas quero, também.

Olho nos olhos de Ben, em seu Ruído.

— A guerra não parou nos Spackle — digo. — Nem em Prentisstown.

Ben lambe os lábios de novo, e dá pra ver a hesitação no Ruído dele, além da fome e da tristeza pelo que ele já está imaginando ser a nossa próxima despedida.

— A guerra é um monstro — ele diz, quase pra si mesmo. — A guerra é o demônio. Ela começa e consome tudo e cresce cresce cresce. — Ele agora está olhando pra mim. — E homens normais acabam se transformando em monstros, também.

— Eles não conseguiam suportar o silêncio — Viola fala, com a voz tranquila. — Eles não conseguiam suportar o fato das mulheres saberem tudo sobre eles e eles não saberem nada sobre as mulheres.

— *Alguns* homens pensavam dessa forma — Ben completa. — Nem todos. Não eu, não Cillian. Havia bons homens em Prentisstown.

— Mas a maioria pensava assim — digo.

— Sim.

Acontece outra pausa quando a verdade começa a se revelar.

Finalmente. E pra sempre.

Viola balança a cabeça.

— Você está dizendo…? — ela começa. — Você está mesmo dizendo…?

E ali está.

Ali está o centro de tudo.

Ali está a coisa que tem crescido na minha cabeça desde que eu saí do pântano, a coisa que tenho visto piscando nos homens pelo caminho, com mais clareza em Matthew Lyle, mas também nas reações de todo mundo que chega a escutar a palavra Prentisstown.

Ali está.

A verdade.

Eu não quero a verdade.

Mas eu digo em voz alta mesmo assim.

— Depois de matarem os Spackle, os homens de Prentisstown mataram as mulheres de Prentisstown.

Viola engole em seco, mesmo que já tivesse chegado na mesma conclusão.

— Nem *todos* os homens — Ben garante. — Mas muitos. Eles se deixaram levar pelo prefeito Prentiss e pelas pregações de Aaron, que diziam que o que estava escondido só podia ser maligno. Eles mataram todas as mulheres e todos os homens que tentaram protegê-las.

— Minha mãe — digo.

Ben faz que sim com a cabeça.

Sinto o estômago embrulhando.

Minha mãe morrendo, assassinada por homens que eu provavelmente via todo dia.

Tenho que sentar numa lápide.

Preciso pensar em alguma outra coisa. Preciso botar alguma outra coisa no

meu Ruído pra poder suportar.

— Quem era Jessica? — pergunto, lembrando do Ruído de Matthew Lyle em Galholongo, lembrando da violência nele, do Ruído que agora faz sentido, mesmo não fazendo sentido nenhum.

— Algumas pessoas conseguiram ver o que estava para acontecer — Ben explica. — Jessica Elizabeth era nossa prefeita, e ela viu o rumo que as coisas estavam tomando.

Jessica Elizabeth, penso. Nova Elizabeth.

— Ela organizou a fuga de algumas garotas e dos meninos mais novos pelo pântano — Ben continua. — Mas, antes que ela conseguisse partir com as mulheres e os homens que não tinham enlouquecido, os homens do prefeito atacaram.

— E foi isso — digo, me sentindo todo dormente. — Nova Elizabeth virou Prentisstown.

— Sua mãe nunca achou que isso aconteceria — Ben diz, sorrindo com tristeza ao lembrar de alguma coisa. — Aquela mulher era tão cheia de amor, tão cheia de esperança na bondade dos outros. — Ele para de sorrir. — Então chegou um momento em que era tarde demais para fugir, e você era novo demais para ser mandado para longe, então ela entregou você para nós, para que a gente o mantivesse em segurança, não importando o que acontecesse.

Levanto a cabeça.

— Como ficar em Prentisstown ia me manter em segurança?

Ben me encara; a tristeza dele está em toda parte, seu Ruído é esmagado pela dor. É uma surpresa ele conseguir continuar conversando.

— Por que você não foi embora? — pergunto.

Ele esfrega o rosto.

— Porque também não acreditávamos que o ataque fosse acontecer. Bom, pelo menos *eu* não acreditava, e tínhamos acabado de montar a fazenda, e eu achei que aquilo fosse passar antes que algo realmente ruim acontecesse. Até o fim, achei que fossem apenas boatos e paranoia, incluindo a parte da sua mãe. — Ele franze a testa. — Eu estava errado. Fui um idiota. — Ele olha pro nada. — Fui teimoso e cego.

Lembro das palavras que ele usou pra me confortar com relação ao Spackle.

Todos nós cometemos erros, Todd. Todos nós.

— Mas aí já era tarde demais — Ben continua. — O mal já tinha sido feito e a informação sobre os atos de Prentisstown se espalhou como fogo na mata, começando pelos poucos que conseguiram escapar de lá. Todos os homens de Prentisstown foram considerados criminosos. Não tínhamos como fugir.

Os braços de Viola ainda estão cruzados.

— Por que ninguém foi buscar vocês? Por que o resto do Novo Mundo não foi ajudar?

— E fazer o quê? — Ben diz, parecendo cansado. — Lutar outra guerra, mas dessa vez com homens fortemente armados? Trancar todo mundo em uma prisão gigante? Eles criaram uma lei na qual qualquer homem de Prentisstown que cruzasse o pântano seria executado. Então nos deixaram em paz.

— Mas eles deviam ter… — Viola diz, levantando as palmas das mãos. — Alguma coisa, não sei.

— Se não está acontecendo na sua porta, é mais fácil pensar: *Por que procurar problema?* Tínhamos o pântano inteiro entre nós e o Novo Mundo. O prefeito declarou que Prentisstown seria uma cidade de exilados. Condenada a uma morte lenta, é claro. Concordamos em nunca ir embora e, se alguém tentasse, ele mesmo nos caçaria e nos mataria.

— As pessoas não tentaram? — Viola pergunta. — Elas não tentaram escapar?

— Elas *tentaram* — Ben responde, dando destaque pra palavra. — Não era incomum que pessoas desaparecessem.

— Mas se você e Cillian eram inocentes… — começo a dizer.

— Não éramos inocentes — Ben interrompe, decidido, e de repente seu Ruído tem um gosto amargo. Ele dá um suspiro. — Não éramos.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto, levantando a cabeça. O embrulho no meu estômago não passa. — Como assim, vocês não eram inocentes?

— Vocês deixaram que todas essas coisas acontecessem — Viola diz. — Vocês não morreram com os outros homens que estavam protegendo as mulheres.

— Nós não lutamos — Ben admite. — E nós não morremos. — Ele balança a cabeça. — Não fomos nem um pouco inocentes.

— Por que vocês não lutaram? — pergunto.

— Cillian queria lutar — Ben diz, bem depressa. — Você tem que saber. Ele queria fazer o possível para detê-los. Teria dado a vida por isso. — Ele desvia o olhar mais uma vez. — Mas eu não deixei.

— Por que não?

— Já entendi — Viola sussurra.

Olho pra ela porque eu, com certeza, não entendi nada.

— Entendeu o quê?

Viola continua olhando Ben.

— Ou eles morriam lutando pelo que era certo e deixavam para trás um bebê desprotegido ou eles se tornavam cúmplices e mantinham você vivo.

Não sei o que significa “cúmplice”, mas talvez eu consiga adivinhar.

Eles fizeram isso por mim. Todo aquele horror. Eles fizeram isso por mim.

Ben e Cillian. Cillian e Ben.

Eles fizeram isso pra que eu pudesse viver.

Não sei como me sinto com nada disso.

Fazer o que é certo devia ser fácil.

Não devia ser só mais uma grande encrenca, como todo o resto.

— Então nós esperamos — Ben continua. — Em uma prisão do tamanho de uma cidade. Cheia do Ruído mais horrível que você já ouviu na vida antes de os homens começarem a negar o próprio passado, antes de o prefeito surgir com seus grandes planos. Então esperamos pelo dia em que você teria idade suficiente para se virar por conta própria, ainda sendo o mais inocente que pudéssemos mantê-lo. — Ele passa a mão na cabeça. — Mas o prefeito também estava esperando.

— Por mim? — pergunto, mesmo sabendo que é verdade.

— Que o último garoto se tornasse homem. Quando os meninos se tornavam homens, a verdade era revelada a eles. Ou uma versão dela, pelo menos. Então eles se transformavam em cúmplices também.

Lembro do Ruído de Ben na fazenda, sobre o meu aniversário e sobre como um garoto se torna homem.

Sobre o que cumplicidade realmente significa e como ela pode ser passada pra frente.

Como a cumplicidade estava esperando ser passada pra mim.

E sobre os homens que…

Tiro isso da minha cabeça.

— Isso não faz sentido — digo.

— Você era o último — Ben diz. — Se ele conseguisse tornar todo garoto de Prentisstown um homem de acordo com seus princípios, então ele é deus, né? Ele criou todos nós e está no controle completo.

— *Se um de nós cai...*

— *Todos caem* — Ben conclui. — É por isso que ele quer você. Você é um símbolo. O último garoto inocente de Prentisstown. Se ele conseguir tomar você para a causa dele, o exército estará completo, criado com perfeição.

— E se isso não acontecer? — quero saber, mesmo me perguntando se já não é tarde demais.

— Se isso não acontecer, ele vai te matar.

— Então, no fim das contas, o prefeito Prentiss é tão louco quanto Aaron — Viola diz.

— Não exatamente — Ben responde. — Aaron é louco, mas o prefeito sabe

usar a loucura dele para alcançar seus objetivos.

— Que são...? — Viola pergunta.

— Este mundo — Ben responde com calma. — Ele quer o mundo inteiro.

Abro a boca pra perguntar mais coisas que não quero saber, só que, como se nada mais pudesse acontecer, nós ouvimos.

Tum pacatum pacatum pacatum. O som se aproxima pela estrada, implacável, como uma piada que nunca vai ter graça.

— Isso *só* pode ser brincadeira — Viola reclama.

Ben já está em pé de novo, escutando.

— Parece ser um cavalo só.

Nós todos olhamos pra estrada, brilhando um pouco à luz das luas.

— Binóculo — Viola diz, agora bem do meu lado.

Eu pego o aparelho na bolsa sem falar nada, aperto o botão de visão noturna e olho, procurando pelo som que ecoa pelo ar da noite.

Tum pacatum pacatum pacatum.

Procuro mais longe na estrada, e ainda mais pra trás, até que…

Ali está.

Ali está *ele*.

Quem mais seria?

Prentiss Jr., vivo e inteiro e solto e de volta no cavalo dele.

— Droga. — Escuto de Viola, que lê meu Ruído quando entrego pra ela o binóculo.

— *Davy Prentiss?* — Ben pergunta, também lendo meu ruído.

— O próprio. — Ponho as garrafas de água de volta na bolsa de Viola. — Precisamos ir.

Viola entrega o binóculo pro Ben, e ele vê com os próprios olhos. Depois, afasta o binóculo do rosto e dá uma olhada rápida no aparelho.

— Engenhoso — diz.

— Temos que ir — Viola fala. — Como sempre.

Ben vira pra gente, o binóculo ainda na mão. Ele olha pra um e depois pro outro, e vejo o que está se formando no seu Ruído.

— Ben… — começo.

— Não. É aqui que eu deixo vocês.

— *Ben*…

— Eu posso lidar com esse desgraçado do Davy Prentiss.

— Ele está armado. Você não.

Ben chega perto de mim.

— Todd.

— Não, Ben — digo, minha voz ficando mais alta. — Não vou escutar nada.

Ben olha nos meus olhos, e percebo que ele não precisa mais se abaixar pra fazer isso.

— Todd — ele repete. — Eu compenso o mal que fiz quando mantenho você em segurança.

— Você não pode me deixar, Ben — digo, a voz ficando embargada (cala a boca). — De novo, não.

Ele faz que não com a cabeça.

— Não posso ir a Refúgio com vocês. Vocês sabem que não posso. Eu sou o inimigo.

— Podemos *explicar* o que aconteceu.

Mas ele continua fazendo que não com a cabeça.

— O cavalo está quase chegando — Viola diz.

Tum pacatum pacatum pacatum.

— A única coisa que faz de mim um homem é ver você se transformar em um também — diz ele, a voz firme como uma rocha.

— Ainda não sou um homem, Ben. — Sinto um nó na garganta (cala a boca). — Nem sei quantos dias faltam.

Então ele sorri, e é o sorriso que me convence que acabou.

— Dezesseis. Dezesseis dias até o seu aniversário. — Ele levanta o meu queixo. — Mas você já é um homem há um bom tempo. Não deixe que *ninguém* diga o contrário.

— Ben…

— Vai — ele diz, e se aproxima de mim, entregando o binóculo pra Viola. Depois, me dá um abraço, e eu escuto ele dizendo no meu ouvido: — Não tem pai no mundo mais orgulhoso que eu.

— Não — digo, meio que balbuciando. — Não é justo.

— Não é. — Ele se afasta. — Mas há esperança no fim da jornada. Lembre-se disso.

— Não vai embora.

— Preciso ir. O perigo está chegando.

— Está cada vez mais perto — Viola alerta, com o binóculo nos olhos.

Tum pacatum pacatum pacaTUM.

— Eu vou detê-lo. Vou ganhar tempo para vocês. — Ben olha pra Viola. — Cuide de Todd. Você me dá a sua palavra?

— Dou a minha palavra — Viola responde.

— Ben, por favor — sussurro. — Por favor.

Suas mãos apertam meus ombros pela última vez.

— Lembre-se. *Esperança*.

Ele não diz mais nada, só vira de costas e desce o morro do cimitério até a

estrada. Quando chega lá embaixo, ele olha pra trás e vê a gente ali, olhando pra ele.

— O que vocês estão esperando? — ele grita. — Corram!

37

QUAL É O SENTIDO?

NÃO VOU DIZER o que sinto quando descemos correndo o morro na outra direção, pra longe de Ben, pra sempre dessa vez, e como eu posso ter qualquer vida depois disso?

A vida é igual a correr, e quando a gente para de correr, talvez acabe descobrindo que a vida finalmente acabou.

— Vamos, Todd — Viola chama, olhando pra trás. — Por favor, rápido.

Não digo nada.

Só corro.

Acabamos de descer o morro e voltamos pro rio. De novo. Com a estrada do nosso lado. *De novo*.

Sempre a mesma coisa.

O som do rio está mais alto do que antes, a correnteza mais forte, mas quem liga? O que importa?

A vida não é justa.

Não é.

Nem nunca foi.

É inútil e idiota, e só tem sofrimento e dor e pessoas que querem te machucar. Você não pode amar nada nem ninguém, porque tudo vai ser tirado de você ou destruído, e você vai ficar sozinho e vai ter que lutar o tempo todo, tendo que fugir o tempo todo só pra continuar vivo.

Não tem nada de bom nessa vida. Não tem nada de bom em lugar nenhum.

Qual é a M... do sentido disso tudo?

— O sentido disso tudo — Viola diz, parando de repente em um pedaço cheio de mato e batendo com *muita força* no meu ombro — é que ele se importa com você o suficiente para talvez se sacrificar, e se você simplesmente DESISTIR — ela grita essa parte —, então o sacrifício dele não vai valer de *nada*.

— Ai — digo, esfregando o ombro. — Mas por que ele precisava se sacrificar? Por que eu tenho que perder ele *outra vez*?

Ela chega bem perto de mim.

— Você acha que é a única pessoa que perdeu alguém? — ela sussurra num tom ameaçador. — Você esqueceu que os meus pais morreram também?

Sim.

Esqueci.

Não falo nada.

— Você é tudo que eu tenho — Viola diz, a voz ainda cheia de fúria. — E *eu* sou tudo que você tem. E eu também estou com raiva por ele ter ido embora, e estou com raiva porque meus pais morreram, e estou com raiva porque um dia decidimos vir para este planeta, para começo de conversa, mas é assim que as coisas são e é uma droga que a gente esteja sozinho aqui, mas a gente não pode fazer nada em relação a isso.

Continuo quieto.

Mas ali está Viola, e eu olho pra ela, eu olho pra ela *de verdade*, provavelmente pela primeira vez desde que vi ela agachada perto do tronco no pântano, quando achei que ela fosse um Spackle.

Isso aconteceu há uma vida.

Ela ainda está meio que limpa depois dos dias em Colinas de Carbonel (isso foi ontem, só ontem), mas tem terra nas bochechas, e ela está mais magra do que antes, e com olheiras escuras, e o cabelo está bagunçado e desgrenhado, e as mãos estão pretas de fuligem, e a camisa está com uma mancha verde de grama na frente, de um tombo que ela levou, e tem um corte no lábio de quando um galho bateu nela quando estávamos correndo com Ben (os curativos acabaram), e ela está olhando pra mim.

Está me dizendo que ela é tudo que eu tenho.

E que eu sou tudo que *ela* tem.

E eu tenho um pouco dessa sensação.

As cores no meu Ruído ficam diferentes.

A voz dela fica mais suave, mas só um pouco.

— Ben se foi, e Manchee se foi, e minha mãe e meu pai se foram. Odeio tudo isso. *Odeio*. Mas estamos quase no fim. Estamos quase lá. E, se você não desistir, eu não vou desistir.

— Você acredita que tem esperança no fim? — pergunto.

— Não — responde ela, simplesmente, desviando o olhar. — Não, não acredito, mas vou em frente mesmo assim. — Ela volta a me olhar. — Você vem comigo?

Não preciso responder.

Continuamos correndo.

Mas.

— A gente devia simplesmente pegar a estrada logo — digo, afastando outro galho.

— Mas e o exército? E os cavalos?

— Eles sabem pra onde a gente tá indo. A gente sabe pra onde eles estão indo. Parece que todo mundo pegou a mesma rota pra chegar em Refúgio.

— E vamos ouvir eles chegarem — ela diz, concordando. — E a estrada é mais rápida.

— A estrada é mais rápida.

— Então vamos simplesmente pegar a M... da estrada e seguir até Refúgio — ela diz.

Dou um sorrisinho.

— Você disse *M*... — falo. — Você disse mesmo *M*...

Então a gente corre pela M... da estrada o mais rápido que o cansaço deixa. Ainda é a mesma estrada empoeirada, acidentada e às vezes enlameada de tantos e tantos quilômetros atrás, e ainda é o mesmo Novo Mundo cheio de árvores frondosas na nossa volta.

Se tivesse acabado de pousar aqui e não soubesse nada de nada, talvez você pensasse mesmo que, no fim das contas, aqui era o Éden.

Um vale amplo se abre na nossa frente, plano lá no fundo, onde passa o rio, mas colinas distantes começam a se erguer dos dois lados. Os montes são iluminados apenas pelo luar, sem nenhum sinal de povoados distantes nem de nada com luzes ainda acesas.

Também não tem sinal de Refúgio na nossa frente, mas estamos no ponto mais plano do vale e não dá pra ver muito além das curvas da estrada, tanto na nossa frente quanto atrás. A floresta ainda cobre as duas margens do rio, e você ficaria tentado a achar que o Novo Mundo fechou e todo mundo foi embora, deixando só essa estrada.

Seguimos em frente.

E em frente.

Só quando os primeiros raios da manhã aparecem no vale na nossa frente nós paramos pra pegar mais água.

Bebemos. Tem só o meu Ruído e o rio borbulhando.

Nada de cascos de cavalo. Nenhum outro Ruído.

— Você sabe que isso significa que ele conseguiu — Viola diz, sem me olhar nos olhos. — Seja lá o que aconteceu, ele deteve o homem a cavalo.

Só digo *humm* e faço que sim com a cabeça.

— E nós não ouvimos tiros.

Digo *humm* e balanço a cabeça de novo.

— Desculpe por gritar com você — ela diz. — Eu só queria que você continuasse andando. Não queria que parasse.

— Eu sei.

A gente se recosta em duas árvores na margem do rio. Estamos de costas para a estrada e, do outro lado do rio, só tem árvores e a parte mais distante do vale, e depois tem apenas o céu, ficando mais claro e mais azul e maior e mais vazio até que mesmo as estrelas começam a ir embora dele.

— Quando partimos na nave batedora, fiquei muito chateada por deixar meus amigos para trás — Viola diz, olhando pro outro lado do rio, que nem eu. — Eram só algumas crianças das outras famílias de cuidadores, mas mesmo assim. Achei que seria a única pessoa da minha idade neste planeta por sete meses inteiros.

Bebo um pouco de água.

— Eu não tinha nenhum amigo em Prentisstown.

Ela se vira pra mim.

— Como assim, “não tinha nenhum amigo”? Você tinha que ter amigos.

— Tive uns poucos durante um tempo, garotos alguns meses mais velhos que eu. Só que quando se tornam homens eles deixam de falar com outros garotos. — Dou de ombros. — Eu era o último. No fim era só eu e Manchee.

Ela olha pras estrelas se apagando.

— Que regra idiota.

— É.

Não falamos mais nada, só ficamos ali, eu e Viola na beira do rio, descansando enquanto outro amanhecer chega.

Só eu e ela.

A gente se mexe depois de um minuto e se prepara pra partir outra vez.

— Podemos chegar em Refúgio amanhã se continuarmos em frente.

— Amanhã — Viola concorda. — Espero que lá tenha comida.

É a vez de Viola de carregar a bolsa, então passo pra ela, e o sol nasce em cima do vale, e parece que o rio está correndo direto pra ele, e quando a claridade atinge as colinas da margem no outro lado, alguma coisa chama minha atenção.

Viola se vira imediatamente ao notar essa faísca no meu Ruído.

— O que foi?

Protejo os olhos do sol nascente. Tem uma pequena trilha de poeira se erguendo do alto das colinas distantes.

E ela está se mexendo.

— O que que é aquilo? — pergunto.

Viola pega o binóculo e olha.

— Não consigo ver direito. As árvores estão no caminho.

— Alguém viajando?

— Talvez seja a outra estrada. O caminho que não pegamos na bifurcação.

Observamos por alguns minutos enquanto a trilha de poeira continua a se mover lentamente, como uma nuvem distante, na direção de Refúgio. É estranho ver aquilo mas não ouvir nada.

— Eu queria saber onde está o exército — digo. — A que distância eles estão da gente.

— Talvez Colinas de Carbonel tenha resistido bem.

Viola aponta o binóculo rio acima pra ver o caminho que viemos, mas ele é plano demais, com curvas demais. Tudo o que dá pra ver é árvore. Árvore e céu e silêncio e uma verdadeira trilha de poeira abrindo caminho pelos cumes das colinas distantes.

— Devíamos ir — digo. — Estou começando a me sentir um pouco assustado.

— Então vamos — Viola concorda baixinho.

De volta à estrada.

De volta a essa vida de só correr e correr.

Estamos sem comida, então o café da manhã é uma fruta amarela que Viola encontrou em algumas árvores que passamos, um negócio que ela jura ter comido em Colinas de Carbonel. Elas viraram nosso almoço também, mas é melhor que nada.

Penso de novo na faca nas minhas costas.

Será que eu conseguiria caçar, se tivesse tempo?

Mas não temos tempo.

Passamos pelo meio-dia e chegamos à tarde. O mundo ainda é deserto e assustador. Só eu e Viola correndo pelo fundo do vale, sem povoados à vista, nenhuma caravana nem carroça, nenhum outro som que seja mais alto que o estrondo do rio, que vai ficando ainda mais barulhento a cada hora, até o ponto que é difícil até mesmo ouvir o meu Ruído, até o ponto que, mesmo quando queremos conversar, temos que quase gritar.

Mas estamos famintos demais pra conversar. Cansados demais pra conversar. E com pressa demais pra conversar.

Seguimos em frente.

E me pego observando Viola.

A trilha de poeira no topo distante da colina acompanha a gente, avançando aos pouquinhos conforme o dia passa e finalmente desaparece a distância, e eu noto que Viola fica de olho enquanto seguimos em frente. Vejo ela correr do meu lado, se encolhendo cheia de dores nas pernas. Vejo ela massageando os pés quando descansamos, e observo enquanto ela bebe água da garrafa.

Agora que eu olhei pra Viola, não consigo parar de ver.

Ela percebe que estou olhando.

— O que foi?

— Nada — digo, e olho pra qualquer lado, porque também não sei.

O rio e a estrada ficaram mais retos conforme o vale vai ficando mais íngreme e estreito. A gente vê um trechinho do caminho que já fizemos. Nada de exército, ainda, nenhum cavaleiro. O silêncio é quase mais assustador do que se houvesse Ruído por toda parte.

A noite vai chegando, e o sol se põe no vale atrás da gente; se põe onde o exército está, seja lá onde for, sobre o que quer que tenha restado do Novo Mundo, sobre o que quer que tenha acontecido com os homens que lutaram contra o exército e os homens que se juntaram a ele.

O sol se põe sobre o que quer que tenha acontecido com as mulheres.

Viola corre na minha frente.

Eu observo ela correndo.

Logo depois que anoitece, finalmente chegamos em outro povoado, mais um com docas no rio e nada mais. Tem só cinco construções ao longo de uma estradinha, e uma delas parece uma pequena mercearia, com tábuas pregadas na frente.

— Espera — Viola diz, parando.

— Jantar? — pergunto, recuperando o fôlego.

Ela faz que sim com a cabeça.

A gente tem que dar uns seis chutes pra abrir a porta da mercearia e, mesmo que claramente não tenha ninguém por perto, eu ainda olho ao redor esperando algum tipo de punição. Ali dentro o que mais tem é lata, mas encontramos um pão duro, algumas frutas machucadas e algumas tiras de carne-seca.

— Isso não deve estar aqui há mais de dois dias — Viola diz entre uma mordida e outra. — Eles devem ter fugido ontem ou anteontem para Refúgio.

— Boatos de exército são uma coisa poderosa — digo, sem mastigar a carne-seca o suficiente antes de engolir e me engasgando um pouco.

Enchemos a barriga o máximo que dá, e então eu enfio o resto da comida na bolsa de Viola, agora pendurada no meu ombro. É aí que vejo o livro. Ainda ali, ainda embalado no saco plástico, ainda com o talho da faca em suas páginas.

Coloco a mão no saco plástico e passo os dedos na capa. Ela é macia, e a encadernação ainda solta um cheiro delicado de couro.

O livro. O livro da minha mãe. Ele fez todo esse caminho do nosso lado. Sobreviveu ao próprio ferimento. Que nem a gente.

Olho pra Viola.

Ela me flagra de novo.

— *O que foi?* — ela pergunta.

— Nada. — Ponho o livro de volta na bolsa com a comida. — Vamos.

Voltamos pra estrada, continuamos a descer o rio, sempre na direção de Refúgio.

— Essa deve ser nossa última noite, sabia? — Viola comenta. — Se o dr. Snow estiver certo, vamos chegar lá amanhã.

— É. E o mundo vai mudar.

— De novo.

— De novo.

Damos mais alguns passos.

— Você está começando a sentir esperança? — Viola pergunta, com uma voz curiosa.

— Não — digo, confundindo meu Ruído. — E você?

As sobrancelhas de Viola estão erguidas, mas ela balança a cabeça.

— Não, não...

— Mas nós vamos pra lá mesmo assim.

— Ah, sim — Viola diz. — Custe o que custar.

— Custe o que custar.

O sol se põe, as luas surgem no céu outra vez em forma de foice, mas menores que na noite anterior. O céu ainda está limpo, as estrelas ainda estão lá em cima, o mundo ainda quieto, só o barulho do rio ficando mais alto.

A meia-noite chega.

Quinze dias.

Quinze dias até…

Até o quê?

Seguimos pela noite, o céu passando lentamente lá em cima, nossas palavras cessam enquanto digerimos o jantar e o cansaço toma conta de tudo outra vez. Pouco antes do amanhecer, encontramos duas carroças tombadas na estrada, grãos de trigo espalhados por toda parte e alguns cestos vazios virados de lado ao longo da estrada.

— Eles nem tiveram tempo de levar tudo — Viola diz. — Deixaram metade no chão.

— Um lugar tão bom quanto qualquer outro prum café da manhã.

Viro um dos cestos, arrasto ele prum ponto da estrada onde dá pra ver o rio e sento devagar nele.

Viola pega outro cesto, leva ele pro lado do meu e senta também. O céu, prestes a amanhecer, lança uns feixes de luz, a estrada seguindo bem na direção do nascer do sol, a correnteza do rio também. Abro a bolsa e pego a comida da mercearia, entrego um pouco pra Viola e comemos o que temos. Bebemos água das garrafas.

A bolsa está aberta no meu colo. Ali estão as últimas roupas que sobraram e o binóculo.

E ali está o livro outra vez.

Sinto o silêncio de Viola do meu lado, sinto a atração que esse silêncio provoca em mim e o vazio no meu peito e no meu estômago e lembro da dor que eu sentia quando ela chegava perto demais, de como isso me trazia uma sensação de tristeza, de perda, como se eu estivesse em queda livre, caindo no nada, de como me sufocava e me dava vontade de chorar, me fazia realmente *chorar*.

Mas agora…

Agora, nem tanto.

Olho pra ela.

Ela deve saber o que está no meu Ruído. Eu sou o único por perto, e ela está conseguindo ler o que penso cada vez melhor, mesmo com o rio ficando mais e mais barulhento.

Mas ela está sentada ali, comendo em silêncio, esperando eu falar.

Esperando eu perguntar.

Porque o que estou pensando é o seguinte.

Quando o sol nascer, esse será o dia que vamos chegar em Refúgio, o dia que vamos chegar num lugar com mais gente do que eu já vi na vida toda, um lugar tão cheio de Ruído que é impossível ficar sozinho, a menos que eles tenham encontrado uma cura, e nesse caso eu vou ser a única pessoa com Ruído, o que ia ser pior, na verdade.

Quando chegarmos em Refúgio, vamos ser parte de uma cidade.

Não vamos ser só Todd e Viola sentados perto do rio enquanto o sol nasce, tomando nosso café da manhã, as duas únicas pessoas no planeta.

Vai ser todo mundo, todos juntos.

Essa pode ser nossa última chance.

Deixo de olhar pra Viola e viro a cabeça pro outro lado.

— Sabe aquele negócio com as vozes que você faz?

— Sei — diz ela, em voz baixa.

Eu pego o livro.

— Você acha que consegue fazer uma voz de Prentisstown?

18

OUVI UMA DONZELA CHAMAR

— *Meu querido Todd* — Viola lê, copiando o sotaque de Ben da melhor maneira que ela consegue. O que já é bem bom. — *Meu filho querido.*

A voz da minha mãe. Minha mãe falando.

Cruzo os braços e olho pro trigo espalhado no chão.

— *Começo este diário no dia do seu nascimento, o dia em que o carreguei em meus braços pela primeira vez depois de carregá-lo em minha barriga. Você chuta tanto do lado de fora quanto chutava lá dentro! E você é a coisa mais bonita que já aconteceu em todo o universo. Você é de longe a coisa mais bonita no Novo Mundo e não há páreo para você em Nova Elizabeth, com certeza.*

Sinto meu rosto ficando vermelho, mas o sol ainda não está alto o suficiente pra perceber...

— *Eu gostaria que seu pai estivesse aqui para ver você, Todd, mas o Novo Mundo e o Senhor lá em cima acharam que deviam levá-lo com a doença cinco meses atrás, e nós dois simplesmente teremos que esperar para vê-lo no outro mundo.*

"Você é parecido com ele. Bom, bebês não se parecem muito com nada além de bebês, mas eu estou dizendo: você é parecido com ele. Você vai ser alto, Todd, porque seu pai era alto. Você vai ser forte, porque seu pai era forte. E você vai ser bonito, ah, como você vai ser bonito. As mulheres do Novo Mundo não sabem o que as espera."

Viola vira uma página, e eu não olho pra ela. Sinto que ela também não está

olhando pra mim, e eu não ia querer ver um sorriso no rosto dela nesse momento.

Porque uma coisa estranha está acontecendo.

As palavras dela não são as palavras dela, e estão saindo da sua boca como uma mentira, mas também formam uma verdade nova, criando um mundo diferente em que minha mãe está conversando comigo. Viola fala com uma voz que não é a dela, e o mundo, pelo menos por um tempinho, o mundo é todo pra mim, o mundo todo está sendo feito só pra mim.

— Deixe-me contar sobre o lugar onde você nasceu, filho. Ele se chama Novo Mundo e é um planeta feito totalmente de esperança…

Viola para, só por um segundo, mas depois continua:

— Chegamos aqui há quase dez anos à procura de um novo estilo de vida, limpo e simples e honesto e bom, um estilo diferente daquele do Velho Mundo em todos os aspectos, para que as pessoas possam viver em segurança e em paz, com Deus como nosso guia e com amor pelos outros homens.

"Houve dificuldades. Não vou começar esta história com uma mentira, Todd. Aqui num foi fácil…

"Aaah, olha só isso, estou escrevendo 'num' ao me dirigir a meu filho. Isso é o que a vida de colono faz com você, imagino, não há muito tempo para amenidades e é fácil descer ao nível das pessoas que gostam de não usar as boas maneiras. Mas não há mal em 'num', certo? Está bem, então está combinado. Minha primeira escolha ruim como mãe. Diga 'num' o quanto quiser, Todd. Prometo não corrigir você."

Viola aperta os lábios, mas eu não falo nada, então ela continua:

— Houve dificuldades e doenças no Novo Mundo e em Nova Elizabeth. Neste planeta há uma coisa chamada Ruído, contra a qual os homens estão lutando desde que aterrissamos, mas o estranho é que você vai ser um dos garotos no povoado que não vai ver nada de diferente, por isso vai ser difícil explicar como era a vida antes e por que é tão difícil agora, mas estamos conseguindo fazer as coisas da melhor maneira possível.

"Um homem chamado David Prentiss, que tem um filho só um pouquinho mais velho que você, Todd, e que é um dos nossos melhores organizadores… Acredito que ele era um cuidador na nave que nos trouxe, se não me falha a memória…"

Viola faz uma pausa ao ler, mas dessa vez sou eu que espero que ela diga alguma coisa. Ela não diz nada.

— Ele convenceu Jessica Elizabeth, nossa prefeita, a fundar este pequeno povoado do outro lado de um pântano enorme, de modo que o Ruído do Novo Mundo nunca nos alcance, a menos que a gente permita. Ainda é muito Ruidoso

aqui em Nova Elizabeth, mas pelo menos são pessoas que conhecemos, pessoas em quem confiamos. A maioria.

"Meu papel aqui é cuidar de várias plantações de trigo ao norte do povoado. Desde que seu pai morreu, nossos grandes amigos Ben e Cillian estão me ajudando, já que a fazenda deles é logo ao lado. Mal posso esperar para que você os conheça. Não, espere, você já conheceu! Eles já seguraram você no colo e disseram olá. Então, olha só, um dia no mundo e você já fez dois amigos. É uma boa maneira de começar, filho.

"Na verdade, tenho certeza de que você vai se sair bem, porque você chegou duas semanas mais cedo. Você claramente decidiu que já havia aguentado o suficiente aqui dentro e queria ver o que este mundo tinha a oferecer. Não posso culpá-lo. O céu é tão grande e azul, e as árvores tão verdes, e este é um mundo onde os animais falam com você, falam de verdade, e você pode até responder, e há muitas coisas bonitas para ver, há tanta coisa esperando por você, Todd, que eu quase não consigo suportar a ideia de que você não consiga ver tudo isso agora, de que você vai ter que esperar para ver tudo o que é possível, para usufruir de todas as coisas que pode fazer."

Viola respira fundo e diz:

— Tem uma pausa aqui e um espacinho na página, depois ela diz *Mais tarde*, como se tivesse sido interrompida. — Ela olha pra mim. — Você está bem?

— Estou, estou. — Faço que sim com a cabeça bem rápido, os braços ainda cruzados. — Continua.

Está ficando mais claro, o sol já nasceu. Desvio o olhar de Viola.

Ela lê.

— Mais tarde.

"Desculpe, filho, tive que parar por um minuto para uma visita do nosso homem santo, Aaron."

Outra pausa, Viola apertando os lábios de novo.

— Temos sorte de tê-lo aqui, embora eu tenha que admitir que ultimamente ele anda dizendo algumas coisas sobre os nativos do Novo Mundo que me obrigam a discordar dele. Aliás, por falar nisso, eles se chamam Spackle e foram uma GRANDE surpresa, pois no início eram tão tímidos que nem as pessoas que planejaram a viagem no Velho Mundo nem nossas primeiras naves de exploração sabiam que estavam aqui!

"São criaturas muito doces. Diferentes e talvez primitivas, sem língua falada ou escrita pelo que sabemos, mas não concordo com certos pensamentos das pessoas daqui de que os Spackle não sejam seres inteligentes. Aaron tem pregado ultimamente sobre como Deus criou uma linha divisória entre nós e eles e…

“Bom, isso na verdade não é coisa para se discutir no seu primeiro dia no mundo, é? Aaron tem grande fervor em suas crenças, ele tem sido um pilar de fé para todos nós nesses longos anos, e se alguém encontrar este diário e lê-lo, quero deixar registrado aqui que foi um privilégio recebê-lo para dar sua bênção a você em seu primeiro dia de vida. Está bem?

“E eu também vou dizer em seu primeiro dia de vida que a atração pelo poder é algo sobre o qual você deve aprender antes de ficar muito mais velho; isso é o que diferencia homens de meninos, embora não do jeito que a maioria dos homens pensa.

“E isso é tudo o que vou dizer. Que os olhos indiscretos saibam disso.

“Ah, filho, há tantas maravilhas no mundo. Não deixe que ninguém diga a você o contrário. Sim, a vida tem sido difícil aqui no Novo Mundo, admito, porque, se vou começar isso aqui, que seja um começo sincero. Quase me entreguei ao desespero. As coisas no povoado talvez estejam mais complicadas do que é possível explicar agora, e há coisas que, eu querendo ou não, você vai aprender sozinho logo, logo, e houve dificuldades com comida e com doenças e foi muito duro mesmo antes que a gente perdesse seu pai, e eu quase desisti.

“Mas não desisti. Não desisti por sua causa, meu menino lindo, tão lindo, meu filho maravilhoso que pode fazer deste mundo algo melhor, que eu prometo criar apenas com amor e esperança e que, eu juro, vai ver este mundo ficar bom. Eu juro.

“Porque, quando eu segurei você em meus braços pela primeira vez hoje de manhã e o amamentei, senti tanto amor por você que foi quase doloroso, quase como se eu não conseguisse suportar esse sentimento nem por mais um segundo.

“Mas foi só quase.

“E eu cantei para você uma música que minha mãe cantava para mim, e a mãe dela cantava para ela, que é assim.”

E aqui, é um negócio incrível: Viola canta.

Ela canta *de verdade*.

Minha pele fica arrepiada, sinto um aperto no peito. Ela deve ter ouvido a melodia inteira no meu Ruído e, claro, Ben cantando ela, porque ali está ela, saindo da sua boca como um sino badalando.

A voz de Viola ganha o mundo com a voz da minha mãe, cantando a música.

— De manhã cedo, com o sol nascendo, ouvi uma donzela chamar lá do vale. “Ah, não me engane, ah, não me abandone. Como você pode usar uma pobre donzela assim.”

Não consigo olhar pra ela.

Não consigo olhar pra ela.

Ponho as mãos na cabeça.

— É *uma canção triste, Todd, mas também é uma promessa. Eu nunca vou enganá-lo e nunca vou abandoná-lo e eu lhe prometo isso, para que um dia você possa prometer isso aos outros sabendo que é verdade.*

"Ah, Todd! É você chorando. É você chorando no seu berço, acordando do seu primeiro sono no seu primeiro dia de vida e pedindo ao mundo que vá até você.

"Por isso, por hoje, eu tenho que deixar isso aqui de lado.

"Você está chamando por mim, filho, e eu vou atendê-lo."

Viola para de ler, e sobra só o rio e o meu Ruído.

— Tem mais — ela diz depois de um tempo em que continuo de cabeça baixa, ao folhear as páginas. — Tem muito mais. — Ela olha pra mim. — Você quer que eu continue? — Ela volta a olhar pro livro. — Quer que eu leia o fim?

O fim.

Ler a última coisa que minha mãe escreveu nos últimos dias antes…

— Não — respondo rápido.

Você está chamando por mim, filho, e eu vou atendê-lo.

No meu Ruído pra sempre.

— Não — repito. — Por enquanto, vamos parar por aqui.

Olho pra Viola e percebo que o rosto dela está com uma expressão tão triste quanto o meu Ruído. Os seus olhos estão cheios dágua, e o queixo tremendo, só um pouco, uma tremedeira leve na luz do amanhecer. Ela me vê observando, sente o meu Ruído observando ela, então se vira na direção do rio.

E ali, naquela manhã, naquele novo amanhecer, eu me dou conta de uma coisa.

Eu me dou conta de uma coisa importante.

Tão importante que preciso levantar assim que percebo.

Eu sei o que ela está pensando.

Eu *sei* o que ela está pensando.

Mesmo ela estando de costas pra mim, eu sei o que ela está pensando e sinto o que se passa dentro dela.

O jeito que ela virou o corpo, o jeito que ela apoia a cabeça nas mãos, que o livro está no seu colo, o jeito que ela levanta um pouco as costas quando escuta tudo isso no meu Ruído.

Eu consigo ler tudo isso.

Eu consigo *ler* Viola.

Porque ela está pensando em como os pais dela também vieram pra cá cheios de esperança, que nem a minha mãe. Ela está se perguntando se a esperança no fim da nossa jornada é tão falsa quanto a que havia no fim da jornada da minha mãe. Está pegando as palavras da minha mãe e colocando elas na boca dos pais

dela; está ouvindo eles dizerem que amam ela e que sentem a falta dela e que desejam tudo de bom pra ela. E Viola está pegando a música da minha mãe e transformando ela em algo diferente, até que se torna uma coisa muito triste feita totalmente por ela.

E isso machuca Viola, mas é um sofrimento tranquilo, mas ainda assim machuca, mas é bom, mas machuca.

Ela está sofrendo.

Sei disso tudo.

Sei que é verdade.

Porque eu consigo ler ela.

Consigo ler seu Ruído, embora ela não tenha nenhum.

Sei quem ela é.

Conheço Viola Eade.

Ponho as mãos na cabeça, como se quisesse segurar tudo ali dentro.

— Viola — sussurro com voz trêmula.

— Eu sei — diz ela, baixinho, os braços abraçando o próprio corpo, ainda sem olhar pra mim.

Olho pra ela sentada ali, e ela olha pro outro lado do rio, e esperamos até amanhecer completamente, nós dois cientes de tudo aquilo.

Cada um de nós conhecendo o outro.

39

A CACHOEIRA

O SOL RASTEJA céu acima e o rio está barulhento, e agora podemos ver ele descendo rápido na direção do fim do vale, vomitando águas turbulentas e corredeiras.

É Viola que quebra o feitiço que caiu em cima da gente.

— Você sabe o que isso significa, não sabe? — ela pergunta, pegando o binóculo e olhando rio abaixo.

O sol está se erguendo no fim do vale. Ela tem que proteger as lentes com a mão.

— O quê? — pergunto.

Ela aperta uns botões no binóculo e olha de novo.

— O que você está vendo? — pergunto.

Ela me entrega o binóculo.

Olho pro rio, seguindo as corredeiras e a espuma até…

Até o fim.

Alguns quilômetros lá na frente, o rio termina de repente.

— Outra cachoeira — digo.

— Parece bem maior do que aquela que vimos com Wilf.

— De algum jeito a estrada vai passar por ela — digo. — Isso não deve atrapalhar a gente.

— Não foi isso o que eu quis dizer.

— O que foi, então?

— O que eu quis dizer é — Viola começa, franzindo um pouco a testa por causa da minha burrice — que cachoeiras grandes como essa costumam ter uma cidade ao redor. Se você tivesse que escolher um lugar em qualquer ponto de um planeta para um primeiro povoado, então um vale na base de uma cachoeira, com terras férteis e água abundante, pareceria perfeito do espaço.

Meu Ruído aumenta um pouco, mas só um pouco.

Quem pensaria numa coisa dessas?

— Refúgio — digo.

— Aposto qualquer coisa com você como nós encontramos. Aposto com você que, quando chegarmos naquela cachoeira, vamos ver o povoado lá embaixo.

— Se a gente correr, dá pra chegar lá em uma hora. Até menos.

Ela olha nos meus olhos pela primeira vez desde o livro da minha mãe.

— *Se* a gente correr?

Então ela sorri.

Um sorriso verdadeiro.

Também sei o que isso significa.

Pegamos nossas poucas coisas e partimos.

Mais rápido que antes.

Meus pés estão cansados e machucados. Os dela também devem estar. Estou com bolhas e dores, e meu coração sofre por tudo que eu perdi e por tudo que se foi. E o dela também.

Mas a gente corre.

Cara, a gente corre muito.

Porque talvez (cala a boca)…

Só talvez (nem pensa nisso)…

Talvez realmente *tenha* esperança no fim da jornada.

O rio fica mais revolto e menos sinuoso enquanto avançamos, e as paredes do vale se aproximam cada vez mais; a do nosso lado fica tão perto que a margem da estrada fica colada na encosta. As corredeiras borrifam água, que fica flutuando no ar. Nossas roupas ficam molhadas, o rosto também, e as mãos. O rugido do rio se transforma num trovão, enchendo o mundo com a presença dele, quase como uma coisa física, mas não de um jeito ruim. Como se estivesse lavando você, como se lavasse o Ruído e mandasse ele pra longe.

Penso: *Por favor, que Refúgio esteja no pé dessa cachoeira.*

Por favor.

Vejo Viola olhar pra mim enquanto corremos, e o seu rosto brilha, e ela continua a me dar força, balançando a cabeça e sorrindo, e eu penso como a esperança pode empurrar você pra frente, pode fazer você continuar, mas como isso é perigoso também, é doloroso e arriscado, é desafiar o mundo, e quando

que o mundo alguma vez perdeu um desafio?

Por favor, que Refúgio seja ali.

Por favor, por favor, por favor.

Até que enfim a estrada começa a subir um pouco, se erguendo levemente sobre o rio, e a água começa a bater muito forte nas rochas. Não tem mais faixa de mata entre nós e o rio agora; tem só um morro cada vez mais íngreme na direita enquanto o vale vai chegando ao fim, e depois não tem nada além do rio e da cachoeira adiante.

— Quase lá! — Viola grita na minha frente, correndo, o cabelo balançando na nuca, o sol brilhando em cima de tudo.

Então…

Então, na beira do penhasco, a estrada desce de repente, fazendo uma curva pra direita.

É aí que a gente para.

A cachoeira é enorme, meio quilômetro de largura fácil. A água, que ruge além do penhasco, vira uma espuma branca violenta, borrifando em centenas de metros embaixo, em cima e por toda a volta, encharcando nossas roupas e projetando um monte de arco-íris por toda parte quando é iluminada pela luz do sol nascente.

— Todd — Viola diz, tão baixo que mal consigo ouvir.

Mas não preciso ouvir.

Eu sei o que ela está pensando.

Assim que a queda-dágua começa, o vale volta a abrir, largo como o próprio céu, recebendo o rio que se forma de novo na base da cachoeira, que ainda bate, fazendo mais espuma branca um pouco mais adiante antes de se acalmar outra vez.

E correr para Refúgio.

Refúgio.

Tem que ser.

Se espalhando na nossa frente que nem uma mesa cheia de comida.

— Ali está ela — Viola diz.

Sinto os dedos dela se entrelaçando nos meus.

A cachoeira na nossa esquerda, borrifos e arco-íris no céu, o sol subindo na nossa frente, o vale lá embaixo.

E Refúgio ali parada, esperando.

A três, talvez quatro quilômetros de distância.

Mas está ali.

Está bem ali.

Olho ao redor, até o lugar que a estrada faz uma curva fechada bem na nossa

frente; ela desce e recorta a encosta do vale na nossa direita e, depois, forma um zigue-zague em um padrão tão regular que parece um zíper, até onde encontra o rio outra vez.

E a estrada vai do lado dele direto até Refúgio.

— Eu quero ver — Viola diz, soltando a minha mão e pegando o binóculo. Ela coloca o aparelho nos olhos, em seguida limpa os borrifos de água das lentes e olha um pouco mais. — É bonita — é tudo o que ela diz, então continua olhando e limpa mais gotículas de água.

Depois de um minuto, e sem dizer mais nada, ela me passa o binóculo, e eu dou minha primeira olhada em Refúgio.

O volume dos borrifos é tão intenso que, mesmo limpando as gotas da lente, não dá pra ver detalhes, tipo pessoas nem nada disso, mas tem todo tipo de construção, a maioria em volta do que parece ser uma igrejona no centro, mas tem outras construções grandes também, e estradas bem cuidadas serpenteando no meio das árvores e ligando o centro até outros grupos de construções.

Deve ter pelo menos cinquenta construções ali.

Talvez *cem*.

É a maior coisa que eu já vi em toda a minha vida.

— Vou te dizer que é um tanto menor do que eu esperava — Viola comenta.

Mas eu não escuto ela de verdade.

Com o binóculo, sigo a estrada do rio de volta e vejo o que deve ser uma barricada, com o que parece uma cerca fortificada que vai de um lado até o outro.

— Eles estão se preparando — digo. — Eles estão se preparando pra lutar.

Viola olha pra mim, preocupada.

— Você acha que Refúgio é grande o suficiente? Você acha que vamos estar em segurança?

— Isso depende se os boatos sobre o exército são verdade ou não.

Olho pra trás, por instinto, como se o exército estivesse bem ali esperando a gente pra avançar. Volto a olhar pro morro do nosso lado. Pode ser uma boa vista.

— Vamos descobrir — digo.

Voltamos correndo por um trecho da estrada, procurando um bom lugar pra escalar; logo encontramos um e começamos a subida. Minhas pernas ficam leves enquanto subo, meu Ruído mais claro do que nos últimos dias. Estou triste por Ben, estou triste por Cillian, estou triste por Manchee, estou triste por tudo que aconteceu comigo e com Viola.

Mas Ben estava certo.

Tem esperança nos pés da maior cachoeira de todas.

E talvez isso não seja tão ruim, no fim das contas.

Subimos no meio das árvores. O morro é íngreme acima do rio, e a gente tem que se agarrar em cipós e se segurar em pedras pra subir o suficiente pra olhar a estrada lá embaixo, o vale se estendendo na nossa frente.

Ainda estou com o binóculo e olho pro rio e pra estrada por cima dos topos das árvores. Preciso limpar as gotas de água toda hora.

— Você consegue ver o exército? — Viola pergunta.

O rio vai ficando menor lá longe, lá atrás, lá, lá atrás.

— Não — digo.

Eu olho de novo.

Mais uma vez.

E…

Ali.

Lá embaixo, na curva mais profunda da estrada, na parte mais profunda do vale, na sombra mais distante do sol nascente, lá estão eles.

Uma massa que só pode ser o exército, marchando pra frente, tão longe que só dá pra saber que são eles porque parecem água escura correndo num leito seco. É difícil perceber os detalhes a essa distância, e não consigo ver direito os homens e acho que não tem cavalos.

É só uma massa, uma massa que se derrama pela estrada.

— De que tamanho ele está? — ela pergunta. — Cresceu muito?

— Não sei. Trezentos? Quatrocentos? Não sei. Na verdade, estamos longe demais... — Eu paro. — Estamos longe demais pra dizer com certeza. — Dou um sorriso. — A quilômetros e quilômetros.

— Nós vencemos — Viola diz, abrindo um sorriso também. — Nós fugimos, eles nos perseguiram e nós vencemos.

— Vamos chegar em Refúgio e alertar a quem estiver no comando, seja lá quem for — digo, falando mais rápido, o meu Ruído ficando mais alto com a minha empolgação. — Mas eles têm uma linha de batalha, e o espaço pra atacar é muito estreito, e o exército não deve chegar *pelo menos* até o fim do dia, talvez não chegue nem mesmo hoje à noite, e eu juro que não pode ter mil homens ali.

Eu juro.

(Mas.)

Viola está sorrindo, o sorriso mais cansado e feliz que já vi. Ela pega minha mão de novo.

— Nós vencemos.

Então lembro dos riscos da esperança outra vez, e meu Ruído fica um pouco cinzento.

— Bom, nós ainda não estamos lá, e não sabemos se Refúgio pode…

Mas Viola balança a cabeça.

— Não — ela insiste. — Nós vencemos. Trate de me escutar e ficar feliz, Todd Hewitt. Passamos todo esse tempo correndo na frente de um exército e sabe de uma coisa? Ultrapassamos eles.

Ela olha pra mim, sorrindo, esperando algo.

Meu ruído está zumbindo e feliz e quente e cansado e aliviado e ainda um pouco preocupado, mas eu penso que talvez ela esteja certa, talvez a gente tenha ganhado e talvez eu devesse abraçar ela, se isso não fosse tão estranho, e eu acho que, no meio de tudo isso, eu realmente concordo com ela.

— Nós vencemos — digo.

Então ela me abraça bem apertado, como se a gente pudesse cair, e nós ficamos ali parados na encosta molhada e respiramos um pouco.

Ela já não tem tanto cheiro de flores, mas tudo bem.

A queda-dágua está abaixo de nós, seguindo seu caminho, e Refúgio está reluzindo atrás da nuvem de borrifos iluminada pelo sol, e o sol brilha por todo o caminho do rio antes da cachoeira, fazendo ele parecer uma cobra feita de metal.

Deixo meu Ruído borbulhar com pequenas centelhas de felicidade, e meu olhar volta a percorrer a extensão do rio e…

Não.

Todos os músculos do meu corpo ficam tensos.

— O que foi? — Viola pergunta, se afastando com um sobressalto.

Ela vira a cabeça rápido na direção que estou olhando.

— *O que foi?* — pergunta outra vez.

Então ela vê.

— Não — Viola diz. — Não, não pode ser.

Descendo o rio tem um barco.

Perto o bastante pra ver sem binóculo.

Perto o bastante pra ver o rifle e a túnica.

Perto o bastante pra ver as cicatrizes e a fúria.

Remando freneticamente na nossa direção, chegando que nem o juízo final em pessoa.

Aaron.

40

O SACRIFÍCIO

— Ele viu a gente? — Viola pergunta, com a voz tensa.

Aponto o binóculo. Aaron brota nas lentes, enorme e assustador. Aperto alguns botões pra afastar a imagem. Ele não está olhando pra nós, só rema sem parar que nem um motor pra levar o barco até a margem do rio e a estrada.

O rosto dele está rasgado e horrível, sujo e ensanguentado, o buraco velho na bochecha, o buraco novo onde antes ficava o nariz, e mesmo assim, por baixo de tudo isso, uma expressão feroz e faminta, uma expressão impiedosa, uma expressão de quem não vai parar, de quem não vai parar nunca, nunca.

A guerra transforma homens em monstros, ouço Ben dizer.

Tem um monstro vindo na nossa direção.

— Acho que ele não viu a gente — respondo. — Ainda não.

— Conseguimos ser mais rápidos que ele?

— Ele está armado. E daqui dá pra ver toda a estrada até Refúgio.

— Vamos sair da estrada, então. Vamos pelo meio das árvores.

— Não tem muita coisa entre a gente e a estrada lá embaixo. Vamos ter que ser rápidos.

— Eu consigo ir rápido.

Descemos o morro correndo, escorregando nas folhas e nos cipós molhados, tentando segurar nas pedras da melhor maneira possível. A cobertura de árvores não é tão densa, e ainda podemos ver o rio, ver Aaron enquanto ele rema.

O que significa que, se ele olhar pro lugar certo, vai ver a gente.

— Rápido! — Viola exclama.

Descendo…

E descendo…

E deslizando até a estrada…

E patinhando na lama na margem da estrada…

E quando finalmente chegamos à estrada, ele está, mais uma vez, fora do nosso campo de visão, ainda lá atrás no rio.

Mas só por um segundo…

Porque ali está ele…

A corrente traz ele bem depressa…

Descendo o rio…

Totalmente à vista…

Olhando direto pra gente.

O rugido da cachoeira é alto o suficiente pra devorar qualquer coisa, mas eu ainda escuto a voz dele.

Eu ouviria se estivesse do outro lado do planeta.

— TODD HEWITT!

E ele pega o rifle.

— Vai! — grito.

Viola corre, e eu vou logo atrás dela, seguindo pro topo da estrada, pro ponto onde ela começa a descer em zigue-zague.

São quinze passos, talvez vinte, até a gente conseguir sumir depois do topo…

Corremos como se tivéssemos passado as duas últimas semanas descansando…

Tump tump tump na estrada…

Olho pra trás…

Vejo Aaron tentar pegar o rifle com uma mão só…

Tentar equilibrar a arma enquanto mantém o barco firme…

O barco balança nas corredeiras, jogando Aaron de um lado pro outro…

— Ele não vai conseguir — grito pra Viola. — Ele não tem como remar e atirar ao mesmo tempo!

BANG!

Com um estouro, a lama voa perto dos pés de Viola, na minha frente.

Eu grito, e Viola grita, e nós dois nos encolhemos, por puro instinto…

Correndo cada vez mais rápido…

Tump tump tump…

Corre corre corre corre corre, meu Ruído explode, como um foguete…

Sem olhar para trás…

Cinco passos…

Corre corre…

Três…

BANG!

E Viola cai…

— NÃO! — grito.

Ela cai além da beira da estrada, tropeçando pelo outro lado e rolando…

— NÃO! — grito outra vez, e pulo atrás dela.

Desço aos tropeços a encosta íngreme.

Correndo a toda a velocidade pra alcançar ela…

Não…

Isso não…

Não agora…

Não assim tão…

Por favor, não…

Ela rola pelos arbustos baixos do lado da estrada e acaba atravessando eles.

E para com o rosto virado pra baixo.

Corro na direção de Viola, e eu mal consigo ficar em pé, e me ajoelho no mato rasteiro, então seguro ela e viro ela pra cima, procurando o sangue e o tiro, dizendo "*Não não não não não…*" Estou quase cego de raiva e desespero e da falsa promessa de esperança e não não não…

Ela abre os olhos…

Ela abre os olhos e me abraça e diz:

— Ele não me acertou, ele não me acertou.

— Não? — pergunto, sacudindo ela um pouco. — Tem certeza?

— Eu só caí — ela responde. — Juro que senti a bala passar bem perto de mim, então caí, mas estou bem.

Minha respiração está pesada e pesada e pesada.

— Graças a Deus. Graças a Deus.

E o mundo gira, meu Ruído rodopia.

Viola já está ficando de pé, e eu levanto atrás dela no meio dos arbustos e olho pra estrada ao redor e abaixo da gente.

A cachoeira faz um estrondo no penhasco na nossa esquerda, e a estrada cheia de curvas está ao mesmo tempo atrás de nós e na nossa frente, seu zigue-zague formando o zíper até a base da queda-d'água.

É uma linha de tiro livre.

Nenhuma árvore, só uns arbustinhos.

— Ele vai pegar a gente — Viola alerta, olhando de novo pro alto da estrada, onde não dá pra ver Aaron, que sem dúvida continua seguindo até a margem do rio, atravessando águas revoltas, *caminhando* sobre elas, até onde eu sei.

— TODD HEWITT! — ouvimos outra vez, lá longe, em meio ao rugido da água, mas ainda alto, como se pudesse ser ouvido pelo universo inteiro.

— A gente não tem onde se esconder — Viola diz, olhando ao redor. — Só no fim da estrada.

Também olho em volta. As encostas são íngremes demais, a estrada, ampla demais, e as plantas no espaço entre as duas mãos da estrada são muito baixas.

Nenhum lugar pra se esconder.

— TODD HEWITT!

Viola aponta pra cima.

— A gente pode tentar chegar naquelas árvores no alto do morro.

Só que é íngreme demais, já consigo ouvir a esperança se apagando na voz dela.

Giro o corpo, observando…

Então vejo.

Uma pequena trilha, quase invisível, muito estreita, praticamente inexistente, começando na primeira curva da estrada e indo pra cachoeira. Ela desaparece depois de alguns metros, mas acho que consigo imaginar até onde ela deve ir.

Direto pra beira do precipício.

Direto prum lugar quase atrás da cachoeira.

Direto até uma saliência quase escondida.

Uma saliência embaixo da própria queda-d’água.

Dou alguns passos pra fora das moitas e de volta à estrada. A trilha desaparece.

A tal saliência também.

— Que foi? — Viola pergunta.

Volto de novo pras moitas.

— Ali. Você consegue ver?

Ela aperta os olhos na direção que estou apontando. A cachoeira faz uma sombrinha na saliência, um ponto mais escuro onde a trilhazinha termina.

— Dá pra ver ela daqui — digo. — Mas não dá pra ver da estrada. — Olho pra ela. — Vamos nos esconder.

— Ele vai ouvir você. Ele vai vir atrás da gente.

— Não com esse barulho todo, não se eu abafar meu Ruído.

Ela enruga a testa, olha pra estrada que leva até Refúgio e, em seguida, pro ponto onde Aaron deve aparecer a qualquer momento.

— Estamos muito perto — ela diz.

Pego o braço de Viola e começo a puxar.

— Vamos. É só até ele passar. Só até escurecer. Com sorte ele vai achar que a gente voltou pras árvores lá em cima.

— Se ele encontrar a gente, não vai ter saída.

— E se a gente correr pra cidade, ele vai atirar. — Eu olho pra ela bem nos olhos. — É uma chance. Nós temos uma *chance*.

— Todd…

— Vem comigo — digo, encarando ela com o olhar mais sério possível, com o máximo de esperança que consigo reunir. *Ah, não me abandone*. — Prometo levar você pra Refúgio hoje à noite. — Aperto o braço dela. *Ah, não me engane*. — Eu prometo.

Ela continua me olhando, ouvindo tudo, então faz um gesto só com a cabeça, e corremos até o começo da trilha e saltamos por cima dos arbustos e…

— TODD HEWITT!

Ele está quase na cachoeira…

Descemos pela encosta íngreme à beira da água, o morro alto acima de nós…

E escorregamos pra baixo e até a beira do penhasco.

A cachoeira está bem na nossa frente…

Chego na beirada, e de repente tenho que me inclinar pra trás, porque a queda-dágua está bem ali…

Viola me agarra pela camisa e me segura…

E a água despenca bem na nossa frente nas pedras lá embaixo…

E a saliência que leva pra baixo de tudo aquilo está bem ali…

Só é preciso saltar sobre o vazio pra chegar até ela.

— Eu não tinha visto essa parte — digo, Viola se agarrando na minha cintura pra gente não cair.

— TODD HEWITT!

Ele está perto, está muito perto…

— É agora ou nunca, Todd — ela diz no meu ouvido…

E ela me solta…

Eu pulo…

Estou voando…

A borda da cachoeira está se projetando em cima da minha cabeça…

Eu aterrisso…

Eu viro…

E ela pula atrás de mim…

Eu seguro ela e nós dois caímos pra trás na saliência…

Ficamos ali deitados, respirando…

E ouvindo…

Tudo que escutamos por um momento é o rugido da água em cima da gente…

Então, dá pra ouvir, baixinho mas se destacando de tudo aquilo…

— TODD HEWITT!

De repente, ele parece estar a quilômetros de distância.

Viola continua em cima de mim, minha respiração ofegante no rosto dela, a respiração ofegante dela no meu rosto.

Nós olhamos um pro outro.

E está barulhento demais pra ouvir o meu Ruído.

Depois de um segundo, ela apoia as mãos, cada uma de um lado do meu corpo, e se afasta. Então ela ergue os olhos, que imediatamente ficam arregalados.

— Uau.

Rolo pro lado e olho pra cima.

Uau.

O lugar que a gente caiu é mais do que uma saliência. Ela continua por trás da cachoeira e vai longe, *bem* longe. Estamos parados no início de um túnel com uma parede feita de rocha e outra feita totalmente de água caindo, passando por nós, branca e limpa, tão rápida que quase parece sólida.

— Vamos — digo, e sigo pela saliência, meus sapatos escorregando.

O chão é rochoso, molhado e lodoso, e nós nos mantemos perto da parede de pedra, o mais longe possível daquele trovão feito de água.

O barulho é ensurdecedor. Ele consome tudo, como se fosse algo real, que desse pra tocar e provar.

Tão alto que o Ruído desaparece.

Tão alto que é o maior silêncio que já senti.

Seguimos pela saliência embaixo da cachoeira, abrindo caminho por entre pedras altas e pequenas poças com uma gosma verde crescendo nelas. Tem umas raízes também, pendendo das rochas de cima, que pertencem a sei lá que tipo de planta.

— Parecem degraus para você? — Viola grita, sua voz sumida em meio ao rugido.

— TODD HEWITT! — escutamos a voz do Aaron, que parece estar a um milhão de quilômetros de distância.

— Será que ele achou a gente? — Viola pergunta.

— Não sei. Acho que não.

A superfície do penhasco não é regular, e a saliência faz uma curva mais pra frente. Nós dois estamos encharcados, e a água está fria, e não é fácil se agarrar nas raízes pra manter o equilíbrio.

Então a saliência de repente desce e se alarga, e os degraus entalhados na pedra ficam mais óbvios. É quase uma escada mesmo.

Alguém já esteve ali.

Nós descemos, a água trovejando a centímetros da gente.

Chegamos no fundo.

— Ei — Viola diz atrás de mim, e eu simplesmente sei que ela está olhando pra cima.

O túnel se abre de repente, e ao mesmo tempo a saliência se alarga pra se transformar numa caverna feita de água, as rochas se projetando bem acima da nossa cabeça, a cachoeira despencando por cima delas na parede curva, como uma vela de barco em movimento, envolvendo a parede e a superfície plana sob nossos pés.

Mas esse não é o motivo do "ei".

— É uma igreja — digo.

É uma igreja. Alguém colocou ou entalhou pedras ali pra formar quatro fileiras de bancos simples com um corredor no meio; na frente, uma rocha mais alta, um púlpito, um púlpito com uma superfície lisa, onde um pregador podia ficar em pé e pregar, com uma parede branca e brilhante de água despencando atrás dele, o sol da manhã iluminando como se fosse um lençol de estrelas, enchendo o ambiente com centelhas brilhantes refletindo em cada superfície molhada, e, no fundo, um círculo entalhado na pedra com dois círculos menores de um lado dele: o Novo Mundo e suas luas. O novo lar de esperança dos colonos, a promessa de Deus pintada em um branco à prova dágua, praticamente brilhando na parede de pedra, iluminando a igreja.

A igreja debaixo da cachoeira.

— É bonita — Viola diz.

— Está abandonada — digo, porque, depois da surpresa de encontrar o lugar, percebo que alguns dos bancos caíram e não foram recolocados, e tem inscrições por todas as paredes, algumas entalhadas na pedra, outras escritas na mesma tinta à prova dágua da imagem do Novo Mundo, a maioria delas sem sentido. *P.M. + M.A.* e *Will & Chillz p/ sempre* e *Abandonai toda a esperança, vós que aqui* alguma coisa alguma coisa.

— São crianças — Viola comenta — que vêm aqui escondidas e fazem do lugar um espaço só delas.

— É? Crianças fazem isso?

— Na nave, tínhamos um duto de ventilação sem uso, e a gente entrava nele escondido — ela explica, olhando ao redor. — Lá ficou mais marcado do que aqui.

Caminhamos pelo interior, olhando em volta, boquiabertos. O ponto do telhado em que a água cai do penhasco deve ficar uns dez metros acima de nós, e o lugar tem fácil uns cinco metros de largura.

— Deve ser uma caverna natural — digo. — Eles devem ter encontrado isso aqui e achado que era algum tipo de milagre.

Viola cruza os braços.

— Então descobriram que não era muito prático para fazer de igreja.

— Molhado demais. Frio demais.

— Aposto que isso aconteceu assim que pousaram aqui — ela diz, olhando pro Novo Mundo branco. — Aposto que foi no primeiro ano. Tudo novo e cheio de esperança. — Ela dá uma volta, observando tudo. — Antes do choque de realidade.

Também dou uma volta devagar. Posso ver exatamente o que eles estavam pensando. O sol refletindo na cachoeira, transformando tudo em um branco brilhante, e o som é, ao mesmo tempo, tão alto e tão silencioso que, mesmo sem o púlpito e os bancos, já daria a sensação de que, de algum modo, a gente estava entrando numa igreja, como se fosse sagrado, mesmo sem nenhum homem ter visto.

Então percebo que, depois dos bancos, não tem nada. Nada além de uma queda de cinquenta metros até as rochas lá embaixo.

Então é aqui que a gente vai ter que esperar.

É aqui que a gente vai ter que torcer.

Na igreja embaixo dágua.

“Todd Hewitt!” mal chega pelo túnel até nós.

Viola estremece.

— O que a gente faz agora?

— Espera até anoitecer. Depois saímos daqui e torcemos pra ele não ver a gente.

Eu sento em um dos bancos de pedra. Viola senta do meu lado. Ela passa a bolsa por cima da cabeça e coloca ela no chão de pedra.

— E se ele encontrar a trilha? — pergunta.

— Espero que ele não encontre.

— Mas e se ele encontrar?

Levo a mão às costas e pego a faca.

A faca.

Nós dois olhamos pra ela, refletindo a água branca, as gotículas já se acumulando na lâmina, fazendo ela brilhar como uma pequena tocha.

A faca.

Não falamos nada, só observamos seu brilho no meio da igreja.

— Todd Hewitt!

Viola olha pra entrada da igreja e leva a mão ao rosto. Percebo que ela trinca os dentes.

— Mas o que será que ele *quer*? — ela pergunta, de repente furiosa. — Se o exército inteiro está atrás de você, o que ele quer comigo? Por que tentou atirar

em mim? Eu não entendo.

— Pessoas loucas não precisam de explicação pra nada.

Mas meu Ruído lembra do sacrifício que eu vi ele tentar fazer com ela lá no pântano.

Ele chamou ela de sinal.

Um presente de Deus.

Não sei se Viola ouve isso ou se ela se lembra disso, porque então diz:

— Acho que eu não sou o sacrifício.

— O quê?

Ela vira pra mim com o rosto perplexo.

— Acho que não sou eu. Aaron me manteve dormindo quase o tempo todo e, quando eu acordava, não parava de ver coisas confusas no Ruído dele, coisas que não faziam sentido.

— Ele é maluco. Mais maluco do que a maioria.

Ela não fala mais nada, só fica olhando pra cachoeira.

Estende o braço e pega minha mão.

— TODD HEWITT!

Sinto a mão de Viola estremecer, e meu coração dá um pulo.

— Está mais perto — ela diz. — Ele está chegando mais perto.

— Ele não vai achar a gente.

— Vai, sim.

— Se acontecer, a gente vai lidar com isso.

Nós dois olhamos para a faca.

— TODD HEWITT!

— Ele encontrou a gente — Viola diz, segurando meu braço e chegando mais perto de mim.

— Ainda não.

— Estávamos quase lá — ela lamenta, com a voz aguda e um pouco embargada. — Quase.

— Vamos chegar lá.

— TODD HEWITT!

Está mais alto, sem dúvida.

Ele encontrou o túnel.

Seguro a faca e olho pra Viola, o rosto dela virado pro túnel, com tanto medo que meu peito começa a doer.

Seguro a faca com mais força.

Se ele *encostar* nela…

E o meu Ruído volta pro início da nossa jornada, quando Viola não dizia nada, quando Viola me disse o nome dela, quando Viola conversou com Hildy e Tam,

quando ela imitou o sotaque de Wilf, quando Aaron agarrou e raptou ela, quando acordei e Viola estava na minha frente na casa do dr. Snow, quando ela fez sua promessa a Ben, quando ela falou com a voz da minha mãe e fez o mundo inteiro mudar, só por um tempinho.

Todas as coisas que a gente passou.

Como ela chorou quando deixamos Manchee pra trás.

Quando me disse que eu era tudo que ela tinha.

Quando descobri que podia ler ela, com ou sem silêncio.

Quando pensei que Aaron tinha atirado nela na estrada.

Como eu me senti naqueles poucos segundos horríveis.

Qual seria a sensação de perder ela.

A dor e a mentira e a injustiça.

A fúria.

E como desejei que fosse eu.

Olho pra faca na minha mão.

E percebo que Viola está certa.

Percebo que ela tinha razão o tempo inteiro, por mais louco que seja.

Ela não é o sacrifício.

Não é.

Se um de nós cai, todos caem.

— Eu sei o que ele quer — digo, ficando de pé.

— O quê? — Viola pergunta.

— TODD HEWITT!

Agora o som está vindo do túnel, não há dúvida.

Não tem pra onde fugir.

Ele está vindo.

Viola levanta também, e eu fico entre ela e o túnel.

— Fica abaixada atrás de um desses bancos — digo. — Escondida.

— Todd…

Eu me afasto dela, apoiando a mão no braço até que ela fique longe demais.

— Aonde você vai? — ela pergunta, a voz tensa.

Olho pro caminho por onde viemos, o túnel feito de água.

Ele vai aparecer ali a qualquer segundo.

— TODD HEWITT!

— Ele vai te *ver*! — ela alerta.

Levanto a faca na minha frente.

A faca que já me causou tanto problema.

A faca que detém tanto poder.

— Todd! O que você está *fazendo*?

Eu viro pra ela.

— Ele não te vai machucar. Não quando eu sei o que ele quer.

— O que ele quer?

Eu observo Viola ali, parada entre os bancos, o planeta branco e as luas reluzindo logo acima, a água iluminando ela; eu examino seu rosto e a linguagem do corpo dela e descubro que ainda sei quem ela é, que ela ainda é Viola Eade, que silêncio não significa vazio, que *nunca* significou vazio.

Olho direto nos olhos dela.

— Vou receber ele que nem homem — digo.

Mesmo ali sendo barulhento demais pra ela escutar o meu Ruído, mesmo ela não conseguindo ler os meus pensamentos, ela olha pra mim.

Vejo que ela entende.

Viola levanta e endireita os ombros.

— Eu não vou me esconder — ela decide. — Se você não vai se esconder, eu também não vou.

Isso é tudo que eu preciso.

— Pronta? — pergunto.

Ela olha pra mim.

E faz que sim com a cabeça, uma única vez, firme.

Eu me viro pro túnel.

Fecho os olhos.

Respiro fundo.

Com todo o ar dos meus pulmões, com cada nota do Ruído na cabeça, eu me preparo…

E grito o mais alto que consigo:

— AARON!!!!!!

Abro os olhos e espero ele chegar.

41

SE UM DE NÓS CAI

VEJO PRIMEIRO OS pés dele, deslizando pelos degraus, rápido, mas nem tanto, sem muita pressa agora que ele sabe que estamos aqui.

Seguro a faca com a mão direita, minha mão esquerda estendida e pronta também. Paro no corredor dos bancos pequenos, o mais perto possível do centro da igreja. Viola está atrás de mim, uma fileira de bancos pra trás.

Estou pronto.

Percebo que *estou* pronto.

Tudo o que aconteceu me levou até aqui, a esse lugar, com essa faca na minha mão e algo que merece ser salvo.

Alguém.

Se tem uma escolha entre ela e ele, então não tem escolha, e o exército que se dane.

Então estou pronto.

Mais pronto do que nunca.

Porque eu sei o que ele quer.

— Vai — digo, em voz baixa.

As pernas de Aaron aparecem, depois seus braços, um deles carregando o rifle, o outro mantendo o equilíbrio na parede.

Então seu rosto.

Seu rosto horrível, horrível.

Metade rasgado, o corte na bochecha mostrando os dentes, o buraco onde

ficava o nariz aberto e vazio, fazendo ele mal parecer um ser humano.

Ele está sorrindo.

É quando sinto todo o medo.

— Todd Hewitt — Aaron diz, quase um cumprimento.

Falo mais alto que o barulho da água, torcendo pra minha voz não vacilar.

— Pode abaixar o rifle, Aaron.

— Ah, agora eu posso? — ele pergunta, os olhos arregalados quando nota Viola atrás de mim.

Eu não olho pra ela, mas sei que ela está encarando o Aaron, sei que ela está demonstrando toda a bravura que tem.

E isso me deixa mais forte.

— Eu sei o que você quer — digo. — Eu descobri.

— Descobriu, jovem Todd? — Aaron pergunta, e eu vejo que ele não consegue se segurar e acaba vasculhando o meu Ruído, o pouco que consegue ouvir em meio ao barulho da água.

— Ela não é o sacrifício.

Ele não diz nada, só dá seus primeiros passos dentro da igreja, os olhos se movendo pra cruz, pros bancos e pro púlpito.

— Eu também não sou o sacrifício — continuo.

Seu sorriso maligno fica maior. Um novo talho se abre na beirada do corte, e o sangue escorre dali que nem um borrifo.

— Uma mente inteligente é amiga do diabo — Aaron comenta, o que deve ser o jeito dele de dizer que estou certo.

Firmo os pés e vou acompanhando ele com o olhar, enquanto ele caminha por metade da igreja na direção do púlpito, a metade mais perto da borda.

— É você — digo. — O sacrifício é você.

Abro meu Ruído, deixando ele o mais alto possível, para que ele e Viola possam ver que estou falando a verdade.

Porque foi isso que Ben me mostrou quando fui embora da nossa fazenda, o jeito que um garoto de Prentisstown se transforma em homem, o motivo que explica por que um garoto que virou homem não fala com garotos que ainda são garotos, e a maneira que os garotos que se transformam em homens se tornam *cúmplices* dos crimes de Prentisstown é…

É…

E eu me forço a dizer…

É matando outro homem.

Sozinhos.

Todos aqueles homens que desapareceram, que *tentaram* desaparecer.

Eles não desapareceram, afinal de contas.

O sr. Royal, meu antigo professor, que bebia uísque e deu um tiro nele mesmo, ele *não* deu um tiro nele mesmo. Ele foi baleado por Seb Mundy em seu aniversário de treze anos; Seb foi forçado a fazer isso sozinho, a puxar o gatilho enquanto o resto dos homens de Prentisstown assistia. O sr. Gault, que era dono do rebanho de ovelhas que nós assumimos quando ele desapareceu dois verões atrás, ele só *tentou* desaparecer. Ele foi encontrado pelo prefeito Prentiss enquanto fugia pelo pântano, e o prefeito, expressando sua concordância com a lei do Novo Mundo, mandou executar ele, o que foi só feito quando Prentiss Jr. completou treze anos e torturou o sr. Gault até a morte sem a ajuda de mais ninguém.

E assim por diante. Homens que eu conheci foram mortos por garotos que eu conheci para se transformarem em homens. Se os homens do prefeito tinham capturado um foragido e guardado ele pro aniversário de um garoto, ótimo. Se não, eles simplesmente pegavam alguém que não gostavam em Prentisstown e *diziam* que ele tinha desaparecido.

A vida de um homem era entregue pra um menino pra que ele acabasse com ela sozinho.

Um homem morre, um homem nasce.

Todo mundo é cúmplice. Todo mundo é culpado.

Menos eu.

— Meu Deus — ouço Viola dizer.

— Mas comigo ia ser diferente, não ia? — questiono.

— Você era o último, Todd Hewitt — Aaron responde. — O último soldado no exército perfeito de Deus.

— Acho que Deus não tem nada a ver com seu exército — respondo. — Abaixa esse rifle. Eu já sei o que tenho que fazer.

— Você é um mensageiro, Todd? — ele pergunta, inclinando a cabeça, abrindo ainda mais seu sorriso impossível. — Ou é um trapaceiro?

— É só me ler — digo. — Se você acha que eu não consigo fazer isso, é só me ler.

Ele está no púlpito agora, olhando pra mim pelo corredor central, sobrepondo seu Ruído ao barulho da cachoeira, empurrando ele na minha direção, se agarrando ao que pode, e eu escuto o sacrifício e trabalho perfeito de Deus e o martírio do santo.

— Talvez, jovem Todd — ele diz.

Aaron põe o rifle em cima do púlpito.

Engulo em seco e seguro a faca com mais força.

Mas ele olha pra Viola e dá uma risadinha.

— Não — diz. — A garotinha vai tentar tirar proveito, não vai?

Quase de um jeito natural, ele joga o rifle pela cachoeira.

Tão rápido que a gente nem vê a arma desaparecer.

Mas ela desaparece.

Então só restam eu e Aaron.

E a faca.

Ele abre os braços, e percebo que ele está assumindo sua pose de pregador, a que faz no púlpito lá em Prentisstown. Ele se apoia na pedra do púlpito, levanta as mãos com as palmas pra cima e ergue os olhos pro teto de água brilhante acima de nós.

Seus lábios se mexem em silêncio.

Ele está *rezando*.

— Você é doido — digo.

Ele olha pra mim.

— Eu sou abençoado.

— Você quer que eu te mate.

— Errado, Todd Hewitt — ele diz, dando um passo à frente pelo corredor na minha direção. — O ódio é a chave. O ódio é o motivador. O ódio é a chama que purifica o soldado. O soldado deve *odiar*.

Ele dá outro passo.

— Não quero que você me mate — ele continua. — Quero que você me *assassine*.

Dou um passo pra trás.

O sorriso vacila.

— Talvez o menino prometa mais do que é capaz de cumprir.

— Por quê? — Recuo um pouco mais.

Viola também dá um passo pra trás, debaixo do relevo do Novo Mundo.

— Por que você está fazendo isso? Qual é o sentido disso tudo?

— Deus me falou do meu caminho — ele responde.

— Estou aqui há quase treze anos — digo. — E a única coisa que já ouvi foram *homens*.

— Deus age através dos homens.

— Assim como o mal — Viola completa.

— Ah! — exclama Aaron. — Isso aí fala. Palavras de tentação pra atrair…

— Cala a boca — interrompo ele. — Não fala com ela.

Eu já passei pela última fileira de bancos. Dou alguns passos pra direita, e Aaron me acompanha, a gente se movendo em um círculo lento, as mãos de Aaron ainda estendidas, minha faca ainda erguida, Viola ainda atrás de mim, os borrifos de água por toda parte. O ambiente gira devagar à nossa volta, a saliência na rocha ainda escorregadia, a parede branca de água brilhando sob o

sol.

E o rugido, o rugido constante.

— Você era o último teste — diz Aaron. — O último garoto. Aquele que nos completaria. Com você no exército, não existiria um elo fraco. Seríamos abençoados de verdade. Se um de nós cai, todos caem, Todd. E todos nós precisamos cair. — Ele fecha as mãos e ergue os olhos de novo. — E assim poderemos renascer! E assim poderemos pegar este mundo maldito e recriá-lo…

— Eu não teria feito isso — digo, e ele fecha a cara com a interrupção. — Eu não teria matado ninguém.

— Ah, sim, Todd Hewitt — Aaron responde. — E é por isso que você é tão especial, né? O garoto que não consegue matar.

Dou uma olhada rápida e discreta em Viola, quase do meu lado. Ainda estamos andando em um pequeno círculo.

Viola e eu estamos chegando no lado onde está o túnel.

— Mas Deus exige um sacrifício — Aaron prossegue. — Deus exige um mártir. E quem seria melhor que o próprio porta-voz de Deus pro garoto especial matar?

— Acho que Deus não te fala nada, mas acredito que ele queira que você morra — digo.

Os olhos de Aaron ficam tão loucos e vazios que sinto um calafrio.

— Vou ser um santo — diz ele, com uma pequena chama ardendo na voz. — É o meu destino.

Ele chegou ao fim do corredor e está passando pela última fileira de bancos, vindo na nossa direção.

Viola e eu ainda estamos recuando.

Quase até o túnel.

— Mas como motivar o garoto? — Aaron continua, os olhos como buracos. — Como fazê-lo virar um homem?

E seu Ruído se abre pra mim, alto como um trovão.

Meus olhos ficam arregalados.

Meu estômago se revira.

Meus ombros se curvam quando sinto a fraqueza.

Eu consigo ver. É uma fantasia, uma mentira, mas as mentiras dos homens são tão vívidas quanto as verdades, e consigo ver cada parte dela.

Ele ia matar Ben.

Era assim que me forçaria a matar ele. Era assim que eles iam fazer isso. Para aperfeiçoar o exército e me transformar num assassino, eles iam matar Ben.

E me obrigar a assistir.

Fazer com que eu odiasse tanto Aaron que acabaria matando ele.

Meu Ruído começa a rugir, alto o suficiente para ele ouvir:

— *Seu M…*

— Foi aí que Deus mandou um sinal — Aaron continua, olhando pra Viola, seus olhos mais arregalados, o sangue escorrendo do rasgo no rosto, o buraco onde antes tinha o nariz se esticando. — A garota. Um presente dos céus.

— Não olha pra ela! — grito. — Nem pensa em *olhar pra ela!*

Aaron se vira pra mim de novo, o sorriso sempre presente.

— Sim, Todd, sim. Esse é seu caminho, esse é o caminho que você vai trilhar. O garoto de coração mole, o garoto que não conseguia matar. Por que ele mataria? Quem ele protegeria?

Outro passo pra trás, outro passo pra mais perto do túnel.

— E, quando o silêncio maligno e maldito dela poluiu nosso pântano, achei que Deus tinha mandado um sacrifício para mim, um último exemplo do mal que se oculta e que eu poderia destruir e purificar. — Ele inclina a cabeça. — Mas aí o verdadeiro propósito dela foi revelado. — Ele olha pra Viola e depois pra mim. — Todd Hewitt ia proteger os indefesos.

— Ela não é indefesa — digo.

— E aí você *fugiu*. — Os olhos de Aaron se arregalam ainda mais, fingindo assombro. — Você fugiu em vez de cumprir seu destino. — Aaron ergue os olhos pra igreja outra vez. — O que torna a vitória ainda mais doce.

— Você ainda não venceu — digo.

— Não? — Ele volta a sorrir. — Venha, Todd. Venha até mim com ódio no coração.

— Eu *vou*. Eu vou fazer isso.

Mas dou outro passo pra trás.

— Você já esteve perto antes, jovem Todd — Aaron continua. — No pântano, a faca erguida, eu matando a garota, mas não. Você hesita. Você fere, mas não mata. Então eu a roubo de você, e você vem atrás dela como eu sabia que faria, mesmo sofrendo com o ferimento que eu causei, mas ainda assim não é o suficiente. Você sacrifica seu amado cachorro diante da possibilidade de vê-la sofrer, você me deixa quebrar os ossos dele em vez de seguir seu devido propósito.

— Cala a boca.

Ele me mostra as palmas das mãos.

— Aqui estou eu, Todd. Cumpra seu destino. Torne-se um homem. — Ele abaixa a cabeça até seus olhos encontrarem os meus. — *Caia.*

Contorço os lábios.

Endireito os ombros.

— Eu já *sou* um homem — digo.

Meu Ruído também diz isso.

Ele me encara. Como se olhasse através de mim.

Então dá um *suspiro*.

Como se estivesse *decepcionado*.

— Você ainda não é um homem — ele diz, com o rosto mudando. — Talvez nunca seja.

Eu não recuo.

— É uma pena — ele lamenta.

E salta na minha direção…

— Todd! — Viola grita.

— Corre! — grito.

Mas não vou recuar…

Eu avanço…

E a luta começa.

Vou com tudo pra cima dele, e ele se joga em mim, e eu estou segurando a faca, mas, no último segundo, pulo pro lado, deixando ele bater com força na parede…

Ele se vira com uma expressão feroz no rosto, prestes a me dar um soco, e eu me abaixo e ataco ele com a faca, fazendo um corte no antebraço, mas isso nem parece afetar ele…

Aaron me acerta com o outro braço e me atinge logo abaixo do queixo…

O que me joga para trás…

— Todd! — Viola grita de novo…

Cambaleio por cima do último banco e caio…

Mas estou olhando pra cima…

Aaron está se virando pra Viola…

Ela está no pé da escada…

— Vai! — grito.

Mas ela está segurando uma grande pedra achatada e joga ela em Aaron, fazendo uma careta e um grunhido raivoso, e ele se abaixa e tenta desviar a pedra com a mão, mas ela atinge a sua testa, fazendo ele cambalear pra longe da gente, na direção da saliência, na parte da frente da igreja…

— Vamos! — Viola grita pra mim.

Eu fico de pé depressa…

Mas Aaron virou também…

O sangue escorre pelo rosto dele…

A boca aberta em um grito…

Ele salta pra frente que nem uma aranha, agarrando o braço direito da Viola…

Ela dá um soco em Aaron com a mão esquerda, se sujando com o sangue

dele…

Mas ele não solta…

Dou um grito e vou voando pra cima dele.

Com a faca na mão…

Só que mais uma vez eu viro a faca no último instante…

E só me jogo em cima dele…

Caímos no pé da escada. Viola tomba pra trás, e eu caio em cima de Aaron, os braços dele acertando minha cabeça, e ele inclina a cara horrível pra frente e *crava uma mordida* no meu pescoço…

Grito e recuo com um movimento brusco, atingindo ele com as costas da mão ao me afastar…

Fujo dele depressa, voltando pra dentro da igreja com a mão no pescoço…

Ele avança pra cima de mim outra vez, o punho vindo a toda velocidade…

E atinge o meu olho…

Minha cabeça é jogada pra trás…

Cambaleio pelas fileiras de bancos de volta ao centro da igreja…

Outro soco…

Levanto a mão que segura a faca pra bloquear ele…

Mas mantenho a lâmina de lado…

Ele me acerta de novo…

Eu me afasto dele, rastejando na pedra molhada…

Em direção ao corredor que dá no púlpito…

E o punho de Aaron atinge minha cara pela terceira vez…

Sinto dois dentes serem arrancados pelas raízes…

Quase caio…

Então eu caio mesmo…

Minhas costas e minha cabeça atingem a pedra do púlpito…

E eu largo a faca.

Ela desliza na direção da borda da cachoeira.

Inútil como sempre.

— *Seu Ruído revela você!* — Aaron grita. — *Seu Ruído revela você!* — Ele agora vem na minha direção e se ergue em cima de mim. — *A partir do momento em que pisei neste local sagrado, eu sabia que seria assim*. — Ele olha pra mim, as mãos fechadas e sujas com o meu sangue, o rosto sujo com o sangue dele. — Você *nunca* vai ser um homem, Todd Hewitt! *Nunca!*

Vejo Viola pelo canto do olho, procurando freneticamente mais pedras…

— Eu já sou um homem — digo, mas eu caí, larguei a faca, minha voz está

falhando, minha mão está na ferida sangrenta no meu pescoço.

— *Você rouba de mim o meu sacrifício!* — Os olhos de Aaron se transformaram em diamantes flamejantes, seu Ruído arde em um vermelho tão intenso que praticamente vaporiza a água em torno dele. — Eu vou matar você. — Ele faz uma reverência com a cabeça pra mim. — E você vai morrer sabendo que matei ela lentamente.

Trinco os dentes.

Começo a ficar de pé.

— Se quiser, então vem — rosno.

Aaron dá um grito e um passo pra frente…

As mãos estendidas na minha direção…

Levanto o rosto pra encarar ele…

E Viola *ACERTA* a lateral da cabeça dele com uma pedra que ela mal consegue levantar…

Ele cambaleia…

Se inclinando nos bancos e tentando se reequilibrar…

E aí cambaleia outra vez…

Mas não cai.

Droga, ele não cai.

Aaron continua cambaleando, mas fica de pé entre Viola e eu, com a postura reta, de costas pra Viola, mas se elevando sobre ela, um riacho de sangue jorrando da cabeça, só que enorme, como um pesadelo…

Ele é mesmo um monstro.

— Você não é humano — digo.

— Eu já lhe disse, jovem Todd. — A voz de Aaron é baixa e monstruosa, o Ruído dele me encarando com uma fúria tão pura que quase me derruba pra trás. — Eu sou um santo.

Ele faz um movimento rápido com o braço na direção de Viola, sem nem olhar pra ela, e acerta ela bem no olho, derrubando Viola, que grita e cai cai cai tropeça em um banco e bate a cabeça com força na pedra…

E não levanta.

— Viola! — grito.

Passo por ele com um salto…

Ele me deixa ir até ela…

Eu alcanço Viola…

As pernas dela estão em cima do banco de pedra…

Sua cabeça está no chão…

Um pequeno filete de sangue escorre…

— Viola! — digo, erguendo ela um pouco.

Mas sua cabeça tomba pra trás…
— VIOLA! — grito.
Escuto um ronco baixo atrás de mim…
Riso.
Ele está rindo.
— Você ia traí-la — ele diz. — Isso estava previsto.
— CALA A BOCA!
— E você sabe *por quê*?
— EU VOU TE MATAR!
Ele abaixa a voz a ponto de ela se tornar um sussurro…
Mas um sussurro que provoca um tremor no meu corpo inteiro…
— *Você já caiu.*
Meu Ruído arde, vermelho.
Mais vermelho do que nunca.
Um vermelho *assassino*.
— Isso, Todd — Aaron sibila. — É exatamente assim.
Deito Viola delicadamente no chão, então levanto e encaro ele.
Meu ódio é tão grande que enche a caverna.
— Vamos, garoto — ele diz. — Purifique-se.
Eu olho pra faca…
Descansando em uma poça dágua…
Perto da saliência, junto do púlpito, atrás de Aaron…
Onde eu deixei cair…
E ouço seu chamado…
Venha me pegar, ela diz…
Venha me pegar e me use, ela diz…
Aaron abre os braços.
— Mate-me. Torne-se um homem.
Não me abandone, a faca diz…
— Sinto muito — sussurro, mesmo não sabendo pra quem nem por quê…
Sinto muito…
E eu salto…
Aaron não se mexe, os braços abertos como se quisesse me abraçar…
Eu o atinjo com força com o ombro…
Ele não resiste…
Meu Ruído grita, vermelho…
Nós dois tombamos atrás do púlpito, perto da saliência na rocha…
Eu estou em cima dele…
Ele ainda não resiste…

Dou um soco na cara dele…
E outro…
E outro…
E outro…
Destruindo ele ainda mais…
Quebrando ele em pedaços sangrentos…
O ódio jorrando de mim através dos meus punhos…
E eu continuo socando Aaron…
Continuo…
Mesmo com ossos quebrando…
Com a cartilagem arrebentando…
Com um olho esmagado pelos nós dos meus dedos…
Até não conseguir mais sentir minhas mãos…
Continuo socando…
E seu sangue jorra em cima de mim…
E o vermelho do sangue se iguala ao vermelho do meu Ruído…
Então chego pra trás, ainda em cima dele, coberto com seu sangue…
E ele está rindo, ele *ainda* está rindo…
Com os dentes quebrados, ele gorgoleja “Sim. Sim…”
E o vermelho cresce aqui dentro…
Não consigo mais conter…
E o ódio…
Olho ao redor…
Pra faca…
Só a um metro de distância…
Na saliência…
Perto do púlpito…
Me chamando…
Me chamando...
E dessa vez eu sei…
Dessa vez eu sei…
Que eu vou usar a faca.
Corro na direção dela e dou um salto…
Com a mão esticada…
Meu Ruído tão vermelho que mal consigo enxergar…
Isso, a faca diz…

Isso.

Venha me pegar.
Tenha o poder em sua mão…

Mas outra mão alcança ela primeiro…
Viola.

Quando caio do lado da faca, sinto uma agitação em mim…
Uma agitação no meu Ruído…
Uma agitação por ver ela ali…
Por ver que ela está viva…
Uma agitação que ultrapassa a vermelhidão.
— Viola — digo.
Só:
— Viola.

E ela pega a faca.

Quando caio, minha aceleração me faz deslizar até a beira, e tento me segurar e me virar e vejo Viola levantando a faca e dando um passo pra frente, mas estou quase caindo da saliência, e meus dedos estão escorregando na pedra molhada, e vejo Aaron sentar, e ele só tem um olho agora, e olha fixamente pra Viola enquanto ela projeta a lâmina pra frente, e eu não consigo deter ela, e Aaron está tentando levantar, e Viola caminha na direção dele, e meu ombro atinge a saliência e paro, e por pouco não caio, e o que resta do Ruído de Aaron está irradiando raiva e medo e está dizendo *Você*…
Está dizendo *Você não.*…
Viola ergue o braço…
Levantando a faca…
E dá o golpe…
Golpeia…
Golpeia…
Enterrando a faca na lateral do pescoço de Aaron…
Com tanta força que a ponta sai do outro lado…
Ouço o som de alguma coisa quebrando, um som que eu lembro bem…
Aaron cai com a força dos golpes…
Viola solta a faca…
Ela recua.
Seu rosto está pálido.
Consigo ouvir sua respiração mesmo com o rugido da água.

Pego impulso com as mãos e fico de pé…

Nós observamos.

Aaron está levantando.

Ele está levantando, uma das mãos segurando a faca, mas ela ainda está presa no seu pescoço. Seu único olho está bem aberto, a língua pende da boca.

Ele fica de joelhos.

Então de pé.

Viola dá um grito e anda pra trás.

Recua até chegar do meu lado.

Dá pra ouvir ele tentando engolir.

Tentando respirar.

Ele dá um passo pra frente, mas cambaleia e se apoia no púlpito.

Ele olha na nossa direção.

Sua língua incha e se retorce.

Está tentando dizer alguma coisa.

Ele está tentando me dizer alguma coisa.

Ele está tentando formar uma palavra.

Mas não consegue.

Ele não consegue.

Seu Ruído é só cores distorcidas e imagens e coisas que eu nunca vou conseguir definir.

O olhar dele encontra o meu.

E seu Ruído para.

Para completamente.

Finalmente.

A gravidade vence o seu corpo, e ele tomba de lado.

Pra longe do púlpito. Além da borda da saliência.

E desaparece na cachoeira.

Levando a faca com ele.

42

A ÚLTIMA ESTRADA PARA REFÚGIO

VIOLA DESABA DO meu lado com tanta força que parece ter levado um tombo.

Ela respira com dificuldade e olha fixo pra onde Aaron estava. Os raios de sol refletem na cachoeira e fazem ondas de luz aquosas surgirem no rosto dela, e isso é a única coisa que se mexe nele.

— Viola? — digo, me agachando do lado dela.

— Ele morreu.

— É. Ele morreu.

Ela só respira fundo.

Meu Ruído está chacoalhando que nem uma nave espacial que acabou de bater em alguma coisa, cheio de vermelhos e brancos e coisas tão diferentes que é como se minha cabeça estivesse sendo desmontada.

Eu teria feito aquilo.

Eu teria feito aquilo por ela.

Em vez disso…

— Eu ia fazer aquilo — digo. — Eu estava prestes a fazer aquilo.

Ela me observa com os olhos arregalados.

— Todd?

— Eu mesmo ia matar ele. — Percebo minha voz ficando um pouco mais alta. — Eu estava pronto!

Então o queixo de Viola começa a tremer, não como se ela fosse chorar, mas só *tremer*, então seus ombros também, e seus olhos ficam ainda maiores, e ela

está tremendo com mais força, e nada sai do meu Ruído, tudo ainda está ali, mas tem outra coisa nele, e tem a ver com Viola, e eu dou um abraço nela e seguro ela perto de mim e balançamos pra frente e pra trás por algum tempo, e assim ela pode tremer o quanto quiser.

Ela fica um bom tempo sem falar nada, só soltando uns grunhidinhos, e eu lembro de quando matei o Spackle, de como senti a força da punhalada no meu braço todo, de como eu ficava vendo o sangue dele sem parar, de como eu vi o Spackle morrer várias e várias vezes.

De como eu ainda vejo ele morrer.

(Mas eu ia fazer aquilo.)

(Eu estava pronto.)

(Mas a faca sumiu.)

— Matar alguém não tem nada a ver com o que dizem nas histórias — digo, com o queixo apoiado na cabeça de Viola. — Não tem nada a ver.

(Mas eu ia matar.)

Ela ainda está tremendo, e nós ainda estamos ao lado de uma cachoeira turbulenta e barulhenta, e o sol está mais alto, então tem menos luz na igreja, e nós estamos molhados e ensanguentados e ensanguentados e molhados.

E com frio e tremendo.

— Vamos. — Eu me levanto. — A primeira coisa que a gente tem que fazer é se secar, né?

Eu faço Viola ficar em pé. Vou até a bolsa, ainda no chão entre dois bancos, e volto, estendendo a mão pra ela.

— O sol está a pino — digo. — Vai estar quente lá fora.

Viola passa um minuto olhando pra minha mão antes de pegar ela.

Mas ela pega.

Damos a volta no púlpito, e não dá pra não olhar pra onde Aaron estava, seu sangue já lavado pelos pingos dágua.

(Eu ia fazer aquilo.)

(Mas a faca...)

Sinto minha mão tremendo na dela, e não sei qual de nós está tremendo mais.

Chegamos nos degraus e estamos na metade da subida quando ela fala pela primeira vez.

— Estou passando mal.

— Eu sei — digo.

Nós paramos, e ela se inclina pra mais perto da cachoeira e vomita.

Muito.

Acho que é isso que acontece quando você mata alguém na vida real.

Viola está inclinada pra frente, o cabelo molhado e desgrenhado. Ela cospe.

Mas não olha pra cima.

— Eu não podia deixar você fazer aquilo — ela explica. — Ele teria vencido.

— Eu ia fazer aquilo.

— Eu sei — ela diz, olhando pra cachoeira. — Foi por isso que eu fiz.

Solto a respiração.

— Você devia ter me deixado fazer...

— Não. — Ela ergue os olhos. — Eu *não podia* deixar você fazer aquilo. — Ela limpa a boca com a mão e tosse de novo. — Mas não é só isso.

— O que é, então? — pergunto.

Ela me encara. Os olhos arregalados e vermelhos, de tanto vomitar.

Mais velhos do que antes.

— Eu *quis*, Todd — ela diz, a testa franzida. — Eu *quis* fazer aquilo. Eu *quis* matar ele. — Ela põe as mãos no rosto. — Meu Deus! — exclama. — Meu Deus, meu Deus, meu Deus.

— Calma — peço, segurando os braços dela e afastando as mãos. — Para com isso. Ele era mau. Ele era *louco* e mau…

— Eu sei! — Viola grita. — Mas eu não consigo parar de ver ele. Não paro de ver a faca entrando no…

— É, tá bom, você quis — interrompo antes que ela piore. — E daí? *Eu* também. Mas ele *fez* você querer. Aaron fez com que fosse a gente ou ele. Por isso ele era mau. Não foi o que você fez ou o que eu fiz, foi o que *ele* fez, entende?

Ela olha pra mim.

— Ele fez exatamente o que prometeu — ela diz, com a voz um pouco mais baixa. — Ele me fez cair.

Ela geme de novo e põe a mão na boca, os olhos se enchendo de lágrimas.

— Não — respondo, decidido. — Não, sabe, a coisa é a seguinte, é assim que eu penso, tá bom?

Olho pra água e pro túnel e não sei o que pensar, mas ela está ali e não sei o que ela está pensando, mas *eu sei o que ela está pensando* e dá pra ver que ela está balançando pra frente e pra trás na borda da saliência e olhando pra mim e me pedindo para salvar ela.

Salvar ela que nem ela me salvou.

— Olha o que eu acho — continuo, e minha voz está mais firme, os pensamentos estão chegando, pensamentos que vão pingando aos poucos no meu Ruído como se a verdade sussurrasse pra mim. — Acho que talvez *todo mundo* caia. Acho que todos nós caímos. E acho que essa não é a questão.

Seguro os braços dela com delicadeza pra ter certeza que ela está escutando.

— A questão é se a gente consegue se levantar de novo.

A água continua correndo pela cachoeira, e estamos tremendo de frio e tudo o mais, e ela olha fixo pra mim, e eu espero e torço.

Vejo ela se afastar da borda.

Vejo ela voltar pra mim.

— Todd — ela diz, e não é uma pergunta.

É só o meu nome.

É quem eu sou.

— Vamos — digo. — Refúgio está esperando.

Pego a mão de Viola outra vez, subimos o resto dos degraus e voltamos pra parte mais plana da saliência, percorrendo as curvas até o lado de fora, tentando manter o equilíbrio nas pedras escorregadias. O salto de volta à encosta é mais difícil dessa vez, porque estamos muito molhados e fracos, mas eu dou uma corrida e pulo e consigo agarrar Viola, que vem tropeçando logo atrás de mim.

Chegamos na luz do sol.

Paramos ali por um bom tempo pra respirar, nos secando um pouco antes de pegar nossas coisas e subir a pequena encosta, abrindo caminho pelo meio dos arbustos até a trilha e de volta pra estrada.

Olhamos morro abaixo pra trilha em zigue-zague.

Ainda está lá. Refúgio ainda está lá.

— A última parte — digo.

Viola esfrega os braços para se secar um pouco mais. Ela fecha um pouco os olhos e vira pra mim, me observando com atenção.

— Você apanhou muito no rosto, sabia?

Toco o rosto com a ponta dos dedos. Meu olho está começando a inchar, e noto um vazio no canto da boca onde perdi alguns dentes.

— Obrigado. Não estava doendo até você dizer isso.

— Desculpa.

Ela dá um sorrisinho e põe a mão na parte de trás da cabeça com uma careta de dor.

— Como está o seu machucado? — pergunto.

— Doendo, mas vou sobreviver.

— É, você é indestrutível.

Ela sorri outra vez.

Então a gente escuta som esquisito no ar, um *ZIP!*, e Viola deixa escapar um suspiro, um pequeno “*ah*”.

A gente se olha por um segundo, debaixo do sol, surpresos, mas sem saber direito por quê.

Então ela olha pra baixo, e eu faço o mesmo.

Tem sangue na camisa dela.

Sangue dela.

Sangue *novo*.

Escorrendo de um buraquinho do lado direito do umbigo.

Viola toca o sangue e levanta os dedos.

— Todd?

Então ela cai pra frente.

Eu seguro ela, cambaleando um pouco pra trás por causa do peso.

Olho pra trás dela.

No alto do penhasco, bem onde a estrada começa.

Prentiss Jr.

A cavalo.

Com a mão estendida.

Segurando uma pistola.

— Todd? — Viola diz, o rosto no meu peito. — Acho que alguém *atirou* em mim, Todd.

Não tenho palavras.

Nenhuma palavra na minha cabeça nem no meu Ruído.

Prentiss Jr. acerta o cavalo com os pés e conduz o bicho estrada abaixo em nossa direção.

A pistola ainda apontada.

Não tem pra onde a gente correr.

Não tenho mais a minha faca.

O mundo se desdobra tão claro e lento quanto a pior dor; Viola começa a ofegar, Prentiss Jr. cavalga pela estrada, e meu Ruído se eleva com a certeza de que chegamos ao fim, de que não tem saída dessa vez, de que, se o mundo quer você, ele vai continuar te atacando até te pegar.

Quem sou eu pra consertar isso? Quem sou eu pra mudar isso, se essa é a vontade do mundo? Quem sou eu pra deter o fim do mundo se ele não para de se aproximar?

— Acho que ela quer *muito* você, Todd — Prentiss Jr. fala com sarcasmo.

Trinco os dentes.

Meu Ruído aumenta, vermelho e roxo.

Eu sou a droga do Todd Hewitt.

É esse quem eu sou, M....

Olho bem nos olhos de Prentiss Jr., direcionando meu Ruído pra ele, e digo, de modo brusco e áspero.

— Agradeço se você me chamar de *sr. Hewitt*.

Prentiss Jr. se encolhe, ele de fato *se encolhe* um pouco e puxa sem querer as rédeas do cavalo, fazendo o animal empinar.

— Vamos, agora — ele diz, com um pouco menos de certeza na voz.

E ele sabe que nós dois percebemos isso.

— Mãos para cima. Vou te levar para o meu pai.

Faço a coisa mais incrível que já fiz.

Eu ignoro ele.

Deixo Viola na estrada de terra.

— Está ardendo, Todd — ela diz com a voz baixa.

Ponho ela deitada no chão, largo a bolsa e tiro a camisa. Amasso a roupa e seguro ela em cima do buraco de bala.

— Segura isso firme, ouviu? — peço, a raiva aumentando como lava. — Não vai levar nem um segundo.

Olho pro *Davy* Prentiss.

— Levanta — ele diz, o cavalo ainda nervoso e arisco por causa do calor que sai de mim. — Não vou falar duas vezes, Todd.

Eu levanto.

Dou um passo pra frente.

— Já falei para botar as mãos para cima — Davy fala, o cavalo relinchando e bufando e batendo as patas no chão.

Marcho na direção dele.

Mais rápido.

Então começo a correr.

— Vou atirar em você — grita Davy, gesticulando com a arma, tentando controlar o cavalo que emite Atacar! Atacar! por toda parte em seu Ruído.

— Não vai, não! — grito, correndo até a cabeça do cavalo e lançando um Ruído estrondoso na direção dele.

COBRA!

O cavalo empina na mesma hora.

— Mas que inferno, Todd! — Davy grita, girando e rodopiando, tentando controlar o cavalo com a mão que não está segurando a pistola.

Pulo pra frente, dou um tapa no cavalo e pulo pra trás. O animal relincha e empina de novo.

— Você vai morrer! — Davy grita, fazendo um círculo com o cavalo que não para de saltar e empinar.

— Você está *mais ou menos* certo.

Estou atrás de uma chance…

O cavalo relincha alto e balança a cabeça pra frente e pra trás…

Eu espero…

Davy puxa as rédeas…

Eu me esquivo…

Eu espero…

— *M... de cavalo!* — Davy berra.

Ele tenta puxar as rédeas outra vez…

O cavalo gira de novo…

Eu espero…

O cavalo traz Davy pra perto de mim, abaixado na sela…

Essa é minha chance…

Meu punho recua e espera…

BUM!

Eu acerto o rosto dele que nem um martelo…

Juro que sinto o nariz dele quebrar debaixo do meu punho…

Ele grita de dor e cai da sela…

Larga a pistola na terra…

Eu pulo pra trás…

O pé de Davy está preso no estribo…

O cavalo gira mais uma vez…

Bato no lombo do animal com toda a força que eu tenho…

Foi o suficiente pro cavalo…

Ele sai correndo pelo morro, de volta pela estrada, o pé de Davy ainda preso, fazendo ele quicar com força nas pedras e na terra enquanto é arrastado ladeira acima…

A pistola está no chão…

Ando em sua direção…

— Todd? — escuto.

Não tenho tempo.

Não tenho tempo nenhum.

Sem pensar, deixo a pistola de lado e corro de volta até Viola, na beira dos arbustos.

— Acho que estou morrendo, Todd.

— Você não tá morrendo — digo, passando um braço por baixo dos ombros e outro por baixo dos joelhos dela.

— Estou com frio.

— Que M..., você *não vai morrer!* Hoje não!

Eu levanto com ela nos braços, estou no topo do zigue-zague que desce até Refúgio.

Não vai ser rápido o bastante.

Desço direto. Desço direto pela vegetação rasteira.

— Vamos! — digo em voz alta, meu Ruído se esquecendo de si mesmo, e tudo o que existe no universo são as minhas pernas em movimento.

Vamos!

Eu corro…

Atravesso os arbustos…

Atravesso a estrada…

Atravesso mais arbustos…

Atravesso a estrada outra vez depois que ela faz a curva…

Sempre descendo…

Levantando nuvens de poeira e saltando por cima de moitas…

Tropeçando em raízes…

Vamos.

— Aguenta firme — falo pra Viola. — Aguenta firme, ouviu?

Viola grunhe toda vez que batemos com força no chão…

Mas isso significa que ela ainda está respirando.

Descendo…

Descendo…

Vamos.

Por favor.

Escorrego em algumas samambaias…

Mas não caio…

Estrada e arbustos…

Minhas pernas doem com a ladeira…

Arbustos e estrada…

Descendo...

Por favor…

— Todd?

— Aguenta firme!

Chego correndo no pé do morro.

Praticamente não sinto o peso dela.

É muito leve.

Corro na direção do ponto onde a estrada volta a se juntar ao rio, a estrada pra Refúgio, árvores se erguendo de novo em toda a nossa volta, o rio correndo.

— Aguenta firme! — repito, correndo pela estrada o mais rápido que meus pés conseguem.

Vamos.

Por favor.

Fazendo as curvas…

Passando pela copa das árvores e junto da margem do rio…

Logo adiante encontro a barricada que vi com o binóculo do alto do morro, grandes X de madeira colocados numa longa fileira com uma abertura na

estrada.

— SOCORRO! — grito quando chegamos lá. — SOCORRO!

Eu corro.

Vamos.

— Acho que não consigo… — Viola diz, quase sem fôlego.

— Você consegue, SIM! — grito. — Nem PENSE em desistir!

Eu corro.

A barricada está se aproximando…

Mas não tem ninguém.

Não tem ninguém ali.

Passo pela abertura na estrada e chego no outro lado.

Paro só o suficiente pra olhar ao redor.

Não tem *ninguém*.

— Todd?

— A gente está quase lá — digo.

— Não estou aguentando, Todd…

A cabeça de Viola tomba pra trás.

— Não, isso NÃO! — grito pro rosto dela. — ACORDA, Viola Eade! Fica com a droga dos olhos abertos!

Ela tenta, eu vejo que ela tenta.

Os olhos dela abrem, só um pouquinho, mas abrem.

Volto a correr o mais rápido possível.

Gritando “SOCORRO”.

— SOCORRO!

Por favor.

— SOCORRO!

Ela começa a arquejar.

— SOCORRO!

Por favor, não.

Não estou vendo NINGUÉM.

A gente passa por casas trancadas e vazias. A estrada fica pavimentada, mas mesmo assim não tem ninguém por perto.

— SOCORRO!

Meus pés batem com força no calçamento…

A estrada leva até a grande igreja, uma clareira de árvores, a torre reluzindo acima da praça central em frente.

Não tem ninguém ali também.

Não.

— SOCORRO!

Atravesso a praça correndo, olhando ao redor, tentando escutar alguma coisa…

Não.

Não.

Está vazia.

Viola respira fundo nos meus braços.

Refúgio está vazia.

Chego no meio da praça.

Não vejo nem ouço uma alma sequer.

Olho ao redor mais uma vez.

— SOCORRO! — grito.

Mas não tem ninguém.

Refúgio está completamente vazia.

Não tem nenhuma esperança aqui.

Viola escorrega um pouco dos meus braços, e eu tenho que ajoelhar pra segurar ela. Minha camisa caiu do ferimento dela, e eu uso uma das mãos pra manter o tecido no lugar.

Não restou nada. A bolsa, o binóculo, o livro da minha mãe; tudo ficou na encosta.

Eu e Viola somos tudo que nós temos, tudo que nós temos no mundo.

Ela está sangrando *muito*…

— Todd? — Viola diz com uma voz lenta e enrolada.

— Por favor — imploro, meus olhos se enchendo de lágrimas, minha voz falhando. — Por favor!

Por favor por favor por favor por favor por favor…

— Bom, já que você pediu com tanta gentileza — diz uma voz do outro lado da praça, sem nem precisar gritar.

Levanto a cabeça.

De trás da igreja, surge um único cavalo.

Um único cavaleiro.

— Não... — sussurro.

Não.

Não.

— Sim, Todd — o prefeito Prentiss diz. — Temo que sim.

Ele cruza a praça de um jeito quase preguiçoso no seu cavalo, vindo na minha direção. Parece tranquilo como sempre, nenhuma gota de suor manchando suas roupas, usando luvas de montaria e até botas limpas.

Não é possível.

Não é possível mesmo.

— Como você pode estar aqui? — digo, elevando a voz. — Como…?

— Até um idiota sabe que há duas estradas para Refúgio — o prefeito responde, sua voz calma e serena, quase sorridente, mas sem chegar a tanto.

A poeira que vimos. A poeira que vimos ontem, se movendo na direção de Refúgio.

— Mas *como*? — pergunto, tão surpreso que mal consigo botar as palavras pra fora. — O exército estava a pelo menos um dia de distância.

— Às vezes o rumor de um exército é tão eficiente quanto o próprio exército, meu garoto. Os termos de rendição foram muito favoráveis. Um deles foi esvaziar as ruas para que eu mesmo pudesse recebê-los aqui. — Ele olha pra trás, na direção da cachoeira. — Embora, claro, eu estivesse esperando que meu filho trouxesse vocês.

Olho ao redor da praça e agora dá pra ver rostos, rostos espiando por janelas e portas.

Mais quatro homens a cavalo saem de trás da igreja.

Volto a olhar para o prefeito Prentiss.

— Ah, é *presidente* Prentiss, agora. Seria bom se lembrar disso.

Então eu percebo.

Não consigo ouvir o Ruído dele.

Não consigo ouvir o Ruído de *ninguém*.

— Não — ele confirma. — Imagino que você não consiga mesmo, embora isso seja uma história interessante e não o que você poderia…

Viola escorrega um pouco mais das minhas mãos e, quando se move, ofega de dor.

— Por favor! — imploro. — Salva ela! Faço qualquer coisa que você mandar! Eu me junto ao exército! Eu…

— Só coisas boas para quem sabe esperar — o prefeito comenta, finalmente parecendo um pouco irritado.

Ele desce do cavalo com muita facilidade e começa a tirar as luvas, um dedo de cada vez.

Sei que nós perdemos.

Está tudo perdido.

Está tudo acabado.

— Como o recém-nomeado presidente deste nosso belo planeta — o prefeito começa fazendo um gesto com a mão, como se mostrasse o mundo pela primeira vez —, deixe-me ser o primeiro a lhe dar as boas-vindas a sua nova capital.

— Todd? — Viola sussurra, com os olhos fechados.

Eu dou um abraço apertado nela.

— Desculpa — sussurro pra ela. — Desculpa.

Corremos direto pra armadilha.
Corremos direto pro fim do mundo.
— Bem-vindo — diz o prefeito — à Nova Prentisstown.





MAIS *MUNDO EM CAOS*
CONTO INÉDITO DE PATRICK NESS


NOVO
MUNDO

— Olha ele aí — fala minha mãe, e o que ela quer dizer é que o ponto do qual estamos nos aproximando há semanas, que vem crescendo para finalmente se transformar em um ponto grande com dois pontos menores ao redor, e que agora cresceu mais, passando de um ponto para um disco, refletindo a luz do sol, até dar para ver o azul dos oceanos, o verde das florestas, o branco das calotas polares, um círculo de cor contra o fundo preto.

Nosso novo lar, aquele para o qual estamos viajando desde muito antes de eu nascer.

Somos os primeiros a vê-lo de verdade, não através de telescópios, não através de mapeamento computadorizado, nem mesmo em meus desenhos nas aulas de artes que tenho na *Beta* com Bradley Tench, mas através do vidro de poucos centímetros de espessura no visor da cabine de comando.

Somos os primeiros a vê-lo com nossos próprios olhos.

— O Novo Mundo — diz meu pai, segurando o meu ombro. — O que você acha que vamos encontrar lá?

Cruzo os braços e me afasto.

— Viola? — chama ele.

— Eu já vi — digo, saindo da cabine. — É maravilhoso. Viva. Mal posso esperar para chegar lá.

— *Viola* — censura minha mãe com rispidez quando saio do cockpit fechando a porta.

É uma porta de correr, então nem posso batê-la com força.

Sigo para meu quartinho e mal fechei a porta quando ouço uma batida.

— Viola? — diz meu pai do outro lado.

— Estou cansada — respondo. — Quero dormir.

— É uma da tarde.

Não digo nada.

— Entramos em órbita em quatro horas — avisa ele, com uma voz calma, sem alterá-la por causa da minha atitude. — Daqui a duas horas você terá trabalho a fazer.

— Eu sei das minhas obrigações — retruco, ainda sem abrir a porta.

Há uma pausa.

— Vai ficar tudo bem, Viola — assegura ele, com uma voz ainda mais amável. — Você vai ver.

— Como você sabe? — pergunto. — Você também nunca viveu em outro planeta.

— Bom — diz ele, se animando —, eu tenho muita esperança.

E olha ela aí. Essa palavra que eu já não aguento mais.

* * *

— Somos nós — disse meu pai no dia em que eles me deram a notícia e, mesmo que ele tentasse a todo custo parecer sério, dava para ver que escondia um sorriso.

Estávamos jantando e, embaixo da mesa, ele balançava a perna sem parar.

— Somos nós o quê? — perguntei, embora eu pudesse adivinhar o que era com facilidade.

— Nós fomos selecionados — respondeu minha mãe. — Somos o grupo de pouso.

— Partimos em noventa e um dias — completou meu pai.

Olhei para o meu prato, que de repente estava cheio de comida que eu não queria comer.

— Achei que seriam os pais de Steff Taylor.

Meu pai conteve o riso. O pai de Steff Taylor era um piloto tão ruim que mal conseguia voar de uma nave para outra no comboio sem que o veículo de transporte quebrasse.

— Somos nós, querida — disse minha mãe, minha mãe, a piloto, minha mãe, que era tão melhor nisso que o pai de Steff Taylor que com certeza era a razão de termos sido escolhidos. — Lembre-se de que já falamos sobre isso. Você estava empolgada.

É verdade. Fiquei animada quando eles me disseram que iam se oferecer. Fiquei ainda *mais* animada quando Steff Taylor começou a se gabar de que o pai dela *obviamente* seria o escolhido.

O trabalho era vital. Deixaríamos os colonos adormecidos e as outras famílias de cuidadores para trás e seguiríamos rumo à escuridão vazia em uma pequena nave batedora.

O comboio ainda estava a doze meses do planeta. Faríamos a jornada em cinco meses e passaríamos sete lá — não só meus pais, eu teria trabalho a fazer também —, encontrando o melhor ponto de pouso para as cinco grandes naves de colonos e começando a preparar o terreno para as primeiras aterrissagens.

Era bem mais empolgante quando havia a *possibilidade* de sermos nós. Era surpreendentemente menos animador quando *de fato* éramos nós.

— Você vai receber mais treinamento — disse minha mãe. — Vai aprender *muito* mais, como você queria.

— É uma honra, Viola — completou meu pai. — Vamos ser os primeiros a

ver nosso novo lar.

— A menos que os colonos originais ainda estejam lá — eu disse.

Eles trocaram um olhar.

— Você não ficou feliz com a notícia, Viola? — perguntou minha mãe, com uma expressão séria.

— Vocês deixariam de ir se eu não ficasse feliz? — perguntei.

Eles se olharam de novo.

E eu sabia o que aquilo significava.

* * *

— Trinta minutos para órbita — anuncia minha mãe quando volto para a cabine de comando, só um pouquinho atrasada.

Ela está sozinha ali. Meu pai já deve ter descido até a sala de máquinas, preparando o maquinário para a entrada em órbita. Minha mãe olha para meu reflexo nas telas do painel.

— Eis que ela se junta a nós de novo — diz.

— É o meu trabalho — respondo, me sentando a um terminal a noventa graus do dela.

Sim, esse é o meu trabalho, um trabalho para o qual treinei no comboio e nos cinco meses em que estive aqui. Minha mãe vai pilotar a nave até entrarmos em órbita, meu pai vai preparar os propulsores que vão nos ajudar a entrar na atmosfera do planeta, e eu vou monitorar possíveis locais de pouso.

— Surgiu algo novo enquanto você estava fazendo birra — começa minha mãe.

— Eu não estava fazendo birra…

— Olhe — diz ela, abrindo uma janela na tela, mostrando o maior dos dois continentes do norte.

— O que é isso?

Há uma extensão do rio que segue para o leste na direção do oceano, na parte do planeta em que ainda é noite. É impossível saber dessa distância, mesmo com os scanners da nave, mas há um lugar mais vazio um pouco mais acima do rio, possivelmente um vale, onde a floresta se abre um pouco e há o que podem ser luzes.

— Os outros colonos? — pergunto.

Os outros colonos são praticamente fantasmas para nós. Não tivemos qualquer contato com eles em toda a minha vida e a dos meus pais, então sempre achamos que eles não conseguiram se estabelecer. É uma viagem longa, muito longa, do Velho Mundo até o Novo, décadas e décadas, e por isso eles ainda estavam a

caminho quando nosso comboio partiu, mas não tivemos nenhuma notícia deles. Até nossas sondas mais distantes no espaço captaram apenas vislumbres deles durante a viagem. Depois, quando já deveriam ter aterrissado, anos antes de eu nascer, houve esperança de que conseguiríamos nos comunicar com eles no planeta durante nossa aproximação, informar a nossa chegada, perguntar como era o lugar, para o que deveríamos nos preparar.

Mas ou ninguém estava ouvindo ou não havia mais ninguém ali. E era a segunda possibilidade que deixava todo mundo preocupado.

Se eles não tivessem conseguido, o que seria de nós?

Meu pai diz que eles eram colonos idealistas, que deixaram o Velho Mundo para começar um estilo de vida agrícola mais simples e de baixa tecnologia, guiados pela religião e tudo mais, o que para mim parece uma coisa idiota, que tinha tudo para dar errado. Mas nós já estávamos tão longe quando seja lá o que tenha acontecido com eles aconteceu que não havia como voltar; só nos restou o mesmo caminho para o mesmo lugar onde encontraríamos o nosso fim, sem dúvida.

— Como não vimos isso antes? — pergunto, me aproximando da tela.

— Não há nenhum sinal de energia — diz minha mãe. — Se eles têm energia, não é por meio de um grande reator, como seria de se esperar.

— Tem um rio. Talvez seja hidroeletricidade.

— Ou talvez esteja vazio. — Minha mãe fala baixo enquanto observamos a tela. — É difícil saber se essas luzes são verdadeiras ou apenas ruídos nas leituras.

O pequeno trecho perto do rio começa a se afastar. Estamos entrando em órbita na direção oposta, seguindo para oeste, circundando o planeta ao entrarmos na atmosfera e retornando pelo outro lado para pousar.

— É para lá que estamos indo? — pergunto.

— É um lugar tão bom como qualquer outro para começar — diz minha mãe. — Se eles não duraram lá, então a primeira coisa que precisamos fazer é aprender com seus erros.

— Ou morrermos do mesmo jeito.

— Nossa tecnologia é melhor. E, pelo que sabemos, eles não usavam a que tinham, o que pode muito bem ter sido a razão do fracasso deles. — Ela olha para mim. — Isso não vai acontecer conosco.

É o que você *espera*, penso.

Nós duas observamos o continente passar por baixo de nós.

— Tudo pronto — anuncia meu pai pelo sistema de comunicação.

— Então vamos considerar isso a marca dos dez minutos — diz minha mãe, apertando um botão de contagem regressiva.

— Todo mundo animado aí em cima? — pergunta a voz de meu pai.

— Alguns de nós estão — responde minha mãe, franzindo a testa para mim.

* * *

— Estou *tão* feliz por não sermos nós — disse Steff Taylor na primeira vez que eu a vi depois do anúncio de que meus pais estariam no grupo de pouso, não os dela.

Era, na verdade, minha aula favorita, artes com Bradley na *Beta*. Ele também dava aula de matemática e agricultura, e era basicamente a pessoa de quem eu mais gostava em todo o comboio, embora ele me fizesse sentar ao lado de Steff Taylor, já que éramos as duas únicas garotas da nossa idade em todas as famílias de cuidadores.

Que sorte.

— Vai ser *muito* chato — continuou Steff, enrolando o cabelo nos dedos. — Cinco *meses* naquela *navezinha* só com a sua mãe e o seu pai para fazer companhia.

— Posso me comunicar por vídeo com meus amigos e nas aulas — eu disse. — E eu gosto dos meus pais.

Ela expressou um ar de zombaria.

— Não vai gostar depois de cinco meses.

— Steff, antes você se gabava de como o seu pai…

— E, quando *pousar*, você vai ter que morar lá com sabe-se lá quantos animais assustadores e torcer para suas rações de comida durarem, e vai ter um *clima* lá, Viola. Um *clima* de verdade.

— Vamos ser as primeiras pessoas a presenciar isso.

— Uau, viva! — ironizou ela. — As primeiras pessoas a verem um lamaçal deserto. — Ela enrolou o cabelo com um pouco mais de força. — É mais provável que sejam as primeiras pessoas a morrerem ali.

— Steff Taylor! — repreendeu Bradley, na frente da turma.

Todos os outros alunos debruçados sobre seus vídeos de arte interativos ergueram os olhos de repente.

— Estou fazendo o trabalho — disse Steff, passando a mão em seu artpad.

— Está mesmo? — perguntou Bradley. — Então talvez você possa vir aqui e mostrar ao restante da turma o que você está fazendo.

Steff franziu a testa, uma expressão que eu sabia conter o último ressentimento que ela estava acrescentando a sua longa, longa lista. O mais devagar possível, ela ficou de pé.

— Seu aniversário de treze anos — sussurrou ela. — Completamente sozinha.

Pela expressão satisfeita em seu rosto, deu para ver que minha reação foi exatamente a que ela queria.

* * *

— Cento e vinte segundos para órbita — anuncia minha mãe.

— Tudo pronto aqui — diz meu pai pelo comunicador, e eu sinto o motor mudar a inclinação da nave enquanto nos preparamos para deixar a inércia da imensidão negra e abrir caminho pela atmosfera do planeta.

— Tudo pronto aqui também — digo, abrindo as telas que, na verdade, não vamos usar até estarmos mais perto do solo, procurando por uma clareira grande o suficiente para pousar.

Se eu fizer um bom trabalho, será a clareira onde a gente vai fundar nossa primeira cidade.

— Noventa segundos — anuncia minha mãe.

— Motores abrindo — diz meu pai, e há outra mudança de inclinação. — Oxigenando combustível.

— Aperte os cintos — diz minha mãe.

— O meu *já está* preso — retruco; em seguida, viro a cadeira para poder afivelar o cinto sem que ela veja.

— Sessenta segundos — diz minha mãe.

— Mais um minuto e vamos ser os primeiros a chegar lá! — grita meu pai pelo comunicador.

Minha mãe ri. Eu não.

— Ah, vamos, Viola. Isso é *muito* empolgante. — Ela verifica uma de suas telas, e depois toca nela com as pontas dos dedos. — Trinta segundos. Falta pouco.

— Eu era feliz na nave — digo em voz baixa, mas estou tão séria que minha mãe se vira para mim. — Não quero viver aí embaixo.

Minha mãe franze a testa.

— Quinze segundos.

— Combustível pronto! — anuncia meu pai, animado. — Vamos surfar na atmosfera!

— Dez — diz minha mãe, ainda olhando para mim. — Nove.

É nesse momento que as coisas dão muito, muito errado.

* * *

— Mas é um *ano* inteiro — reclamei para Bradley em um dos meus tutoriais de

treinamento, menos de um mês antes de partirmos. — Um ano longe dos meus amigos, um ano longe dos estudos…

— Se você ficasse, seria um ano longe dos seus pais — argumentou ele.

Olhei para trás, para a sala de aula vazia. Ela em geral ficava cheia com os filhos das outras famílias de cuidadores, aprendendo nossas lições, falando com nossos amigos. Mas, nesse dia, éramos apenas eu e Bradley, repassando alguma das tecnologias para a viagem. No dia seguinte, Simone, da *Gama* — de quem eu acho que Bradley gosta —, iria me ensinar técnicas de sobrevivência, só caso o pior acontecesse. Mas ainda assim seriam apenas ela e eu na sala, separadas de todo o restante.

— Mas por que tem que ser a gente? — perguntei.

— Porque vocês são os melhores para a tarefa — respondeu Bradley. — Sua mãe provavelmente é nossa melhor piloto, seu pai é um engenheiro extremamente qualificado…

— E eu? Por que tenho que pagar por aquilo em que eles são bons?

Bradley sorriu.

— Você está longe de ser só uma garota. Você é uma das melhores em matemática. Você é a tutora de música favorita dos mais novos…

— E devo ser punida por isso, arrastada para longe de todo mundo que eu conheço por um ano?

Ele me deu uma olhada, em seguida mexeu nos tablets usados no treinamento tão rápido que mal deu para ver o que ele estava fazendo.

— Qual o nome disso? — perguntou ele em um tom professoral que me fez responder imediatamente.

— Solo duro — respondi, olhando para a paisagem simulada que ele havia escolhido. — Boa drenagem, mas seco. Irrigação necessária por pelo menos cinco a oito anos até ser apropriado para a agricultura.

— E isso? — perguntou ele, movendo os dedos novamente.

— Floresta temperada. É necessária uma pequena limpeza do terreno, potencialmente boa para gado, mas com fortes impactos ambientais.

— Este?

— Semidesértico. Apenas culturas de subsistência. Bradley…

— Você tem habilidades, Viola. Você é inteligente e engenhosa e, mesmo jovem, vai ser parte vital da missão.

Não falei nada, porque, por alguma razão idiota, eu podia sentir meus olhos lacrimejando.

— O que realmente está te dando medo? — perguntou Bradley, com tamanha gentileza que olhei para seus olhos castanhos, para a bondade de seu sorriso contra sua pele negra, os cachinhos grisalhos começando a aparecer nas

têmporas. Eu não vi nada além de afeição.

— Todo mundo está sempre falando de *esperança* — respondi, engolindo em seco.

A voz de Bradley estava delicada demais para que eu conseguisse aguentar.

— Viola…

— Eu não tenho medo — menti, engolindo em seco outra vez. — É só que eu vou sentir falta da minha festa de aniversário de treze anos, e a cerimônia de formatura para o quinto superior…

— Mas você vai ver coisas que mais ninguém vai ver. Ora, você vai ser uma especialista quando todo mundo chegar lá, aquela a quem todos vão recorrer em busca de uma opinião.

Trago meus braços para perto do corpo.

— Eles só vão achar que sou uma exibida.

— Eles já acham isso — disse Bradley, com um sorriso.

Eu não queria retribuir o sorriso.

Mas sorri. Só um pouco.

* * *

Há uma breve pancada no fundo da nave quando atingimos a primeira turbulência da atmosfera.

Minha mãe e eu erguemos os olhos imediatamente. É o tipo errado de barulho.

— O que foi isso? — pergunta minha mãe.

— Acho… — diz a voz do meu pai.

Então ouvimos um estrondo repentino pelo comunicador, e um grito de alarme do meu pai…

— Thomas! — berra minha mãe.

— Olha! — grito, apontando para as telas, que se iluminam uma atrás da outra.

A sala de máquinas está sendo tomada pelo fogo, e as saídas são lacradas para contê-lo.

Com meu pai lá dentro.

— *Pai!* — grito.

E assim, tão rápido, tudo muda.

Minha mãe aperta os botões nas telas freneticamente, tentando abrir os dutos de ventilação do motor para apagar o incêndio na nave…

— Não estão respondendo! — exclama ela. — Thomas, você consegue me escutar?

— O que está acontecendo? — grito, porque o ronco da atmosfera está

ficando muito mais alto do que em nossas simulações.

— Não deveria ser assim tão *densa* — responde minha mãe, também gritando, referindo-se à atmosfera, e sinto meu estômago revirar de tanta angústia enquanto me pergunto se foi isso que aconteceu com os colonos originais. Talvez eles nunca tenham chegado à superfície.

— Vou lá embaixo ajudar meu pai — digo, nervosa, soltando o cinto e me levantando.

Mas ouvimos outro *buuum*, e a nave se inclina para um lado. Eu caio e me agarro à cadeira. Minha mãe segura os controles com as duas mãos e luta para nos botar de volta em posição.

— Viola, preciso que você encontre um ponto de aterrissagem! Agora!

— Mas o papai…

— Não tenho como nos levar de volta para a nave, por isso precisamos descer. *Agora*, Viola!

Eu me sento e prendo novamente o cinto de segurança com as mãos trêmulas.

— Encontre aquela faixa de terra perto do rio! — comanda ela.

— Fica do outro lado do planeta — digo, mas percebo pelos solavancos da nave que estamos atravessando a atmosfera muito mais rápido do que deveríamos.

— Encontre o lugar e pronto! — grita minha mãe. — Se houver pessoas lá…

Vejo no rosto dela a preocupação com meu pai, e sei que, se ela está lutando com a nave em vez de descer para procurá-lo, é porque estamos com mais problemas do que eu pensava…

* * *

— Vou sentir sua falta — disse Steff Taylor em nossa festa de despedida, a voz um pouco mais aguda do que o normal, soando ainda mais falsa que antes.

Todas as famílias de cuidadores tinham se juntando na sala de reuniões da *Delta* para a festa, felizes por ter uma desculpa para se embebedarem e se despedirem. Steff me abraçou em um ângulo em que todos ao redor vissem o *seu* rosto, o quanto *ela* estava triste por eu estar partindo por um ano, então me soltou e desabou nos braços da mãe com um choro mais alto do que qualquer outra coisa na sala.

Bradley se aproximou com uma expressão divertida.

— Tenho certeza de que a Steff vai lidar com a tristeza dela melhor que eu — disse ele, me dando um embrulho. — Só abra depois que pousarem.

— Só depois que *pousarmos*? Isso é daqui a cinco meses.

Ele sorriu e baixou o tom de voz.

— Você sabe o que nos diferencia dos animais, Viola?

Franzi a testa, pressentindo que viria uma lição.

— A habilidade de esperar para abrir um presente?

Ele riu.

— Fogo. A capacidade de fazer fogo quando quisermos. Isso nos deu uma luz na escuridão, o calor para nos aquecer do frio, uma ferramenta para cozinhar nossa comida. — Ele fez um gesto vago na direção dos motores da *Delta*. — Fogo é o que nos levou à viagem através da imensidão escura, à capacidade de começar uma nova vida em um Novo Mundo.

Olhei para o presente.

— Você está com medo — disse ele.

Dessa vez, não era uma pergunta. Dei de ombros.

— Um pouco.

Ele se inclinou para sussurrar:

— Eu também estou com medo.

— Sério?

Ele assentiu.

— Meu avô foi o último dos cuidadores originais no comboio, o último de nós que tinha realmente respirado o ar de um planeta, não de uma nave.

Esperei que ele continuasse.

— E?

— Ele não tinha nada de bom para dizer sobre isso. O Velho Mundo era poluído e cheio e estava morrendo por causa de seus próprios venenos. Fomos embora por causa disso, para encontrar um lugar melhor, um lugar onde pudéssemos fazer o possível para não estragar tudo, como fizemos com o Velho Mundo.

— Eu sei disso…

— Mas o restante de nós é igual a você, Viola. Nunca vimos nenhum espaço maior que o porão de carga da *Gama*. Não sei qual é o cheiro de ar fresco exceto pelo que eles têm naqueles vídeos de imersão, e aquilo não é real. Quer dizer, dá para imaginar como é um *oceano* de verdade, Viola? Que tamanho ele deve ter? O quanto somos pequenos comparados a ele?

— Isso deveria fazer com que eu me sentisse melhor?

— Na verdade, sim. — Ele sorriu e deu um tapinha no presente que eu estava segurando. — Porque você vai ter uma coisa que vai te ajudar na escuridão.

O presente era pequeno, mas pesado, substancial.

— Mas só posso abrir quando chegar lá.

— Mas quem me garante? — perguntou ele. — Vou ter que confiar em você.

— Vou esperar — falei. — Prometo.

— Não vou estar no *aniversário* dela! — lamentou Steff Taylor em voz alta, e dava para ver que os olhos dela não derramavam uma lágrima sequer.

— Vejo você em doze meses, Viola — disse Bradley. — E, quando eu chegar lá, prometa que vou ser o primeiro para quem você vai contar como é a noite à luz do fogo.

* * *

A nave batedora parece que vai se desfazer a qualquer segundo.

A atmosfera nos joga de um lado para outro, e minha mãe tem que se esforçar muito só para nos manter na posição normal.

De vez em quando ela chama meu pai, mas ainda não há resposta.

— Viola, onde nós estamos?! — grita ela, lutando com os controles.

— Estamos dando a volta! — grito em meio ao barulho todo. — Mas estamos indo rápido demais. Acho que vamos passar do ponto de pouso.

— Vou tentar descer da melhor maneira possível. Você vê alguma coisa nos scanners? Alguma coisa além daquela pequena margem de rio onde podemos pousar?

Aperto botões nas minhas telas, mas elas tremem quase tanto quanto o restante da nave. Os motores ainda nos impulsionam, por isso estamos basicamente *caindo* na direção do planeta, rápido demais, sem ter como desacelerar. Passamos zunindo por cima de um oceano *enorme*, e sei que minha mãe está preocupada com a possibilidade de cairmos no meio de suas águas…

Mas o continente se aproxima em nossas telas, escuro como a noite e rápido demais, até que, de repente, estamos sobre ele, o solo passando rápido abaixo de nós.

— Estamos perto?! — grita minha mãe.

— Espera! — Verifico os mapas. — Estamos ao sul! Cerca de quinze quilômetros!

Ela luta com os controles, tentando virar a nave um pouco mais para o norte.

— Droga!

A nave se inclina, e eu bato com o cotovelo no painel de controle, perdendo meus mapas por um segundo.

— Mãe? — chamo, com preocupação e medo na voz, enquanto tento abrir os mapas outra vez.

— Eu sei, querida.

— E o papai?

Ela não diz nada, mas vejo tudo em seu rosto.

— Precisamos encontrar um lugar para pousar, Viola. Depois vamos fazer

tudo o que for possível para salvar o seu pai.

Volto para meus mapas.

— Primeiro parece ter algum tipo de pradaria, mas provavelmente vamos passar direto por ela. — Vejo mais algumas imagens. — Um pântano! — exclamo.

Minha mãe consegue direcionar a nave para o norte outra vez, rumo àquele rio que vimos antes, que parece desaparecer em meio ao pântano.

— Teremos altura suficiente? — berra minha mãe.

Digito em mais algumas telas e projeto arcos de pouso.

— Vai ser por pouco.

A nave dá um grande solavanco.

Então há um silêncio assustador.

— Perdemos os motores — anuncia minha mãe. — Os dutos de ventilação não se abriram. O fogo destruiu eles. — Ela se vira para mim. — Estamos planando. Programe uma rota de voo e segure firme.

Passo rapidamente por mais algumas telas, decidindo lançar mão de um arco de pouso em um pântano bem suave. Pelo menos é o que eu espero.

Minha mãe puxa os controles com força, alinhando sua tela com a trajetória que determinei. Pelas escotilhas, dá para ver o chão agora com clareza, as copas das árvores ficando cada vez mais perto de nós.

— Mãe? — digo, enquanto perdemos cada vez mais altitude.

— Segure-se!

— MÃE!

Então nós batemos.

* * *

— Feliz aniversário! — gritaram eles no grande dia, no café da manhã com a festa surpresa menos surpreendente na história do universo.

— Obrigada — balbuciei.

Havíamos deixado o comboio três meses antes; nós o observamos piscar e desaparecer de vista à medida que nos afastávamos rápido, rápido, rápido. Ainda estávamos a oito semanas do novo planeta, oito longas semanas em uma nave que já começava a feder um pouco, por mais que o ar fosse filtrado.

— Presentes! — disse meu pai, indicando as caixas embrulhadas em cima da mesa.

— Você podia pelo menos *tentar* parecer feliz, Viola — disse minha mãe.

— Obrigada — repeti, um pouco mais alto.

Abri o primeiro presente, um par de botas novas feitas para caminhar em

terrenos difíceis, a cor totalmente errada, mas mesmo assim botei para fora um agradecimento meio falso.

Abri o segundo.

— Um binóculo — disse meu pai enquanto eu o pegava. — Sua mãe pediu a Eddie, o engenheiro da *Alpha*, que fizesse algumas melhorias nele antes de partirmos. Ele faz coisas que você nem vai acreditar. Visão noturna, zoom …

Olhei pelas lentes e vi uma versão gigante do olho esquerdo do meu pai.

— Ela está sorrindo — disse meu pai, e seu próprio sorriso gigante preencheu a lente do binóculo.

— Não estou — retruquei.

Minha mãe saiu da sala e voltou com meu café da manhã favorito, uma pilha de panquecas, dessa vez com treze luzes de fibra ótica ativadas por movimento brilhando em cima. Eles cantaram parabéns, e tive que mover as mãos quatro vezes até que todas as luzes se apagassem.

— Qual foi seu desejo? — perguntou meu pai.

— Se eu contar, ele não se realiza.

— Bom, não vamos voltar com a nave — disse minha mãe. — Então espero que não tenha sido isso.

— Esperança! — exclamou meu pai, alto demais, sobrepondo-se às palavras da minha mãe com um entusiasmo forçado. — Isso era tudo o que deveríamos desejar. Esperança!

Fiz cara feia, porque ali estava aquela palavra outra vez.

— Trouxemos isso, também — disse meu pai, tocando o presente de Bradley ainda embrulhado. — Só para o caso de você querer abri-lo agora.

Olhei para o rosto deles, meu pai empolgado e feliz, minha mãe irritada com meus resmungos, mas mesmo assim tentando fazer com que eu tivesse um aniversário feliz. Por um breve instante, vi também a preocupação deles comigo.

A preocupação deles por eu não ter nenhuma esperança.

Olhei para o presente de Bradley. *Uma luz na escuridão*, foi o que ele disse.

— Ele falou que era para eu só abrir quando chegarmos. Vou esperar.

* * *

O som quando caímos é tão alto que é quase inacreditável.

A nave bate em árvores, destroçando todas elas, em seguida atinge o chão com um solavanco tão violento que eu bato a cabeça no painel de controle, e a dor é horrível, mas continuo consciente, o suficiente para ouvir a nave se despedaçar, o suficiente para ouvir cada impacto, cada parte ser arrancada, retorcida, enquanto abrimos uma vala comprida pelo pântano, o suficiente para ver a nave

capotar várias vezes, o que só pode significar que as asas quebraram, e tudo na cabine vai parar no teto e cai novamente, e então surge uma rachadura na estrutura do cockpit, e a água do pântano entra por ali, mas em seguida rolamos outra vez…

Estamos desacelerando…

Os giros estão mais lentos…

O som de metal se retorcendo é ensurdecedor, e as luzes principais se apagam ao rolarmos mais uma vez, substituídas imediatamente pelas luzes trêmulas das baterias…

E o giro vai ficando cada vez mais lento…

Mais lento até que…

Para.

Ainda estou respirando. Minha cabeça está girando e doendo, e estou quase de cabeça para baixo, presa à cadeira pelo cinto de segurança.

Mas estou respirando.

— Mãe? — digo, olhando para o chão e ao redor. — *Mãe?*

— Viola? — escuto.

— Mãe?

Giro na direção de onde deveria estar sua cadeira, mas não tem nada ali.

Giro um pouco mais…

Ali está ela, junto ao teto, com a cadeira arrancada do chão…

E o jeito como ela está caída ali…

O jeito *estranho* como ela está caída ali…

— Viola? — diz minha mãe outra vez.

O modo como diz isso provoca um aperto forte no meu peito.

Não, eu penso. *Não.*

E começo a luta para sair da minha cadeira e chegar até ela.

* * *

— Grande dia amanhã, capitã — disse meu pai ao chegar à sala das máquinas, onde eu estava substituindo tubos de refrigerador, uma das inúmeras tarefas que eles inventaram nos últimos cinco meses para me manter ocupada. — Vamos finalmente entrar em órbita.

Encaixei o último tubo.

— Que ótimo.

Ele fez uma pausa.

— Sei que isso não tem sido fácil para você, Viola.

— Por que você se importa com isso? Ninguém quis saber a minha opinião

sobre o assunto!

Ele se aproximou.

— Está bem, o que realmente está te dando medo, Viola? — perguntou meu pai. É exatamente a mesma pergunta que Bradley me fez, e olho para ele. — É o que podemos encontrar lá fora? Ou é apenas o fato de ser uma mudança?

Dei um suspiro profundo.

— Ninguém nunca se perguntou o que vai acontecer se a gente *odiar* viver em um planeta. E se o céu for grande demais? E se o ar feder? E se passarmos fome?

— E se o ar tiver gosto de mel? E se houver tanta comida que todo mundo vai ficar gordo? E se o céu for tão bonito que a gente não consiga fazer nada porque não dá para tirar os olhos dele?

Eu me virei e fechei as caixas dos tubos refrigeradores.

— E se não for?

— E se for?

— E se *não* for?

— E se for?

— Isso não vai levar a gente a lugar algum.

— Nós não a criamos para ter esperança? — perguntou ele. — Esse não foi o objetivo quando sua bisavó concordou em ser uma cuidadora em uma nave, para que um dia *você* pudesse ter uma vida melhor? *Ela* estava cheia de esperança. Sua mãe e eu temos muita esperança. — Ele estava perto o bastante para um abraço, se eu quisesse. — Por que você não pode compartilhar um pouco disso com a gente?

Ele parecia muito afetuoso, muito preocupado; como eu poderia responder? Como eu poderia dizer o quanto eu odiava até o som da palavra?

Esperança. As pessoas só falavam disso no comboio, especialmente quando começamos a chegar perto do planeta. Esperança, esperança, esperança.

Como em “espero que o tempo esteja bom”. Isso vindo de pessoas que nunca tinham experimentado nenhum clima além do que havia nos vídeos de imersão.

Ou “ah, espero que haja vida selvagem interessante”, vindo de pessoas que só haviam conhecido Pestinha e Solavanco, os gatos da nave na *Delta*. Os dez mil embriões congelados de carneiros e de vacas não contavam.

Ou “espero que os nativos sejam amigáveis”. Isso sempre dito com uma risada, pois não devia haver *nenhum* nativo, pelo menos segundo as sondas espaciais de exploração.

Todo mundo tinha esperança com relação a alguma coisa quando falavam da vida nova que estava por vir e tudo o que eles *esperavam* dela. Ar fresco, fosse lá o que isso significasse. Gravidade de verdade, em vez da gravidade falsa que falhava de vez em quando (embora ninguém acima de quinze anos admitisse que

era bem divertido quando isso acontecia). Todos os espaços abertos que teríamos, todas as pessoas novas que iríamos conhecer quando nós as acordássemos, ignorando totalmente o que tinha acontecido com os colonos originais, superconfiantes de que éramos tão melhores e mais bem equipados que não havia nenhuma possibilidade de algo ruim acontecer com a gente.

Toda essa esperança, e ali estava eu, bem no limite, olhando para a escuridão, a primeira a vê-la chegar, a primeira a saudá-la quando finalmente descobrirmos como ela é.

Mas e se...?

— É porque a esperança é assustadora? — perguntou meu pai.

Olhei para ele, surpresa.

— Você também acha?

Ele deu um sorriso cheio de amor.

— A esperança é *aterrorizante*, Viola. Ninguém gosta de admitir, mas é.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas outra vez.

— Então como você consegue *suportar?* Como você aguenta sequer *pensar* nela? Parece tão perigoso, como se a gente fosse receber uma punição por achar que a merece.

Ele tocou meu braço bem de leve.

— Porque, Viola, a vida é muito *mais* aterrorizante sem ela.

Tornei a engolir minhas lágrimas.

— Então você está querendo me dizer que tudo que me resta é escolher de que forma vou me sentir aterrorizada pelo resto da vida?

Ele riu e abriu os braços.

— Finalmente um sorriso — disse ele.

E me abraçou.

E eu deixei ele me abraçar.

Mas no meu peito ainda havia medo, e não sei de que tipo era. Medo com esperança ou medo sem ela.

* * *

Demoro uma eternidade para desafivelar meu cinto, algo difícil de fazer, já que estou pendurada de cabeça para baixo. Quando ele finalmente se abre, eu caio do assento, deslizando pela parede da cabine de comando, que parece ter se dobrado ao meio.

— Mãe — digo, seguindo na direção dela.

Ela está com o rosto voltado para o que antes era o teto, suas pernas torcidas de um jeito que eu não consigo nem olhar…

— Viola? — diz ela mais uma vez.

— Estou aqui, mãe.

Afasto as coisas que caíram em cima dela, todos os arquivos e tablets, tudo destruído durante a queda; tudo que não estava preso ficou em pedaços.

Afasto uma grande placa de metal de suas costas…

Então eu vejo…

A cadeira do piloto foi arrancada do chão, levando junto seu painel traseiro, transformando o encosto em um fragmento de metal.

Um fragmento que entrou direto na coluna da minha mãe…

— Mãe — digo com a voz tensa, tentando erguê-lo e tirá-lo dela.

Mas quando mexo nele, ela grita, grita como se eu nem estivesse ali…

Eu paro.

— Viola? — diz ela mais uma vez, arfando. Sua voz está aguda, embargada. — É você?

— Estou aqui, mãe.

Deito ao lado dela para poder me aproximar do seu rosto. Afasto os últimos cacos de vidro que cobrem suas bochechas e vejo seus olhos me procurando desesperadamente…

— Querida?

— Mãe? — digo, chorando, afastando mais vidro. — Me diz o que fazer, mãe.

— Querida, você está machucada? — pergunta ela com a voz aguda e hesitante outra vez, como se não conseguisse respirar direito.

— Não sei. Mãe, você consegue se mexer?

Ponho a mão embaixo do ombro dela para levantá-la, mas ela grita outra vez, o que me faz gritar também, então eu a solto, colocando-a na mesma posição em que estava, de bruços sobre o teto, a placa de metal nas suas costas, sangue escorrendo lentamente como se não fosse nada de mais, e tudo à nossa volta quebrado, quebrado, quebrado.

— Seu pai — ofega ela.

— Não sei. O *fogo*…

— Seu pai amava você.

Eu paro e olho para ela.

— O quê?

Vejo minha mãe mexer a mão, tentando tirá-la de baixo do corpo, e eu a pego com delicadeza e a seguro.

— Eu também te amo, Viola.

— *Mãe*? Não *fala* isso…

— Escute, querida, escute…

— Mãe!

— Não, *escute*….

Ela tosse, e a dor que isso provoca faz com que ela grite de novo, e eu seguro a mão dela com mais força e quase não percebo que estou gritando junto.

Ela para, arfando outra vez, e seus olhos se erguem para mim, agora com mais foco, como se estivesse fazendo um grande esforço, como se nunca tivesse se esforçado tanto para fazer qualquer coisa em toda a sua vida.

— Eles vão vir buscar você, Viola.

— Mãe, para, *por favor*…

— Você foi treinada para isso. Continue viva. Continue *viva*, Viola Eade, está me ouvindo?

A voz dela está ficando mais alta, embora eu consiga ouvir a dor que há nela.

— Mãe, você não está *morrendo*…

— Leve minha esperança, Viola. E a do seu pai também. Eu estou entregando ela para você, está bem? Estou dando minha esperança para você.

— Mãe, eu não estou entendendo…

— Diga que você vai aceitar a nossa esperança, querida. Diga para mim.

Sinto um nó na garganta e acho que estou chorando, mas nada parece fazer sentido, e eu estou ali, segurando a mão de minha mãe em uma nave espacial retorcida no primeiro planeta em que já estive, no meio de uma noite que posso ver através de uma rachadura no casco, e ela está morrendo, ela está *morrendo*, e eu tenho sido horrível com ela há meses…

— Diga, Viola — sussurra minha mãe. — Por favor.

— Eu aceito. Aceito sua esperança. Ela está comigo, está bem? *Mãe?*

Mas eu não sei se ela me ouve.

Por que sua mão não está mais apertando a minha.

* * *

Nesse momento alguma coisa acontece, algo que transforma tudo em *agora*, algo que remove todo o passado, o comboio e todos os que estão nele ou passaram por ele, e sou apenas eu, aqui, *agora*, tão rápido que nem parece real.

Meu pai. O acidente. Minha mãe. Não é real.

É como se eu estivesse assistindo a tudo, inclusive a mim mesma, de algum outro lugar.

Eu me vejo levantar ao lado da minha mãe.

Eu me vejo esperar ali por algum tempo sem saber o que fazer.

Até que se passa tempo suficiente para que *alguma coisa* tenha que ser feita, então subo até o ponto em que a parede da cabine de comando se desfez e olho para o planeta pela primeira vez.

Olho para a escuridão. Escuridão e mais escuridão. Escuridão que esconde coisas.

Coisas que posso ouvir.

Sons de animais que quase soam como palavras.

Eu me vejo recuar para o interior da nave, para longe da escuridão, com o coração batendo com força.

Então pisco, e o que vejo em seguida sou eu puxando um painel quebrado que dá para a casa de máquinas.

De longe, eu me vejo encontrando o meu pai, queimado de um jeito assustador do peito para baixo, com uma ferida terrível na testa que o teria matado de qualquer jeito.

Vejo quando a frieza circula pelo meu corpo, vejo quando me torno tão fria que não consigo nem chorar diante do corpo do meu pai.

Volto a piscar, então me vejo sentando ao lado da minha mãe na cabine de comando, meus braços em torno dos meus joelhos, as luzes das baterias nos painéis piscando e enfraquecendo aos poucos.

Ouço um pássaro ou algo assim do lado de fora, mais alto que o resto, piando algo estranho que quase parece a palavra *Presa* ou *Reza*.

Volto a ver tudo com meus olhos outra vez.

Porque eu vi algo caído ali.

Algo que minha mãe devia ter pegado no meu quarto e levado para a cabine de comando, para me dar assim que pousássemos, e isso me machuca bem lá no fundo do peito.

Ali, nos destroços.

O presente de Bradley.

* * *

Ele ainda está embrulhado depois de todos aqueles meses, mesmo depois do meu aniversário. Tudo ainda parece impossível, como um sonho, então por que eu não deveria abri-lo? Se era isso o que minha mãe e meu pai queriam, por que essa não pode ser a primeira coisa a fazer neste planeta?

Eu pego o pacote, retiro o papel rasgado e o abro no exato instante em que termina a energia das baterias e fico na escuridão completa.

Mas tudo bem.

Tudo bem, porque eu já vi o que é.

* * *

A escuridão é tão densa que tenho que tatear para encontrar a saída dos destroços, ainda me sentindo tonta, ainda me sentindo lenta, o cobertor de escuridão tão pesado que é quase como se eu estivesse dormindo. Mas estou segurando o presente de Bradley.

Saio para o planeta, e meu pé afunda uns dez centímetros na água.

Um pântano.

Isso mesmo. Estávamos indo para um pântano.

Continuo andando, meus pés às vezes prendendo na lama, mas eu continuo.

Continuo até que o chão fica mais sólido, a uns poucos metros da nave.

Meus olhos estão se ajustando à escuridão, e consigo ver uma pequena clareira cercada por árvores, o céu com todas as estrelas em meio às quais eu estava voando até pouco tempo atrás.

Ouço mais animais também, mas juro que eles parecem estar mesmo *falando*, por isso acho que deve ser o choque.

Em sua maioria, só há escuridão.

Só escuridão ao meu redor.

E é exatamente para isso que serve o presente de Bradley.

* * *

Há um ponto seco o suficiente no meio da clareira elevada. Não é grande, não é perfeito, mas vai bastar. Ponho o presente no chão e procuro alguns gravetos e folhas ao redor, conseguindo alguns punhados úmidos e empilhando tudo em cima dele.

Aperto um botão no presente e me afasto.

As folhas e os gravetos úmidos irrompem em chamas na mesma hora.

E há luz.

Há luz na pequena clareira, luz refletida no metal da nave, luz ao meu redor.

A luz de uma fogueira.

Bradley me deu uma caixa de fogo. Ela produz chamas em praticamente qualquer lugar, em quase todas as condições, mesmo com quase nenhum combustível.

Ela traz luz à escuridão.

Por algum tempo, fico ali, apenas olhando, até sentir que estou tremendo, então me sento mais perto do fogo até o tremor parar.

O que leva muito, muito tempo.

Nesse momento, o fogo é tudo o que eu consigo ver.

Em breve vou precisar verificar que suprimentos me restam para sobreviver. Em breve, vou precisar verificar se algum equipamento de comunicação ainda

funciona para que eu tente entrar em contato com o comboio.

Em breve vou precisar remover os corpos do meu pai e da milha mãe e…

Mas isso é depois, não agora…

Agora há apenas o fogo da caixa.

Agora há apenas uma luzinha na escuridão.

O que quer que vá acontecer em seguida pode esperar.

Não sei o que minha mãe de fato queria dizer, não sei se esperança é algo que se pode dar a outra pessoa, algo que se pode *receber*.

Mas eu disse que sim, que eu a *receberia*.

Assim, eu me sento diante da fogueira de Bradley em um planeta muito, muito escuro, com a esperança deles, ainda que eu mesma não tenha nenhuma.

Exceto a esperança de que isso seja o suficiente.

Percebo um clarão no ar, no céu atrás de mim. Eu me viro para ver o sol do planeta nascendo e percebo que é de manhã, que eu consegui sobreviver até a manhã.

Que tive esperança suficiente para isso.

Certo, penso comigo mesma.

Certo.

E começo a pensar no que preciso fazer em seguida.

Sobre o autor



© Helen Giles, 2013

PATRICK NESS é escritor, jornalista e roteirista. Publicou dez romances, incluindo a série *Mundo em caos*, lançada em mais de trinta países. Além disso, também criou e roteirizou *Class*, *spin-off* da série *Doctor Who*, produzida pela

BBC. Ness ganhou os principais prêmios literários destinados à literatura jovem, incluindo o Carnegie Medal duas vezes consecutivas. Atualmente mora em Londres.

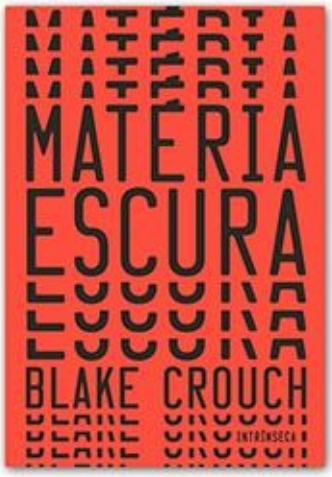
Leia também



Ordem Vermelha
Felipe Castilho



Mentes sombrias
Alexandra Bracken



Matéria escura
Blake Crouch



Black Hammer: Origens secretas
Jeff Lemire, Dean Ormston e Dave Stewart



Black Hammer: O evento
Jeff Lemire, Dean Ormston, David Rubín e Dave Stewart